

CECIL G. OSBORNE

A ARTE DE COMPREENDER O SEU CÔNJUGE





A Arte de Compreender O Seu Cônjuge

Cecil G. Osborne



Sumário

[Apresentação](#)

[Capítulo 1 - O Casamento Pode Ser Maravilhoso... Mas Também Frustrador](#)

Capítulo 2 - Diferenças Entre O Homem e A Mulher

Capítulo 3 - Necessidades e Problemas da Mulher

Capítulo 4 - O Homem e Seus Problemas

Capítulo 5 - Conflitos Que Prejudicam os Casamentos

Capítulo 6 - A Incompatibilidade no Casamento

[Capítulo 7 - Quase Todo Casamento Pode Ser Melhorado](#)

[Capítulo 8 - Dez Mandamentos Para as Esposas](#)

[Capítulo 9 - Dez Mandamentos Para Os Maridos](#)

[Capítulo 10 - Oito Tipos de Maridos Neuróticos](#)

[Capítulo 11 - Oito Tipos de Esposas Neuróticas](#)

Capítulo 12 - Incompatibilidade e Paradoxos no Casamento

Capítulo 13 – Amor

Apresentação

O casamento é uma bênção instituída por Deus. Pode e deve ser considerado como uma dádiva dos céus. No entanto, com uma frequência cada vez mais assustadora, verifica-se o desmoronamento dessa instituição. O que está acontecendo?

Cecil Osborne acredita no casamento. Entretanto, acreditar no casamento não autoriza ninguém a fechar os seus olhos para os problemas que ele apresenta. A união de duas vidas em uma nova forma de relacionamento, íntima e profunda, é algo complexo. Sua complexidade não se torna minimizada pelo fato de a cerimônia ter sido oficiada dentro dos padrões legais do país ou por um clérigo. Não são as palavras pronunciadas pelo Pastor ou Sacerdote que vão significar um casamento feliz ou não para os cônjuges. A felicidade do casamento é algo que deve ser construída a dois. E, justamente, por preocupar-se com os cônjuges e seu relacionamento, é que este livro de Cecil Osborne se torna mais necessário do que nunca.

Ser bem-sucedido no casamento é atingir um grau de companheirismo e carinho profundo, que cresce com o passar do tempo. Isto significa que há um preço a pagar. Mas quem já atingiu a meta testemunha dizendo que o preço é pequeno comparado com o valor do objetivo em si mesmo. Não depende, este relacionamento, de apenas umas das partes. Ambos os cônjuges são

responsáveis. Cada um, esposo e esposa, tem sua parcela de contribuição a dar para a felicidade do lar. Dar de si mesmo ao outro: eis o segredo da felicidade no lar!

Com seriedade e sobriedade, o autor procura orientar a jovens e adultos, solteiros e casados, quanto aos passos que podem servir de ajuda na construção diária de um lar feliz e abençoado.

Capítulo 1 - O Casamento Pode Ser Maravilhoso... Mas Também Frustrador

*Matrimônio –
mar alto para o qual
ainda não se inventou
bússola.
(Heine)*

O casamento é o relacionamento mais recompensador e mais difícil que o homem conhece. Começou quando “o Senhor Deus disse: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora” (Gên. 2:18). Margaret Mead diz que o lar é “a instituição mais difícil que temos”. O sociólogo Ralph Linton diz: “No Götterdämmerung, que a supersábia ciência e a diplomacia idiota estão

preparando para nós, o último homem gastará suas últimas horas procurando sua esposa e seu filho. ”

Os alarmistas destacam o fato de nosso índice de divórcio ser mais alto do que o de qualquer outra nação do mundo ocidental. Um casamento em quatro acaba em divórcio; prediz-se que o número chegará a ser um em cada três nos próximos anos.

Mesmo assim, noventa por cento dos americanos casam-se, e a percentagem de divórcio é menos perturbadora quando lembramos que só uma pequena fração é de divórcios repetidos, que duas de cada três pessoas divorciadas casam-se de novo, e nove décimos delas permanecem casadas. Uma percentagem muito mais alta de aventuras comerciais fracassa do que os casamentos. As estatísticas ficarão menos alarmante se admitirmos uma margem de erro a uma quarta parte dos que se aventuram nas águas matrimoniais. A evidência estatística é ainda menos perturbadora quando nos lembramos de que não há outro relacionamento humano tão carregado de tantas possibilidades de fracasso. Não há casamentos perfeitos, pelo simples motivo de não haver pessoas perfeitas e de ninguém poder satisfazer a todas as necessidades de outra pessoa. A dificuldade de se conseguir um casamento proveitoso é complicada grandemente pelas diferenças genéticas entre duas pessoas. Suas experiências ambientais são diferentes, assim como suas personalidades, necessidades, objetivos, tendências e respostas emocionais.

Se acrescentarmos às diferenças ambientais, genéticas e pessoais de dois indivíduos quaisquer as grandes diferenças emocionais existentes entre os homens e as mulheres, ficaremos um tanto surpresos por haver tantos casamentos bem-sucedidos!

Uma jovem pode saber intelectualmente que é impossível duas pessoas imperfeitas conseguirem um casamento perfeito. Ainda assim, em um nível profundo de sentimento, ela nutre o sonho romântico de uma realização perfeita com um marido gentil e atencioso, ao mesmo tempo que forte e sábio – um homem que suprirá todas as suas necessidades. Na verdade, homem algum poderá suprir todas as suas necessidades variadas e sem limites. Ela quer ser protegida, apreciada, amada e, além disso, deseja liberdade e autonomia completas. Ela, muitas vezes, pressionará e testará os limites, só para ter a certeza de que eles existem, e para pôr à prova a força de seu marido. Ela experimenta um sentimento de segurança ao saber que ele é forte o suficiente para resistir, mas sábio o bastante para saber quando ceder! Ela precisa saber o que se espera dela, mas sem limitar sua liberdade de escolha. Ela quer ser apreciada e ter sua identidade própria reforçada por manifestações repetidas de reconhecimento, aprovação e afeição.

Basicamente, ela quer ser uma adjutora, não o patrão, mas ela dará a impressão de estar procurando dominar, ao pressionar e testar. Ela deseja o controle dentro de sua própria esfera, que envolve o lar e os filhos, e também aí necessita do interesse e da força de um marido. Ela quer que “sua esfera de influência” seja razoavelmente flexível, dependendo de suas necessidades emocionais flutuantes, ela quer que a afeição seja mostrada de muitas maneiras, em grande e pequena escalas. Estas necessidades podem variar grandemente em grau, de dia a dia, e ela espera que seu marido se apresente equipado com um certo grau de percepção extra-sensorial, para que ele tenha consciência de seus estados emocionais variáveis.

Pequenas expressões de afeição e aprovação significam para ela muito mais do que o homem imagina. Ela quer ser lembrada, adorada, apreciada, elogiada, ouvida; ela quer ter seus sentimentos validados, mesmo quando eles pareçam infantis e irracionais para seu marido. Ela precisa ser levada a sentir-se feminina, ao ser protegida, cuidada, reconhecida; ter afeição sem sexo, ser aceita especialmente quando ela se sente inaceitável a si mesma.

Ela precisa da segurança do homem, e pode incitar, importunar, brigar ou prová-lo a fim de conseguir esse sentimento de segurança. Isto, geralmente, é um esforço inconsciente para assegurar-se de que é amada e especialmente para certificar-se de que ele é suficientemente forte para lhe oferecer resistência e ao mesmo tempo sábio o bastante para deixá-la agir à sua própria maneira o quanto for necessário para preservar sua identidade. Ela, frequentemente, quer dominar e ao mesmo tempo precisa sentir que ele é quem manda. Ela quer ser “cuidada”.

Ela quer que ele seja suficientemente forte, sábio, competente para satisfazer às suas necessidades de segurança emocional, a qual ela consegue por meio de um controle que não a domine nem lhe roube a liberdade. Ao controlar a situação, ele não deve deixá-la sentir que está sendo manipulada e a força dele deve ser expressa por algo mais do que a pura lógica masculina. Ela, inconscientemente, procura um pai que seja indulgente para com os seus caprichos e ao mesmo tempo firme, jeitoso e sábio; um amante que seja gentil e que a subjogue quando ela se sentir agressiva, e compreensivo quando ela precisar de expressar hostilidade; um marido que se preocupe com o ninho, quer o deseje ou não; um homem habilidoso, ávido em conservar o ninho intacto. Enfim, ela deseja um pai, um amante, um empregado e um companheiro de jogos – uma espécie de mistura de João, o Amado, um amante astro de cinema, um comerciante com uma pasta numa mão e uma caixa de ferramentas na outra, e um pai todo sabedoria. Este modelo de virtude masculina deverá partilhar sua vida com ela, mas sem a chatear com detalhes demasiados ou com

aborrecimentos pessoais, que lhe trariam insegurança. Ele deve ser capaz de preencher estas necessidades sem negligenciar seu trabalho.

Ela pode provocar uma briga por qualquer ninharia, dando-lhe proporções desmedidas, e então misturar tudo com coisas secundárias, com parentes ou algo que aconteceu dois ou vinte anos atrás. Ela pode chegar a conclusões que ele acha serem extravagantes e irracionais, baseada mais na intuição feminina que na lógica masculina. Ela quer ter seus sentimentos validados, quer eles sejam “razoáveis” ou não. Ela, frequentemente, quer compreensão, mais que uma briga, mas pode ressentir-se dele, quando ele se recusa a fazer o jogo do “barulho”. Ela querará ter a última palavra, mas, muitas vezes, sentir-se-á desapontada se ganhar a briga, o que o reduz a alguma coisa menos que um homem, aos olhos dela. Na verdade, ela sente mais necessidade de expressar seus sentimentos do que ganhar a discussão. Ela pode sentir-se triunfante e ao mesmo tempo desapontada por ter ganho a questão em uma briga.

Ela quer conversação adulta, e poderá procurá-la quando ele estiver cansado e pouco comunicativo. Ela toma a falta de interesse dele pelo mundo dela como uma afronta pessoal e sente-se rejeitada. Ela quer que ele sinta que os interesses dela são importantes também. Ele satisfaz às necessidades dela ouvindo-a sem discutir cada ponto e mostrando-lhe onde está errada, mesmo quando ela suspeita que está errada. Quando ela estiver exausta de fazer o papel de esposa-mãe, poderá, temporariamente, regredir ao estágio da menininha e desesperadamente precisar que ele faça o papel de pai forte, sábio, que entende tudo e é indulgente.

O homem vê essa personalidade feminina como uma mistura de necessidades conflitantes, irrealis e ilógicas, que homem algum poderá satisfazer completamente. Mas ele também tem uma variedade surpreendente de necessidades. Ele quer que o façam sentir-se competente, valoroso, acreditado. Ele pode ter dúvidas interiores de conseguir isto, mas não pode admiti-lo nem a si mesmo e muito menos diante de sua esposa. Ele precisa ser encorajado sem preleções, discussões ou críticas. A força do seu ego deve ser construída, a fim de torná-lo apto a atuar numa sociedade altamente competitiva. Ele quer que se reforce sua auto-imagem, não que a destruam, mostrando onde ele está errado, mesmo quando está errado.

Ele quer que sua identidade própria seja restaurada sutilmente, com sinceridade e muita afeição, mas de tal maneira que não o faça recordar sua mãe, para que ele não se sinta como um menininho, especialmente quando age como tal. Ele precisa de uma esposa-mãe que não o domine, mas que supra suas necessidades, de uma amante que possa seduzir e ser seduzida, quer ela queira ou não, que lhe pareça tão atraente quanto as mulheres que ele encontra durante

o dia; de uma dona-de-casa que tome conta do lar e das crianças, sem o fazer sentir-se culpado quanto ele não faz a sua parte. Assim como o lar é uma extensão da personalidade dela, o trabalho é uma extensão da dela. Ele não pode interessar-se pelo lar tanto quanto ela, assim como ela não pode interessar-se pelo trabalho dele tanto quanto ele. A ele deve ser permitido ter suas ocupações e **hobbies** de homem sem que se sinta culpado. Assim como ela tem suas amigas e ocupações, ele precisa de seus interesses masculinos.

Lamúrias, auto-comiseração e reclamações – num esforço de ganhar a atenção dele – só farão com que ele vá para o porão, a garagem, o bar ou para o frio e cinzento castelo de sua própria solidão. Ele, normalmente, detesta discussões, porque sente que ela vai mudar de assunto, e que ele não vai sair vitorioso. Ele quer ficar sozinho quando estiver tentando colocar no lugar os pedaços de seu ego despedaçado, e quando estiver cansado ou preocupado, quer descansar, sem ser importunado com conversinhas, que sente que poderiam ter lugar em um momento mais apropriado, ou nunca. Ele quer que ela dê ouvidos aos seus problemas e interesses, e o toma como afronta pessoal quando ela desvia a atenção, mas ele, por sua vez, muitas vezes mostra pouco interesse pelas minúcias das experiências diárias dela. O lado passivo da natureza dela, que ele rejeita, pode fazer com que se retraia em silêncio, ou irrompa num desabafo raivoso, quando se sente ameaçado. Tais desabafos, durante uma discussão, são o resultado de sua autoridade masculina ter sido desafiada, um sentimento de exasperação por ser incapaz de se fazer entender; ou ele foi levado a sentir-se como uma criança, por causa de uma reprovação do tipo maternal.

Ele precisa ser levado a sentir que está no comando, mesmo quando não está, sem ser manipulado. Exigências incessantes para que ele tome mais interesse pelo lar podem fazer com que ele empaque inteiramente, porque poderá trazer-lhe à mente sua mãe e o contínuo aborrecimento de sua infância.

A necessidade de manter sua identidade masculina pode fazer com que ele se sinta ameaçado, se acontecer de sua esposa ficar com a razão, e uma lembrança disso, mais tarde, pode provocar alguma forma de represália. Ele responde melhor à persuasão gentil, à abordagem encantadora, do que às exigências e ultimatoss. A posição do “agora preste atenção” faz com que ele se lembre de sua mãe e seja reduzido ao estado da infância. Crítica direta, especialmente em público, ou qualquer forma de humilhação, pode provocar ou uma explosão raivosa ou uma reclusão silente. Ele não quer que sua esposa entre em competição com ele em ponto algum.

Do mesmo modo que ela procura um marido maduro, compreensivo, forte e gentil, ele procura o impossível: uma esposa-mãe-amante toda perdoadora, sempre amorosa e compreensiva; uma combinação de mãe que dá

amor incondicional, uma estrela de cinema boa dona-de-casa, um seu eco, uma construtora do seu ego, uma filha obediente e adorável que pense que o que diz é profundo ou muito espiritualoso.

Este quadro pareceria ridiculamente exagerado para um jovem casal pronto a navegar nos mares matrimoniais. Eu já de há muito abandonei como esforço inútil o de instruir jovens casais nesses assuntos antes do casamento. Eles tinham a tendência de olhar para mim através do pó das estrelas, com tolerância divertida. Sim, eles tinham tido seus desacordos e compreendiam que sua vida não seria uma bem-aventurança cem por cento, mas já tinha ajeitado esses assuntos muito bem e tinham chegado à compreensão um do outro. Finalmente, cheguei ao ponto de pedir só uma coisa deles: um acordo solene de procurarem um conselheiro matrimonial ou um ministro ao primeiro sinal de falta de comunicação. Digo-lhes que o marido geralmente rejeita qualquer proposta nesse sentido até que a preservação do casamento esteja quase sem esperança. Minha única exigência é que ambos de bom grado procurem assistência profissional antes de as brigas se tornarem em amarguras.

Em uma sessão de grupo, que consistia, principalmente, de pessoas casadas, um executivo perceptivo disse certa noite: “Estou casado há vinte anos, mas aprendi mais a respeito das mulheres nestas breves e poucas sessões do que durante os referidos vinte anos de nosso casamento. ” Ele fez uma pausa, e então, uma profunda declaração: “A meu ver, as mulheres são insaciáveis, e os homens obtusos. ” Ele expressava seus sentimentos pessoais acerca de seu próprio casamento. “Acho que não tenho escutado realmente o que minha esposa tem dito durante todos estes anos. ”, continuou: “Criei-me em uma escola para meninos, sem mãe com quem me relacionasse. Nunca me preocupei de verdade em entender as necessidades das mulheres. Mas, pela mesma razão, não posso deixar de sentir que as mulheres são insaciáveis em suas exigências e expectativas; isto é, se minha esposa e as mulheres deste grupo caracterizam a norma. ”

Em certo sentido ele tinha razão. Uma mulher, muitas vezes, parece a seu marido ser insaciável em seu impulso de tornar o casamento melhor, de tentar fazer seu marido entendê-la e satisfazer suas necessidades emocionais. A necessidade feminina é doada a ela a fim de criar o melhor lar e casamento possíveis, e de pressionar até consegui-lo. Se a mulher parecer um tanto insaciável (que ela seja gentil, conciliadora e use de tato, ou geniosa e exigente), o marido pode parecer obtuso, com falta de percepção, e com frequência estupidamente incompreensivo, quando sua esposa experimenta alguma necessidade emocional.

Todos os casais são, até certo ponto, incompatíveis. Dar a

incompatibilidade como razão para o divórcio pareceria um tanto ridículo. Duas pessoas quaisquer são algo incompatíveis, e este fato é intensificado no relacionamento único, íntimo e cotidiano entre marido e mulher. Desde o princípio, marido e mulher são incompatíveis porque têm alvos, impulsos, necessidades emocionais e condicionamento ambiental radicalmente diferentes. Ela quer ser o interesse mais importante da vida dele, mas quer também que ele tenha sucesso, o que significa que o trabalho dele vai se tornar para ele o aspecto mais importante de sua vida. A menos que ele possa equilibrar estas duas coisas de maneira tal que satisfaça às necessidades dela de ser seu interesse principal, e ainda ter sucesso no trabalho, ela poderá virtualmente vir a sentir ressentimento contra o trabalho dele tanto quanto o poderia sentir contra uma amante ou outro competidor qualquer.

Esta verdade foi ilustrada por um jovem esposo, que me contou que ele e sua esposa estavam tendo problemas com os filhos. Eu disse: “Um problema assim geralmente resulta de uma mãe dominante e controladora. ” Fiquei sabendo mais tarde, para desapontamento meu, que ele relatou nossa conversa, palavra por palavra, para sua esposa, citando-me como o autor da declaração. Eu conhecia e gostava de sua esposa, e esperei que ela jogasse sua ira sobre mim.

Pelo contrário, ela jogou a força total de sua indignação sobre o marido: “Talvez eu seja uma mãe dominante e controladora, mas quando você chega em casa à noite, se ficasse em pé o tempo suficiente para ser o pai desses meninos, em vez de se jogar no sofá, talvez eu pudesse parar de ser uma esposa dominadora. ” Ela prosseguiu, dizendo-lhe a imagem principal que ela e as crianças tinham dele, que era a de um jovem esposo e pai esgotado e recostado no sofá.

Recordando a observação mortificadora dela, ele disse: “Decidi ali mesmo apresentar uma imagem um pouco diferente a meus filhos. Minha esposa tinha razão. ”

É claro que ele estava cansado depois de um duro dia de trabalho, e sentia que merecia algum repouso, mas as exigências maiores do lar agora tomaram a precedência sobre sua necessidade de descansar. Suas necessidades pessoais, neste caso, eram incompatíveis com as da família. Em vez de permitir que o lar se desfizesse por causa de “incompatibilidade”, ele resolveu o conflito, decidindo o que era mais importante para si. Não é só marido e esposa que são incompatíveis, mas cada um de nós tem dentro de si mesmo necessidade e impulsos conflitantes, que devem ser resolvidos de alguma forma.

Alguns casamentos são condenados ao fracasso desde o princípio pelas necessidades neuróticas de um ou de ambos os parceiros. Certa vez a tia de uma jovem senhora me perguntou se alguma coisa podia ser feita por sua sobrinha,

que estava em depressão profunda e sob cuidados psiquiátricos. Ela casara-se havia alguns meses apenas e sua depressão estava se tornando progressivamente pior. Na minha sessão inicial de aconselhamento com a jovem senhora, descobri que ela havia tido uma infância cheia de traumas. As atitudes do pai para com ela haviam sido de rejeição e brutalidade, e seus irmãos mais velhos tinham tornado a vida dela um inferno vivo. Ela deixara a casa na primeira oportunidade, tendo vivido por conta própria por algum tempo.

Finalmente ela se casou com um jovem que vinha de um nível cuja mentalidade era o marido ser a força dominante no lar. Ele começou a agir da única maneira que lhe era familiar. Ela o considerava dominador e muito parecido com seu pai e irmãos. Inconscientemente, é claro, ela havia escolhido um homem que recriaria o único tipo de clima emocional que lhe era familiar. Depois de algumas sessões de aconselhamento e participação de grupo, ela perdeu muito do seu medo patológico das pessoas, e tornou-se capaz de expressar-se com muito mais liberdade. Em casa ela começou a se defender pela primeira vez. Ao expressar alguns de seus sentimentos hostis, sua depressão começou a diminuir. Ela ganhou tanta liberdade que começou a explodir com seu marido com frequência crescente e muitas vezes com grande violência. Nas sessões seguintes expliquei a ela que precisamos aprender a aceitar nossas emoções de ira, tanto quanto as de amor e sermos capazes de expressá-las, mas que no interesse de preservar o casamento era-lhe necessário aprender a controlar alguns de seus sentimentos, sem os negar.

Tendo sabido de suas explosões violentas, através do marido, e percebendo que ela estava a ponto de se esgotar, insisti que ela misturasse um pouco de amor e consideração à sua liberdade de expressão recém-descoberta. Ela tentou por alguns dias, mas telefonou depois para relatar que estava entrando em depressão outra vez e temia ter que ser hospitalizada se não fosse capaz de liberar seus sentimentos. Neste ponto ela estava entre a necessidade de explodir com seu marido e a necessidade de preservar seu casamento, o que significava controlar um pouco a sua raiva. Se ela exercitasse algum controle, tornava-se terrivelmente deprimida. Se, porém, ela não mostrasse alguma restrição, seu marido lhe disse que a deixaria. Esta possibilidade apresentou-se-lhe como uma verdadeira ameaça, porque ela não podia suportar a ideia de ser abandonada.

Ela me disse: “Ele terá que aprender a satisfazer minhas necessidades. Ele não me entende, mas terá de fazê-lo, e isto é tudo. Eu não o amo de verdade, mas não poderia aguentar se ele me deixasse. Não quero ficar sozinha no mundo.”

Esta jovem esposa estava tentando, inconscientemente, vingar-se do pai e irmãos, punindo seu marido vicariamente. Sentia tanta hostilidade para com

todos os homens que parecia totalmente impossível ela conseguir um relacionamento conjugal satisfatório com qualquer homem enquanto não tivesse passado por muito aconselhamento. Ela sentia um medo enorme em relação a suas emoções, hostilidades para com os homens, incerteza acerca de sua própria identidade como mulher, e um medo tremendo de viver sozinha.

Como resultado da participação em um grupo **Yokefellow**^W e mais aconselhamento ocasional, ela pôde resolver seu profundo ódio contra os homens. Embora ainda haja necessidade de crescimento adicional, ela está se sentindo muito mais à vontade em relação aos homens e estabeleceu um relacionamento satisfatório com seu marido. O futuro dela parece brilhante.

A personalidade neurótica procura – e precisa de – amor absoluto e incondicional. Ninguém pode dar amor incondicional constantemente. Um casamento que funciona é construído sobre algo mais estável que a satisfação de necessidades neuróticas profundas. Assim como há casamentos que nunca deviam ter sido realizados, também há situações conjugais em que o divórcio é, aparentemente, a única solução possível. A questão não é se a pessoa “acredita no divórcio”. Não se pode esperar que permaneça uma união que não abençoada por Deus.

Frequentemente encontramos casamentos que parecem tão sem esperança que parece não haver outra saída senão o divórcio ou separação, que é a única resposta a uma situação intolerável, que nunca devia ter existido. Entretanto, com frequência, os conflitos aparentemente insolúveis rendem-se a um curso de ação inteligente e persistente. Becky e Tom, casados há oito anos, exemplificam o assunto em questão. Eram jovens suburbanos típicos e sofisticados, com bastante dinheiro e uma vida social ativa. Becky podia dizer que seu casamento fora perfeitamente feliz até que a explosão ocorreu. Ela começou a ouvir rumores de que Tom tinha sido visto com frequência com uma mulher de reputação duvidosa. Ela contratou um detetive, que lhe forneceu evidências sobre as quais ela baseou seu requerimento de divórcio. Os papéis do divórcio estavam em andamento e havia uma disputa considerável sobre o acordo, quando um parente insistiu que eles viessem me ver.

Em nossa primeira reunião, ele estava indiferente e carrancudo. Ela se encontrava tensa e hostil. Comecei perguntando a ela se estava mesmo interessada em batalhar para uma reconciliação.

Ela disse: – Sim, acho que gostaria de fazer uma tentativa.

Fiz a mesma pergunta a ele, que se limitou a encolher os ombros.

Eu disse: – Talvez você diria que há apenas uma “chance” de reconciliação em dez, cinquenta ou cem.

Ele respondeu: – Talvez uma em cem. Não estou muito interessado,

como você vê.

Descrevi, então um tipo de grupo que lidava com problemas pessoais e conjugais e disse: – Mesmo que não resolva o seu problema conjugal, você descobrirá quem é, e terá uma “chance” melhor da próxima vez. Gostaria de tentar?

– Não custa fazer uma tentativa nesta base – Tom respondeu – porque realmente não sei quem sou e gostaria de descobrir.

Ele e Becky concordaram em assistir à reunião do grupo, programada para a semana seguinte.

Na primeira reunião, Becky abriu-se num tremendo desabafo. “Sabem por que me juntei a este grupo? ” ela perguntou, olhando ao redor do círculo. “Eu quero me vingar desse homem! Sua infidelidade e mentiras me jogaram nas mãos de um psiquiatra e quase que perdi minha sanidade mental. Tudo que quero é fazê-lo sofrer! ” Ela continuou com sua crítica por alguns minutos. Tom ouvia com desinteresse completo. Em sessões subsequentes, ela o censurou severamente e sem misericórdia, enquanto ele parecia alternadamente chateado ou levemente intrigado pela ferocidade do seu ataque. Em uma sessão particular com ela, perguntei-lhe se achava que sua abordagem poderia, de alguma forma, ajudar a criar uma atmosfera na qual pudéssemos efetuar uma reconciliação. Ela, então despejou um pouco de sua raiva sobre mim.

Durante os doze meses seguintes, suas explosões hostis diminuíram um pouco, até que uma noite ela revelou ao grupo que havia descoberto que Tom estivera sustentando e morando com outra mulher por vários anos. Agora sua raiva não tinha limites. Tom ouviu e, finalmente, pela primeira vez, tornou-se pessoal.

“Está certo”, ele disse, “vamos botas as cartas na mesa. Eu tenho vivido em um punhado de mentiras por tanto tempo que fico contente de botar tudo para fora. contei cinco mentiras para cobrir uma, dez para cobrir cinco, e centenas para cobrir toda essa triste complicação. ”

Com franqueza completa, ele contou a história de sua duplicidade. Ele havia sido apanhado finalmente. Botando a história para fora, ele ficou limpo. E acrescentou ainda, com sinceridade óbvia, que estava contente por poder romper o outro relacionamento. Ele sentia agora que queria conseguir um relacionamento com Becky baseado em honestidade e confiança completas. Depois da sessão, quando Tom tinha terminado sua longa história de infidelidade e expressado um profundo pesar pela dor que havia causado à sua esposa, uma das esposas presentes foi até ele, e colocou os braços em volta dele.

“Tom”, ela disse, “quero que você saiba que o amo. Você foi honesto, e a honestidade é bela, apesar de ser feio o que ela revelou. ” Ela o abraçou e no seu

abraço afetuoso e amigo havia algo de redenção e cura.

Um dos homens tocou-lhe o braço e disse: “Ótimo, Tom. Acho que agora você vencerá. ” Outro segurou-lhe as mãos em silêncio: expressão sentida de compreensão e amor cristão.

Isso foi só o começo. Passou-se um ano até que as linhas de comunicação fossem firmemente estabelecidas e suspeitas compreensíveis de Becky pudessem ser desfeitas. Dentro de ano e meio, dede que fizeram seu começo desfavorável, eles estavam juntos de novo e experimentavam um casamento melhor que a média. Eles continuavam a relatar melhoras em todos os sentidos.

À luz de muitas experiências, como a de Tom e Becky, sou contrário a abandonar a esperança, não importa quanta hostilidade tenha sido criada. Entretanto, parecia haver pouca esperança de solução para o problema de Ben e Ginger. Neste caso, foi Ben quem tomou a iniciativa, pois Ginger não tinha interesse algum na continuação do casamento. Eles eram jovens e tinham vários filhos. Na sua entrevista inicial comigo, revelaram que ambos tinham tido casos extraconjugais. O de Ben tinha sido uma única aventura com a melhor amiga de Ginger. Ginger tinha-se apaixonado por um homem casado e muito mais velho que ela.

Ela permaneceu hostil e indiferente durante nossa primeira entrevista e confessou mais tarde: “Concordei com a entrevista só porque pensava que seria melhor da minha parte fazê-la. Eu não amava Ben e não queria nada com ele. Tudo o que eu queria era meu caso amoroso neurótico e impossível. ”

Além da dificuldade conjugal, suas finanças estavam numa confusão desesperadora, o emprego de Ben era inseguro e as crianças reagiam mal à tensão no lar. Encorajei-os a ver-me quando sentissem que fosse necessário, mas expliquei-lhes que podiam ter ajuda grande pela experiência em grupo, onde relacionamentos conjugais e outros problemas pessoais estavam sendo resolvidos. Ginger não queria dar esse passo, aparentemente sem esperança, mas, com alguma relutância, concordou. O grupo a que foram destinados consistia de cerca de oito pessoas que os aceitaram de braços abertos. A atmosfera era tal que em pouco tempo Ben estava partilhando seus próprios temores, dúvidas e inseguranças. Ele não punha culpa nenhuma em Ginger, mas quase masoquisticamente partilhava suas próprias deficiências.

Ginger disse desdenhosamente: “Ele está querendo fazer cartaz com tudo isso, mas não me engana em nada. Eu sei como ele é de verdade por dentro. ”

Os detalhes de como eles gradativamente solucionaram seus problemas não são importantes, mas os membros do grupo lembrarão por muito tempo a estória do tipo “pendurado sobre o abismo” que foi desenrolada semana após semana, quando novas revelações em suas vidas embaralhadas foram feitas. Ben,

Ginger e os outros sabiam que na intimidade amorosa do grupo suas histórias estavam a salvo. Ninguém iria contar fora do círculo, qualquer coisa que fosse partilhada, assim como eles não revelariam os segredos de suas próprias famílias, porque era um grupo genuíno, amoroso e familiar.

Passaram-se três meses até que o exterior hostil de Ginger se partisse, ou antes, se derretesse em lágrimas. Ela tornou-se outra pessoa, gentil e receptiva. Ben abandonou um pouco de sua atitude auto-punitiva, e ambos aprenderam a arte da comunicação. Agora não havia nada que não pudessem revelar um ao outro. A honestidade de dentro do grupo foi levada para casa, e a comunicação prosseguiu dia a dia entre as reuniões semanais do grupo. Dentro de seis meses, eles passaram a desfrutar um bom casamento. Tudo estava perdoado, o amor havia substituído a hostilidade e ambos estavam amadurecendo emocional e espiritualmente. Mais ou menos um ano depois de sua entrada para o grupo, não só haviam conseguido um casamento admiravelmente bom, mas as finanças de Ben tinham sido postas em ordem e ele havia alcançado o maior objetivo de sua vida, conseguindo um novo tipo de emprego. O relacionamento conjugal se endireitara não porque tivessem aprendido novas técnicas, mas porque ambos estavam crescendo espiritual e emocionalmente.

No decorrer do ano que passaram no grupo, cada um dos membros fez um dos inventários espirituais que são frequentemente usados como ajuda para a autocompreensão. Ben descobriu, para espanto seu, que dos cem pontos para o autocontrole, ele havia marcado quatro. Este e outros resultados reveladores lhe deram um ponto de partida para seu crescimento espiritual. Através do teste, Ginger descobriu esferas de sua personalidade que precisavam de atenção. À medida que trabalhavam nas ilhas de imaturidade em suas vidas, eles iam descobrindo que automaticamente conseguiam um melhor relacionamento em casa. Em vez de críticas, recriminações, ataques e contra-ataques, agora só havia um esforço para mudar a si mesmos. As crianças começaram a responder à atmosfera melhor.

Ben e Ginger, e os outros do grupo entenderam cedo, na experiência de grupo, que há uma lei mental e espiritual universal que consiste de três partes. Eles decoraram essa lei:

1. Não posso mudar ninguém por ação direta;

2. Só posso mudar a mim mesmo; e
3. Quando eu mudo, os outros tendem a mudar em relação a mim.

Muitos, ao ouvirem esta lei pela primeira vez, concordam em aplicá-la, mas, muitas vezes, a usam simplesmente como uma forma de manipulação.

Certa esposa disse: “Fiz algumas mudanças radicais em minha maneira de agir por duas semanas inteiras e não notei uma vez sequer alguma mudança em meu marido! ” O grupo a ajudou a ver que precisava efetuar mudanças dentro de sua personalidade, não como suborno de seu marido, mas **porque as mudanças precisavam ser feitas**, mesmo que ele jamais mudasse. Seu esposo havia reagido ao seu ataque com o comentário seco: “Ela tem feito um monte de mudanças em dez dias, ou uma semana antes, mas eu não vou acreditar em sua seriedade até ver que as mudanças são permanentes. ”

Há três tipos de relações conjugais básicas: a impossível, a pessoal e a situacional. Ao lidar com casais que me procuram para aconselhamento, acho necessário descobrir, o mais cedo possível, em qual das categorias seu casamento se encontra.

Eu definiria a situação “impossível” como uma em que os dois não deviam ter casado, em primeiro lugar, e na qual parece haver pouco ou nenhum desejo da parte de um, ou de ambos, de fazer qualquer mudança significativa em suas personalidades ou procedimentos. Já lidei com muitas pessoas assim, entre elas pessoas jovens demais cronologicamente ou imaturas demais emocionalmente, para compreender mesmo os princípios mais fundamentais da mutualidade. Lembro-me de um jovem esposo tão sádico e brutal que nenhuma mulher sã da cabeça ficaria com ele sob o mesmo teto; de uma jovem esposa tão neuroticamente apegada ao pai que homem algum teria satisfeito suas exigências e expectativas fantásticas; de um marido passivo tão profundamente apegado à mãe que era incapaz de criar qualquer tipo de relacionamento maduro com outra mulher, e de uma jovem senhora emocionalmente dependente, cujo ciúme era quase patológico, e que fazia com que a vida de seu marido fosse uma tortura contínua. Talvez depois de anos de psicoterapia, cada um destes pudesse tornar-se maduros o suficiente para ter sucesso no casamento, mas em cada caso estas personalidades egocêntricas e imaturas rejeitaram qualquer sugestão de que precisavam de aconselhamento. Todas elas queriam que alguém obrigasse seus parceiros conjugais a se conformarem com as suas exigências neuróticas.

A segunda categoria de dificuldades conjugais envolve o “pessoal”, isto é, indivíduos com problemas de personalidade que são suficientemente realistas para batalhar em direção a um maior crescimento emocional. Quando tais indivíduos têm o desejo de se submeter a aconselhamento ou terapia de grupo, seus problemas como indivíduos podem ser resolvidos. Quando são maduros o suficiente para trabalhar em suas “ilhas de imaturidade”, seus casamentos podem ser levados a funcionar mais suavemente. Eles podem ter, se não um casamento ideal, pelo menos um relacionamento satisfatório e funcional. Tom e Becky, bem como Ben e Ginger, cujos problemas pareciam monumentais, entram nesta categoria. Embora tivessem experimentado graves dificuldades com seus casamentos, eles estavam abertos o suficiente para seguir um curso de ação criativo. Os resultados, em ambos os exemplos, foram excelentes.

A terceira categoria envolve o “situacional”, onde marido e mulher são basicamente maduros, razoavelmente bem ajustados um ao outro pelo temperamento e ambiente de origem, mas que não aprenderam algumas das técnicas importantes pelas quais os problemas diários são resolvidos.

Em um grupo só de homens, a discussão girava em torno do casamento. Os homens são mais relutantes em discutir seus casamentos e seus cônjuges do que as mulheres. Foi com uma certa relutância que responderam à minha sugestão de partilharmos alguns dos nossos problemas conjugais. Finalmente, um jovem senhor disse que ele e sua esposa estavam tendo algumas dificuldades. Ela havia se tornado gradativamente mais melancólica e deprimida e o insultava à menor provocação. Ela havia também começado a gritar com as crianças, coisa que nunca fizera antes.

“Não sei o que deu nela”, ele disse, “Ela era doce e de temperamento moderado, mas ultimamente está sendo terrível morar com ela. Quase não aguento mais. Dou conta de mim gastando mais e mais tempo no escritório por um pretexto ou outro. Simplesmente detesto ir para casa. ”

Perguntei: “Sobre o que foi a última discussão? ”

“Bem, acho que foi quando decidimos redecorar a casa. Acontece que sou dotado de gosto um tanto artístico e meu senso de cor é melhor do que o de minha esposa, e tivemos uma verdadeira batalha por causa das cores dos diferentes cômodos. A explosão maior foi sobre o quarto de dormir. Eu queria que fosse de uma cor e ela queria que fosse de outra. Recusei-me a ceder, em parte porque o julgamento dela nestes assuntos não é muito bom, e, em parte, embora eu seja de um certo modo passivo, porque me recuso a ser dominado. Não quero perder minha identidade. ”

O grupo discutiu este impasse por algum tempo e finalmente perguntei-lhe com ele se sentiria se sua esposa fosse ao seu escritório, rearranjasse os

móveis, contradissesse suas instruções à secretária e lhe mostrasse onde estava errado em muitas de suas decisões.

“Eu não toleraria isso nem um minuto”, ele disse.

Expliquei-lhe que assim como seu trabalho e escritório são uma extensão da sua personalidade, a casa e tudo que lhe pertence são uma extensão da personalidade de sua esposa. “Por exemplo”, eu disse “se você fosse para casa e rearranjasse tudo na cozinha ‘dela’ sob a alegação de que seu sistema era muito mais eficiente, ela sentir-se-ia como se você tivesse tentado mudar a personalidade dela”. Alguém no grupo perguntou por que estas decisões relacionadas com a casa não podiam ser decididas por acordo mútuo.

Eu disse: “Se puderem concordar, é ótimo. Mas a mulher deve ter o poder de vetar – a última palavra. Ela quer o interesse e a aprovação do marido, se possível, mas ela deve ter a última palavra.”

O jovem marido parecia espantado. “Por que é que ninguém me disse isto antes? ” ele perguntou. E então, de um modo levemente defensivo: “Mas e se o gosto dela em decoração for inferior ao meu? ”

Eu disse: “Vou para casa dizer que ela pode fazer o que quiser com a casa, que é seu domínio, e que ela tem toda a liberdade. ”

Um membro do grupo acrescentou um aviso final: “Mas se você fizer isto, cientifique-se de que, mesmo que você não goste das decisões dela, não deve reclamar. Aceite de bom humor. ”

No começo da reunião da semana seguinte, o jovem marido disse: “Gostaria de dar um relatório. Fui para casa e disse à minha mulher que daqui para frente a casa é seu domínio e que ela pode fazer tudo o que quiser com ela, e que ficarei com minhas mãos fora da coisa. ” Ela pareceu chocada, quase descrente, e depois disse: ”Foram aqueles homens do grupo **Yokefellow** que mandaram você fazer isto? ” Eu lhe disse que eles haviam me convencido de que eu estava cem por cento errado; e ela disse: “Vou lá dar um beijo em cada um daqueles homens! ” “E, sabem de uma coisa, camaradas, ela é outra mulher desde então! ”

Alguém perguntou: – A propósito, Gary, de que cor você queria pintar o quarto?

– Vermelho vivo – ele respondeu.

Capítulo 2 - Diferenças Entre O Homem e A Mulher

*Em nossa civilização, os
homens temem não ser
bastante homens, e as
mulheres temem que
possam ser consideradas
apenas mulheres.
(Theodor Reik)*

Há um antigo mito grego que diz que a terra uma vez foi povoada por seres que eram metade homem e metade mulher. Cada um era completo em si mesmo e pensava ser perfeito. Em seu orgulho, se rebelaram contra os deuses e por isso o irado Zeus partiu cada um ao meio e espalhou as metades por sobre a terra. Desde então, diz o mito, cada metade tem procurado sua outra metade. Este anseio por complementação e realização ao encontrar “o outro ser” é o que chamamos de amor.

Há tantas diferenças emocionais, mentais e físicas entre o homem e a mulher que parece surpreender que o casamento, como instituição, tivesse sido capaz de sobreviver como base de nossa civilização, a menos que assumamos que haja um fragmento sutil de verdade no mito grego.

Uma das diferenças emocionais básicas entre os sexos é que os homens são basicamente “fazedores”, enquanto as mulheres são “existidoras”. Obviamente, esses traços variam de pessoa para pessoa, mas a evidência desta diferença fundamental é encontrada no fato de os homens serem essencialmente realizadores, enquanto que as mulheres geralmente preferem o papel menos ativo de dona-de-casa. Mesmo nas profissões e interesses geralmente atribuídos às mulheres, tais como cozinhar, costurar, compor música, e muitas outras, os homens predominam no campo. Este fato pode ser atribuído à agressividade maior do homem, à tendência de ser um realizador, e não um “existidor”. As mulheres geralmente não possuem o impulso agressivo que as motive a alcançar o ápice de muitos empreendimentos, exceto em bem raros casos. Elas não têm falta de habilidade, mas de impulso. O homem é o experimentador, o explorador, o diretor, o construtor, o criador em muitas áreas do labor humano, embora existam mulheres que se igualem ou os vençam em muitos casos. O fato de elas não o fazerem mais frequentemente não implica simplesmente em uma diferença ou inferioridade em qualquer sentido. É simplesmente que outras coisas parecem mais importantes para as mulheres do que algumas atividades altamente competitivas.

A mulher encontra sua realização mais em “ser” e, a menos que ela repudie a verdadeira feminilidade, essa feminilidade essencial é expressa em ser aquilo para o qual Deus a criou – ser uma “adjutora”. Que o seu papel é secundário, não se depreende de lugar algum. Ela encontra sua realização como mulher sendo pessoa, mãe, esposa e guardadora dos valores espirituais e morais. Tem-se observado frequentemente que as mulheres têm muito mais tendência às coisas do espírito do que os homens. Mais mulheres que homens vão às igrejas. Normalmente a mulher procura ajuda para o casamento à beira do fracasso, e se sente frustrada por o marido ser muito lerdo, e geralmente mostra uma atitude totalmente irreal no assunto.

Os homens, mais que as mulheres, tendem a aproveitar as oportunidades e a correr os riscos e a assumir a responsabilidade. As mulheres não são incapazes de tomar a liderança, mas quando o fazem em qualquer grau, é porque lhes foi imposta pelas circunstâncias ou adquiriram alguns dos traços masculinos, por assim dizer.

Uma esposa disse: “Não posso entender por que o homem está desejoso de tomar a responsabilidade de sustentar uma família. **Eu** nunca tomaria tal

responsabilidade!” Mesmo assim, muitas mulheres, viúvas ou divorciadas, têm assumido a responsabilidade árdua de trabalhar, cuidar da casa e criar os filhos, tentando funcionar como mãe e pai. Quando assim fazem, entretanto, embora sua capacidade inata de assumir uma responsabilidade enorme seja demonstrada, elas sempre têm o sentimento de que algo está errado, como de fato está.

Há um impulso básico emocional e também biológico dentro da mulher de dar à luz filhos, criá-los e cuidar da casa. Mesmo quando ela tem um emprego fora, por escolha ou necessidade, seu interesse básico e primário geralmente não é o seu trabalho, mas seu lar. Há impulsos masculinos e femininos, biológicos e emocionais profundamente enraizados que, variando de pessoa para pessoa, ainda assim são básicos. Um dos objetivos femininos é ter e criar filhos e alimentar a família. Ela produz os filhos; ele dá os meios para sustentá-los. Ela encontra realização em seus filhos; ele, no seu trabalho. Mesmo assim, nenhum dos dois encontra realização **total** nestas esferas, porque cada um deles tem ainda outras necessidades e objetivos.

A mulher pode olhar com espanto ou admiração, ou mesmo com ciúme inconsciente, as atividades do marido. Ele, diariamente, desaparece no que deve ser um mundo excitante e maravilhoso de desafios e variedade infinita, enquanto ela é deixada com o que, para muitas mulheres, é uma rotina monótona e repetição do trabalho caseiro, com frequentes interrupções por parte das crianças.

O marido pode olhar com espanto e admiração. Sua esposa alcançou algo além das forças de realização dele. Mas ele pode também voltar de um dia exaustivo de trabalho silenciosamente invejando sua esposa que, quando está cansada, pode pelo menos quebrar a monotonia, vendo um programa de televisão. Nem um dos dois pode estar inteiramente cômico da energia psíquica despendida pelo outro em sua rotina diária.

Stella, casada e com quatro filhos, detestava o trabalho de casa. Tão logo seus filhos cresceram ela arrumou um emprego. Seu marido preparava a refeição da tarde, a filha mais velha fazia a maior parte do trabalho de casa, e Stella assumiu o mínimo de responsabilidades caseiras. Mesmo assim, em sessões de aconselhamento, por um período de mais de dois anos, ela nunca se referiu às atividades no escritório. Seus interesses centralizavam-se na família, seu esposo, seus filhos e em si mesma. A família era uma extensão de si mesma, e seu interesse primário.

O homem, por outro lado, sente que seu trabalho é uma extensão de sua personalidade; seu emprego, seu futuro, seus relacionamentos no trabalho geralmente estão em primeiro lugar em sua mente. Este interesse é muito normal, e simplesmente acentua a divisão do labor, que, por sua vez, é baseada

nas diferenças emocionais dos sexos.

O marido de Stella, um homem típico, frequentou um grupo pequeno de terapia por alguns meses, num esforço para resolver alguns problemas conjugais, mas desistiu logo. Ele não tinha interesse particular em “sentimentos”, ou em aprofundar-se nas particularidades interiores da personalidade. Ele encontrava realização em seu trabalho, que ocupava a maior parte do seu tempo e atenção. Se sua mulher quisesse tentar melhorar a si mesma, muito bem. Ele não tinha interesse algum em modificar-se. De fato, tudo isso lhe parecia um tanto ridículo. Mas Stella continuou com o grupo porque sentia que não poderia realizar-se enquanto seu casamento e as relações familiares não melhorassem. Se ela tivesse que fazê-lo sozinha, então assim seria feito.

As diferenças dos sexos são vistas muito cedo nos meninos e meninas. Os meninos constroem, exploram, realizam jogos agressivos, brigam, cavam, escalam e desafiam uns aos outros a tentarem feitos perigosos. As meninas podem ocupar-se nas mesmas atividades, e podem sentir-se rejeitadas se não lhes permitirem a participação, mas em geral suas atividades são menos agressivas. Elas começam bem cedo a brincar de cozinha e “ter nenês”. Os interesses do menino centralizam-se primariamente na ação, enquanto os interesses da menina se voltam mais para o suprimento.

Muitas mulheres sentem-se um pouco constrangidas e incertas do papel feminino na cultura atual porque nossa sociedade é ativista. Uma atmosfera frenética de atividades permeia quase todos os aspectos da vida. De certo modo, este é um mundo masculino, como frequentemente alegam as mulheres, e os homens são “fazedores”. Porque as mulheres são essencialmente “existidoras” e encontram sua realização mais prontamente em ser elas mesmas, essa ênfase toda, na atividade frenética, faz com que elas se tornem inquietas. A tendência básica da mulher de “ser” pode envolver a maternidade e o cuidar do lar, com atividades incontáveis, grandes e pequenas. Mas através do processo todo, ela faz esses trabalhos porque está sendo ela mesma. Ela pode ser mais ativa fisicamente, no papel de esposa e mãe, do que seu marido. Mas o seu “fazer” desponta do seu sentimento de “ser”. A menos que ela tenha se tornado neuroticamente ativista, por uma mãe masculinizada, ou através de forte identificação com o pai, seus momentos mais altos são aqueles em que ela está ocupada na arte de viver, de ser ela mesma.

Há duas razões básicas para a ideia de que as mulheres não podem ser entendidas. Uma é que elas não operam na mesma faixa de ondas lógicas que os homens, o que as torna incompreensíveis para o homem determinado a confiar somente na pura lógica para a compreensão. A outra é que a mulher está no seu melhor estado quando engajada na arte de ser – puramente de ser. E, para o

homem, o ativista, isto é incompreensível, a menos que aconteça ele ser um artista, poeta ou místico. Não há nada de misterioso com as mulheres. Elas simplesmente são “diferentes”. Para o homem, elas são misteriosas só porque ele não entende como se pode canalizar uma fonte de “existência” emocional ou espiritual, que não pode ser analisada logicamente.

Uma diferença masculino-feminina interessante é a tendência dos homens de “externalizar”, enquanto as mulheres “internalizam”. Os homens lidam, em geral, com o mundo exterior – negócio, indústria, ganhar a vida, fatos, números, política, conceitos gerais.

As mulheres são muito capazes de agir adequadamente em qualquer destas áreas, mas por natureza e preferência, elas têm uma tendência muito mais forte de “internalizar” – aproximar-se das coisas no nível do sentimento. Para simplificar, a fim de ser completamente realizada, a mulher precisa entrar nas emoções de um homem, casar-se, ficar grávida e tornar-se mãe, arranjar o seu “ninho” apropriadamente e certificar-se, através de testes, se seu marido será suficientemente forte para cuidar dela e de seus filhos.

Estas tendências femininas geralmente operam em um nível totalmente inconsciente. São impulsos instintivos, de raízes profundas na estrutura emocional.

A maioria dos homens sente, em graus variados, a necessidade de vencer e realizar. Quer esteja o homem subindo a escada do sucesso em algum campo escolhido, escalando uma montanha ou conquistando uma mulher, o instinto é vencer.

A mulher, por outro lado, possuindo menos do instinto de vencer, quer ser vencida com gentileza e força. Ela poderá fazer a seleção inicial e até mesmo manipular sutilmente o homem relutante a uma situação em que ele lhe proponha o casamento; o que ela realmente quer, entretanto, é ser vencida. Exceções, é claro, são as mulheres dominantes demais e os homens demasiadamente passivos, que tendem a inverter os papéis.

Há uma diferença sutil entre os sexos, manifestada no dar e receber presentes. Quando um homem dá um presente substancial a uma mulher, a conclusão da mulher é que ele está querendo assumir alguma responsabilidade. Entretanto, quando uma mulher dá um presente substancial, o que ela quer dizer é que ficaria feliz em ser a responsabilidade dele.

Os presentes, em geral, sem levar em conta o valor, significam coisas diferentes para o homem e para a mulher. Para a mulher, os presentes têm grande importância e são aceitos primariamente não como ornamentos ou valores, mas como tributos prestados a ela mesma como pessoa. Constituem uma expressão de amor ou consideração. Ela pode imaginar que o homem dá tanta importância

ao presente quanto ela, e que significa a mesma coisa para ele, o que raramente é verdadeiro.

A disposição do marido em comprar um presente para sua esposa que ela já sugeriu ou escolheu tem muito menos significação para ela do que se ele houvesse pensado em fazê-lo por si mesmo. A grande necessidade da mulher de ser apreciada é realizada se seu marido for suficientemente atencioso para lhe trazer um presente ou convidá-la para jantar fora. Se ela tiver que tomar a iniciativa nestas coisas, sua alegria será diminuída por esse mesmo fato. “Ele mesmo devia ter pensado nisto”, é o sentimento dela.

Entretanto, se ela – por razões válidas ou não – o criticou, atacou, diminuiu ou desafiou, ele poderá não ter interesse algum em fazer-lhe surpresa com um presente. O sentimento dele mais provável será “Não tenho interesse em tomar uma iniciativa em fazer surpresa à minha mulher, com muitas coisas boas, se ela age do jeito como está fazendo.” Neste caso, ambos derrotam a si mesmos por suas atitudes.

As mulheres são, em geral, mais vulneráveis à crítica em alguns pontos, enquanto em outros elas podem ser muito menos do que seus maridos. Se um homem preparar e servir um bife a um amigo e o amigo perguntar: “Onde você conseguiu este bife?”, o anfitrião responderá: “No supermercado.” Se um marido perguntar à sua esposa: “Onde você conseguiu este bife?”, a resposta dela será: “Por quê? Que é que há de errado com ele?”

Os homens e as mulheres são vulneráveis à crítica em **pontos diferentes**. Em geral, pode-se dizer que a mulher é especialmente vulnerável nas esferas pertencentes ao seu papel feminino – conseguir um marido, criar os filhos e manter sua aparência física. Sua auto-imagem pode ser prejudicada em qualquer destes pontos. As mulheres, muitas vezes, ficam surpresas ao descobrir que seus maridos parecem anormalmente sensíveis. Por causa da maior agressividade do homem e sua capacidade de enfrentar os obstáculos, que muitas mulheres achariam ameaçadores, as mulheres imaginam que os homens deviam ser menos sensíveis. Mas os homens também são vulneráveis em áreas tais como sua capacidade de ganhar a vida (permanecer em um emprego, obter sucesso), na área do desempenho sexual, e em qualquer outra que desafiar sua imagem masculina. Obviamente, tal vulnerabilidade varia de pessoa para pessoa, mas, em certo sentido, qualquer homem normal é sensível à crítica quando desafiado ou criticado nestes pontos.

A esposa pode efeminar o homem, expondo-o ao ridículo, repreendendo-o, criticando ou desafiando. Ele pode ser provocado a uma ira imensa ou ser levado a retirar-se ao silêncio de sua própria solidão por causa de uma observação que ele percebe que é um ataque ou um desafio. Para ela isto é pura infantilidade.

Uma senhora casada, inteligente e atraente, interpelou-me em um retiro e disse: - Preciso marcar uma consulta com o senhor, acho que vou ter problemas.

Pela expressão do rosto dela, eu adivinhei a verdade, e disse: - A senhora apaixonou-se por alguém?

– Sim, mas não quero que passe disso.

– É melhor a senhora marcar uma consulta agora, ou poderá ferir a si mesma e ao seu marido.

– Bem, telefonarei para o senhor.

Percebi, entretanto, que ela pretendia ir tão perto da margem quanto pudesse, e, por eu gostar dela e de seu marido, esperei que ela telefonasse, marcando uma consulta logo, mas eu duvidava de que o fizesse. Mais ou menos um mês mais tarde, ela telefonou, e, pelo tom de sua voz, percebi que havia ido além da margem. Ela veio me ver e não mostrou nada do remorso que era de se esperar, mas uma reação um tanto surpreendente.

– Não tenho de fato qualquer sentimento de culpa acerca disto – ela disse.

– Foi lindo! Estou surpresa por não ter sentimento de culpa, a não ser para com meu marido; nenhum quanto a mim mesma.

Ela descreveu a experiência e perguntou por que não sentia nada do remorso profundo que achava que a envolveria. Eu disse: – Estamos lidando agora com uma lei estranha que tenho encontrado frequentemente. Pode ser rudemente expressa deste modo: o fluxo de hormônios sexuais corta a circulação do oxigênio no cérebro!

Ela riu e perguntou se iria sentir-se culpada mais tarde. Eu disse: – A senhora é culpada, quer o sinta ou não. A senhora ama seu marido e o traiu, e traiu a si mesma. Não a estou julgando, só citando fatos. Tudo o que pode fazer agora é usar a força cerebral que lhe resta em funcionamento. Corte o relacionamento, ou destruirá seu casamento. Além disso, a culpa, que não sente conscientemente, cobrará seu preço de alguma forma. A senhora terá tendência para acidentes ou desenvolverá sintomas físicos e emocionais: a culpa exige castigo, e a senhora se punirá.

Ela me agradeceu. – Eu sei que o senhor está certo, ela disse – e esperava que me dissesse justamente isso, porque não tenho a força para reagir sem encorajamento.

O marido pode ferir a esposa por não fazer comentário sobre uma refeição que lhe custou grandes esforços para preparar, ou por não notar seu vestido ou chapéu novo. Um marido lógico, mas um tanto obtuso, disse: “Minha mulher não faz grande caso quando trago para casa o cheque do pagamento depois de eu quase ter dado a vida para consegui-lo; dever-se-ia esperar que eu pulasse de entusiasmo por causa de um prato que ela preparou em vinte minutos? ” De um

ponto de vista lógico ele estava completamente certo, mas no casamento estamos lidando com sentimentos tanto quanto com a lógica. E um dos muitos ingredientes de um bom casamento é descobrir as necessidades emocionais um do outro e fazer todo o possível para validar esses sentimentos, quer pareçam lógicos ou não.

As mulheres são comumente mais sensíveis à crítica de alguém que esteja mais próximo delas, como o marido, amigos ou parentes. Muitas encontram dificuldades extremas em admitir derrota em uma discussão; quanto maior sua insegurança tanto mais dificuldade têm. Este traço não está, de modo algum, limitado às mulheres, mas a insegurança aparentemente maior da mulher faz com que seja mais difícil para ela aceitar a crítica ou admitir derrota.

Um homem idoso disse: – Em cinquenta anos de casado nunca ouvi minha esposa admitir que estivesse errada. Aprendi cedo, nos negócios, que todo mundo comete erros, e a única atitude realista é a de admitir o erro e seguir adiante. Minha esposa preferiria morrer a admitir que estivesse errada.

Eu disse: – Esta é a medida de insegurança dela, e seria bom o senhor, neste ponto, aceitá-la e suportá-la, da mesma forma que ela deve estar suportando algumas atitudes suas que acha difíceis de entender.

Uma esposa reclamou que seu marido ficava com muita raiva sempre que ela tentava apontar alguns erros que ele cometia. – Sou mais instruída que ele – ela disse – e, se eu tentar corrigir a gramática dele, ou se fizer a menor sugestão, ele fica fora de si de raiva.

Eu disse: – Você o faz lembrar da sua mãe, e então ele se desforra em você.

Ela replicou: – Sim, a mãe dele era uma personalidade dominante, que regia a todos com mão firme.

– Você não vai erradicar dele o medo de mulheres dominadoras – respondi. – Se você inconscientemente assumir o papel de mãe, ele sempre reagirá desta maneira. Quando você o faz lembrar da mãe dele, toda a raiva reprimida da infância é dirigida contra você, não tente mudá-lo, corrija-lo ou transformá-lo. Aceite-o como é. Você está ganhando todas as batalhas e perdendo a guerra. Desista do papel de mãe e seja uma esposa para ele.

Uma diferença dos sexos comumente observada é a de que as mulheres em geral parecem requerer reafirmação mais frequente. Um marido um tanto sem imaginação reclamou: – Minha mulher está sempre perguntando se a amo. Já lhe disse milhares de vezes que a amo, mas ela continua perguntando. Tenho vontade de pendurar um certificado emoldurado na cozinha, dizendo que a amo, e continuarei a amá-la até o certificado ser revogado!

Eu disse a ele: – Quando a mulher pergunta a seu marido se ele a ama, ela não está pedindo informação, mas reafirmação. Em parte, é um esforço para

recriar algo do antigo sentimento do romance juvenil, que diminui com o tempo e, em parte, porque ela, sendo uma mulher, precisa de reafirmação frequente.

As mulheres, que têm impulsos emocionais e necessidades muito maiores do que os homens, são mais “fluidas” emocionalmente; o estado de seu ego tende a variar mais e elas podem perder seu senso de identidade mais rapidamente. Reafirmação frequente, de muitas maneiras diferentes, ajuda-as a manter seu senso de identidade.

Uma esposa, que havia sido censurada, condenada e diminuída constantemente por um marido alcoólatra, disse-me: “Ele me disse tantas vezes que sou estúpida, que já nem sei se sou ou não. ” Longe de ser estúpida, ela era uma mulher altamente inteligente e bem madura, e mesmo assim tinha chegado a duvidar de si mesma por causa da crítica constante de seu marido. Pude dar-lhe novamente segurança durante sessões subsequentes e ela ganhou de novo sua autosegurança normal e autoidentidade sem dificuldade.

Se as mulheres tendem a perder sua identidade mais rapidamente, elas podem adquiri-la também mais rapidamente do que os homens. O marido alcoólatra havia perdido seu auto-respeito e auto-confiança. No caso dele vários anos foram necessários para que os adquirisse de novo. Quando o fez, desistiu de seu alcoolismo e tornou-se um indivíduo respeitado e bem-sucedido. Quando ele não mais era assaltado por sentimentos de culpa e auto-rejeição, não sentiu mais necessidade de condenar e criticar sua esposa.

Freud assegurava que é essencial para um casamento bem-sucedido que a esposa desenvolva algumas atitudes maternas para com seu esposo. Muitas mulheres reagirão, com razão, a este argumento: “Eu não quero ser uma mãe para meu marido. ” Mesmo assim, há certo sentido em que um homem se casa com uma “esposa-mãe” e a mulher se casa com um “esposo-pai”. Na verdade, é muito mais complexo que isto. Ela se casa com um “esposo-pai-filho”, enquanto ele se casa com uma “esposa-mãe-filha”. Há vezes quando cada um dos cônjuges muda de um estado de ego para outro. Um exemplo típico pode ser mais ou menos como segue:

Ela serve o café dele e solicitamente pergunta se seu resfriado está melhor (papel de mãe). Ele responde que está um pouco melhor, mas que gostaria de fazer um gargarejo antes de sair para o trabalho, mas não consegue encontrar o frasco de remédio (papel de criança). Ela encontra o frasco para ele, murmurando com ar indulgente: “Os homens nunca acham nada. ” Sentindo-se um pouco melhor depois do café, ele se prepara para sair para o trabalho. “Não se esqueça de apanhar meu terno no tintureiro” (papel de marido). “Sim, querido” (papel de esposa).

Ele volta de tarde e a encontra triste e deprimida. “O que você tem? ”

(papel de esposo). “Oh! Nada! ” (papel de esposa). “Bem, alguma coisa há. Você parece mal. O que é? ” Ela prorrompe em lágrimas (papel de filha). ”Pelo amor de Deus, que é que há? ” (papel de pai). As lágrimas se amainam. “Fui à reunião de pais e mestres hoje, e uma das mulheres disse as coisas mais terríveis para mim. Eu estava dando um relatório, e ela duvidou de algumas coisas que eu disse e virtualmente insinuou que eu era uma mentirosa. Eu não podia documentar meus fatos e nunca fiquei tão embaraçada e com raiva em toda a minha vida. ” Mais lágrimas (papel de filha).

Olhe, falemos sobre isso depois do jantar. Estou morto de cansado e posso pensar melhor depois de comer alguma coisa” (papel de marido). Depois do jantar, enquanto discutem o problema, falam sobre o mesmo com menos emoção da parte da esposa e torna-se uma discussão de marido-esposa numa base de adulto para adulto.

Há, na verdade, três estados de ego distintos dentro de cada um de nós – o Pai (consciência, autoridade e disciplinador); a Criança (espontânea, primitiva, exigindo gratificação instantânea, algumas vezes petulante); o Adulto (o ser mais maduro). É função do ser Adulto tentar fazer harmonia entre os outros serem em guerra. O Adulto pode desafiar o Pai punitivo ou repreender a Criança egoísta. Cada um dos três estados de ego tem uma função válida. Há vezes, quando é bem apropriado, que cada um dos três seres, tome o controle.

É a Criança interior que quer ir a um piquenique, correr na praia, jogar, e que pode tornar-se também irracionalmente irada. É o Pai, a consciência, que faz lembrar que se está com excesso de peso e sugere que se desista da sobremesa, ou comece uma caderneta de poupança, ou corrija os erros depois de uma briga. É o Adulto interior que pode repreender o Pai demasiadamente rigoroso, e que pode decidir na análise final qual dos três deve ser o presidente da Comissão dos Seres no momento.

O marido confrontando a esposa, cuja Criança interior está no controle, pode ficar frustrado e com raiva porque não sabe lidar com este estado de ego. A mulher pode ficar confusa, ou com raiva, quando a Criança interior do seu marido age de uma maneira aparentemente irracional.

Se cada um tiver consciência dos estados de ego do outro, que estão em mudanças rápidas, esta conscientização poderá ajudar imensamente a alcançar um relacionamento mais harmonioso. Cada um de nós tem o direito de passar de um estado de ego a outro, de tomar o papel de Criança, Pai ou Adulto de vez em quando. Se pudermos descobrir qual dos três seres está temporariamente dirigindo a outra pessoa, poderemos lidar com a situação muito mais realisticamente. Não se pode esperar que o companheiro do casamento seja sempre maduro, ponderado, atencioso e racional. Isto seria completamente

irrealista. Todos nós temos direito a nossos períodos de “fossa”, momentos de depressão e desencorajamento.

Certo marido revelou, em uma sessão de aconselhamento, que sempre havia se sentido vagamente hostil quando sua esposa ficava doente. “Isso me perturba demais”, ele disse. “Sei que estou sendo irracional, mas não posso condoer-me dela. Só tenho vontade de sair de casa e fico deprimido o tempo todo que ela está doente. É quase como se eu sentisse que ela fica doente para se vingar de mim. É claro que isso é ridículo. Ela se sente ferida e rejeitada quando reajo desta maneira.”

Investigamos sua infância e descobrimos que sua mãe havia sido parcialmente inválida e doente a maior parte do tempo. Diziam-lhe frequentemente que sua mãe poderia não durar muito, embora, na verdade, ela tenha alcançado noventa e três anos de idade. Lembrava-se de que alguém lhe dissera que se ele fizesse muito barulho desnecessário, poderia ser responsável pela morte da mãe. Ele viveu com medo constante de que se ela morresse, seria o responsável. Esta foi uma responsabilidade assustadora para uma criança, e agora, na vida adulta, ele simplesmente estava agindo de acordo com um dos conflitos não resolvidos da infância. Assim que pôde trazer essas memórias, parcialmente enterradas, ao consciente, ele tornou-se capaz de reagir normalmente quando sua esposa ficava doente. A mudança não ocorreu da noite para o dia, é claro, pois ele teve que lembrar a si mesmo, quando o velho sentimento de abandono e depressão chegava, que isso era uma influência da infância e que agora estava livre para agir de modo adulto. Ao discutir o problema com sua esposa, ele pode descarregar um pouco da ansiedade e culpa que sentia, e ela pode suportar o comportamento dele.

Há uma diferença clara e interessante entre a maneira dos homens observarem as mulheres e as mulheres observarem os homens. Virtualmente, todos os homens normais são “observadores de garotas”. Em nossa cultura, a “observação” é feita um pouco mais discretamente do que em alguns países europeus – na Itália, por exemplo. O homem sente prazer ao olhar para um rosto bonito ou uma figura atraente. Seu interesse não contém nenhuma deslealdade para com sua esposa. Ele não ficou cego só pelo fato de ter-se casado! Ele pode muito bem gostar de seu novo carro, apreciar sua beleza, e ao mesmo tempo olhar com apreciação total um outro carro na estrada. Sua aprovação elogiosa do outro carro não implica em que ele o preferiria ao seu próprio. Ele simplesmente está apreciando algo altamente atraente aos seus olhos masculinos.

As mulheres, entretanto, não são “observadoras de homens” da mesma forma e nem no mesmo sentido. Uma mulher casada pode ter consciência de um homem atraente na rua e tomar notas mentalmente de seus ombros largos e seu

talhe masculino em geral, e ela pode fazer algumas comparações rápidas com o de seu próprio marido, mas, em geral, sua “observação dos homens” é muito mais discreta e sutil. Ela ficaria embaraçada se fosse apanhada observando um homem da mesma maneira direta que o homem emprega para observar as mulheres.

Em uma reunião social, uma esposa típica, leal e amorosa, pode engajar-se em conversa animada com alguém, e ao mesmo tempo deixar seu olhar cair, em um breve momento, sobre algum homem e imaginar que tipo de marido ele seria. Se ele parece ter boa compostura e ser culto, ela pode lembrar-se, no fundo de sua mente, algo do desajeitamento de seu próprio marido. Se o homem parece gentil e atencioso, ela pode – enquanto prossegue com a conversa – lembrar-se da briga terrível que teve com seu marido por causa da falta de consideração dele, ou do sofrimento que ela suportou quando ele se esqueceu de algum aniversário.

Em geral, a diferença na observação da mulher e na do homem consiste em que o homem tende a ver a mulher como mulher, e a mulher tende a avaliar o homem em termos de material para marido. O homem tende a ser um olhador de curto prazo, a mulher uma compradora de vitrine, calculadora, que pode não ter qualquer intenção de comprar.

Há outra diferença sutil entre os sexos. Quando a mulher entra numa sala, dá uma olhada rápida e instantânea para as outras mulheres presentes. Mesmo se houver homens presentes, a atenção dela é primariamente devotada às mulheres. Ela se compara com elas. Ela pode possuir charme, beleza e porte, mas mesmo assim ainda precisa comparar. Este instinto é tão universal e inconsciente, que algumas mulheres quase não se dão conta de que é uma reação automática. A maioria das mulheres, entretanto, está bem consciente disto e se pergunta por que os homens acham isso estranho. Se uma outra mulher estiver usando um vestido ou um chapéu idêntico ao seu, esta será uma experiência devastadora para a mulher. Lembro-me de quando era jovem, de ter andado pela rua com uma jovem que usava um vestido novo. Aproximando-se de nós estava outra jovem usando um vestido idêntico. As duas moças olharam-se com aquele olhar frio e calculador, que as mulheres aceitam como normal, e a que se aproximava de nós disse, tentando ser condescendente: “Comprei o meu primeiro, queridinha!”

Lembro-me de ter perguntado, na minha ignorância juvenil: “Que diferença faz se duas mulheres estão usando vestidos idênticos?”

A jovem respondeu: “Você não compreenderia.”

Shakespeare trata desta tendência feminina, intensificada pelo ciúme, no caso de Cleópatra, que ordena a Alexis:

“Dê as feições de Otávia, seus anos.
Sua inclinação; que ele não esqueça
A cor de seus cabelos: – faze-me saber rapidamente...
Faze-me saber sua altura.
Mas tarde, no palácio de Cleópatra:
Contemplaste Otávia?
É ela da minha altura?
Ouviste-a falar? Sua voz é aguda ou grave?
Que majestade há em seu andar? Lembra...
Se, olhando para sua majestade,
Podes adivinhar sua idade, suplico-te.
Trazes o seu rosto na lembrança? É ele redondo ou longo?
Foi-lhe dito que o rosto dela era redondo.
Na maior parte, também elas são tolas, as que são assim.
De seu cabelo, qual a cor? ”

O homem, ao entrar em uma sala repleta de pessoas, não olha para os outros homens primeiro. Ele não tem interesse pelo que os outros homens estão usando, nem se são mais elegantes ou mais altos do que ele. Ele olha para as mulheres. Ele não imagina o que os outros homens estão pensando dele, mas, sim, que tipo de impressão ele está causando em alguma das mulheres atraentes presentes. Os homens competem com os homens no negócio e na indústria. As regras estão todas estabelecidas e são tão fixas e rígidas quanto as dos torneios dos cavaleiros de antigamente. As mulheres competem com as mulheres. É só quando as mulheres começam a competir com os homens que o homem se sente desconfortável. Neste ponto, os homens sentem que as mulheres saíram de seus papéis de mulheres. A hostilidade masculina neste ponto é baseada não no medo de que algumas mulheres pudessem ser melhores que eles em seu jogo, mas porque os homens não sabem se devem tratar tal mulher como mulher, com cortesia, deferência, gentileza, ou como trataria um competidor masculino. Eles se sentem como alguém que estivesse jogando tênis e descobrisse que seu oponente estava jogando peteca. Eles ficam confusos e tornam-se hostis por causa da mudança.

Não há somente diferenças psicológicas, fisiológicas, emocionais, espirituais e sociais entre os sexos, mas algumas são tão sutis que ainda não

foram avaliadas nem especificadas. Ninguém sabe, por exemplo, por que é que as mulheres vivem de 7 a 9 anos a mais do que os homens, ou por que elas têm uma percentagem de trinta e oito por cento a menos de doenças orgânicas. Sua maior longevidade é uma vitória oca, como milhões de viúvas podem atestar. Quer se culpe o maior “stress” causado por nossa sociedade altamente competitiva ou se pense que existam outros numerosos fatores em funcionamento, nada se sabe.

As diferenças são observadas cedo no comportamento dos meninos e meninas. Estudos mostraram que os meninos começam mais brigas, fazem mais barulho, correm mais riscos, pensam mais independentemente e são mais difíceis de se educar. Mesmo assim, eles são o sexo mais frágil. Mais machos são concebidos, e a maioria dos fetos abortados são machos. Mais meninos morrem no primeiro ano de vida e em cada década subsequente. Há mais meninos gagos do que meninas, e os meninos têm mais possibilidade de terem problemas com a leitura. As meninas são mais complacentes, mas os meninos tendem a ficar um ano ou mais atrasados do que as meninas no desenvolvimento físico.

As meninas são mais robustas fisicamente, e, mesmo assim, são mais dependentes, muito mais conformadas e menos aventureiras. Elas mostram menos interesse pelas coisas, e mais interesse pelas pessoas. Seus estilos de aprender são diferentes. As meninas se sobressaem na habilidade verbal, enquanto os meninos se saem melhor no pensamento abstrato! Os meninos são mais criativos e independentes. A fêmea tem uma composição cromossômica que parece dar-lhe proteção contra doença e infecção. Os cientistas do **National Institute of Mental Health** (Instituto Nacional de Saúde Mental) têm observado as crianças imediatamente depois do nascimento e nas semanas seguintes e notado diferenças entre bebês machos e fêmeas, grandes demais para serem atribuídas ao ambiente.

Estudos têm demonstrado que as meninas são mais conscienciosas, enquanto os meninos são mais argumentativos e gabadores. Paradoxalmente, mais meninos têm a tendência de ser introvertidos e frequentemente parecem tristes e abstraídos. Uma professora que sempre havia preferido as meninas, porque aprendiam mais prontamente e eram mais maleáveis, foi citada por um psicólogo: “Eu havia gasto anos tentando evitar que os meninos perturbassem os outros. Na experiência, na qual ensinamos classes só de meninos e só de meninas, descobri que os meninos podem se concentrar, mesmo quando barulhentos. Eu sempre gostei das meninas, até ter uma classe cheia delas. Finalmente percebi que elas não pensavam por si mesmas. Como papagaios, repetiam tudo que a professora dizia. Eu me perguntava o que estávamos fazendo para que essas meninas fossem tão conformadas. Separados, os meninos

rendiam mais, e as meninas tornavam-se mais criativas e independentes em seu pensamento.

Estudos posteriores têm mostrado que, como disse um cientista: “As mulheres são especialistas sócio-emocionais, enquanto os homens são dirigidos mais para o trabalho. As mulheres mostram mais conscientização social do que os homens, mesmo desde tenra idade.”

Algumas destas diferenças, tanto inatas quanto adquiridas, aparecem mais tarde na vida no relacionamento conjugal. Embora os meninos pareçam mais bem equipados para o pensamento abstrato e tendem para as aventuras, no casamento geralmente a esposa é quem toma a iniciativa de tentar conseguir um relacionamento melhor. Além disso, ela às vezes é muito mais realista em sua abordagem, quer seja nos problemas conjugais ou outros quaisquer.

Uma esposa veio ver-me acerca de seu marido, que havia começado a beber muito depois de um fracasso nos seus negócios. O seu amor-próprio masculino tinha sido muito ferido, e ele achava difícil até sair para procurar outro serviço. Passava muito tempo dentro de casa, ou fazendo coisas insignificantes, em vez de enfrentar o problema de procurar emprego. Ela sentia que ele estava se desintegrando emocionalmente. Através de um amigo comum, ela arranhou para que uma oferta de emprego lhe fosse feita, sem que ele soubesse que ela estava envolvida; mas o emprego não era tão bom quanto o anterior, e ele recusou a ir até mesmo à entrevista. Percebendo sua depressão e desencorajamento recente, ela propôs que ele se unisse a um grupo de terapia, mas ele resistiu fortemente. Aqui estava uma esposa, com todas as razões para sentir-se insegura da situação financeira em que se encontravam, tomando a iniciativa, mas frustrada por todos os lados pelo orgulho teimoso de um homem demasiadamente inseguro para aproveitar as oportunidades a ele oferecidas.

Há pressões em nossa civilização que predispõem o homem à ideia de que ele não deve falhar nunca; que deve sempre ser um indivíduo superforte, capaz de vencer todos os obstáculos. Há exemplos numerosos de homens que se recusam a visitar o médico quando doentes; milhões de homens prefeririam enfrentar o divórcio a conversar com um conselheiro matrimonial, ou resolver um problema conjugal.

O número de homens neuróticos deste tipo é igualado por um número de mulheres neuróticas, que levam na cabeça o conceito de um casamento romântico e adolescente, que casam na crença de que “o amor puro de uma boa mulher pode mudar qualquer homem”, que se recusam a crescer e assumir responsabilidades adultas. Uma espécie de choque atinge a maioria dos casais jovens quando descobrem que os casamentos não são simplesmente “consumados”; eles são trabalhados, martelados, intercedidos e sofridos.

Frequentemente o sonho dourado do romance dá lugar às duras realidades das fraldas, canseira, dívida e desespero; entretanto, onde há uma medida de maturidade, uma disposição de encarar os fatos e humildade em reconhecer que ambos podem estar errados, um bom casamento geralmente pode se tornar uma realidade.

Capítulo 3 - Necessidades e Problemas da Mulher

*A mulher, para
fazer um bom marido,
deve ser um gênio.
(Balzac)*

Quando conheci Lucille e seu esposo, ela era uma mulher atraente. Era uma anfitriã perfeita e entretenedora. Seu marido, uma pessoa calma e amável, ocupava uma boa posição em uma organização de alcance nacional.

Nos próximos poucos anos de nosso conhecimento, ele mudou de emprego várias vezes, e eu comecei a descobrir sinais de problemas no seu casamento. Lucille compartilhou comigo um pouco de sua apreensão acerca das frequentes mudanças de emprego dele. Eventualmente, percebi uma mudança nele. Ele parecia inseguro de si mesmo e havia indicações de que estava bebendo muito. Lucille telefonou-me uma noite para dizer que George fora preso por dirigir

embriagado. Tirei-o da cadeia e, subsequentemente, envolvi-me como ouvinte ativo nos seus casos conjugais.

Eles vieram para algumas sessões de aconselhamento, durante as quais Lucille passou a maior parte do tempo censurando-o por causa da bebida, falta de propósito e fracasso como marido. Em determinada sessão, ouvi por algum tempo, e finalmente dirigi-me a George. Ele disse: – Ela me disse dez mil vezes que o problema é todo meu. Ela aponta o dedo para mim e começa todas as sentenças com “o seu problema é” – tenho ouvido tanto essa frase milhares de vezes que me sinto desgostoso.

Eventualmente pedi-lhes para fazerem um teste psicológico bem simples, que é frequentemente usado com casais, para verificação de suas necessidades e traços emocionais. Na sessão seguinte, verifiquei com eles os resultados. Um dos itens no resultado do teste referia-se à auto-confiança. Ela tinha marcado noventa e dois, e ele doze. Perguntei a ela se ele sentia falta de autosegurança quando se casaram.

– Não – ela disse: – Ele sentia auto-confiança e segurança. Não sei o que aconteceu com ele.

Eu disse: – Lucille, parece que alguém reduziu a auto-confiança dele através dos anos. Gostaria de saber quem foi.

Ela pareceu espantada.

– Acho que fui eu – disse.

George explodiu.

– Você está certa pela primeira vez! Eu acreditava em mim mesmo, mas você reduziu minha autosegurança com esse seu indicador apontando para mim tantas e tantas vezes, que eu não sei mais quem sou. Se você criticar mais uma vez, eu saio.

Ela se virou para ele, flamejante de raiva.

– Seu problema é...

George se levantou silenciosamente e saiu. Lucille ficou abobalhada. Eu disse, tão gentilmente quanto pude: – Lucille, não sei se você tem mais culpa do que George pela sua complicação conjugal, mas se você quiser que seu casamento dure, terá que encontrar um jeito de ajudar a restaurar a autosegurança dele. Atacá-lo não resolve. Ele precisa de reafirmação, não de condenação.

Discutimos isto por algum tempo, mas eu tinha o pressentimento de que ela não tinha intenção de desistir dos seus métodos de ameaças de ataques.

Eles não pediram para marcar outra consulta, e percebi que qualquer possibilidade de mudança de personalidade era demasiadamente ameaçadora para Lucille. Sua dominância e necessidade de mudar e controlar George eram

tão fortes, que ela não podia encarar o fato de que teria de mudar também.

Só depois de cinco anos é que houve uma mudança significativa na situação. Durante esse tempo eles virtualmente afastaram-se de seus amigos. Eventualmente George pareceu ganhar força suficiente, de alguma fonte interior, para manter-se firme. Lucille tornou-se mais calma e um pouco menos dominadora, enquanto George ganhava mais autosegurança. Ele finalmente aceitou um emprego que um parente arrumou para ele numa outra cidade, e se mudaram. Percebi que haviam ocorrido algumas mudanças sutis, mas importantes, em suas personalidades, e, conseqüentemente, em seu relacionamento.

Que é que faz com que a esposa se torne demasiadamente dominadora, enquanto seu marido permanece passivo? No caso deles, ela tinha, aparentemente, sempre sido um pouco mais dominadora do que ele, e as mudanças frequentes de emprego dele criaram nela tal ansiedade que se tornou ainda mais controladora e crítica. Quanto mais ela reclamava, criticava e ameaçava, mais ele perdia sua autosegurança, até começar a beber como uma fuga da língua aguda dela e defesa de seu ego fraquejante.

A necessidade de segurança é uma das situações emocionais mais fortes que a mulher possui. O termo segurança não significa meramente segurança financeira, embora este seja um dos aspectos. Idealmente ela consegue sua segurança do homem que ama, admira e em quem confia, e da fé em si mesma como pessoa. Quando o marido começa a fraquejar, se ela tiver uma ansiedade considerável e dúvidas acerca de si mesma, toda sorte de insegurança é desencadeada dentro dela.

O sentimento de segurança da mulher pode ser ameaçado quando seu marido falha em seu trabalho ou começa a beber excessivamente. Se, ao invés de entrar em pânico, ela se tornar adjutora, e der apoio emocional amoroso, o marido terá uma “chance” muito maior de sucesso.

O mundo dos negócios é altamente competitivo. O homem só pode cometer um certo número de erros sem se dar mal. A última coisa que o homem pode suportar, no mundo de hoje, é chegar em casa e encontrar uma barragem de críticas e acusações. Sua esposa tem necessidade de segurança e amor, e se ela não receber isso em quantidades certas, poderá facilmente cair na armadilha de se tornar o pior inimigo de seu marido – o que lhe fará mal na hora em que, mais que tudo, ele precisa de forte apoio emocional da parte dela.

Freud certa vez disse: “Depois de estudá-las trinta anos, eu me pergunto: O que é que as mulheres desejam?” Sua confusão é comentada não somente pelos homens, mas pelas próprias mulheres, bem poucas das quais poderiam concordar sobre o que é que as mulheres querem além de generalizações, tais como

“segurança”, “amor” ou “compreensão”.

A dificuldade de conseguir um casamento feliz é constituída do fato de que os homens e as mulheres são basicamente incompatíveis, no que tange aos seus alvos, necessidades, emoções e impulsos.

As mulheres, por exemplo, são mais “pessoais” do que os homens. Enquanto os homens, em geral, tendem a lidar mais em termos de coisas materiais, valores e conceitos intelectuais, as mulheres têm um interesse mais profundo pelas pessoas e sentimentos. Não é que lhes falte a capacidade de pensamento abstrato, ou que não tenham interesse pelas coisas materiais, mas para elas a vida consiste mais de pessoas que de coisas. O que os homens frequentemente chamam de mexerico feminino é simplesmente manifestação de interesse pelas pessoas em um grau que é incompreensível, senão frustrador para eles.

Esta tendência de estarem interessadas profundamente nas pessoas e sentimentos tem como resultado o fato de as mulheres tomarem as coisas muito pessoalmente. Um homem levantou os olhos da revista que lia e disse para a esposa:

– Aqui diz que o problema das mulheres é que elas tomam tudo muito pessoalmente.

Ao que sua esposa replicou rapidamente:

– **Eu** não!

Oswald Swarz, no livro **The Psychology of Sex** (A Psicologia do Sexo), dá uma lista de alguns dos traços femininos comumente observados, como: passividade, emotividade, falta de interesses abstratos, maior intensidade de relacionamentos pessoais, receptividade, submissão, tato, realismo prático, sexualidade, vaidade, inclinação à inveja e ciúme, senso moral mais fraco, timidez, acanhamento, pudor, compaixão, coqueteria, espírito brincalhão, amor pelas crianças, castidade, hipocrisia, modéstia...

Nesta lista, como em todo conjunto de generalizações, deve naturalmente haver exceções e objeções. Uma das características principais que as mulheres possuem é a tendência, inata, de “estar em unidade” com as pessoas e coisas, em vez de observá-las do lado de fora. As mulheres têm a capacidade de conseguir um certo sentimento de unidade com a natureza, pessoas e eventos, mais do que a maioria dos homens. Este traço é possuído pelas crianças antes de perderem o seu senso do maravilhoso, e pelos povos primitivos, que vivem em contato com a natureza. A natureza emocional do homem desenvolveu-se muito antes que os seus centros cerebrais mais altos, e as mulheres estão essencialmente mais perto dos aspectos básicos e elementares da natureza e do íntimo do ser humano. É este modo de sentir “em unidade” com outra pessoa que fornece a crença na

intuição feminina, um traço que muitas vezes confunde os homens. Entretanto, como Birchall e Gerson apontam, não é tanto a intuição, mas uma percepção inconsciente das mínimas coisas que não são normalmente observadas pelos homens, por ser um processo inconsciente, a mulher não sabe como chegou a tal conclusão.

Mas, para usar o termo intuição como é geralmente aplicado, as mulheres frequentemente chegam a uma conclusão por meio de “saber e ser” simultaneamente. A mulher normalmente não confia em análise laboriosa, racionalizando certos fatos, como o faz o homem, mas ela “percebe” uma pessoa, coisa ou circunstância por um processo inteiramente diferente. Ela “sente com”, “torna-se uma com”, sem ter consciência que faz assim e sai-se com um “sentimento” que não é o resultado de um processo puramente lógico.

O homem, entretanto, deleita-se em tentar reduzir alguma coisa a um princípio básico. Ele luta para entender uma coisa reduzindo-a às suas partes mais simples, enquanto a mulher identifica-se com a pessoa ou situação, sente-se parte dela e reage na base de seus “achados emocionais”. Ela pode então sentir necessidade de racionalizar, dando um certo número de explicações lógicas, mas chega à resposta intuitiva muito antes de ter começado a explicar o “porquê” dos seus sentimentos.

A mulher quer ajudar seu marido instintiva e intuitivamente; e, por não existir homem perfeito, ela se dá ao trabalho de ajudá-lo na sua responsabilidade financeira, religião, conceitos morais básicos ou em outro qualquer setor que lhe pareça deficiente.

Ela quer torná-lo um marido melhor. Ela pode desejar que ele seja mais desenvolvido, ou mais circunspecto se ele for desinibido, menos cauteloso com dinheiro, se ele for ultraconservador. Se ele for descuidado nos assuntos financeiros, ela tentará torná-lo mais responsável. Em qualquer esfera que ele for deficiente, ela se encarregará, mais ou menos automaticamente, de corrigi-lo.

Muitos homens precisam desta substituta esposa-mãe e tiram proveito de seus esforços; mas se ela procurar ajudá-lo com demasiada rapidez, ou através de crítica direta ou sem tato, o relacionamento conjugal pode ser seriamente prejudicado.

Quais os traços que os homens valorizam mais em uma mulher? Em geral, a maioria dos homens deseja estas características:

1. **Calor e afeição.** Era de se supor que os homens, sendo os ganhadores do salário, colocariam a segurança em primeiro lugar, entre suas necessidades, mas testes e pesquisas revelam que sua necessidade mais premente é de calor e afeição. Estudos têm mostrado que muitas mulheres solteiras são ou dolorosamente acanhadas, ou abertamente agressivas. Os homens tendem a evitar ambos os tipos, por uma necessidade inconsciente de encontrar mansidão e calor em uma mulher.
2. **Responsividade.** Isto sugere a qualidade de vivacidade genuína ou de estar apaixonado pela vida. Implica em uma certa espontaneidade, em oposição a uma abordagem temerosa da vida.
3. **Feminilidade genuína e desprestenciosa.** A maioria das revistas para mulheres acentua os aspectos externos e superficiais da feminilidade: roupas, maquiagem, penteado, moda, diversão. Qualquer mulher moderna pode muito bem fazer uso de todos os recursos apropriados para o embelezamento, mas a verdadeira feminilidade é muito mais profunda. Uma mulher assim não está competindo como os homens, nem mesmo inconscientemente; a infelicidade da competitividade feminina (o assim chamado protesto masculino) está em que, quando uma mulher a possui, ela quase sempre não tem consciência disso. Uma mulher verdadeiramente feminina aceita a si mesma como mulher e como pessoa. Ela é madura emocionalmente o suficiente para não necessitar de ser dominadora ou agressiva, possuindo auto-respeito suficiente para estar segura de si mesma. Tal mulher não está impondo a si nem a sua feminilidade. Ela não é nem acanhadamente reticente, nem agressivamente feminina. Como certo homem disse: “Quando se está com uma mulher assim a gente se sente homem.”

4. **Uma forte capacidade de amar.** O amor aqui não está limitado ao amor romântico, mas engloba todo o espectro do amor: amizade, afeição, amor cristão, amor aos filhos, à natureza, à vida e a Deus. Não são as aparências externas que fazem uma mulher ser feminina, mas a ternura e o cuidado pelos outros. Em uma mulher dominadora, o cuidado pelos outros pode tornar-se controlador, saturante, sobrepujante. A mulher verdadeiramente feminina expressa um tipo de amor e ternura que respeitam a personalidade dos outros, e lhes permite serem eles mesmos, **sem tentativas de mudá-los**, mesmo quando é óbvio que precisam de mudança.

5. **Inteligência.** Contrário à opinião tão frequentemente expressa por muitas mulheres bem instruídas, os homens não têm ressentimento contra as mulheres inteligentes. É da mulher **agressiva e competitiva** que os homens se ressentem. Infelizmente a maioria das mulheres agressivamente competitivas com os homens vive totalmente despercebida deste seu traço inconsciente. Se a mulher usar sua inteligência para expor o homem ao ridículo, mostrar-lhe onde está errado, vencê-lo numa discussão, ele poderá procurar outra companhia mais segura e confortadora.

Do mesmo modo que a mulher gosta de estar perto do homem que a faz sentir-se mais mulher, os homens gostam da presença das mulheres que os fazem sentir-se mais homens. Se o homem encontrar uma barreira forte de críticas, resmungos e choramingos quando chega em casa, poderá chegar o tempo em que voltará para casa com mais e mais relutância e devotará mais tempo aos seus interesses de fora. Lemos em Gênesis que Deus, tendo criado Adão, “fez-lhe uma adjutora adequada”. No íntimo, a mulher verdadeiramente feminina quer ser uma adjutora, não o patrão – igual em todas as coisas, ainda assim consciente em que pontos suas capacidades são mais necessitadas e valorizadas.

Há ocasiões na vida de toda mulher, quando se sente insegura e incerta de si mesma. Tendo sido relegada a um papel inferior por milhares de anos, de repente ela se emancipa. Ao lutar pela igualdade, a mulher mais agressiva resolveu provar ser igual a qualquer homem. Geralmente, em um nível

inconsciente, ela possuía algum sentimento de competição e sentia a necessidade de provar que não era inferior. Ao lutar para provar seu ponto de vista, ela muitas vezes adotou traços e sentimentos masculinos. A mulher masculinizada é ridícula e não atraente, assim como um homem efeminado. Muitas vezes isto se deu porque ela não sabia **como** cumprir seu papel de mulher.

Para complicar a situação, a sociedade moderna concedeu-lhe deveres e responsabilidades geralmente assumidas pelos homens. Como mãe, esposa, dona-de-casa, chofer, oficial de igreja ou de clube, ela precisava encontrar identidade, e muitas vezes descobriu que não estava encontrando satisfação nem para si e nem satisfazendo a seu marido. Se ela arrumava um emprego era lançada num mundo masculino, onde traços e valores masculinos predominavam. Não é de se espantar que ela ficasse frequentemente confusa.

A mulher normal pode experimentar alguma incerteza ocasional a respeito de sua habilidade em cumprir seu papel de esposa, dona-de-casa, mãe, caixa, parceira sexual e participante das atividades da comunidade. Ela pode se indagar se é tão atraente quanto as outras mulheres, especialmente aquelas com quem seu marido se encontra durante o dia. Ela pode duvidar de sua feminilidade a ponto de vestir-se de modo a enfatizar demais sua sexualidade, ou flertar, numa tentativa de provar a si mesma que não perdeu seu “charme”. Ocasionalmente, o flerte sai fora de controle e ela se encontra presa num caso extraconjugal que pode ameaçar seu casamento.

Em capítulo anterior foi feita referência ao comentário discernente de um marido que disse haver descoberto que “as mulheres são insaciáveis, e os homens obtusos”. Há elementos de verdade em sua observação. A mulher geralmente vai para o casamento com ideias e expectativas grandiosas. Ela deseja desesperadamente que o casamento tenha sucesso. Se, entretanto, suas expectativas não se tornarem reais, ela ficará frustrada e amargamente desapontada. Da mesma forma que ela quer gentileza e força da parte de seu marido, ele quer ternura e calor da parte dela. Se, esperando recompensas instantâneas de todas as suas necessidades emocionais, ela descobre que seu marido não é tão forte e gentil como antecipara, poderá ficar desapontada. É irreal esperar que qualquer homem satisfaça a todas as necessidades dela – pelo menos imediatamente. Talvez pessoa alguma poderá jamais satisfazer a todas as nossas necessidades, de modo que sempre haverá algum sentimento de desapontamento.

Nem a esposa nem o marido pode concentrar-se em uma pessoa como um ideal, e esperar que essa pessoa corresponda a todas as suas expectativas. É uma esperança fútil, que sempre acabará em desilusão. Se a esposa estiver determinada a alcançar bênção perpétua e satisfação completa, se ela for

insaciável em suas exigências de que todas as suas necessidades sejam satisfeitas, se ela forçar, exigir e ameaçar, o casamento terminará em amargura, beco-sem-saída ou divórcio.

O que a esposa pode fazer quando seu marido é obtuso, não compreende, ou é incapaz, ou não quer preencher as necessidades emocionais de amor e segurança dela? Uma alternativa é tornar-se exigente. Outra é retrair-se, voltando a hostilidade para dentro. Nenhuma das duas é uma solução criadora.

Lembro-me de duas situações similares, em que a esposa voltou seu ressentimento para dentro e tornou-se emocionalmente doente. Em um caso, o marido era um carpinteiro dinâmico, extrovertido e com determinação de construir seu próprio lar, pagando à medida que o fosse construindo. Quando três quartos da casa estavam completos, eles se mudaram, e ele continuou trabalhando na sua construção nos fins de semana. Ele me telefonou, uma certa manhã, para dizer que sua esposa precisava de ajuda. Fui visitá-los, e passei uma hora ou mais com a esposa dele. Ela estava num estado de depressão profunda, sentada pesadamente numa cadeira. Respondeu às minhas perguntas lentamente, sem sentimento ou expressão. Não tinha ideia alguma por que estava tão deprimida. Seu marido disse-me que ela estava lentamente perdendo o interesse pela casa e pelos filhos, e agora passava o dia sentada, em profundo desespero.

A sala de estar estava terminada, mas através da porta aberta eu podia ver a cozinha. Parecia estar inacabada, e perguntei ao marido se eu podia olhar a casa para ver o seu trabalho. Na cozinha encontrei confusão completa. Era o único cômodo na casa que não estava terminado. Os armários não haviam sido instalados, e os pratos e outros utensílios da cozinha estavam amontoados sobre mesas e cadeiras. A pia estava só parcialmente instalada.

Perguntei ao jovem esposo quanto tempo levaria para terminar a cozinha. Ele disse que o dinheiro havia acabado, e que não tinha intenção de contrair dívidas. Podia ser que depois de seis meses ele tivesse dinheiro suficiente para comprar o material necessário.

Eu disse:

– Joe, só uma sugestão bem-intencionada, nestas alturas, mas acho que você devia ir ao banco e pedir dinheiro emprestado para terminar a casa. Sua mulher passa a vida inteira neste lugar; você só vem para casa no fim do dia. Mulher alguma pode ser feliz trabalhando numa cozinha como esta. Acho bem provável que a depressão dela é simplesmente o resultado do que é chamado de “hostilidade dirigida para dentro”. Ela é demasiadamente amável e não tem espírito de crítica para reclamar, mesmo assim se sente frustrada e hostil por ter que viver numa casa inacabada. Ela reprimiu estes sentimentos, enterrando-os profundamente dentro de si. Agora eles irromperam em forma de depressão

profunda. Você tem a escolha entre emprestar dinheiro para cuidados psiquiátricos, que podem ser longos e caros ou pegar empréstimo para terminar a casa.

Joe tinha uma obsessão em não contrair dívidas, e tentou convencer-me de que ela “ia se sair dessa”.

Eu disse:

– Você pode tentar, mas acho que está sendo muito insensato e, além disso, está jogando com a sanidade mental de sua esposa.

Ele pareceu espantado e relutantemente concordou em tomar o dinheiro emprestado.

Logo que Joe começou a trabalhar na cozinha, sua esposa mostrou melhoras consideráveis. Quando ele a terminou ela estava completamente boa. Sua depressão profunda era simplesmente um protesto interior contra o que, para uma esposa, elevava-se a uma situação intolerável. Um marido amoroso, sincero, mas obtuso, simplesmente não havia se conscientizado da importância que o lar tem para a esposa.

Outro exemplo envolvia a esposa de um executivo, a qual consultou-me por causa de sua extrema depressão. Ela havia sido hospitalizada e tinha sido submetida à terapia do eletrochoque. Os resultados haviam sido negativos, e ela voltara para casa. Ela havia vivido em um estado de depressão tão grande por alguns meses que me disse:

– Estou simplesmente no inferno. Há uma cortina fechada entre mim e o resto da vida.

Perscrutei sua vida passada, seus relacionamentos, emoções e situação atual. Discutimos seus sentimentos para com seu marido, o qual, ela me afirmou, era bom e atencioso. Foi neste ponto que ela me tirou da pista.

A única insatisfação que pude descobrir referia-se ao fato de seu marido ter escolhido a casa antes de ela ter vindo para o estado onde moravam agora, e ela nunca havia gostado da casa. Ela descreveu como inconveniente e totalmente frustrador morar ali. Entretanto, insistia em que não sentia ressentimento contra o marido, porque ele havia usado do seu melhor juízo.

Sugeri-lhe que perguntasse a seu marido se ele poderia me fazer uma visitinha. Ela assim o fez, mas ele se recusou, zangado. Em nossa sessão seguinte, eu disse a ela:

– Parece que chegamos a um impasse, nesta altura, mas haverá outros recursos disponíveis, se os procurarmos. Você pode seguir algumas instruções simples?

– Tentarei.

– Ótimo. Vá para casa e concentre-se sobre uma coisa – a vontade

perfeita, gloriosa e maravilhosa de Deus. Ele deseja nossa felicidade e bem-estar mais do que nós mesmos. Não procure cura ou mudança de seu marido, ou outra coisa qualquer, senão a perfeita vontade de Deus para vocês dois. Eu orarei pela mesma coisa.

Ela concordou.

Mais ou menos uma semana mais tarde, recebi um telefonema do marido. Perguntava se podia ver-me. Ele saiu cedo do emprego, no dia seguinte, e veio a meu escritório. Pôs-se a falar calmamente.

– Sou totalmente responsável pela doença de minha mulher. Tenho sido orgulhoso, egocêntrico e comodista. Na semana que passou pude ver a mim mesmo sob uma nova luz. Sou teimoso e exigente, um perfeccionista. A doença de minha mulher, a meu ver, deve ser o resultado da incapacidade de ela me alcançar, de não receber qualquer calor ou afeição genuína de minha parte.

Ele continuou por algum tempo. Não estava recriminando a si mesmo, mas olhando-se honestamente, pela primeira vez. Quando terminou, lhe perguntei:

– Você estaria disposto a confessar isto à sua esposa?

– Claro, ela está lá fora no carro.

– Poderia trazê-la para dentro?

Ele a trouxe e sentou-se no braço da cadeira dela, e lhe disse, em essência, o que havia partilhado comigo. Falou gentil e ternamente, com profunda humildade. A depressão dela era tão profunda que não pode dar-lhe uma resposta imediata. Ela mal podia ouvi-lo, mas agradeceu quando ele acabou.

Então ele disse para mim:

– Eu costumava ir à igreja quando pequeno. Agora faz muitos anos que não tenho ido a nenhuma. Talvez haja uma falta espiritual em nossas vidas, particularmente na minha.

Então esbocei um curso de ação para ambos – assistência à igreja, participação na vida da igreja e alguma leitura específica que tratava do lado espiritual da natureza humana. Ambos concordaram em pô-lo em prática.

A cura dela não foi instantânea. Só depois de várias semanas ela se ergueu das profundezas de sua depressão sem esperança e desespero. Quando conseguiu isto, descobri que era uma pessoa agradável, dotada de vivacidade, sorridente e capaz de desfrutar a vida em sua plenitude. Eles continuaram a assistir e a participar da igreja, e seu crescimento emocional e espiritual também continuou. Com o tempo, ele se tornou um oficial da igreja e devotava longas horas à participação ativa na vida da mesma. Amigos da esposa disseram-lhe que ela agora era uma pessoa muito melhor do que havia sido antes de ficar doente emocionalmente.

O problema básico, no caso deles, não era a compra da casa que o marido fizera, a qual ela detestava, embora este fosse aparentemente um fator contributivo. Desde o início o seu casamento havia começado a afundar. Não havia nem comunicação sem compreensão profunda. Incapaz de expressar seu desprazer, ela o enterrara e se recusava a encarar o fato de que sentia hostilidade para com o seu marido. Isto era uma negação de seus verdadeiros sentimentos, e, quando os sentimentos são negados, eles tendem a se rebelar e irromper sob forma de doença, emocional ou física.

Nem terapia de eletrochoque nem qualquer outra forma de psicoterapia puderam curá-la, embora ela tivesse estado nas mãos de um psiquiatra competente. A solução eventual se apresentou como resultado de seu desejo de aplicar a fórmula simples de Jesus: “Procurai primeiro o seu Reino e a sua Justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6:33). Em vez de concentrar-se nos problemas, e tornar-se o centro deles, ela se concentrou na bondade de Deus e reafirmou o desejo dEle de curá-la. O problema básico não era a doença emocional. Este era só um sintoma. A dificuldade subjacente estava na alienação de Deus e do marido por parte dela, e na sua recusa de encarar seus verdadeiros sentimentos e botá-los para fora.

É normal experimentarmos ressentimento. Todas as emoções nos foram dadas por Deus por uma razão específica. A raiva é uma delas. Em mais de uma ocasião a raiva de Jesus é registrada: “E, olhando para eles em redor com indignação, condoendo-se da dureza do seu coração” (Marcos 3:5), é um exemplo. É importante que tomemos conhecimento da emoção da raiva, porque a negação da mesma é uma mentira para o ego. A raiva, ou até mesmo o ressentimento leve, devem ser admitidos pela consciência. Devemos, então, decidir se é apropriado expressá-lo ou suprimi-lo. Suprimir não significa reprimir. O último termo significa negar e enterrar um sentimento, o que pode produzir sintomas. Mas é frequentemente apropriado, até mesmo necessário, suprimir nossa raiva. Às vezes é mais criativo lidar com ela abertamente, discutindo-a com a pessoa, ou pessoas envolvidas. A gente aprende, através de experiências, quando é criativo e apropriado fazer isto.

O modo como os casais jovens são casados e impelidos para os papéis de esposo e esposa e para a paternidade, parece nada mais que um pesadelo no qual a pessoa descobre que está sendo empurrada a um palco, perante um grande auditório, e obrigada a tocar um solo de violino sem nunca ter estudado música. A ordem de tocar, mesmo assim é dada por alguma fonte invisível. A crença, totalmente irracional, de que se pode ter sucesso no casamento e como pais, sem maior preparação do que a experiência emocional de ter-se apaixonado, beira o absurdo. Não há relacionamento mais complexo e difícil do que o casamento, e

presumir que automaticamente teremos sucesso nele, sem treinamento completo e preparação, é algo parecido com a crença de que se pode tornar-se um engenheiro químico sem estudar química.

Infelizmente, nossa sociedade ainda não alcançou o estágio em que treinamento intensivo para o casamento e a paternidade são considerados tão importantes quanto os cursos de arqueiros, filosofia e línguas estrangeiras. As gerações futuras lerão com espanto e incredulidade sobre darmos ênfase ao estudo de línguas estrangeiras e não oferecermos curso algum sobre a arte da comunicação e sobre os elementos básicos das relações humanas. Quando um casal se encontra a ponto de brigar, é, muitas vezes, tarde demais para efetuar uma reconciliação. Os conselheiros matrimoniais são pobres substitutos para cursos amplos sobre o casamento.

Uma importante descoberta feita por Freud refere-se ao que denominou complexo de Édipo e complexo de Electra. O complexo de Édipo relaciona-se com a necessidade aparentemente universal do menino de se relacionar com sua mãe e “possuí-la”, de torná-la o único objeto de sua afeição e tomá-la do pai. O complexo de Electra é a mesma tendência da parte da menina, que sente uma forte necessidade de conquistar seu pai. Ela sonha em crescer e casar-se com o papai. A mãe “desaparecerá”, ou irá embora, ou morrerá, em sua fantasia. Por causa de sentimentos de culpa para com a mãe, a qual ela destitui na fantasia, mais tarde enterra esta recordação no inconsciente.

Em certo sentido sutil, este ato de tirar o pai ou a mãe do sexo oposto, parece ser um fator importante no auxílio à criança no sentido de produzir um senso de masculinidade no menino e de feminilidade na menina. Quando a menina falha em “conquistar” seu pai, por ele não ser afetuoso, ou porque a rejeita, ou por outra razão qualquer, ela frequentemente se torna uma mulher que tem dúvidas de sua feminilidade, que não foi “ratificada” quando pequena. Alguma coisa está faltando nos tons sentimentais de tais mulheres. Esta reação não é necessariamente inevitável ou universal. Às vezes outros fatores vêm à tona, que minimizam esta perda da identidade feminina.

Ocasionalmente, em tentativas intensas de conquistar seu pai, a menina identifica-se com ele tão fortemente que tira dele certos tons de sentimentos masculinos, que a podem tornar masculinizada, emocional ou fisicamente, ou em ambos os sentidos.

Por exemplo, uma mulher que nunca se casou e nem sentiu forte atração pelos homens lembra-se de ter querido estar com seu pai constantemente. Ele a chamava de “meu menininho”. Ela tinha irmãos mais velhos e sentia que eram favorecidos, e inconscientemente procurava competir com eles na conquista da atenção e afeição do pai. Quando criança usava roupa de menino a maior parte

do tempo. Ela raramente falava de sua mãe, que se afastou do panorama como fator de seu desenvolvimento emocional. Em consequência, a menina tornou-se uma mulher com fraca identidade feminina, insegura de sua feminilidade e sem mesmo saber se queria se casar. Ela possuía uma mente mecânica, e a ideia de ter que depender de algum homem a deixava fria.

Outra jovem senhora procurou ganhar a atenção de seu pai constantemente, mas fracassou. Em sua tentativa persistente de ganhá-lo, ela imitava seus maneirismos, andar e falar. Quando se tornou mulher, nada havia de feminino nela, até que ela começou a investigar os primórdios de sua infância, descobrindo a razão de não ter um senso de identidade feminina. Como resultado, ela passou a fazer um esforço consciente para se vestir a agir de modo mais feminino, e pela primeira vez começou a sentir-se um pouco mais à vontade com os homens.

Uma variante da fixação de Electra é encontrada no caso da menina que sente ter falhado na conquista de seu pai, e quando adulta o compensa por exagero, parecendo-se excessivamente feminina. Os extremos a que ela chega para parecer feminina frequentemente dão a pista para suas dúvidas inconscientes sobre sua feminilidade.

As mulheres sexualmente promíscuas não são super-sexuais, mas procuram freneticamente reafirmar a si mesmas que são atraentes como mulheres. A reafirmação ganha por tais atos é muito curta. Mulher alguma pode obter um senso permanente de ser verdadeiramente feminina pela promiscuidade sexual ou mesmo por meio de casos extraconjugais ocasionais.

A estrutura emocional da mulher é muito mais fluida do que a do homem e, conseqüentemente, ela pode perder seu senso de identidade mais facilmente que o homem. Se ela tiver dúvidas quanto à sua feminilidade, desejará e procurará reafirmação constante. Mesmo a mulher que não tem dúvidas sérias neste ponto pode sentir uma necessidade forte de se reafirmar, de ter sua identidade de mulher confirmada.

No casamento estamos procurando preencher o não preenchido em nós mesmos – procurando encontrar nossa outra metade, a outra parte do nosso ser. Muito abaixo do nível do consciente, a mulher sente necessidade daquilo que não possui.

O amor e a atração entre os sexos se origina da inveja inconsciente do que a outra pessoa possui e do desejo de consegui-lo. “Se eu o não possuo”, a pessoa sente, “O encontrarei em outrem. Ele providenciará o que me falta.” A inveja então é transformada em necessidade, a necessidade em desejo, o desejo em afeição e a afeição em amor.

É um traço infeliz de muitas mulheres, que estão despercebidas desta

inveja que têm do homem, profundamente arraigada, e procurar inconscientemente possui-lo e derrotá-lo. Totalmente inconsciente do que está fazendo, a mulher tanto ama o homem como pessoa como o odeia como homem. Ela quer as qualidades que ele possui como homem, mas odeia o fato de não as ter em si mesma. De maneiras sutis, então, ela poderá procurar confrontá-lo, confundi-lo e derrotá-lo, tudo em nome do amor.

Certa mulher demasiadamente agressiva casou-se com um homem passivo e intelectual, e tornou-se ridícula e ofensiva por sua maneira desafiadora e dominante. Quando perguntas eram dirigidas a ele, ela respondia em seu lugar, enquanto, ele, pacientemente, fumava seu cachimbo e esperava que ela terminasse. Ela o corrigia e criticava publicamente, e parecia totalmente esquecida da incongruência do papel excessivamente dominador que fazia.

Outra mulher assim também, casada com um homem passivo, frequentou sessões de grupo por quatro anos, e censurava seu marido por causa da passividade dele. Ela o interrompia constantemente e exigia que ele adotasse melhor o seu papel masculino, mas, quando ele tentava fazê-lo, ela tomava a palavra e o culpava. Eventualmente coloquei-os em grupos diferentes, onde ele se sentia menos desafiado e podia expressar-se. Ele era tão culpado quanto ela. Eles eram incapazes de encontrar seus papéis adequados, pois nem um dos dois possuía identidade forte de homem ou mulher. Depois de mais de quatro anos, a transformação aconteceu, mais ou menos simultaneamente. Na medida em que ela abandonava sua hostilidade e atitude exigente, ele se tornava capaz de manifestar mais dos traços masculinos. O relacionamento acabou em um casamento belo e feliz.

Diante da ideia de gastar quatro anos, ou mesmo que seja apenas um ano, trabalhando para conseguir um casamento satisfatório, faz com que algumas pessoas se sintam desencorajadas. O que elas procuram é uma resposta imediata e fácil para uma situação difícil.

Durante os primeiros cinco ou seis anos de vida, quando a base da personalidade é formada, milhares de incidentes e emoções são registrados e arquivados. Mais de noventa e nove por cento de tudo que transpira nestes primeiros anos é enterrado na mente inconsciente; mas todos esses sentimentos e reações estão afetando cada um de nós a cada momento de nossas vidas. A maneira de reagirmos a uma dada situação aos trinta ou quarenta anos, foi grandemente determinada nos primeiros cinco anos de vida. A hereditariedade, sobre a qual o ambiente exerce influência, predestina nossas reações básicas e tons sentimentais. Podemos modificar, mudar, corrigir, alterar essas reações por meio de um esforço consciente, mas o efeito do que nos aconteceu nos primeiros anos de vida nunca poderá ser totalmente erradicado.

Entretanto, não somos vítimas indefesas dos genes, hormônios e ambiente. Uma consciência iluminada, mais a perspicácia, a determinação e a graça de Deus, podem alterar nossos destinos. Um programa de impacto pode ser requerido por alguns, um esforço decidido de mudar suas reações para com a vida. Essencialmente não podemos mudar a ninguém, a não ser a nós mesmos, mas, quando mudamos, os outros tendem a se mudar em relação a nós.

Em geral, as mulheres são muito mais idealistas do que os homens. São mais responsivas, mais realistas e mais resolutas, em regra geral, quando se trata de conseguir um bom casamento. Desde que suas estruturas emocionais são mais fluidas e suscetíveis de mudança, a mulher geralmente assume a responsabilidade maior de conseguir um casamento melhor. E porque o casamento e o lar são uma extensão da personalidade da mulher, ela tem mais a perder. Isto não exclui a responsabilidade do marido neste sentido, mas os homens são ensinados, desde a infância, a suprimir suas emoções. Por isso são, geralmente, mais hesitantes em adotar um curso de ação que poderá envolver um conselheiro matrimonial, um grupo de terapia, um esforço para aprender a arte da comunicação.

Um marido, novo no grupo, disse que sua mulher insistira que ele consultasse um psiquiatra. “Eu fui lá fielmente por um ano”, ele relatou. “Em cada sessão eu dava a ele um trabalho ‘danado’. Eu era muito resistente interiormente. Então fomos a um grupo de terapia, por insistência de minha esposa. Assistimos a este, também sem ganhar muita coisa. Finalmente ela sugeriu este grupo **Yokefellow**. Eu vim com o mesmo preconceito mental que havia tido para com o psiquiatra e o grupo de terapia.

“Entretanto”, ele continuou, “estou começando a ver a luz. Vejo onde falhei como marido e como pessoa, devido a condicionamento da infância. Estou fazendo algum progresso agora, quer minha esposa concorde ou não; e vou até o fim.”

Neste exemplo a esposa havia tomado a iniciativa nas três situações. As duas primeiras haviam produzido resultados negativos. Ainda assim ela estava resolvida a trabalhar no casamento, e finalmente estavam vendo os resultados.

A maioria das mulheres tem menos medo de seus sentimentos do que os homens. Henry e Alice são uma ilustração deste fato. Haviam-se casado recentemente, e tensões e pressões começavam a aparecer. Ele era calmo, passivo e retraído. Ela era expansiva. Eles pertenciam a grupos diferentes, a pedido deles mesmos. Henry disse, certa noite, ao seu grupo:

– Alguma coisa deve ser feita pelas mulheres. Minha esposa me perturba sempre, e só para conseguir uma reação de minha parte. Acho que ela não se preocupa muito com o tipo de reação que vai conseguir, mas o que ela realmente

quer é que eu reaja. Outro dia, ela me pressionou tanto, que finalmente gritei com ela e disse-lhe que me deixasse em paz. Ela riu, como se eu lhe tivesse dado um buquê de flores, e disse:

– Geralmente não consigo a manifestação de nenhum sentimento de sua parte. Prefiro que você grite comigo do que fique aí sentado.

Algumas das mulheres no grupo o esclareceram. Uma disse:

– A mulher gosta de ser amada, e quer que seus sentimentos sejam validados. Se ela não conseguir uma resposta positiva, se contentará com uma negativa, desde que ela não seja totalmente ignorada. Sua mulher quer que você a faça sentir-se necessária, feminina, quer estar cônica dos seus sentimentos, e quando você fica lá sentado como um monte de protoplasma, ela se sente rejeitada. Ela continuará pressionando até satisfazer as necessidades emocionais dela.

Henry disse:

– Está bem. Estou disposto a aprender, mas não vai ser fácil. Tenho medo de meus sentimentos, especialmente dos sentimentos de hostilidade e de ternura. Mas já estou começando a reconhecer meus sentimentos, pela primeira vez, e até certo ponto eu os aceito. Talvez eu consiga, com o tempo, preencher as necessidades emocionais dela. Se isto faz parte do casamento, acho bom entrar na onda e adquirir alguma prática.

Henry e Alice começaram a trabalhar no seu casamento cedo, e, por consequência, começaram a resolver alguns de seus problemas no primeiro ano.

Entre outras coisas, eles descobriram que um bom casamento não é feito de encomenda, só porque duas pessoas estão apaixonadas. A descoberta de que o casamento precisa ser trabalhado, se apresentou como um choque. Antes de seu primeiro aniversário de casamento, haviam alcançado um relacionamento melhor do que muitos casais conseguem nos primeiros dez ou vinte anos, isto porque eles começaram a trabalhar em seu casamento antes de ameaçar um desastre e antes de se formarem cicatrizes.

Certa mulher divorciada, agradável e inteligente, com três casamentos nas costas, juntou-se a um grupo, trazendo consigo um homem com quem pretendia se casar. Aconteceu que seus três maridos anteriores tinham todos sido alcoólatras. Quando ela se casou com ele, não havia evidência de alcoolismo, mas à medida que as tensões aumentavam, todos se tornavam bêbados problemáticos. Ela fez um dos inventários de personalidade com o grupo e ficou horrorizada ao descobrir que marcou noventa e um pontos em dominação. Marcou também muito em agressão. Externamente feminina, ela não tinha consciência destes traços dentro de si. Então começou a descobrir por que havia se casado com três homens que haviam se tornado alcoólatras. Os beberões

problemáticos são todos virtualmente indivíduos passivos e dependentes. Alguns, que têm a capacidade de ser hostis, podem ser chamados de indivíduos passivo-agressivos. Por causa da necessidade inata dela de controlar, ela havia escolhido, inconscientemente, homens passivos; eles, sendo passivos e dependentes, haviam procurado, inconscientemente, nela, a força que faltava em si mesmos. Conscientemente, ela queria um marido forte e gentil. Inconscientemente, ela procurava um que fosse fraco o suficiente para que ela pudesse controlá-lo, e, conseqüentemente, cada casamento terminava em desastre.

Constância havia experimentado vinte anos de perturbação conjugal antes de procurar o divórcio. Em sessões de aconselhamento, descobri que estava lidando com duas mulheres, em certo sentido, e não com uma só. A princípio ela apresentou uma personalidade calma, passiva e de mártir. Por vários meses ela manifestou essa personalidade, tempo este em que esteve separada do marido. Quando seu marido voltou, recomeçaram tudo de novo, a personalidade passiva e gentil dela começou a desaparecer, e em seu lugar comecei a descobrir uma personalidade forte, intratável, dura e dominadora.

Ela preferia ser a pessoa número um quando não estava com o marido. Mas quando estavam juntos, e por ele ser hostil e agressivo, ela sentia necessidade inconsciente de convocar outro aspecto de sua personalidade, a fim de manter sua identidade. Ela estava numa armadilha. Ele havia se casado com ela pelas qualidades que eu havia visto primeiro, mas a natureza hostil dele trouxera à luz um aspecto da natureza dela que ele não podia suportar. O casamento finalmente terminou em divórcio. Ambos haviam procurado ajuda de várias maneiras e haviam trabalhado diligentemente para conseguir um casamento funcional. Os dois simplesmente não podiam viver sob o mesmo teto. Se um ou o outro será, por acaso, capaz de ter um casamento satisfatório com outra pessoa qualquer, ninguém pode dizer.

Não se pode enfatizar demais que as mulheres precisam da validação e aceitação dos seus sentimentos. Não procuram primeiramente tanto soluções, mas, sim, compreensão. Mais tarde, talvez, haverá oportunidade para procurar soluções, mas quando a mulher fica perturbada, tudo o que deseja é ser ouvida. Se o marido a ouve com um olho na televisão, ou no jornal, ou com um olhar distraído, não será o bastante. Em nossa civilização o amor está tão exclusivamente identificado com o romance e com o sexo que temos a tendência de esquecer o significado mais profundo da palavra.

Amor em seu sentido mais profundo devia envolver a esposa a ser ponderada o suficiente para não começar a descarregar suas frustrações em cima do marido no instante em que ele entra em casa. Certo marido disse:

– Ao voltar à noite para casa, tudo o que quero fazer na primeira meia hora é me recuperar. Quando minha mulher me encontra na porta com estórias de que nossos filhos fizeram, e espera que eu ouça todas as dificuldades que ela passou durante o dia, é simplesmente mais do que posso suportar. Não só não tenho interesse, mas me torno hostil. Gastei toda a minha energia no trabalho, para então enfrentar a luta com o trânsito na volta. Ser encontrado com um novo punhado de problemas no instante que chego em casa faz com que eu queira ficar mais tempo no escritório, só para adiar a tensão de ter que ouvir os problemas dela.

A necessidade da mulher de um relacionamento íntimo é tão grande que, se ela não puder consegui-lo de uma maneira, instintivamente tentará outra. Se o seu esforço para a comunicação for frustrado pelo silêncio do marido, ela terá toda espécie de alternativas à sua disposição: poderá se irritar por causa de ninharias, ou tornar-se acusadora ou ficar deprimida. Numa tentativa quase frenética de forçar algum tipo de comunicação, ela pressionará qualquer botão no seu painel de controle; se ele finalmente irrompe em raiva, ela sentirá que finalmente conseguiu um tipo de **resposta**. Algumas mulheres ficam doentes por causa do esforço inconsciente que fazem para chamar a atenção. Esta doença raramente é imaginária, ou uma forma de fugir ao dever, mas é um grito do organismo todo:

– Notem-me! Me deem alguma atenção! – Ocasionalmente, em alguns tipos de mulheres, isto tomará a forma de ter tendência a acidentes – que é outra invenção para atrair a atenção. Em nível totalmente inconsciente, a esposa está dizendo:

– Gostaria de amor de primeira classe. Se não posso tê-lo, ficarei contente com a atenção. Se eu falhar em conseguir sua atenção, obterei sua simpatia. Se isto falhar, eu o apanharei por onde dói – terei um acidente ou um sintoma físico.

E, algumas mulheres, aquelas que estão desesperadas por amor, dirão no seu íntimo, lá dentro de si mesmas:

– Se eu não puder merecer sua atenção, conseguirei a atenção de **algum outro homem**.

Então começa um caso, ou pelo menos um flerte, por causa da necessidade de provar a si mesma que não perdeu seu charme.

E porque o lar é o ninho dela, a negligência do marido para com a casa é tomada como uma rejeição dela, como pessoa. Uma torneira que vaza, ou um quarto que precisa de pintura, pode representar, para o homem, simplesmente um trabalho que precisa ser feito. E, se for feito hoje ou no próximo mês, não fará muita diferença. Para sua mulher, entretanto, negligenciar esse trabalho é uma

rejeição dela.

Em uma sessão de grupo este problema veio à tona. Um engenheiro, de mente prática, disse:

– Ora, é muito simples. Se a esposa quer coisas feitas, ela devia fazer uma lista e dar a cada coisa um número de prioridade. Nós temos um pequeno quadro-negro na cozinha, onde essas coisas são sempre escritas.

A esposa dele disse:

– Grande coisa! Você nunca consegue fazer a metade das coisas, qualquer que seja a prioridade que eu designe para elas.

Ele sorriu e ela instintivamente virou-se para ele e tomou a sua mão. Ela sorriu também, e o grupo percebeu que ela o havia aceito como era.

Um princípio básico está envolvido aqui. Em um casamento feliz, cada um tenta satisfazer a necessidade do outro; mas, como é raro ter todas as nossas necessidades satisfeitas completamente, em qualquer relacionamento, podemos aprender a aceitar este fato, levando-o na brincadeira.

Capítulo 4 - O Homem e Seus Problemas

*Ter que ser amável todos
os dias com o mesmo ser
humano acaba com os
nervos da gente.
(Disraeli)*

Certa caricatura mostra um marido amuado, lendo o jornal, e a esposa irritada, em pé, na frente dele. O marido diz:

– **Precisamos** tentar salvar nosso casamento enquanto leio a página dos esportes?

A reação dele mostra a reclamação mais comum das esposas: “Meu marido não conversa comigo. ”

Uma esposa inteligente disse:

– Meu marido chega em casa do trabalho, liga a televisão e fica vendo filmes até a hora do jantar. Durante a refeição ele parece que não ouve o que

digo. Não há resposta. Depois da janta ele lê a página dos esportes e em seguida vê a televisão até a hora de ir para a cama. Nunca vamos a lugar algum, a não ser que eu planeje e o force a ir. Sinto que estou na chefia da casa, das crianças, do orçamento e de todo o planejamento para o futuro. Ele traz o cheque de pagamento, me entrega e retira-se da vida.

Acontece que ela era uma esposa de temperamento invulgarmente calmo, não sendo reclamadora. Seu marido admitiu que ela não era resmungona. E ela não estava fugindo de uma esposa importuna; ele simplesmente era um indivíduo não comunicativo, virtualmente incapaz de entabular uma conversação.

Há outras situações familiares em que o marido foge do ataque verbal da esposa. Uma esposa desse tipo foi descrita como uma comissão de queixa de uma mulher só, sempre em reunião. As únicas alternativas de seu marido eram ouvir complacentemente, noite após noite, o que, para ele, era algo impossível; confrontá-la com o fato de ela estar fazendo papel de mártir; mudar de assunto, o que ele já havia tentado, mas sem resultado; dizer a ela firmemente que não estava disposto a vir para casa toda noite e encontrar uma torrente de reclamações; ou encontrar uma fuga. Sendo um indivíduo agradável e um tanto passivo, escolheu a última alternativa. Sua esposa, conseqüentemente, reclamava que seu marido nunca falava com ela.

Outra razão pela qual o homem torna-se silencioso é que depois de duas pessoas terem vivido juntas por alguns anos, elas já disseram tudo o que tinham a dizer. Isto é muito mais real da parte do marido do que da esposa. Os homens têm a tendência de lidar muito em termos de ideias, conceitos, fatos e opiniões. Depois de se terem esgotado estes assuntos, para alguns homens, há pouco a partilhar. As mulheres, por outro lado, estão muito mais em contato com seus sentimentos, mais interessadas nas pessoas e seus ambientes. Conseqüentemente, elas têm mais sobre o que falar.

Num restaurante, é muito fácil descobrir as pessoas casadas. Sem contar com o fator idade, as pessoas casadas são facilmente identificadas pelo simples fato de geralmente haver pouca conversação entre elas. E a que existe, geralmente é sem propósito. Os noivos, ao verificar tal fato, enquanto conversam com vivacidade, geralmente juram que seu casamento nunca se tornará tão monótono e desinteressante.

Certo marido disse:

- Minha esposa às vezes me acorda e diz: “Fale comigo! ”
- Falar com você? Sobre o quê?
- Qualquer coisa. Simplesmente fale comigo.
- Mas eu não tenho nada para dizer.

– O que você está sentindo?

– Sentindo? Sinto-me cansado, com sono, um pouco hostil porque você não me deixa em paz.

– Ótimo. Isto é sentimento. Conte-me mais. O que você está realmente sentindo?

Eventualmente, ele disse que se deixou vencer pela insistência dela e admitiu que estava sentindo considerável ansiedade pela possibilidade de perder o emprego. Ela ficou grata por ele ter-lhe dito isto e de assim ter podido participar da vida dele. Um ou dois dias mais tarde, ela continuou pressionando para saber o que ele sentia. Finalmente, sentindo um pouco de irritação pela insistência dela, ele admitiu que tinha medo das pessoas. Eles conversaram sobre isso por uma hora.

– O que é que – ele perguntou – faz com que as mulheres se intrometam nos segredos mais íntimos da gente? O que é que elas querem?

– Elas querem conhecer seus maridos – eu disse.

– Sua mulher sentia que não o conhecia de verdade. Você lhe dizia só o que você queria que ela soubesse e guardava seus medos e ansiedades para si mesmo.

Ela percebeu isto e quis que você partilhasse com ela o que se passava com a sua pessoa.

– Eu não queria incomodá-la com minhas ansiedades pessoais – ele replicou.

– Você quer dizer que não queria que ela descobrisse o quanto você estava apavorado?

– Sim, acho que é isso. Eu precisava conservar a imagem do homem forte, silencioso e competente. Acho que sentia que me tornaria vulnerável se revelasse minhas fraquezas a ela.

– Qual foi a reação dela quando você lhe contou seu apavoramento?

– Ela gostou.

Durante o namoro e os primeiros anos de casados, há muito sobre o que falar. Ambos os parceiros pensam que esta situação continuará. Estão aprendendo a se ajustar um ao outro e trocam ideias sobre quase tudo. Entretanto, com o tempo, e a maioria dos assuntos esgotados, todos os aspectos de suas vidas explorados, fica pouca coisa sobre o que conversar, a menos que desenvolvam interesses mútuos ou partilhem no nível do sentimento.

Certa esposa disse:

– Meu marido me dá conselhos, resmunga ou me dá respostas monossilábicas e eu nunca sei o que ele sente de verdade. Eu preferiria que ele ficasse com raiva de mim ou me batesse – qualquer coisa menos fleugmática,

parada e sem vida. Ele não parece um ser real, porque nunca mostra qualquer emoção.

Esta observação aponta uma das principais diferenças entre os sexos. As mulheres percebem uma pessoa ou coisa pelo sentimento e pela sua identificação com ela. Os homens fazem uma abordagem mais prosaica, analisando as pessoas, coisas ou circunstâncias.

Algumas mulheres, dotadas de alto grau de tolerância e compreensão, contemplam seus maridos taciturnos com afeição divertida. Outras sentem-se frustradas e hostis. Sentem-se logradas em seu casamento, o qual haviam imaginado como uma união bem-aventurada, que duraria mais de meio século. Todas as esposas que possuem maridos assim prefeririam ter mais comunicação.

Certo marido, depois de aguentar vinte anos ao que chamou de “uma guerra de minúcias”, todas as noites ao entrar em casa, finalmente disse:

– Olha, querida, quando eu volto para casa, estou cansado e, na verdade, não poderia estar interessado em nada mais a não ser numa catástrofe mundial. Se você me der meia hora para eu me recuperar, a ouvirei. Neste instante estou fulminado. Eu não quero ter que demonstrar interesse em seu dia, o que venho fazendo por vinte anos. Eu quero ouvi-la com interesse genuíno e posso fazê-lo se tiver só trinta minutos de paz não interrompida.

Ela disse:

– Você quer dizer que aguentou toda a minha conversa durante vinte anos? Por que não me disse antes? Não sei se você foi educado e atencioso demais, ou bobo demais, para não expressar suas necessidades. Se você precisa de meia ou de uma hora para se recuperar, a fim de fazer o papel de marido e pai – ótimo! Estou completamente de acordo. Fico contente por você ter dito isto.

Ela o beijou e ele sorriu encabulado. Então ele disse:

– Eu só não queria ferir seus sentimentos.

Ela voltou à preparação do jantar.

– Esses homens! – Murmurou ela.

O problema se torna um pouco mais complexo quando o marido simplesmente não pode se comunicar. Os homens muitas vezes são incapazes de se expressar tão bem quanto as mulheres, e às vezes com isto sentem-se derrotados. Em nossa civilização, os homens aprendem, quando meninos, a suprimir seus sentimentos. Um dos resultados é que o homem se torna, muitas vezes, incapaz de comunicar-se, particularmente se ele sentir que a conversa poderá envolver emoções. Ele, então, poderá retirar-se para dentro de si mesmo, como um meio de autoproteção, para evitar qualquer coisa que envolva os sentimentos.

O homem com o complexo de Don Juan apresenta um problema sério. O

verdadeiro Don Juan é sexualmente promíscuo, solteiro e incapaz de experimentar o verdadeiro amor. Entretanto, na situação que estamos considerando, ele frequentemente aparece casado. Como disse um certo homem: A pessoa precisa de uma base de operações. Um homem assim geralmente foi o filho único ou o favorito de sua mãe e considerado um “bebê lindo”. Quando adulto, ele geralmente tem um certo charme superficial, que usa para ganhar as mulheres. Sua busca constante de conquistas é um esforço para se reafirmar de que é amado, desejado e verdadeiramente masculino. Entretanto, ele é incapaz de amor verdadeiro. Em um nível profundo, ele está punindo sua mãe por ter partilhado seu amor com o pai, assim privando-o de sua atenção e amor totais. Ele, basicamente, está disposto a ganhar todas as mulheres desejáveis. Ele não é primariamente motivado por amor ou sexo, mas por uma necessidade contínua de conquistar. Ele só pode sentir-se seguro quando conquista uma mulher. O verdadeiro Don Juan é relativamente raro, e adquire uma reputação tal que qualquer mulher precavida fica de sobreaviso; mas a necessidade dele de conquistar e encantar é tão grande, que muitas mulheres deixam de lado todas as advertências e caem na sua armadilha.

A síndrome da meia-idade é um pouco menos fácil de entender ou detectar. É interessante que, para fins de definição, devemos colocar a meia-idade entre trinta e cinco aos sessenta e cinco anos, embora os quarenta sejam o período de maior perigo. Às vezes, o traço de Don Juanismo pode jazer em letargia e esperar a chegada da meia-idade para se manifestar. Para complicar ainda mais o quadro, há um punhado considerável de evidências que indicam que há pelo menos algum traço latente de promiscuidade em todas as pessoas. Isto pode ser atribuído, em parte, ao fato de que ninguém jamais pôde satisfazer completamente todas as suas variadas necessidades emocionais, espirituais, intelectuais e físicas.

Albert estava ainda em seus trinta anos, quando mostrou sinais de desvio de caráter. Ele amava sua esposa, mas sentia uma necessidade vaga e indefinível de ter relações com outras mulheres. Era quase uma compulsão. Às vezes o relacionamento não passava de uma conversa, mas outras, ia muito além. Sua esposa estava perturbada, e com razão. Ao conferenciar com eles, juntos e separados, procuramos resolver o problema. Albert disse que ele francamente não se sentia “ligado” pelo casamento, e que o mesmo simplesmente não lhe oferecia o suficiente para valer a pena.

Rebuscamos a infância dele. Ele havia tido uma sucessão de quatro ou cinco padrastos, e não havia conseguido relacionar-se bem com nenhum deles. A mãe dele trabalhava longas horas, e ele podia lembrar-se de períodos em que sentia solidão e isolamento intensos. Sentindo-se rejeitado pela mãe e sem uma

imagem paterna adequada com a qual se identificar, Albert já fazia demais, agindo tão normalmente como estava. Eventualmente, como resultado de aconselhamento intenso, ele conseguiu uma percepção espiritual, pela qual procurou saber e fazer a vontade completa de Deus. Ele observou, em um nível profundo de sentimento, que havia mais possibilidade de realização e felicidade ao procurar a vontade de Deus do que jamais poderia conseguir por si mesmo.

Entretanto, assim que Albert abandonou suas maneiras antigas, sua esposa perdeu o interesse em se reconciliar e pediu o divórcio. Ela havia sido capaz de suportar sua infidelidade sem muita dificuldade, mas se achava incapaz de aceitá-lo com seu novo conjunto de valores. Antes do divórcio se concretizar, ela começou a visitar com frequência um amigo de seu marido, que tinha precisamente o mesmo conjunto de valores morais que Albert tivera antes. Assim, ela revelou suas próprias tendências masoquistas. O relacionamento com o amigo de seu marido não durou muito, entretanto, ela continuou procurando, sem muito sucesso, reconciliar sua necessidade consciente de um marido fiel, e a necessidade inconsciente de experimentar rejeição por alguém.

A vítima típica da síndrome da meia-idade pode ser motivada, em parte, pela necessidade de reafirmar sua masculinidade, e, em parte, pelo reconhecimento de que perdeu sua juventude e teme a meia-idade, e também, em parte, por uma necessidade inconsciente de reviver um pouco de sua adolescência. Se esta vítima não foi rebelde na adolescência, um pouco de sua hostilidade para com a autoridade lhe imposta, não resolvida, agora apresenta-se sob a forma de rebeldia contra sua esposa-mãe.

Mesmo quando a intuição da mulher lhe diz (se suas amigas ainda não disseram) que certo homem não vale a pena o risco, a vaidade dela pode fazê-la sentir que é a única que pode entender e mudar esse homem elegante.

Uma mulher agradável e inteligente estava casada havia doze ou quinze anos com um homem com quem desfrutava um amor profundo. Eles declaravam o amor um pelo outro verbalmente e de outras maneiras. Era um relacionamento feliz e íntimo. Ele havia sido casado antes quatro vezes e cada casamento havia terminado em desastre. Pela primeira vez em sua vida, ele dizia, estava completa e supremamente satisfeito. Tinham interesses comuns, e não havia falta de comunicação. Tudo indicava que seu casamento perduraria. Um dia, entretanto, ele disse a ela que queria o divórcio. Havia encontrado uma pessoa por quem se apaixonara. Ela não havia suspeitado até aquele momento que ele havia sido infeliz ou houvera se encontrado com outra mulher. Quer o classifiquemos como um Don Juan, ou como um homem galanteador, permanece o fato de que ele representava um terrível risco. Seus quatro casamentos anteriores demonstravam sua dificuldade em formar e manter um relacionamento durável. Ele cada vez

havia sentido, é claro, que simplesmente não havia encontrado “a mulher certa”.

Há um “climatério masculino” que corresponde à menopausa das mulheres. Entretanto, este é grandemente, senão totalmente, emocional, e não fisiológico. A última metade da década dos trinta e a primeira dos quarenta constituem um período para os homens e para as mulheres. É durante esta “adolescência da meia-idade” que os homens e as mulheres começam a experimentar o que um homem chamou de “uma espécie de comichão incontido”. A preocupação do marido com seu trabalho pode fazer com que sua esposa se sinta não amada, e ela pode reagir com reclamações e exigências, que o levam ainda mais para seu trabalho. Em tal disposição de espírito, ele é mais suscetível do que de costume à amabilidade ou simpatia concedidas por uma mulher “compreensiva”.

Em 1850, a perspectiva média de vida era de quarenta anos para ambos os sexos. Em 1900, era de quarenta e oito para os homens e de cinquenta e um para as mulheres. Em 2014, a perspectiva de vida para os homens era de setenta e sete, e oitenta e um para as mulheres. Espera-se que em 2050 seja de cento e vinte anos. A velhice foi adiada. Nos dias atuais, a idade de quarenta (podendo haver uns anos a mais ou a menos) é o termo médio entre a infância e a velhice. Aos quarenta estamos abandonando algumas das esperanças e aspirações ilusórias da juventude; simultaneamente, começamos a nos indagar onde estão todas as ricas recompensas com que sonhamos na juventude. A vida tornou-se uma rotina. Descobrimos que a felicidade não é uma coisa permanente, mas consiste de momentos passageiros, com muito da vida um pouco do lado cinzento. Se alvos foram alcançados, eles não nos dão sempre a satisfação intensa que havíamos imaginado. Se não são alcançados, ficamos desapontados. Para a esposa, o casamento não a presenteou com a bem-aventurança sem fim que havia sonhado quando menina. Não é de se admirar, então, que os quarenta sejam anos críticos para muitos homens e mulheres.

Certo marido, no início dos quarenta, descreveu seus sentimentos quanto ao seu casamento. “Entro em casa cinco noites por semana, e vejo completa desordem ao meu redor. O lugar parece ter sido atingido por um ciclone. Na verdade, são só os nossos três filhos os causadores. Caminho por entre o lixo e escombros, e minha mulher me ataca com uma saraivada de trivialidades – o que os meninos fizeram, quão mal agiram, o que os meninos do vizinho fizeram com os nossos meninos; como ela esteve cansada e perturbada o dia inteiro; e dou conta de mim pensando nas mulheres jovens, calmas, eficientes e bem organizadas do meu departamento no escritório.”

“Eu sei”, ele prosseguiu, “que não é justo comparar aquelas coisinhas jovens e doces do escritório com minha esposa, ou comparar nosso escritório

eficientemente dirigido com uma casa com três moleques. Mas o contraste é, muitas vezes, grande demais para mim, particularmente quando sou recebido com uma dose muito grande de reclamações, quando o que realmente preciso é de um pouco de alívio para meu ego ferido. ”

Ele pensou por alguns instantes. “Para ser verdadeiramente honesto com você, há uma moça no escritório que cada vez me parece mais e mais atraente. Ela é doce e compreensiva. Ela nunca se exaspera, aconteça o que acontecer. É eficiente, bem organizada, e olha a vida com suave tolerância. Depois de estar ao lado dela o dia inteiro, acredite-me, minha esposa, desorganizada e reclamadora, não me parece nem a metade tão boa quanto quando me casei com ela. ”

Na semana seguinte, a esposa dele veio para uma entrevista. “Nossos três filhos chegaram ligeiro demais”, ela disse. “Acho que não estava preparada para tudo o que a maternidade significa. Às vezes sinto que estão tirando proveito de mim e abusando de mim. Por vários anos fiquei encarcerada com os pequenos, e quando meu marido chegava em casa eu queria um pouco de conversa adulta. Tudo que recebi foram resmungões. Acho que pressionei muito, tentando conseguir algum tipo de resposta dele. Talvez o que eu simplesmente tenha conseguido foi afastá-lo mais. Mas o que é que posso fazer?

“Agora as crianças estão mais velhas, mas na adolescência elas podem ser mais problemáticas ainda. Eu tenho que tomar a maior parte das decisões por mim mesma. Se peço alguma ajuda ao meu marido ele só diz: ‘Pra mim chega. Você resolva esses probleminhas. ’ Eu gostaria de ter um pouco de cooperação da parte dele para criar as crianças. Elas precisam tanto de um pai quanto de uma mãe. ”

No decorrer de nossas sessões de aconselhamento, conseguimos estabelecer uma base para a comunicação. Eles descobriram que era mais fácil discutirem algumas das questões dolorosas de seu relacionamento em minha presença do que em casa, onde ela frequentemente dissolvia-se em lágrimas, ou ele se retirava em silêncio hostil. Cada um tornou-se capaz de entender as necessidades do outro; um começou a se esforçar para preencher as necessidades do outro, em vez de exigir que suas próprias necessidades fossem satisfeitas.

Em um de nossos grupos, um marido contou uma experiência que exemplifica um problema peculiar aos homens. Ele estava consertando o assoalho do hall, ajoelhado sobre um pedaço de tapete que havia sobrado do quarto deles.

“Minha esposa viu o tapete onde eu estava ajoelhado e gritou comigo: ‘Não admito que você use esse pedaço do tapete novo. Eu quero aproveitá-lo. Você vai sujá-lo todo! ’ Eu levantei-me cego de raiva, e joguei o tapete para o outro lado da sala. Disse algo bastante hostil para ela, não me lembro o que, e

houve um silêncio na casa por dois ou três dias. Durante esse tempo, comecei a compreender que eu havia reagido exageradamente. Ela parecera exatamente igual à minha mãe e igual a algumas professoras da escola particular para meninos onde estudei. Por alguns instantes, ela havia sido a figura autoritária de mãe e professora hostil e estridente que eu conhecera quando criança. Acho que ela realmente saiu da linha também, mas a única pessoa que eu posso mudar é a mim mesmo. De modo que, quando continuei o trabalho, peguei o pedaço de tapete de novo, ajoelhei-me nele e terminei o serviço. Quando ela começou a dizer alguma coisa, eu simplesmente disse: ‘Olha, eu não vou estragar este pedaço de tapete. Se o fizer, haverá tempo de sobra para reclamar. Agora fique quieta e esqueça.’ Ao fazer isso, eu readquiri minha masculinidade e desisti de reagir como uma criancinha repreendida pela mãe.”

Há uma grande e perigosa falha em nossa maneira de educar, que se expressa na frase: “Ele é um menino tão **bonzinho**.” Com isto, os pais e parentes querem dizer que ele não causa problemas, é complacente e obediente. Ele aprende cedo na vida a reprimir sua hostilidade, pois só será amado se for “bonzinho”, isto é, quieto, não der problemas e não responder. Mas, ao forçá-lo a ser um “bom menino”, estamos lançando as raízes para a rebelião mais tarde, quando adulto, ou para uma neurose de algum tipo. Toda criança necessita do direito de expressar sua hostilidade sem ser punida por causa dela. A raiva é uma emoção dada por Deus, um fator de sobrevivência, e, a menos que seja permitido à pessoa exprimi-la de maneira apropriada na infância, ele emergirá de modos inadequados mais tarde na vida. A raiva reprimida pode irromper de centenas de maneiras – desde a criminalidade até a asma ou ao ataque cardíaco.

Um psicólogo eminente disse: “Não estou interessado em tentar fazer meus filhos ‘bons’. Quero que eles sejam felizes, e então agirão de maneiras adequadas. É sempre a criança infeliz e frustrada que arranja problemas.” Com isto, ele não quis dizer que satisfazia a todos os caprichos deles. Ele havia imposto limites, e os cumpria. As crianças são infelizes, se não lhes forem impostos limites, embora os testem sempre.

O homem a quem não foi permitido expressar sua raiva quando menino poderá exprimi-la na vida adulta, retirando-se em silêncio, com medo de sua ira violenta; ou poderá explodir em acessos de fúria sem sentido; ou a raiva reprimida pode simplesmente tomar a forma de alguma doença psicossomática: úlceras, asma, artrite, colite, neurodermatite, males cardíacos, ou uma centena de outras.

Muito se tem escrito, nos últimos anos, acerca da “efeminização” dos homens em nossa civilização. Em muitos casos, os homens esperam, inconscientemente, ser dominados por suas esposas, como foram por suas mães,

enquanto conscientemente, eles podem proclamar seu desejo de serem fortes e autoconfiantes. O homem passivo-agressivo, isto é, que é passivo e hostil ao mesmo tempo, pode precisar de que a esposa assuma o papel dominante, mas ressentir-se amargamente quando ela o faz. Charles era um homem assim. Ele era excessivamente passivo e sentia-se vulnerável em dois pontos: sua capacidade de ganhar a vida e de funcionar sexualmente. Ele não podia assumir a liderança do lar, mas quando sua esposa dava orientação aos filhos, a única contribuição dele era desfazer as instruções dela. Ele advogava permissividade total, principalmente porque via em sua esposa a mãe dominadora. Em certo sentido, ele se tornara um dos filhos e rebelava-se contra a mãe. Tivemos entrevistas, nas quais ficou entendido que ele e a esposa tentariam concordar quanto às normas para as crianças, e que nem um dos dois desfaria as ordens do outro. Ele era incapaz de ceder, porque, inconscientemente, se identificava com as crianças em tudo. Ele havia sido tão anulado pelo condicionamento de sua infância, que se sentia, no íntimo, mais como uma criança do que como um homem. Incapaz de suportar uma situação em que se sentia grandemente como uma criança, duvidando de sua própria masculinidade, ele finalmente escolheu por fim ao casamento.

Uma mãe dominadora e controladora tende a produzir filhos passivos e filhas dominadoras. Os filhos passivos, por sua vez, têm a tendência de se casarem com esposas dominadoras, enquanto as filhas agressivas geralmente se casam com homens passivos, desta maneira perpetuando este círculo vicioso.

Há homens que têm grande dificuldade em se decidir a casar. Clifford estava nos seus quarenta e havia namorado uma mulher com quase a mesma idade por cinco anos. Nas sessões de aconselhamento, ele procurou resolver seus sentimentos ambivalentes para com sua mãe. Ele estava quase certo de ter “cortado o cordão umbilical”, mas eu podia ver muitas evidências de um laço emocional profundo. Ele interpretava sua hostilidade para com a mãe com evidência de sua emancipação. O fato de que ele queria se casar, mas era incapaz de chegar a uma decisão definitiva, convenceu-me de que ele estava profundamente ligado à sua mãe. Foi preciso dois anos de aconselhamento com ele e com a mulher com quem namorava (cujas hostilidade para com o pai dava-lhe problema similar) antes que a situação fosse resolvida. Eventualmente eles concordaram em marcar uma data para o casamento.

Foi um casamento simples, só para a família e alguns amigos íntimos. Quando a mãe do noivo apareceu, pude ver por que ele levava tanto tempo para cortar o cordão umbilical. Ela entrou cambaleante, murmurando sons ansiosos para ninguém em particular, e então viu a noiva. A face dela anuviou-se e ela disse petulantemente: “Oh! Você mudou, não é?! Bem, espero que tudo dê certo.

” Deu um suspiro de mártir, que parecia dizer: “Filho, depois de tudo que fiz por você agora você me trai. ” Depois do casamento, ela conseguiu ignorar a noiva, enquanto dava voltas e interferia virtualmente em tudo. Sob tais circunstâncias, senti que o noivo havia feito muito, ao ser capaz de sacudir as algemas, mesmo que isto se tenha dado só aos seus quarenta anos. O casamento foi feliz a despeito da relutância da mãe dele neste sentido.

A mulher é vulnerável no sentido de ser capaz de encontrar um marido adequado, formar um lar e ter sucesso em criar e educar os filhos. O homem é vulnerável nos pontos que envolvem a procura de um emprego, o sucesso em ganhar a vida e o cumprimento de seu papel sexual como pai e marido. Como o homem nunca deve criticar a mulher nos pontos em que ela é mais vulnerável, ele também não devia ser criticado em seus pontos vulneráveis. As comparações são detestáveis! Mulher alguma poderia ter outra reação senão a de ressentimento, se alguém comparasse sua maneira de cozinha com a da mãe do marido. Qualquer homem reagiria com hostilidade se sua capacidade de ganhar a vida fosse comparada com a de seu sogro ou com a do vizinho da esquina. De fato, a crítica em qualquer situação, é o meio de comunicação mais pobre e mais destrutivo.

A arte da comunicação é muito mais complicada do que aprender a dirigir um automóvel, a datilografar, e, mesmo assim, esperamos que os jovens, em sua adolescência ou início dos vinte, sejam capazes de realizar um casamento feliz, e de saber comunicar-se, sem a menor preparação. A personalidade humana é muito mais complexa do que um computador eletrônico, e, mesmo assim, não colocaríamos uma pessoa totalmente inexperiente numa sala cheia de computadores, sugerindo-lhe que aprenda a operar com sucesso um só computador por meio de tentativas e erros! A sociedade fracassou miseravelmente em nos preparar para o casamento.

A grande maioria das esposas tende a ser mãe de seus maridos até certo ponto. Freud era de opinião que isto é ingrediente provavelmente necessário em qualquer casamento bem-sucedido, como já o salientamos. Isto pode ser verdadeiro, em parte, por causa do instinto materno das mulheres, mas também pode ser atribuído ao fato de que em nossa civilização os homens o exigem, geralmente sem o saberem. A maioria dos homens cresce em lares onde a mãe geralmente foi o fator de controle, e, em nossa sociedade cada vez mais matriarcal, isso torna-se mais pronunciado.

Há ainda um terceiro fator que sempre é deixado de lado. As mulheres têm uma necessidade forte e inata de agradar a seus maridos. Altruísmo é muito pouco para descrevê-lo. Se uma mulher se sente amada e segura e se ela é razoavelmente madura, sentirá dentro de si mesma um desejo forte de agradar,

servir e ser mãe para seu marido. Um homem excessivamente passivo pode precisar de grandes quantidades disto e aceitar como se lhe fosse devido. Um homem imaturo pode tornar-se insaciável em sua necessidade do amor deste tipo. O homem agressivo, por outro lado, fortemente independente, poderá reagir, com um pouco de desconfiança, à necessidade de sua mulher de agradar. Com alguma precaução, ele poderá permitir que ela o sirva; mas se ela ligar e desligar a sua bondade e for imprevisível, ele se retirará e recusará deixar que ela expresse seu amor deste modo. O espírito do homem altamente auto assertivo e independente geralmente nasce do sentimento de ser dono de si mesmo e ter que encarar a vida sem ajuda. Ele poderá desconfiar levemente dos motivos de alguém que procura expressar ternura.

Um homem assim relatou que sua mulher muitas vezes lhe trazia algo para beber quando ele estava trabalhando no jardim em dia quente. Tornou-se um costume regular. Numa tarde quente de sábado, quando ele estava cortando a grama e sua esposa lendo à sombra, ele perguntou a ela se podia trazer-lhe algo para beber. Ela respondeu: “Estou bem na metade disto. Vá você mesmo buscar.”

Depois disto, ele disse, quando ela se oferecia para trazer-lhe algo para beber, por mais que o quisesse, ele recusava. “Eu sei que é atitude infantil”, ele disse, “mas acho que sou muito sensível à rejeição. Eu sofri rejeição demais quando criança e para mim chega. Toda vez que sinto rejeição, minha independência total, sem limites, emerge e eu recuso ajuda ou amor ou qualquer outra coisa das pessoas – seja quem for.”

É surpreendente para muitas mulheres que os homens possam ser tão sensíveis. Porque são geralmente, de maior estatura, fisicamente mais fortes e parecem ser mais destemidos, as mulheres imaginam que os homens deviam ser menos sensíveis. É provável que os homens sejam igualmente sensíveis como as mulheres, com duas variantes: eles tendem a ocultar melhor suas feridas e são frequentemente feridos por coisas que não perturbariam muitas mulheres.

A guerra entre os sexos tem prosseguido por milhares de anos. Encontramos evidência dela, por exemplo, na hostilidade finamente velada de muitas piadas e caricaturas, que emergem numa corrente constante de alguma fonte desconhecida. Embora a autoria das piadas seja geralmente desconhecida, pode-se ficar razoavelmente certo de que os autores são os homens. Por exemplo, aqui estão três observações típicas, ou piadas que levam a marca inegável da mente masculina. Há três palavras que a mulher gosta de ouvir. Ela nunca se cansa de as ouvir do marido. São: “Eu estava errado.” Outra: “Por trás de todo homem bem-sucedido sempre existe uma sogra surpresa.” A terceira refere-se a uma líder feminista de uma era passada, cuja assistente principal

reclamava de uma severa dor de cabeça. A líder feminista disse: “Queridinha, vá para casa orar. Conte tudo a Deus. ‘Ele’ entenderá! ” Tais piadas fornecem uma válvula de escape para a hostilidade subjacente entre os sexos.

Assim como muitas mulheres duvidam de sua feminilidade, há inúmeros homens que possuem dúvidas graves quanto à sua masculinidade. Sem estar conscientemente ciente do que significa alcançar a identidade masculina, o homem pode duvidar de si mesmo. Ele se pergunta se é “homem de fato”, seja consciente ou inconsciente. Suas dúvidas podem manifestar-se de maneiras variadas. Se ele for tímido e retraído, tentará retrair-se ainda mais, a fim de evitar a dor de ser notado. Ele pode ter o sonho secreto de conseguir alguma coisa significativa pela qual um mundo espantado o cobrirá de louvores, mas em seu coração ele sabe que é uma possibilidade remota.

Se ele for mais agressivo, poderá compensar este tipo de comportamento exageradamente por seus sentimentos de inferioridade, usando palavras de juramento, falando alto e agressivamente ou gabando-se. Ele pode tornar-se um falador compulsivo, exigindo atenção completa. Em pessoas mais bem-dotadas, a compensação pode tomar a forma de um impulso de realização. Alfred Adler acreditava que o sentimento de inferioridade é o impulso mais forte que existe, que “a força de vontade” é a base de todo empreendimento significativo.

Um marido, bastante imaturo emocionalmente, manifestou seu extremo senso de inferioridade masculina ao exigir obediência em casa. Ele ia bem no emprego onde seu temperamento irascível era conservado sob controle, mas em casa desprezava todas as opiniões, exceto as suas. Ninguém ousava discordar dele. Seus filhos eram violentamente repreendidos e punidos pela mínima infração de suas regras. Ele tiranizava a família inteira.

Quando sua esposa ameaçou pedir divórcio e anunciou que tinha ido procurar um advogado, ele pareceu ferido e surpreso por ela ter feito tal coisa. Ele concordou em impor mais restrições a si mesmo se tão-somente ela desistisse de sua ideia estúpida de procurar divórcio; e por cerca de três meses ele agiu como uma pessoa razoavelmente madura. Então voltou ao seu modo antigo e seus acessos de fúria se tornaram mais violentos. Eventualmente, ele concordou, sob constrangimento, fazer terapia de grupo, mas desistiu depois de umas poucas sessões. A ameaça de encarar a si mesmo provou ser grande demais.

Esta ilustração realça outro atributo masculino. Os homens são muito mais relutantes em procurar ajuda para um casamento periclitante do que as mulheres. Em sete, dentre oito exemplos, a esposa procura ajuda primeiro ou a propõe. O ego masculino é geralmente ameaçado pela perspectiva de ventilar os problemas domésticos com um conselheiro matrimonial ou psiquiatra. Só

consigo lembrar-me de dois exemplos, dentre centenas, em que o marido procurou ajuda primeiro. Em um caso, a mulher já tinha se decidido a terminar o casamento. O outro caso envolvia um homem passivo, casado com uma mulher fortemente dominadora. Quando eventualmente conseguimos trazê-la para uma discussão, ela provou ser hostil e não cooperadora. Em todos os exemplos, por um período de mais de quarenta anos, a esposa procurou ajuda primeiro.

O homem leva o carro ao mecânico, vai ao dentista, chama um técnico competente para consertar seu aparelho de televisão, mas quando sua esposa sugere que eles consultem um conselheiro acerca de um problema conjugal, a resposta típica é – “Não! Somos adultos; vamos solucionar isto nós mesmos. O que poderá um desses ‘médicos de cuca’ nos dizer que ainda não sabemos?”

A personalidade humana é, a grosso modo, centenas de milhares de vezes mais complexa do que um aparelho de televisão, e o relacionamento no casamento é muito mais complexo do que qualquer outro. É uma resposta totalmente sem fundamento, cheia de medo da parte do marido, que faz com que ele rejeite ajuda profissional. Nesta, como em certas outras esferas, a mulher é muito mais realista.

Os homens tendem a ser mentalmente orientados para soluções, exceto quando se trata do casamento. Quando a esposa fica perturbada emocionalmente, a mente masculina automaticamente procura uma solução. Em um esforço para fazer parar as lágrimas dela, ele poderá proferir soluções banais e inaceitáveis como – “Não se preocupe demais, querida, não é tão ruim assim.” Isto, é claro, é uma rejeição dela e dos seus sentimentos.

Ou ele poderá tentar fazê-la parar de chorar porque ela o deixa nervoso ou perturbado. Ninguém, é claro, disse a ele como agir nesta situação e todas as suas respostas automáticas provavelmente serão erradas. Se ele pudesse aprender a validar os sentimentos dela, poderia fazer bem mais para resolver o problema. Validar as emoções dela exige uma resposta como: “Diga-me tudo, querida. O que aconteceu?”

Então, depois de ouvir a estória dela (quer ela esteja em prantos ou fura de raiva), ele poderia validar seus sentimentos ainda mais, dizendo: “Sim, em tais circunstâncias, se estivesse em seu lugar, sentiria da mesma maneira.” Neste ponto, ela não quer solução alguma, mas compreensão e apoio emocional.

É normal e instintivo da parte da mulher tentar mudar o marido. Cada um de nós gostaria de mudar seu ambiente e as pessoas que o ocupam, para que a vida seja mais agradável. Se conseguirmos que os outros se conformem com nossas ideias, tornaremos a vida mais suportável para nós mesmos. As mulheres têm um pouco mais de tendência nesta direção, devido ao papel instintivo de mãe, que faz com que elas controlem e alimentem seus filhos. Algumas

mulheres são culpadas de manipulação inconsciente. Uma esposa altamente manipuladora, que teria ficado muito indignada se tivesse sido acusada de procurar controlar seu marido, costumava dizer, docemente e com profunda sinceridade quando sua manipulação estivesse sendo questionada: “Bom, está certo, não é? ” Se fosse certo, como ela via a coisa, então devia ser certo fazer todos os outros se conformarem! E ela não percebeu nem um pouquinho que estava sendo manipuladora.

Os maridos, ao serem manipulados, reagem de maneiras diferentes. Alguns sabem que estão sendo silenciosamente manipulados e concordam indulgentemente a maior parte do tempo, reagindo somente quando há algum assunto em jogo que seja digno de luta. Um homem completamente passivo acederá, sem sentir qualquer diferença da manipulação de sua mãe, que o tornou passivo.

Um marido agressivo pode aceder à manipulação, inconscientemente acumulando material para sua próxima explosão. Sua esposa então se espanta de sua reação excessiva em um evento relativamente insignificante. Muito frequentemente o marido responderá com o silêncio. Incapaz ou sem vontade de fazer algo grande de coisa tão pequena como ser manipulado, ele simplesmente se retira em seu próprio silêncio meditativo e deixa sua esposa de fora. Ainda outra resposta, inteiramente inconsciente, é a doença. Virtualmente, todas as doenças, na opinião das autoridades no campo da medicina psicossomática, têm relação com nossas emoções. A doença ou operação de hoje pode estar relacionada com a acumulação de hostilidade inconsciente de alguns anos atrás. O indivíduo, quando seu organismo chega ao ponto de saturação, simplesmente responde com um sintoma físico. O organismo está dizendo: “Já chega! ” Quer seja asma, ataque cardíaco, úlcera, uma conseqüente operação, ou qualquer outra doença. A acumulação de tensão e ansiedade no trabalho e em casa; a autocondenação por não ser homem o suficiente para enfrentar a própria esposa; o sentimento de culpa e fracasso, comum a toda a humanidade em certo grau, tudo isto leva seu ônus e pode manifestar-se de centenas de maneiras diferentes – física, emocionalmente ou em termos de ter tendências e acidentes.

Parecia virtualmente não haver base para a comunicação entre Jerry e Helena. Ele era um homem agradável, porém sem ânimo aos quarenta anos. Ele odiava sua passividade e quando Helena o pressionava, ele tinha a tendência de irromper em explosão violenta de cólera. Em um grupo que assistiam, eles sempre tinham a tendência de recorrer a acusações mútuas e contra-ataques. Não se conseguia levar nenhum dos dois a encarar os seus próprios problemas. Ele queria libertar-se de seu relacionamento hostil, mas não conseguiu força suficiente para desfazer o lar, por causa das crianças. Ela estava cansada do

relacionamento, mas continuava esperando que ele mudasse. Era um impasse, e nenhum dos dois queria mudar.

A situação foi resolvida temporariamente quando ele foi para o hospital devido a um ataque cardíaco. Por um pouco de tempo as coisas melhoraram, enquanto a família ajuntava-se e dava-lhe a atenção requerida por sua condição. Logo que se recuperou e voltou para o emprego, o velho padrão tornou a ser seguido e as relações outras vezes foram forçadas ao ponto máximo. Alguns meses mais tarde ele teve um outro ataque cardíaco e morreu. Não há, é claro, maneira possível de determinar um relacionamento positivo entre as condições intoleráveis em casa e o ataque cardíaco dele, mas está se tornando bem claro que o “stress” toma parte, virtualmente, em toda doença. O organismo de Jerry simplesmente tomou o que para ele era o único jeito para sair de uma situação impossível.

Ninguém jamais recebe amor suficiente. Todos, sem exceção, precisam de amor em grandes quantidades. A psique humana foi planejada por Deus para funcionar melhor quando a pessoa se sente amada. Ouça o rádio: virtualmente todas as canções de relacionam com o amor. No drama, na ópera, na ficção, os grandes temas estão envolvidos com o amor de alguma forma. Estamos preocupados com o amor simplesmente porque é tão vital ao nosso bem-estar.

Todos nós estamos procurando amor. Queremos que alguém nos ame – nos ame incondicionalmente. Uma jovem, com mais de 45 quilos de excesso de peso, disse tristemente: “Eu queria tanto que as pessoas me amassem assim como sou.” Alguém no grupo disse: “Querida, você tem muito aí para ser amada – e talvez sejam 45 quilos demais para o comum dos homens.” Ela ficou ofendida. Ainda assim nós todos queremos a mesma coisa – ser amados como somos, com falhas e tudo. Mas nunca podemos receber amor incondicional o tempo todo. A sociedade nos impõe certo padrão de comportamento antes de nos declarar dignos de amor ou mesmo aceitáveis.

A única maneira de receber amor é dá-lo. Jesus disse: “Dai, e ser-vos-á dado...” (Lucas 6:38). Isto se aplica a muitas áreas da vida, mas supremamente ao problema do amor.

Se você quer ser amado, deve começar a dar amor. Refiro-me a mais do que o amor romântico, é claro. Mas mesmo o amor romântico vem, na maioria das vezes, e de maneira mais satisfatória, àqueles que são capazes de dar amor – **ágape**, que, na linguagem do Novo Testamento, “não busca os seus próprios interesses” (I Coríntios 13:5).

Em vez de esperar que alguém o ame, tome como tarefa dar amor. Descubra a necessidade de outrem e a preencha. Algumas pessoas podem aceitar amor de uma forma; outras, de outra forma. Há indivíduos que sentem

dificuldade em aceitar amor de qualquer forma, e estes podem ser mais desafiadores. Tente encontrar uma maneira de manifestar amor para com os outros de tal maneira que eles o possam aceitar.

Uma pessoa amável é acessível, pronta a dizer “Sim! ” a todo pedido justo. Isto não sugere a compra de amor com atos de bondade. O dar amor deve ser sem nenhum pensamento de recompensa. Não contamos os atos praticados ou pesamos a quantia de energia gasta em favor deste ou daquele, e ficamos imaginando se seremos pagos. A pessoa torna-se verdadeiramente amável quando existe tanta ternura, interesses e compaixão no seu íntimo que ela simplesmente transborda nas vidas das outras pessoas. O amor não calcula – perguntando se o recebedor é digno, se seremos pagos, se o ato será apreciado. “O amor jamais acaba”, nos diz o apóstolo Paulo (I Coríntios 13:8). Ele quer dizer que se tivermos a capacidade de dar amor, nunca falharemos em mostrá-lo instintivamente e sem pensar. Poder-se-ia dizer, então, que, se formos pessoas verdadeiramente amáveis, “o amor nunca falhará em se manifestar”.

Uma esposa que suportara um relacionamento conjugal um tanto difícil, decidiu-se, por instigação do grupo, a mostrar amor a seu marido, em vez de tentar mudá-lo. No encontro seguinte, uma semana mais tarde, ela deu o relatório: – Bem, não funcionou. Não mostrei outra coisa àquele homem senão amor por uma semana inteirinha e ele não mostrou a menor apreciação. Não funcionou!

Alguém disse pensativamente: – Eu acho que você se vingou dele!

Ela replicou: – Claro que me vinguei, e de modo muito bem feito!

Uma das mulheres do grupo disse: – Katie, você não estava mostrando amor. Você estava tentando suborná-lo, e quando ele não se deixou subornar com doçura e luz, você ficou com raiva. Ele percebeu seu propósito e sabia que você só estava usando outro meio de manipulação. O apóstolo Paulo disse: “O amor não busca os seus próprios interesses. ” Eu acho que você provavelmente estava tentando levar a melhor; no entanto, por mais louvável que seja, você fez as coisas certas com o motivo errado.

Katie meditou nisso e eventualmente admitiu que seu “amor” tinha sido só uma forma de manipulação. Então ela concordou em mostrar amor indefinidamente, ganhasse ou perdesse.

Ela dava o relatório todas as semanas. Algumas vezes fracassava; mas, com o passar do tempo, ela descobriu a satisfação interior que dá expressar amor mesmo a uma pessoa não amável; posteriormente houve uma resposta gradativa e cautelosa por parte do marido. Com o tempo, um bom casamento foi alcançado, mas não antes que ela fosse capaz de dar amor incondicional.

Capítulo 5 - Conflitos Que Prejudicam os Casamentos

*O que há de tão
admirável no amor à
primeira vista? É quando
as pessoas se têm olhado
mutuamente por vários
anos que ele se torna
admirável.
(Anônimo)*

Uma mulher relatou um incidente envolvendo a filha do vizinho de seis anos, que tinha acabado de ouvir a estória da Cinderela pela primeira vez. A menininha recontou a estória até chegar ao seu ponto culminante e então perguntou: – Sabe o que aconteceu depois?

A mulher disse: – Eles foram felizes para sempre. – Não foram, não. Eles

se casaram! – Sua amiguinha respondeu.

Como a criança pareceu ter percebido, casar-se e viver felizes para sempre não são necessariamente sinônimos. Há inúmeras barreiras a vencer antes de a maioria das pessoas poder alcançar um casamento satisfatório.

Uma coisa que prejudica muitos casamentos é o esforço em tentar fazer o parceiro na vida conjugal enquadrar-se num padrão preconcebido. Em uma sessão de grupo, a insatisfação de Glenda quanto ao seu marido girava principalmente em torno da falta de interesse da parte dele em fazer alguns reparos caseiros. Ela se referiu a uma tela de porta da qual reclamava já por seis meses, a um trinco de janela que ela havia pedido que ele concertasse algumas semanas antes, e a uma meia dúzia de trabalhos caseiros não terminados, que havia negligenciado. Bill parecia sentir-se vagamente culpado enquanto ela dava a relação de suas reclamações.

– Eu não sou muito bom em serviços caseiros – ele disse. – Fico completamente atrapalhado quando tenho que consertar as coisas.

– Mas você tomaria conta dessas coisas simples se realmente tivesse interesse pela casa – Glenda retorquiu. – Qualquer menino de dez anos poderia dar conta delas; eu não sei por que você se refugia atrás de sua alegada incompetência.

Alguém disse: – Glenda, fale-nos sobre seu pai.

– Bem, ele foi um homem maravilhosos. Eu o adorava. Ele se importava com a casa, o que o meu marido não faz, cujos interesses parecem limitados a seu emprego, televisão e seus livros...

– É sobre seu pai que queremos ouvir, Glenda – outra pessoa disse.

– Está certo! Papai era um bamba em tudo que empreendia – bem-sucedido nos negócios, ativo na igreja, presidente de seu clube e ainda achava tempo para se interessar ativamente pela casa. Ele tinha uma oficina na garagem e ainda posso lembrar-me dele trabalhando em casa nos fins de semana, fazendo coisas para mamãe e fabricando móveis para ela na oficina dele.

– De modo que – alguém disse – o seu papai corria pela casa nos fins de semana, carregando uma caixa de ferramentas, e você imaginou que é desta maneira que todos os homens devem agir. Meu pai não era capaz de construir sequer uma casa para pássaros, em que um pássaro respeitável tivesse a coragem de morar, e eu fiquei agradavelmente surpresa que meu marido pudesse consertar uma torneira que estava vazando. Glenda, será que você não está tentando fazer Bill preencher a imagem do seu amado papai? Esqueça-se disso! Bill a sustenta e também às crianças, a ama e é amável, por que você não o deixa em paz e não para de tentar transformá-lo?

Glenda pensou alguns instantes. Na pausa de silêncio, Bill respondeu: –

Acaba de me ocorrer que, se Glenda me deixar em paz e parar de falar como minha mãe, e desistir de tentar transformar-me, eu poderia sentir-me mais à vontade para tentar atender a algumas de suas necessidades.

Glenda disse: – Está certo. Vou parar de importuná-lo, e veremos o que acontece.

– Não – alguém retorquiu – sua atitude está toda errada. Você ainda está tentando manipulá-lo. Você terá que aceitá-lo como é, quer ele tente ser um “faz tudo” dedicado, ou não.

Algumas semanas mais tarde, quando a discussão girava em torno do casal de novo, Glenda relatou: – Vocês sabem o que aconteceu? Parei de chatear Bill, simplesmente desisti de fazê-lo. Decidi aceitá-lo como é, e de repente ele começou a mostrar interesse pela casa. Ele realmente consertou cinco das sete coisas que eu tinha na lista para ele fazer. Talvez, quando parei de pressionar, ele tenha se sentido mais à vontade para ceder.

Bill entrou na discussão: – Acabo de descobrir uma coisa. Não era por causa dos consertos que minha mulher estava chateada. Acho que o que ela precisava mesmo era de uma manifestação de meu interesse pela casa. A casa é o ninho dela, e aparentemente ela sente que, se eu a amo, o mostrarei da maneira pela qual o pai dela fazia. Eu não tenho queda para a mecânica, mas estou começando a ver que o amor é mais que romance – é dar a uma mulher o sentimento de segurança. Eu não tinha compreendido quanta segurança a mulher consegue do interesse de seu marido pelo ninho dela.

– Qualquer mulher poderia ter-lhe dito isto – uma das mulheres disse: – Os homens são tão tolos.

– O pequeno drama, criado com muitas variações em milhares de lares, ilustra a necessidade de segurança da mulher: e uma das maneiras da esposa receber esta segurança é pela asserção que obtém do marido de estar profundamente interessado por ela e pela casa. Também ilustra a tendência profundamente enterrada e totalmente inconsciente dos maridos e esposas de tentarem encaixar o seu parceiro no casamento em um molde preconcebido.

Em uma sessão de aconselhamento com um casal, uma das questões foi levantada pelo marido que reclamou que sua esposa era péssima dona-de-casa. – A casa é uma bagunça – ele disse. – Roupa espalhada por todo canto, brinquedos das crianças jogados por toda a sala de estar e, à noite, quando volto para casa, tenho que empurrar um monte de revistas ou roupar por passar, para achar um lugar onde sentar-me.

Descobri que a mãe dele havia sido uma dona-de-casa meticulosa. Ele era filho único, enquanto sua mulher tinha quatro crianças pequenas. Sua mãe não tinha interesses fora do lar. Este era sua única preocupação. Sua esposa, por

outro lado, estava profundamente envolvida com interesses na igreja e em atividades cívicas, com três ou quatro Hobbies.

Ele tinha trazido para o casamento a noção preconcebida de que só existia uma espécie de esposa e mãe: o tipo que devotava sua atenção total ao lar. Perguntei-lhe se preferiria que sua esposa continuasse a devotar sua atenção total ao cuidado da casa ou que permanecesse a pessoa dada, espontânea e ativa que obviamente era. Ele disse:

– Ora, eu amo minha esposa por estes atributos. Ela é uma mãe maravilhosa e tem muitos interesses variados. Suponho que tenho tentado transformá-la na imagem de minha mãe, esquecendo os outros traços que ela possui e que formam a causa de eu me apaixonar por ela.

A esposa dele disse: – Sou uma horrível dona-de-casa e detesto a mim mesma por causa disto. Mas, com quatro crianças pequenas e todas as minhas atividades fora, parece que eu nunca consigo dar conta de tudo.

Manteve-se pensativa por uns instantes e depois perguntou: – Será que estou tentando fazer demais e preciso cortar uma ou duas de minhas atividades externas?

Olhei para o marido dela.

– Querida – ele disse – faça como quiser. Como engenheiro, acho que sou um perfeccionista, o que me disseram ser um pouco neurótico, especialmente se o levar para casa. Suponhamos que eu pare de tentar transformá-la. Eu gosto de você do jeito que você é. Acho que posso me acostumar com a bagunça em casa...

– Jack – ela disse – é uma bagunça mesmo... acho que talvez eu tenha sempre me ressentido com o fato de sua mãe ter sido uma dona-de-casa tão maravilhosa. Eu nunca pude igualar-me a ela. Talvez eu tenha subestimado meus sentimentos de inferioridade, envolvendo-me demasiadamente com as coisas. Vou desistir de uma ou duas atividades e devotar mais tempo em ser uma dona-de-casa.

– Está bom, querida – Jack respondeu. – Mas não deixe de ser você mesma. Eu não me casei com você só para cuidar da casa. Incidentalmente acho que posso controlar minhas tendências perfeccionistas em casa. Deixarei minha régua de cálculo no escritório.

Uma dificuldade comum no casamento é a desilusão que frequentemente ocorre quando um casal jovem descobre que seu sonho romântico de bem-aventurança eterna simplesmente não pode ser realizado. A noiva antecipa uma continuação do namoro e atenção amorosa duradoura da parte do homem com quem ela se casa. Ele espera a mesma resposta afetuosa e amor imaginado que recebeu durante o namoro. Ambos ficam desiludidos quando as duras realidades

do casamento começam a aparecer. Ele já não é mais tão atencioso. O jovem que acedia aos caprichos dela agora transforma-se em pouco mesmo que um amante apaixonado. Ele parece muito diferente, esparramado na frente da televisão, olhando o jogo de futebol; e a lembrança dele da criatura adorável que cortejou, e por quem nutria terna afeição, esmaece um pouco quando a vê à luz matinal, com a cabeça em um emaranhado de enroladores de cabelos e o rosto sem uma maquiagem sedutora.

Cada um começa a descobrir no outro certos traços irritantes de cuja existência nunca havia suspeitado antes. Ele poderá mostrar-se menos galante, mais exigente e menos atencioso. Ela poderá apresentar-se menos afetuosa, às vezes egoísta, ocasionalmente petulante, dada a crises de choro ou a outras manifestações de descontentamento.

“Você nunca me leva a lugar algum”, é uma reclamação comum de muitas esposas, que prefeririam que o namoro continuasse sem se arrefecer. Ele poderá vir para casa cansado e querer descansar. Ela gostaria de sair de casa ou pelo menos ter alguma comunicação. Um marido disse: “Tudo que quero, ao entrar na minha casa, é ir sentar-me e recostar minha cabeça suavemente, enquanto refaço a minha alma em frangalhos. Se minha esposa me cumprimentasse na porta, isto ajudaria; mas geralmente nem bem acabo de me sentar e lá vem a ordem para eu fazer alguma coisa – levar o cachorro a passear, dar comida ao gato, ou jogar o lixo fora. Deve haver alguma coisa num homem sentado ou reclinado que enfurece a mulher além do limite da tolerância, e ela demanda todos os esforços para colocá-lo em movimento. ” Esta não era precisamente a imagem do casamento com o qual ele havia sonhado.

Uma jovem esposa, que estava empregada, disse: “Eu trabalho o mesmo tanto de horas que meu marido, mas quando chego em casa ele já está espichado no sofá. E eu tenho que fazer o jantar, arrumar a mesa e lavar os pratos depois da janta, enquanto ele, senhor e mestre de tudo o que o cerca, empurra a cadeira e volta-se para o aparelho de televisão. Esta não é minha ideia de um companheirismo conjugal dividido em partes iguais. ”

Outra dificuldade comum encontrada no campo das relações conjugais diz respeito ao fato de que as mulheres, em geral, estão se tornando cada vez mais dominadoras, enquanto os homens estão se tornando mais passivos. Quando dizemos dominar, não queremos necessariamente dizer “ser dominador”. Dominar significa meramente “controlar”. A pessoa pode controlar de muitas maneiras – pela manipulação, com uma mão pesada ou com um toque leve, através das lágrimas ou com tática de mártir, com ameaças, através de condenação, ou de retirada em silêncio. Qualquer esforço, aberto ou aparentemente passivo, pelo qual procuramos controlar as pessoas ou

circunstâncias significa dominância.

Todos nós preferiríamos controlar nosso ambiente, o que significa essencialmente as pessoas e os acontecimentos. É muito mais seguro e mais confortável se estivermos no controle e pudermos fazer tudo a nosso modo. Quanto menos madura a pessoa, tanto mais ela procurará trazer os outros sob seu controle. O indivíduo egocêntrico espera que o mundo inteiro cuide de suas necessidades. A criança mimada, que cresce e se casa, continua a ser uma criança estragada no relacionamento conjugal.

Em nossa civilização, as mulheres fazem muitas coisas hoje que eram antigamente do domínio masculino. Uma ou duas gerações atrás, era relativamente raro ver mulheres dirigindo um táxi, jogando golfe, fazendo parte de um time de boliche ou trabalhando em centenas de diferentes tipos de empregos, anteriormente ocupados só pelos homens. Esta nova liberdade adquirida pelas mulheres tanto as têm liberado como confundido. Trabalhando com os homens nos escritórios, fábricas e lojas, elas têm tido a tendência de absorver muitos dos assim chamados “tonos de sentimento” masculinos. Isto, acrescido do “protesto masculino”, descrito tão habilmente por Jung, tem resultado na desfeminização das mulheres. O protesto masculino resulta de um sentimento da mulher, frequentemente inconsciente, de que “este é um mundo dos homens”, e que eles querem restringir às mulheres. Ele resulta, em parte, da tendência de muitas mulheres sentirem-se ressentidas da presunção masculina de superioridade. Um homem astuto sentiu que as mulheres no negócio e indústria tendem a imitar as piores características dos homens e a diminuir suas próprias virtudes. Nos negócios, particularmente se a mulher alcança uma posição administrativa, ela tende a desistir de seu próprio senso de valores reais e adotar o do homem – posição, dinheiro e poder. “O dinheiro”, ele disse, “não parece prejudicar as mulheres, mas poder e autoridade raramente são recomendáveis para elas. As mulheres no poder usam de vileza umas para com as outras, pensando, provavelmente, que estão fazendo à maneira dos homens. Quase sempre elas empregam mais autoridade do que é necessário para realizar a sua missão”.

Testes psicológicos revelam que mais da metade das esposas testadas é mais dominadora do que seus maridos. Não é incomum descobrir em tais testes que a esposa marcará oitenta ou noventa em dominância, enquanto o marido ficará pelos vinte ou trinta. Uma jovem esposa que havia feito o teste descobriu, para seu desgosto, que seu número de pontos em dominância era de noventa e seis. Seu marido havia marcado vinte e quatro. Ela disse: “Eu sabia que a contagem devia ser alta, mas isto é ridículo!” Ela e seu marido discutiram o problema no grupo e particularmente. A esposa disse de modo trivial: “Eu não

quero ser uma esposa dominadora. Algo em mim quer controlar, talvez por medo, mas vou desistir disso. Meu marido é quem vai dirigir. ”

Alguém perguntou se ela queria dizer que deixaria que ele a controlasse, e ela disse:

– Oh! Não! Eu não quero que ninguém me controle, e não quero controlar ninguém. É que eu desejo que ele seja a cabeça desta organização. **Alguém** tem que comandar o navio nos mares matrimoniais, e decidimos juntos que vai ser ele. Eu sou o imediato.

O marido dela, brando e calmo, disse firmemente:

– Odeio minha passividade tanto quanto ela detesta sua dominância. Estes traços podem ser mudados, e pretendemos mudá-los.

Observações subsequentes confirmaram a ideia de que eles podiam mudar estas tendências. Ele tornou-se mais ousado e agressivo, enquanto ela deixou que ele tomasse a direção em área onde eles sentiam que ele devia liderar.

Tenho observado mudanças radiais ocorrerem em casamentos quando marido e mulher estavam ansiosos para criar um casamento mais feliz. Às vezes muito foi conseguido quando tão somente um dos dois trabalhou para isto. Em um destes casos, um casal alcançou um relacionamento belo, depois de um mau começo, em menos de um ano. Em outro exemplo, um casal de meia-idade devotou quatro anos e meio à terapia de grupo e aconselhamento antes de conseguir um resultado significativo. Mas o que eles fizeram foi lindo! A tarefa, às vezes, parecia-lhes sem fim, mas o amor e a harmonia que agora experimentam representa uma grande melhora em contraste com a hostilidade e briga que prejudicaram seu relacionamento por vinte e cinco anos, ou mais.

Eu disse a uma mulher de quarenta anos que podia levar dois ou três anos para resolver seus problemas conjugais. Ela disse: – Três anos! Eu teria quarenta e três, então.

– Eu perguntei – E se a senhora não fizer nada por seu casamento, quantos anos terá dentro de três anos?

Ela riu e disse: – Vamos começar!

Um problema conjugal frequentemente encontrado é de enviar “mensagens codificadas”. Uma mensagem codificada é uma comunicação, verbal ou de qualquer outra forma, que deve ser decodificada antes de ser adequadamente entendida. Por exemplo, em uma sessão de grupo, certa esposa disse:

– Eu tinha tido um péssimo dia e quando meu marido chegou em casa eu precisava de confirmação, ou apoio, ou de alguma indicação de que ele me amava. Ele perguntou como as coisas tinham ocorrido. Eu me debulhei em

lágrimas, e ele disse: – Qual o problema? Eu disse: – Vai embora. Não me chateie. – O que realmente eu queria era que ele colocasse seus braços em volta de mim e fizesse alguma coisa para me confortar.

O marido dela tomou a palavra. – Eu não tenho a capacidade de ler mentes. Quando ela me disse para ir embora, fiz justamente isso, sentindo-me frustrado e rejeitado. Então ambos passamos a noite sentindo-nos rejeitados e infelizes.

É uma experiência muito comum os homens e as mulheres enviarem essas mensagens codificadas, esperando que o outro as decifre, interprete e aja de modo a satisfazer à necessidade implicada. As mulheres, com seu humor variável, enviam, talvez, maior número de mensagens codificadas, mas os homens o fazem também. As mulheres sabem o que querem dizer, e frequentemente ficam frustradas porque seus maridos não entendem uma mensagem obscura. Os homens têm seu próprio tipo de comunicação defeituosa, que pode frequentemente ser tão confusa para as suas esposas.

A mensagem codificada é, em certo sentido, um apelo para que alguém satisfaça às nossas necessidades, se dê ao trabalho de nos entender, tenha o cuidado de sondar, puxar, pressionar, interpretar e finalmente conseguir o significado verdadeiro. Mas isto é tão irreal quanto esperar que alguém entenda árabe sem o ter estudado. A comunicação exige uma expressão honesta dos sentimentos e necessidades da pessoa.

Um impasse matrimonial típico foi ilustrado pelo relato de certo homem, que disse:

– Eu viajo muito. Quando chego em casa minha esposa pergunta detalhadamente onde fui, o que fiz, o que comi. Uma vez em casa, não me lembro precisamente do que fiz, por exemplo, na noite de terça-feira ou o que comi. Ela pensa que eu estava livre, no mundo vasto e divertido, comendo em restaurantes chiques, divertindo-me a valer, encontrando pessoas interessantes, tendo uma vida maravilhosa, enquanto ela fica em casa com as crianças, comendo refeições feitas por ela mesma. Tudo o que quero é chegar em casa e esquecer a corrida de rato que fiz. Acho que me ressinto com a suposição dela de que é tudo um giro fantástico de atividade grandiosa, gloriosa e frenética lá fora. É, sim, assassinato, para ser real. Sei que é cansativo para ela lidar com as crianças e que sua rotina é maçante, mas a vida é assim mesmo.

A esposa dele, por outro lado, inconsciente das frustrações que seu marido encontra diariamente, sente que a vida dela é limitada. Quando ele volta de uma viagem, ela gostaria que a levasse para jantar fora, lhe oferecesse sua companhia, enquanto tudo o que ele quer é retirar-se para seu castelo e relaxar.

Isto apresenta uma incompatibilidade básica de interesse. A única

solução encontra-se na espécie de amor e compreensão que não pergunta: “Como minhas necessidades podem ser preenchidas? ” mas, “Como posso preencher as necessidades de meu companheiro de casamento? ” Obviamente esta indagação deve ser feita por **ambos** os esposos, em compreensão simpaticamente, e não somente um deles. A solução pressupõe que ambos a procurem simultaneamente. Muitos casais estão descobrindo suas respostas para tais dilemas através da participação em um grupo de compartilhamento, onde as incompatibilidades internas básicas dos maridos e esposas podem ser discutidas livremente. Muitos encontram suas soluções por meio de um conselheiro matrimonial, mas infelizmente muitos homens são relutantes em considerar tal proposta até o desastre chegar a ameaçar.

Ciúme e sentimento de posse constituem uma cilada. Uma jovem esposa compartilhou com seu grupo que, logo que se casou, sentia-se literalmente abandonada quando seu marido saía para o trabalho toda manhã. “Eu era imatura e superdependente”, disse, “e agora o compreendo. Eu me ressentia com o emprego dele tanto quanto teria ciúmes de outra mulher. Mas agora, que me tornei menos dependente, acho que tenho menos interesse nele. Não sei se me casei com ele porque estava apaixonada por ele ou se só o fiz porque era terrivelmente dependente. ”

Um marido compartilhou, em uma sessão de aconselhamento, sentia-se frustrado por causa do extremo sentimento de posse de sua esposa. – Se visito um amigo no mesmo edifício e não volto dentro de vinte minutos, ela vem correndo, e me arrasta para casa. Ela não vai a lugar algum sem mim. O que há com ela? Ou sou eu que reajo exageradamente?

Perguntei-lhe: – Como era o relacionamento dela com o seu pai? Os pais eram divorciados, ou ele ficava fora muito tempo?

Ele disse: – É interessante a sua pergunta. O pai dela abandonou a família quando ela era ainda muito jovem. Será que isso teria alguma coisa a ver com o problema dela?

Assegurei-lhe que com toda probabilidade tinha mesmo. Ser abandonada e sentir-se rejeitada na infância cria profundo sentimento de insegurança numa criança. Este, mais tarde, pode se manifestar de várias maneiras neuróticas de comportamento. Ciúme extremo ou sentimento de posse geralmente resultam de alguma privação emocional na infância.

Sabe-se de maridos que se tornam insanamente ciumentos se suas esposas parecem mostrar o mínimo interesse por outro homem. Uma esposa reclamou que seu marido a acusava de flertar com caixeiros de loja e perguntava onde tinha ido cada vez que ela saía de casa. Ela queria saber se isto era comportamento normal para um marido. Assegurei-lhe que era anormal e,

indubitavelmente, tinha suas raízes num profundo sentimento de insegurança. Também disse a ela que qualquer esperança de erradicar o ciúme dele era pequena, a menos que ele conseguisse ajuda profissional. Infelizmente ele era inseguro demais para querer visitar um psicólogo, um ministro ou juntar-se a um grupo de terapia. Ele não tinha problema a seu ver. Achava que a única dificuldade estava com sua esposa. Ela tinha uma série de alternativas: viver como prisioneira dele para o resto da vida, entregar um ultimato para que ambos consultassem um conselheiro competente, ou podia procurar a direção divina e demorar a ação até que tivesse, interiormente, um senso definido do rumo a seguir.

Muitas vezes, opostos emocionais se casam. Um caso típico envolvia uma esposa altamente extrovertida, gregária e espontânea que se casou com um marido um pouco pedante que se preocupava com as minúcias. Ele era um perfeccionista meticuloso. Claro, eles tinham sido atraídos um para o outro, em certo sentido, porque inconscientemente cada um procurava encontrar no outro coisas que faltavam em si mesmos. Ele invejava a espontaneidade dela. Se não a possuía pessoalmente, a obteria casando-se com a sua possuidora. Se ela não tinha uma mente ordenada, metódica e lógica, a obteria casando-se com ele. Todas estas decisões, é claro, são feitas inconscientemente.

Eventualmente, ela tornou-se profundamente deprimida. Eles tinham alcançado o período na vida – fim da década dos trinta e princípio da década dos quarenta – quando a frustração frequentemente começa a exigir a sua parte. É neste ponto que um crescimento espiritual e emocional genuíno pode ocorrer. Desafios externos foram vencidos, e agora necessidades emocionais internas apresentam-se com força genuína. Através de aconselhamento, ela veio a entender a si mesma um pouco melhor, e assim foi capacitada a aceitar-se mais completamente. Um curso de leitura e aconselhamento a ajudou a descobrir dentro de si fontes inimagináveis e não utilizadas. Algumas sessões com seu marido ajudaram-no a entender a si mesmo e à sua esposa. O problema conjugal deles não era sério. O caso deles era simplesmente uma questão de se entenderem melhor, aprendendo a comunicar-se mais eficazmente, seguindo um curso de estudo e aconselhamento.

Um casal jovem, bem no começo da experiência das frustrações interiores comuns a quase todos os relacionamentos conjugais, contou ao seu grupo como havia resolvido alguns de seus conflitos. Ele era um pouco passivo e sua esposa dominadora, mas ambos estavam procurando corrigir este desequilíbrio. Em casa, eles haviam conversado acerca do fato de que nenhum dos dois via satisfeitas as suas expectativas. Eles concordaram em fazer uma lista do que esperavam um do outro, e em discuti-la uma semana mais tarde. Ele

disse: “Eu podia vê-la tomando notas a semana inteira. Quase entrei em pânico quando pensei no tintim por tintim de coisas que ela exigiria de mim. Eu simplesmente sabia que nunca poderia satisfazer todas as necessidades e expectativas dela.

Ele tomou algumas notas também durante a semana, e quando o tempo chegou para a confrontação, eles trocaram as listas. O jovem marido disse: – Eu fiquei estupefato ao descobrir que ela havia relacionado somente quatro ou cinco coisas. Eu havia esperado centenas! Sinto que posso gradativamente aprender a satisfazer as necessidades dela, e sei que ela se sente em condições para satisfazer minha lista de expectativas.

Esta foi uma forma criativa de comunicação, envolvendo um realismo prático e honestidade em revelar os verdadeiros sentimentos. Eles haviam aprendido esta espécie de honestidade em uma experiência de grupo de oito ou dez pessoas, reunindo-se semanalmente, para tratar não de conceitos intelectuais, mas de sentimentos.

Uma situação irritante bem comum é encontrada no caso de casais onde um é uma coruja e o outro uma cotovia. Um gosta de sentar até tarde da noite diante da televisão e então vai dormir tarde; o outro quer ir para a cama cedo e está cedo de pé, de olhos brilhantes e de humor alegre. “Como resolver um conflito sério como este?” – Perguntou um casal frustrado.

Contei-lhes sobre o proprietário de uma casa que havia escrito a uma autoridade em jardinagem, perguntando o que podia ser feito acerca do capim das hortas. Ele recebeu a resposta: “Aprenda a gostar dele.”

Adequadamente interpretada, esta não é uma má resposta. Devemos aprender a aceitar um dado problema antes de podermos resolvê-lo. Aceitação não significa gostar, mas antes consiste em ver a situação como um fato, sem hostilidade. O problema das corujas e cotovias é simplesmente uma incompatibilidade de personalidade ou metabólica em seus fundamentos. Onde se conclui que a pessoa deve aprender a viver com ela. Milhares de casais aprenderam. Envolve o levantamento do grau de tolerância diante da frustração. Há diferenças humanas com as quais devemos aprender a viver. Há inúmeras incompatibilidades emocionais nos homens e nas mulheres. Quando a pessoa se encontra com o problema de diferenças pessoais, obviamente um compromisso deve ser feito. Não podemos sempre dobrar os outros aos nossos desejos. É infantil presumir que todos deviam estar sintonizados como nós, emocional ou temperamentalmente. Quer seja o problema de levantar cedo, levantar muito tarde, ir à igreja, escolher o programa de televisão ou preferências pessoais de qualquer espécie, uma coisa que sempre ajuda é **aumentar nosso grau de tolerância diante da frustração**. Qualquer coisa que façamos para nos

tornarmos mais tolerantes para com os outros está na direção certa. Estaremos então mais aptos para achar soluções em fazer concessões.

Nosso grau de tolerância diante da frustração pode ser elevado de várias maneiras:

1. **Procurando bem-estar físico e emocional.** Uma jovem esposa e mãe juntou-se a um de nossos grupos, reclamando de uma tontura para a qual o médico não podia achar uma causa orgânica. Ela havia perdido o interesse pela vida, gritava com seu marido e filhos e parecia frustrada em todos os sentidos. Inquirimos sobre sua rotina diária, e deduzimos que ela estava emocionalmente exausta. Os membros do grupo sugeriram que ela saísse de casa e se afastasse das crianças um dia por semana. Um pouco relutantemente e sentindo-se um pouco culpada a princípio, ela e outra mãe, sua vizinha, estudaram um jeito de ficar com os filhos uma da outra um dia cada semana. Dentro de duas semanas, ou menos, ela estava sentindo-se muito melhor e era capaz de lutar pela vida.

Parte de sua cura proveio do partilhar suas frustrações recolhidas com o grupo. O fato de ter encontrado um grupo responsivo e não julgador, onde ela podia partilhar seus sentimentos, deu-lhe alívio imenso. Ela tornou-se capaz de aceitar a si mesma melhor quando descobriu a aceitação total e incondicional do

grupo.

2. **Ganhando novos recursos espirituais.** O homem foi feito à imagem espiritual de Deus e, para funcionar adequadamente, ele precisa procurar a comunhão do Criador. Há só uma mente, Mente divina, e cada um de nós está usando tanto dessa Mente quanto escolheu para se apropriar. Esta Mente é universal, cósmica, divina. Jesus Cristo foi a suprema revelação desta Mente. “Haja em vós o mesmo sentimento (mente, modo de pensar e agir) que houve também em Cristo Jesus”, é a admoestação do Novo Testamento. Quando nos sintonizamos, através da oração e meditação, com esta Mente, estamos deixando que ela nos encha e nos guie. “Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.” (Filipenses 2:13)

Uma hora de culto por semana nunca foi planejada para providenciar recursos espirituais suficientes para mantermos nosso bem-estar espiritual, físico e mental. Além de alguma forma de culto público, muitos estão descobrindo hoje a necessidade de pequenos grupos de comunhão, onde possam se abrir e ser honestos e aprender novas técnicas para enfrentar os problemas da

vida através da
apropriação das forças
divinas.

Outro fator irritante comum foi enfocado por uma esposa que reclamava que seu marido estava sempre atrasado. “Seja o que for que planejem fazer ou por mais cedo que comecemos a nos preparar para ir a algum lugar, ele sempre acha alguma coisa para fazer no último minuto. Sempre chegamos a nosso destino com dez minutos ou uma hora de atraso. Qual é o problema dele? ”

Aqueles que estão constantemente atrasados, ou aqueles que sempre chegam cedo demais, são interiormente inseguros. Além disso, um tal indivíduo pode ser muito mal organizado. Para complicar este problema ainda mais, ele pode ser indiferente às necessidades dos outros, tão preocupado consigo mesmo e seus próprios interesses que ele simplesmente negligencia o bem-estar dos outros. Isto pode ser um resquício da infância, uma inabilidade em aceitar as responsabilidades adultas.

Um indivíduo assim às vezes está testando, como se dissesse: “Se você me ama realmente aceitará meu comportamento. Quanto você **realmente** perdoará? ” Ocasionalmente descobrimos que uma pessoa que está habitualmente atrasada é sensível à autoridade e encara a necessidade de chegar a tempo como uma espécie de figura de autoridade abstrata. Assim, ela resiste à autoridade do relógio e dos encontros. Tal indivíduo é geralmente sensível demais à coerção e interpreta qualquer esforço em fazê-lo apressar-se como um esforço para controlá-lo ou coagi-lo. Resistindo de alguma maneira, ele está inconscientemente tentando assegurar sua autonomia.

O casamento não resolve os problemas pessoais, e não representa uma cura para as doenças emocionais. O casamento, na realidade, complica a vida de pessoas com problemas emocionais. É raro um conselheiro matrimonial ou psiquiatra ouvir alguém dizer: “Eu não estou preenchendo as necessidades de meu companheiro conjugal! ” Quase invariavelmente a reclamação é no sentido de que é o outro que precisa de ajuda.

Basicamente, não podemos mudar uma outra pessoa, seja por ação direta, aberta, ou através de manipulação. Pode ser possível mudar as **ações** de outra pessoa por vários meios, mas nunca mudamos as pessoas fundamentalmente por meio de conselho, correção ou crítica. Na verdade, a crítica é, talvez a abordagem pior possível. Todos nós reagimos negativamente à crítica e tendemos a ter diante dela sentimentos defensivos. Frequentemente contra-atacamos.

Se os canais da comunicação puderem ser conservados abertos, muitos

problemas podem ser resolvidos sem uma crise maior. Entretanto, não é sempre fácil se comunicar. Os homens e as mulheres têm simplesmente comprimentos de ondas diferentes, e as discussões frequentemente chafurdam-se num emaranhado de confusão. Parte do problema resulta do fato de os homens e as mulheres abordarem um problema de pontos de vista diferentes. Isto foi ilustrado pelo comentário de um leigo proeminente numa convenção religiosa, em que delegados estavam votando se deviam permitir às mulheres darem o seu voto na assembleia. Um leigo de destaque opôs-se à concessão de votos às mulheres delegadas sob a alegação de que “se a gente desafia a ideia do homem, a gente desafia sua opinião. Se a gente desafia a ideia da mulher, a gente desafia a ela.”

Em essência, isto é verdade. As mulheres tendem a tomar as coisas pessoalmente. Elas passam suas ideias e reações através da fina malha de suas próprias emoções. Elas tendem a viver em um mundo de pessoas e sentimentos, enquanto os homens, em geral, vivem em um reino de ideias e conceitos intelectuais. Isto não desacredita as capacidades intelectuais das mulheres. É simplesmente que os homens dão mais importância aos conceitos e ideias do que aos sentimentos.

Um dos valores inerentes em uma experiência de grupo pequeno é que as mulheres têm a capacidade de descobrir como a mente do homem funciona, e os homens aprendem algumas das sutilezas da estrutura feminina. A mulher pode descobrir que ela não está casada com um homem obstinado, obtuso e incompreensível, sem nenhum interesse por seu bem-estar, mas com um homem bem igual aos outros homens.

Os maridos frequentemente descobrem, pela primeira vez, que suas esposas não são pessoas super-emocionais e ilógicas como eles pensavam, mas mulheres cuja mente opera num comprimento de onda diferente.

Todos nós nos comportamos da melhor maneira possível durante o namoro e nos primeiros dias de casamento. A esposa minimiza as faltas de seu marido e aumenta suas virtudes durante este período. Ele faz o mesmo com relação a ela. Pouco a pouco, o atrito lento do viver diário desfaz o brilho romântico. Eles tornam-se seres reais, e os sinais de imaturidade começam a aparecer. O amor romântico impulsionará cada um a ser o seu melhor, o que é difícil de se manter no viver diário. Quando a esposa se sente insegura, sua necessidade de atenção aumenta, mas ela pode tornar-se menos amável, quando precisa de mais amor. Ela mostra um lado de sua natureza que seu marido não tinha conhecido antes. A reação dele pode ser de rejeição, hostilidade ou retirada silente. Ele pode começar a ficar fora mais tempo, encontrando escape em seu trabalho, na recreação ou com velhos amigos, ela pode sentir-se igualmente desapontada quando o ser dele menos-que-ideal se evidencia.

Um casal jovem e confuso veio falar comigo por causa do estado triste de seu casamento. Discutimos os sintomas por um tempo considerável. Havia evidência de que ele estava começando a afastar-se, e que ele separar-se-ia pelo divórcio, se a situação não pudesse ser melhorada. Embora seus problemas fossem tão grandes quanto os dela, ela parecia ser quem estava “apertando os botões vermelhos”, como ele expressou. Percebi a profunda insegurança dela, que chegava quase ao pânico. Decidi vê-la durante algumas sessões, visto que as mulheres normalmente tendem a ser mais responsivas e são geralmente mais desejosas de aceitar a responsabilidade pelo clima emocional do lar.

Os problemas não eram profundos. Havia simplesmente algumas técnicas faltosas da parte de ambos. Quanto a ela, tinha tanta necessidade de reafirmação e apoio emocional que estava pressionando o marido para fora de casa. A abordagem dela estava toda errada. Eu lhe disse que o princípio de Jesus: “Dai, e dar-se-vos-á.” (Marcos 6:38), é uma lei universal e cósmica aplicável a qualquer situação. Diante disso, ela se animou a tentar satisfazer às necessidades dele, e não exigir que ele preenchesse as dela. Especificamente ela começou a encontrá-lo na porta com uma saudação calorosa, em vez de esperar que ele a procurasse. Procurou outras maneiras em que podia dar, em vez de pedir, e trabalhou nisso diligentemente.

Dentro de um mês, ela relatou que ele havia desistido de seu costume de passar um dia ou dois fora de casa toda semana, e tornara-se muito mais atencioso. “Parei de ‘apertar os botões vermelhos’, – ela disse, – e comecei a dar atenção às necessidades dela. Agora ele parece muito mais desejoso de agradar-me. Esta ideia de dar funciona. ”

Mais de noventa por cento dos homens divorciados casam-se de novo. Aproximadamente cinquenta por cento das mulheres divorciadas casam-se de novo. As mulheres divorciadas estão igualmente ansiosas para casar de novo, mas a escassez de homens prontos para o casamento faz com que seja impossível para elas casarem-se de novo. Admitindo-se que há situações em que o divórcio parece ser a única solução para uma situação intolerável, cabe à esposa, na maioria das vezes, procurar seguir o princípio enunciado por Jesus concernente ao dar. Isto não implica que a pessoa deva tornar-se capacho martirizado, mas que deve procurar uma solução positiva. Lamentação, auto-compaixão, atitudes de mártir e exigências, são todos recursos inadequados. Poucos homens param de beber diante desses recursos. De fato, sermões e ameaças, produzem o efeito oposto. O mesmo aplica-se a quase toda atitude masculina que a esposa ache censurável.

Uma mulher jovem, solteira, relatou ao seu grupo uma experiência no escritório onde trabalhava. Durante o intervalo para o café, todas as suas amigas

casadas falavam das condições intoleráveis em casa. Depois de as ouvir por alguns meses, ela irrompeu em lágrimas e disse: “Olhem, vocês todas estão reclamando, mas vou lhes dizer uma coisa: eu troco de lugar com qualquer uma de vocês e alivio vocês de suas infelicidades. Eu quebraria meu pescoço para tentar entender qualquer de seus maridos e fazê-lo feliz. ” Houve um silêncio longo e pensativo. Foi o último intervalo para café em que as mulheres partilharam suas desgraças conjugais.

Começamos o casamento esperando realização, mas muitas vezes encontramos frustração. Nossos próprios traços imaturos e neuróticos são aumentados pelo fato do companheiro conjugal ter outro conjunto de tendências neuróticas. Em vez de procurar realização para nós mesmos, a meta primária devia ser “**preencher as necessidades do nosso parceiro**”. É assim que as nossas próprias necessidades são resolvidas.

O fato de que muitas pessoas “normais” se casam por razões neuróticas está tão bem estabelecido que não necessita de documentação. Uma ilustração pode ser encontrada no caso de uma adorável esposa mãe de várias crianças. Ela estava achando a vida intolerável com o homem com quem havia se casado, e mergulhamos no seu problema por um período de vários meses. Aconteceu que seus pais eram exigentes e queriam que ela se casasse com um protestante, que não bebesse, de uma família que não tivesse ascendência estrangeira. Ele devia ser um bacharel, de futuro, com uma profissão. Ela saiu de casa bem jovem e casou-se com um católico romano mal-humorado descendente de europeus, e que acabara de sair do ginásio. A profissão dele era a de preparar e servir drinques, e ele mostrava muitos sinais de imaturidade emocional.

Eu disse: – Desde que você obviamente está procurando meu encorajamento para conseguir o divórcio, eu gostaria de fazer-lhe uma pergunta. Você tem alguma ideia de porquê casou-se com este homem em particular?

Ela disse: – Eu me tenho perguntado isto milhares de vezes. Gostaria de saber.

– Vamos rever o conceito de seus pais quanto a um marido ideal.

Ela pensou por alguns instantes. – Ele é exatamente o oposto do que eles queriam, não é?

– Sim – ela respondeu. – Mas você tem alguma ideia por que escolheu inconscientemente alguém que é precisamente o contrário do que os seus pais tinham em mente?

– Será que eu estava em rebelião contra eles, procurando puni-los?

– Sim, e estava reafirmando seu próprio senso de liberdade e autonomia. Você estava dizendo a seus pais: “Rejeito todo o modo de vida de vocês, sua rigidez, suas exigências, seu controle sobre minha vida. ”

– Então eu me casei por razões totalmente neuróticas, não foi?

Toda a formação dela opunha-se à ideia do divórcio. Ela eventualmente conseguiu um divórcio, contudo, depois de fazer uma tentativa heroica em construir um relacionamento criativo. Ela havia gastado quatorze anos tentando o impossível: conseguir um casamento viável com um aleijado emocional e intelectual.

Ninguém acredita no divórcio como uma solução feliz, e nem eu conheço alguém favorável à quebra dos votos matrimoniais. Mas “Até que a morte nos separe” é uma meta, antes que um requisito, assim como “Sede vós, pois, perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito” (Mateus 5:48) é uma meta, antes que um requisito inquebrantável.

Toda mulher sente-se culpada pelo rompimento do casamento, mesmo quando ela tem a certeza de ter feito o seu melhor. Ela pode saber intelectualmente que não é culpada, assim como quando o marido se torna um alcoólatra sem esperança ou um criminoso; mesmo assim ela ainda se sente existencialmente culpada. Há um certo sentido de “Onde falhei? ”, mesmo quando ela sabe que a culpa não é exclusivamente sua.

O homem, ao encarar o divórcio, pode ter um sentimento de devastação ou angústia, ou de abandono e rejeição; mas qualquer que seja a mistura de sentimentos que ele possa ter, o de devastação é raramente tão profundo quanto o da mulher envolvida. Ocasionalmente uma esposa que passou por anos de frustração antes de procurar o divórcio pode experimentar um profundo sentimento de alívio por ter tudo acabado; no entanto, há geralmente um sentimento de fracasso ou culpa envolvido.

Muitos casamentos podem ser salvos, se ambos puderem aprender a validar os sentimentos do outro. É provavelmente mais importante para o marido aprender esta técnica, desde que o homem tende a lidar com conceitos lógicos, antes que com sentimentos. O marido frequentemente sente-se vagamente inquieto e incompetente quando confrontado com os estados emocionais variados de sua esposa.

No trabalho, os homens geralmente estão procurando soluções para problemas. A mente masculina, confrontada com um problema, automaticamente procura encontrar uma solução. O marido traz isto para seu casamento e quando sua esposa está indisposta, ele instintivamente tenta oferecer soluções, quando geralmente ela quer reafirmação ou simplesmente ter seus sentimentos validados.

Uma jovem esposa disse: “Eu estava aborrecida outro dia, e meu marido disse: ‘Você não devia ficar assim tão chateada por causa de uma coisa tão pequena. ’ Ele estava dizendo que eu sou infantil, e senti-me rejeitada. Tudo que

eu queria que ele dissesse era: ‘Querida, conte-me tudo’ e, então, depois de eu ter botado tudo para fora ele poderia ter dito: ‘Sim, posso ver por que você se sente assim. ’”

Ela teria sentido que ele pelo menos entendia o que se passava. Ela não queria respostas ou soluções. Simplesmente queria reafirmação e apoio emocional providenciados por um marido compreensivo e bondoso. Se os maridos pudessem compreender este simples fato, eles iriam longe na direção da solução de muitas crises conjugais.

Uma mãe com cinco filhos relatou que se sentia constantemente frustrada, cansada e irritada. Seu trabalho não tinha fim e desabafava sua frustração sobre o marido. Ela leu, em coluna de conselhos, que os maridos também precisam de amor e atenção. O conselho da colunista tinha sido para “parar de sentir pena de si mesma e se concentrar no seu marido. Quaisquer que sejam as reclamações, guarde-as para si mesma e encontre algo para elogiá-lo. Mate-o de bondade. ”

A esposa relatou que às vezes ela tinha sentido vontade de matar seu marido, e decidiu fazê-lo com amabilidade. “Funcionou”, ela disse. “A princípio era um esforço de verdade, mas logo ele se tornou mais delicado para comigo e ficou mais fácil ser amável para com ele. ” Um casamento feliz foi o resultado.

No décimo terceiro capítulo de I Coríntios, o apóstolo Paulo, em sua descrição magnífica do amor, inclui estas palavras: “O amor nunca tem fim” (13:8). Nunca se deve abandonar a esperança de um casamento mais feliz até que os princípios básicos incorporados neste capítulo tenham sido aplicados.

Capítulo 6 - A Incompatibilidade no Casamento

*O casamento é como
uma fortaleza sitiada. Os
que estão fora querem
entrar; e os que estão
dentro querem sair.
(Anônimo)*

Uma mulher, que descreveu seu marido como monótono e não comunicativo, procurou meu conselho acerca do problema do divórcio. “Meu marido nunca lê nada, não fala comigo; só fica sentado, vendo televisão. Minhas sugestões quanto a fazermos coisas juntos são respondidas com resmungos desinteressados. A ideia de viver com um homem assim o resto da minha vida apavora-me.

“Conheci um homem no trabalho, durante o intervalo do café, que é capaz de se comunicar. Ele é um conversador sensacional. Descobrimos que temos

muito em comum: interesse pela música, por livros e por esportes. Tudo começou de modo perfeitamente inocente, e eu nunca admiti a mim mesma, por um longo tempo, que o estava comparando inconscientemente com meu marido, “chato” e não responsivo. Eu estava faminta de companhia, de alguém com quem falar; e um dia, quando ele sugeriu que saíssemos para jantar, dei algumas desculpas a meu marido e fui ter meu encontro no restaurante. Eu não tinha nada em mente exceto desfrutar de sua companhia durante algumas horas; mas talvez inconscientemente eu desejasse algo mais.

De qualquer forma, encontrei-me com ele várias outras vezes, e finalmente aconteceu. Suponho que era inevitável, depois de eu ter cometido o erro inicial fatal de ir encontrá-lo para jantar. Descobrimos que estávamos apaixonados um pelo outro. ”

Ela era cristã, dotada dos mais altos valores morais, mas, em sua solidão e sentimento de isolamento, ela havia se deixado apanhar numa situação que agora estava produzindo um sentimento de remorso e conflito interior. Ela queria ajuda e direção. Devia ela tentar avivar algum interesse no marido a quem ela havia cessado de amar e respeitar? Ela recusava-se a isto ante a ideia de passar o resto de sua vida com uma pessoa tão monótona e não imaginativa; entretanto, a ideia de renunciar a seus votos matrimoniais e divorciar-se dele criava toda espécie de conflito dentro dela.

É claro que não há uma solução simples e sem dor para tal dilema. Se a gente fecha o primeiro botão do casaco erradamente, todos os outros serão abotoados erradamente como consequência. Havia muitos fatores envolvidos: seu sentimento de que o divórcio era “errado” e a dor de contemplar quarenta ou cinquenta anos de casamento com um homem com quem não tinha virtualmente nada em comum e a quem não amava mais. E será que o outro homem em quem ela estava interessada provaria ter traços que ela também acharia inaceitáveis?

Sob tais circunstâncias, a aconselhei a não se apressar a tomar qualquer decisão. Disse-lhe que Deus estava interessado em todos os aspectos da vida dela – mental, físico, espiritual, emocional e doméstico, e que uma promessa bíblica diz: “Em todos os caminhos reconheça-o, e Ele dirigirá os seus passos. ” Na procura da vontade perfeita de Deus, que envolve nossa felicidade mais alta e bem-estar, encontramos nossas respostas. A maioria de nós, como crianças, quer gratificação instantânea, respostas rápidas e fáceis e soluções prontas. Deus está interessado em que descubramos nossa verdadeira identidade. Ele sofre por causa de nossa dor e desapontamento, mas nos atrai para a maturidade espiritual e emocional. Quando alcançarmos maturidade, chegamos a conhecer, bem no íntimo, as respostas às nossas perguntas. “... se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá... ” (João 7:17).

Eu lhe disse que se ela dissesse a si mesma uma dúzia de vezes por dia: “Eu **quero** a perfeita vontade de Deus”, com o tempo, ela poderia saber a vontade dele, que viria como um impulso gentil, um sentimento de dever, de coisa certa. Entretanto, precisamos verificar frequentemente nosso senso de direção divina com um amigo de confiança ou um conselheiro competente para nos certificarmos de que estamos ouvindo a voz de Deus, e não simplesmente a voz de nossos próprios desejos egoístas.

Subsequentemente, através de aconselhamento particular e participação em um pequeno grupo, ela descobriu que possuía certos traços de personalidade que inevitavelmente faziam com que os homens a rejeitassem com o tempo. Gradualmente a verdade tornou claro para ela que seu marido simplesmente havia se retraído a certas características dela que achou ruins. Usando o grupo como um espelho, ela viu a si mesma claramente pela primeira vez. Seu marido, anteriormente fechado, começou a responder à mudança dela, e disso resultou um casamento bem-sucedido.

Em uma sessão de um retiro de quatro dias, um homem me perguntou se podíamos dar um passeio juntos, depois de uma das sessões. Ele se encontrava terrivelmente deprimido por causa do seu casamento e estava considerando a possibilidade de divórcio, o que poderia significar o fim de sua vida profissional por um número de razões válidas.

Ele era extremamente hostil para com a esposa, super-possessiva, e descreveu com detalhes consideráveis como ela o dominava e à família toda. A situação parecia sem esperança. Ele não podia jamais imaginar sentir a menor afeição por sua esposa de novo, quaisquer que fossem as circunstâncias.

Ele era um indivíduo sensível, um tanto passivo, e admitia que nunca havia discutido este problema com sua esposa, nem partilhado seus sentimentos com ela. Ele concordou que isto era necessário, qualquer que fosse o curso de ação que ele seguisse depois. Alguns dias depois de ter voltado para casa, recebi esta carta dele:

“A velha bruxa que deixei em casa não está mais lá! Eu simplesmente contei a ela o que acontecia comigo, e de como não tinha mais medo de sua dominância. Disse-lhe que me sentia como se estivesse sendo estrangulado por um polvo quando ela me abraçava, e como ela havia ficado com raiva quando eu fui abraçado na praia por uma moça bonita que ambos conhecíamos. Disse-lhe como eu havia amado, e sido amado por muitas pessoas além dela, tanto homens quanto mulheres.

Enquanto conversávamos, descobri algumas coisas sobre ela que eu nunca soubera antes. A mulher que me apavorava precisa de **mim** para não ficar com medo! As coisas agora são diferentes! Nada de tranquilizantes, nem mais medo,

nem pânico, só amor! ”

Uma semana mais tarde outra carta chegou:

“Os milagres nunca têm fim! O tigre virou um gatinho. Ela não é mais o chefe da casa, e nem quer ser. A atmosfera em nossa casa tornou-se tão serena que é incrível. Estamos nos comunicando um com o outro como nunca fomos capazes de fazer antes... se você por acaso precisar de um testemunho para a eficácia de pequenos grupos pessoais no lidar com feridas emocionais, mande dizer-me! Eu sou um crente consumado em milagres.

Afetuosamente, Henry”

Há muitas razões para o rompimento de casamentos, mas a mais comum nunca é mencionada nas petições de divórcio: ambos os parceiros conjugais estão esperando que o outro supra suas necessidades.

O caso de Paulo e Jennifer foi deste tipo. Paulo era taciturno, plácido, e não dado a emoções, até que, como ele diz: “Ela aperta meu botão vermelho, e então eu fico fulo de raiva. ” Ele achava que se deve guardar seus sentimentos para si mesmo, mas Jennifer sentia uma grande necessidade de comunicação dos sentimentos. Ela pedia, arrazoava, adulava e finalmente o atacava intempestivamente, num esforço de fazê-lo expressar um pouco de sentimento. Ele finalmente concordou em unir-se a um grupo onde pudessem aprender a se comunicar.

Em uma sessão ela apresentou as queixas que tinha, de que ele lhe dava pouca ou nenhuma atenção e raramente expressava qualquer de seus sentimentos. Ele disse: – Eu sabia que você ia apresentar estas queixas e tomei algumas notas aqui que podem explicar por que pareço alheio e desinteressado por suas necessidades. Eu também tenho necessidades. Por exemplo, eu lhe disse na semana passada que precisava jantar precisamente às seis horas para poder pegar o avião. Você não teve nada para fazer durante o dia inteiro, a não ser o trabalho rotineiro de casa, mas o jantar só foi servido às 6h25 da tarde. Você tem uma propensão para se atrasar quando eu estou envolvido, mas noto que não se atrasa quando se trata de algo em que você está interessada. Um segundo incidente tem a ver com uma circunstância similar no domingo passado. Eu lhe disse que tinha que sair imediatamente depois do culto para chegar em tempo em casa para uma conferência com alguns homens. Era uma conferência importante, que tinha que ser realizada antes de segunda-feira. Cinco homens estavam esperando por mim. Mas você se atrasou vinte minutos, conversando alegremente com amigos no vestíbulo da igreja, a despeito da minha insistência de que eu tinha que ir para casa. Em certa altura você disse: “Cala a boca. ”

– O terceiro exemplo tem a ver com sua crítica constante da maneira de eu conservar a garagem. Não está limpinha e nunca vai estar. Não tenho nenhum

interesse em conservá-la limpinha e em ordem. Admito que está bagunçada e pretendo deixá-la assim. Eu não vou gastar minha vida limpando uma garagem. Se você a quiser toda arrumada e limpa, está livre para arrumá-la, mas me é indiferente se você a limpe ou não.

Neste ponto Jennifer irrompeu em lágrimas. Quando conseguiu se recompor, ela disse: – Eu me lembro de ter brigado por casa da garagem, mas não me lembro dos outros incidentes.

Paulo disse: – Claro que não. Você sente uma necessidade inconsciente de me punir justamente daquelas maneiras por meu alegado fracasso de expressar emoção quando você bem entende. Bem, estou mostrando emoção neste instante. Estou transbordando de hostilidade.

Aqui estava um caso evidente de necessidades incompatíveis, Jennifer queria um marido afetuoso e responsivo, e havia casado com um homem calmo, não emotivo que era virtualmente incapaz de manifestar os seus sentimentos mais profundos. Ela estava exigindo que ele suprisse as necessidades dela por meio de aprender como se comunicar quanto aos sentimentos.

Paulo, por outro lado, estava exigindo que ela suprisse as necessidades dele; entretanto, porque as necessidades dela não estavam sendo satisfeitas, ela inconscientemente o havia omitido, e deixava de ouvir ou se lembrar dos pedidos dele.

Uma situação como esta pode ser resolvida satisfatoriamente de duas maneiras somente: pelo divórcio, ou se o marido e a mulher concordarem em parar de fazer exigências, concentrando seus esforços em **suprir as necessidades um do outro**. O egoísmo grita: “Satisfaça minhas necessidades! Ame-me! Ame-me mesmo quando não sou amável, ou estou histérico ou não comunicativo, ou quando impossível.” O amor diz: “Deixe-me tentar suprir suas necessidades. Diga-me o que você quer ou precisa, e farei o meu melhor para lhe dar prazer. Se não puder fazer no momento, explicarei por que, tão pacientemente quanto puder; mas eu **tentarei satisfazer suas necessidades ao máximo dentro de minha capacidade**.”

Há duas necessidades básicas que todo indivíduo possui: amar e ser amado, e sentir-se útil. Qualquer coisa que pudermos fazer para preencher estas necessidades básicas será um ato de amor. O fracasso em preenchê-las resulta em dor de coração, desilusão, desespero e, muitas vezes, em divórcio.

Estudos têm mostrado que em cinquenta por cento dos casamentos, ou o marido ou a esposa comete adultério pelo menos uma vez. Uma dentre cinco esposas está tendo um caso amoroso, a proporção dos homens sendo maior. Alguns destes casamentos terminam em divórcio, mas a maioria deles não.

Um marido, que estava casado por bem mais de trinta anos, partilhou seus

sentimentos sobre o assunto.

– Minha esposa e eu seríamos considerados um casal feliz, mas, de minha parte, digo que não estou particularmente feliz. Acho que não a perdoei por ter sido infiel. Tenho tentado muito perdoá-la e na maioria das vezes acho que consigo, mas eventualmente o velho sentimento volta.

– Que tipo de sentimento? – Perguntei.

– Bem, só o sentimento de não querer ter nada a ver com ela, ou mais geralmente, uma relutância em ter um relacionamento achegado e afetuoso.

– Você discutiu o problema da infidelidade com ela?

– Sim, e é claro que ela o negou, mas eu não acredito nela. Havia evidência demais em contrário. Além da evidência esmagadora, houve um longo período de tempo em que ela teve muito cuidado em informar-me de suas saídas e chegadas, embora eu nunca perguntasse nada; mas ela estava irradiando uma dissimulação gritante que desmentia sua franqueza aparente acerca de suas atividades. Ela sobrestima sua capacidade de encenar e subestima meus poderes de observação. Ela não tem ideia de quão transparente é.

– Não será o caso de você estar sendo um pouco paranoico, desconfiado demais?

– Já pensei nessa possibilidade, mas sempre dou de cara com a evidência. Ela maneja suas atividades secretas muito pobremente. Seus esforços para enganar são quase ridículos. Eventualmente, simplesmente perdi o interesse, e não me importava se ela estava tendo um caso ou não. Isto me chocou, que eu não me importasse mais. Continuamos a viver como antes; mas se eu chegasse em casa e a encontrasse abraçada apaixonadamente com algum homem, estranho ou amigo, me seria inteiramente indiferente.

Eu perguntei: – Sua passividade está impedindo o afastamento da barreira? Você acha difícil sentar-se e discutir seus sentimentos com sua esposa?

– Sim, até certo ponto. Já tentei uma ou duas vezes, mas não chegamos a lugar algum. Ela não admitiria nem em mil anos que houvesse feito algo de errado. Eu poderia perdoá-la e continuar como antes se ela se abrisse e fosse honesta a esse respeito. Como está, temos um casamento de terceira ou quarta categoria. Não me sinto miseravelmente infeliz, embora quisesse muito ter um relacionamento aberto no qual não houvesse nada a esconder. Da parte dela, está supremamente feliz. Ela tem todas as coisas materiais que uma mulher pode querer e um marido razoavelmente atencioso. Quando temos uma das raras discussões tocante a este assunto doloroso, ela ganha a batalha, mas já perdeu a guerra há muito tempo atrás.

– Como ela perdeu a guerra?

– Em que eu não mais tenho interesse genuíno por ela, exceto como um ser

humano. Sinto o que pode ser chamado de amor cristão, mas afeição, não.

– O que posso fazer para ajudar nesta situação? – Perguntei.

– Você já fez o que podia ser feito. Você me ouviu e com isto eu me liberei um pouco da minha hostilidade reprimida; você deu atenção à minha confissão de sentimentos de culpa – de culpa, porque não posso amar minha esposa como gostaria; de culpa, porque não temos em comum nada além da comunicação de que “a grama precisa ser cortada”, “há muitos pássaros hoje”, “teremos que pagar as contas em poucos dias” – coisas seculares como essas. Mas sinto-me melhor por ter falado disto. Obrigado.

Esta imagem de um casamento de terceira ou quarta categoria, pela avaliação dele, é típica de muitos casamentos. Mude-se levemente o cenário, altere-se os detalhes um pouquinho e tem-se a imagem de milhões de casamentos que parecem serenos por fora, mas em que faltam os ingredientes básicos do casamento verdadeiramente satisfatório.

Os maridos e esposas têm casos amorosos por várias razões. Há homens e mulheres que sentem que precisam ter a aprovação, o amor e a conquista dos outros a fim de reafirmarem de que são atraentes. O triunfo dá-lhes uma gratificação temporária.

A esposa que pensa que seu marido está tendo um romance ilícito pode ser tentada a retaliar, para provar a si mesma que não perdeu o charme. O homem pode ser motivado pelo mesmo impulso.

Um ponto frequentemente negligenciado concernente a este problema de romance ilícito refere-se à necessidade de autopunição consequente. As pessoas que têm uma consciência bem desenvolvida encontrarão alguma forma de se punirem pelo mal feito. A autopunição é um processo totalmente inconsciente e pode tomar a forma de tendência a acidente, tendência ao fracasso, ou tendência a sintomas físicos e emocionais. Obviamente, há muitas outras razões para o masoquismo, o termo para a autopunição ou necessidade de expiar a culpa através de doença ou desastre.

Muitos acidentes automobilísticos estão inegavelmente relacionados a uma necessidade inconsciente da parte do indivíduo de procurar castigo pelo seu mau procedimento. Ninguém sabe por que a pessoa inconscientemente escolhe um acidente, enquanto outra torna-se física ou emocionalmente doente como forma de autopunição, mas a evidência é incontroversa. Nós realmente tendemos a nos punir de alguma forma por nossos erros. Às vezes um grande acidente, ou uma sucessão de acidentes pequenos, ou um turbilhão de doenças menores será suficiente para fazer com que o sistema judicial interior sinta que o pecado foi punido, pelo menos temporariamente.

O cristão que crê que os pecados foram expiados, e que pode aceitar e

sentir profundamente o perdão de Deus, não experimentará qualquer necessidade inconsciente de autopunição; mas, infelizmente, o que a mente crê a alma nem sempre recebe. Tenho observado um número incrível de situações em que crentes fortes sofrem anos de autopunição por culpa não resolvida. O indivíduo sabe que foi perdoado por Deus, mas não pode perdoar-se, e, conseqüentemente, sente uma necessidade interior de expiar sua culpa através da autopunição.

Débora veio consultar-se por causa de sua situação conjugal. Ela era jovem, atraente e cheia de vivacidade. Ela descreveu seu marido como sendo inteligente, ambicioso e atencioso, mas desinteressante. Pelo menos agora ele parecia desinteressante, quando ela o comparava com o homem por quem havia se apaixonado.

O “outro homem”, a quem chamaremos de Gilberto, era trinta anos mais velho do que ela, porém ela o descreveu como a realização de todos os seus sonhos. Claro que mexemos no relacionamento dela com o pai, mas nesta altura ela não tinha interesse emocional por nada, a não ser encontrar uma maneira de deixar seu marido sem feri-lo, e casar-se com Gilberto sem ferir a esposa dele! Havia sete crianças envolvidas nas duas famílias. Este caso de amor apaixonado tinha perdurado por vários anos. Em nossas sessões de aconselhamento tornou-se claro para ela que a única solução possível era romper o relacionamento ilícito e tentar reconstruir seu próprio casamento. Entretanto, Débora não podia aceitar isto emocionalmente, e parou de vir falar comigo.

Seis meses mais tarde, ela telefonou para marcar uma consulta. A mudança dela foi uma surpresa para mim. Ela parecia pálida e acabada e havia perdido muito de seu encanto e vitalidade. Estava obviamente à beira de um colapso emocional. Em nossa discussão, repassei as opções que havíamos discutido antes. Entre outras coisas, eu disse:

– Com suas convicções morais e formação cristã, se você realmente deixar seu marido e filhos, acho que certamente encontrará alguma maneira de punir-se a si mesma. Você sofrerá esgotamento nervoso, ou adquirirá uma tendência de acidentes ou encontrará outra maneira de se punir.

Ela pareceu espantada.

– Acabo de esraçalhar nosso carro num acidente, e sinto-me neste instante como se estivesse pronta para um hospital de doentes mentais.

Eu disse: – Se você quer sair de seu conflito, se quer sobreviver, então a única saída para você é romper esse relacionamento. Sei que vai ser doloroso, mas é a sua única solução.

Ela trouxe Gilberto na semana seguinte, e eu disse a ele quase a mesma coisa – que o relacionamento estava destruindo Débora, e que se ele a amava teria que desistir dela. Foi um momento doloroso para ambos, mas

eventualmente ele concordou que não tentaria vê-la outra vez. Débora concordou, embora entre lágrimas, que, a fim de sobreviver, ela teria que desistir dele.

Nesta altura, eu não poderia tê-la alcançado com apelos aos seus valores morais e espirituais. Ela podia ouvir-me intelectualmente, mas sua necessidade emocional de uma figura de amante paterno era tão grande que ela estava fora de contato com seus valores morais de toda uma vida. Que o amor brotara por causa de uma necessidade neurótica, não vinha ao caso, na opinião dela. Ela estava tentando encontrar seu pai, e Gilberto, recapturar sua juventude.

Muitas mulheres suportam angústia inexprimível quando descobrem que se casaram com um alcoólatra. Geralmente tal esposa fica dividida entre o desejo de ajudar seu marido a resolver seu problema e salvar o casamento, e o reconhecimento de que a tarefa é virtualmente sem esperança. Só uma pequena percentagem de bêbados problemáticos é capaz de admitir que é alcoólatra. O alcoólatra tem um interesse velado em preservar o mito de que ele pode continuar ou deixar de beber. Tenho conhecido homens que ficavam bêbados virtualmente todos os dias por dez ou vinte anos que se recusavam a encarar o fato de que eram alcoólatras e precisavam de ajuda. Experiências e descobertas dos Alcoólatras Anônimos revelam que um alcoólatra nunca pode ser ajudado, a menos que ele esteja disposto a dar aquele primeiro passo importante: admitir que é um alcoólatra e que não tem força para salvar-se a si mesmo. O passo seguinte, é claro, consiste em procurar ajuda dos Alcoólatras Anônimos ou de outra fonte disponível.

Censuras, importunação, conselhos, lágrimas, recriminações, ameaças – tudo isto é mais do que um desperdício, tratando-se de um alcoólatra. Na realidade, ele não tem força para ajudar-se a si mesmo. O alcoolismo não é seu problema básico, mas antes é um sintoma de uma dificuldade emocional e espiritual séria. Mesmo que, se por efeito de uma força de vontade milagrosa, ele fosse capaz de, por conta própria, parar de beber, ainda reteria o problema de personalidade que o levou para o álcool em primeiro lugar. Os alcoólatras são basicamente passivos, indivíduos dependentes, com profundos sentimentos de inferioridade e de culpa. Sermões e ameaças simplesmente complicam seu sentimento de culpa. Uma mulher casada com um alcoólatra pode normalmente esperar uma solução só se seu marido decidir juntar-se aos Alcoólatras Anônimos e os frequentar regularmente. Há exceções, mas são raras.

Em muitos casos, a mulher casa-se com um homem de tendências alcoólicas em parte por causa de sua gentileza e passividade. A gentileza geralmente desaparece quando ele fica bêbado. Quando melhora, é ele mesmo de novo, e promete que nunca mais ficará bêbado, e ela sente-se temporariamente

encorajada. Quando isto acontecer repetidamente, então ela tem de encarar a necessidade de se safar de uma situação intolerável, o que significa abandonar seu marido, o que a faz sentir-se culpada. Ou ela poderá permanecer ao seu lado e suportar seus abusos ou ser por ele negligenciada. Nem uma das alternativas é particularmente atraente. É um axioma que o alcoólatra não procurará nunca ajuda enquanto não chegar ao ponto extremo, o que para alguns representa a perda do emprego; para outros, a perda do lar e dos amigos; ainda para outros, a perda da saúde. Cada pessoa tem um “ponto extremo” diferente.

A esposa de um alcoólatra tem estas alternativas:

1. Ela pode ficar com ele, suportar abuso e privação, criticá-lo e passar-lhe sermão, e estar segura de que as probabilidades de cura sob tais circunstâncias são mínimas. Tal mulher geralmente é fortemente masoquista.
2. Ela pode deixar claro que, a menos que ele procure ajuda, tal como é oferecida pelos Alcoólatras Anônimos, ou ajuda profissional, e a continue, do contrário, ela sairá de casa. Isto não deve soar como uma ameaça, mas ser uma simples afirmação, e ela deve fazer essa afirmação valer.
3. Ela pode continuar vivendo com ele, e resolver seus próprios problemas pessoais. Emily fez isto de uma maneira notável. Ela gastou vários anos num grupo de terapia, tentando descobrir sua verdadeira identidade. Ela descobriu que era, para dizer com suas próprias palavras: “Distribuidora da Costa Oeste de masoquismo, uma coletora de injustiça de primeira classe.” Ela descobriu que havia casado inicialmente por causa de uma necessidade inconsciente de ser punida. No decurso de seu próprio renascimento espiritual, ela ganhou força emocional suficiente para que pudesse dizer:

“Quer ele consiga ou não, não é meu problema básico. Oro para que ele o consiga. Mas eu vou sobreviver, quer ele o consiga ou não. Eu não o importuno mais; a maior parte do tempo consigo não reagir aos seus abusos quando ele está bêbado. ” Ela tornara-se uma pessoa forte, autoconfiante, que escolheu continuar vivendo com seu marido alcoólatra, mas não por causa de uma necessidade inconsciente de punição, ou vã esperança de salvá-lo ela mesma.

Ninguém “acredita no divórcio”, no sentido de encorajá-lo, mais do que acredita na vantagem da doença, mesmo assim, há obviamente casos nos quais o divórcio é a única alternativa para uma situação intolerável.

Hazel era a esposa de um homem que possuía charme e inteligência. Ela descobriu um dia que ele estava tendo um sério caso amoroso com uma mulher da vizinhança. Ela o perdoou, ele teve nove outros casos com mulheres diferentes. Os vários casos de amor eram um esforço para provar a si mesmo que era desejável e masculino. Depois de dez anos, tempo este durante o qual o marido dela experimentou pelo menos dois episódios psicóticos, Hazel pediu o divórcio. Ela só o fez depois de ele ter esgotado toda chance de se modificar e depois de ela ter esgotado toda solução possível para o problema.

Uma esposa veio ver-me num esforço para resolver o problema que a confrontava. Ela estava casada com um homem que não tinha outro interesse senão o seu trabalho. Eles tinham pouco ou nada em comum. “Nem estou certa de que o amava quando nos casamos”, ela disse, “mas é claro, eu pensei que o amava. ” Agora, dez anos mais tarde e com quatro filhos, ela disse a ele que queria o divórcio. Ele ficou espantado. Até onde sabia, o casamento deles era feliz. Ela não estava interessada nem um pouquinho em tentar trabalhar a favor de uma reconciliação. Ela não o amava e não queria nada com ele. Ela odiava feri-lo com o fato de ter de privar seus filhos de um pai. Não havia nada que ele tivesse feito. Era simplesmente que havia casado com um homem a quem nunca havia amado, e só agora tinha admitido isto. Esta é uma daquelas tragédias em que todos os envolvidos são profundamente atingidos, para as quais não parece haver solução imediata.

Estudos têm mostrado que aproximadamente cinquenta por cento de todos os adultos masculinos entre as idades de vinte e um e cinquenta anos ou são ou foram sexualmente liberais uma vez ou outra. A promiscuidade do

homem não casado é somente um pouquinho mais alta do que a do homem casado.

Será ainda muito mais chocante para alguns descobrir que trinta e quatro por cento de todas as mulheres adultas entre as idades de dezoito e quarenta e cinco anos ou foram ou são sexualmente liberais.

A mulher geralmente dá a explicação de que ela “estava apaixonada” e recusa admitir que seja sexualmente liberal, enquanto o homem geralmente admite que o é. O Congresso das Nações Unidas sobre a Prevenção do Crime e o Tratamento dos Ofensores destaca que as mulheres sexualmente promíscuas geralmente pertencem a duas categorias. O primeiro tipo sente uma hostilidade inconsciente contra o sexo oposto, e procura, através da relação sexual, conquistar o homem e descarregar sua hostilidade, enquanto, ao mesmo tempo, convence a si mesma de sua qualidade de ser desejável. O segundo tipo, o relatório aponta, é masoquista e “deixa-se” seduzir, depois chafurda-se em seu próprio sentimento de culpa e sofrimento.

Há outras variáveis, entretanto. Algumas mulheres de mentalidade demasiadamente livre estão inconscientemente procurando o amor que lhes foi negado em casa quando criança. Uma sucessão de romances ilícitos, entretanto, nunca consegue aliviar permanentemente a dor de se ter recebido muito pouco amor na infância. Tal mulher precisa aprender a dar e receber amor maduro. Ela deve aprender a aceitar a si mesma, gostar de si mesma, amar a si mesma adequadamente. Ela não pode fazê-lo tão facilmente ou rapidamente, mas isto pode ser conseguido com paciência.

Pode-se dizer dogmaticamente que a mulher que ostenta sua sexualidade, a mulher sexualmente liberal e a ninfomaníaca são inconscientemente hostis para com os homens, e ao mesmo tempo duvidam de sua própria feminilidade. O mesmo vale para o homem que se entrega a uma sucessão de aventuras sexuais e experimenta uma necessidade de vencer as mulheres. Ele tem sérias dúvidas acerca de sua masculinidade, que é temporariamente abrandada depois de uma conquista. Tais pessoas são aleijadas emocionais e espirituais e precisam de ajuda. Rejeitá-las como “imorais” ou considerá-las párias é ir contra o exemplo de Jesus, cujos associados incluíam justamente tais pessoas. Para uma delas ele disse: “Nem eu te condeno; vai-te, e não peques mais” (João 8:11). De outra ele disse: “Perdoados lhe são os pecados, que são muitos” (Lucas 7:47).

Cada situação é diferente, mas há muitos casos nos quais o marido ou a mulher comprometeram-se em casos amorosos extraconjugais porque o companheiro de casamento ou era passivo demais ou indiferente. A mulher que não se sente amada, ou assim julga, pode tornar-se mais suscetível aos encantos de algum homem, que, de sua parte, pode sentir-se sufocado em casa por uma

esposa dominadora.

Em um desses raros casos em que marido e esposa vêm juntos para uma sessão de aconselhamento inicial, o marido reclamou que sua jovem esposa parecia ser imatura emocionalmente.

– Ela rompe em lágrimas, se não puder fazer como deseja; sai voando de casa e corre pela cidade de carro até três da madrugada; depois volta para casa e chora, ou ameaça deixar-me e ir para a casa da mãe.

As reclamações dela eram que ele desaparecia por longos fins-de-semana sem lhe dizer onde ia e sem nunca a convidar para ir junto.

Depois de consultá-los separadamente por uma ou duas vezes, comecei a ver a esposa em intervalos semanais regulares. Longe de apresentar a desordem emocional que eu havia esperado, ela mostrou ser uma jovem senhora altamente inteligente, que simplesmente não conhecia outro meio de conseguir atenção do marido. Não havia cicatrizes emocionais profundas, e prossegui a dar-lhe conselhos pertinentes sobre como viver com um homem. Eu disse:

– Você o está deixando louco e possivelmente fora de sua vida, com esses chiliques e ameaças.

Reconhecendo que ele tinha uma responsabilidade igual em conservar o casamento intacto, apontei que a esposa tem mais a ganhar de um bom casamento, e mais a perder de um ruim. Ela devia tomar a iniciativa. Insisti que ela o encontrasse na porta com um beijo; encontrasse meios de agradá-lo, em vez de importuná-lo. – Se você conseguir de algum modo mudá-lo – eu disse – só será com amor, não com ameaças e exigências.

Dentro de menos de um mês ela relatou que sua vida se tornara muito melhor; e continuou a melhorar. Eventualmente, afirmou que seu relacionamento não poderia ser mais feliz. Ela simplesmente havia parado de fazer exigências e começado a expressar amor nas maneiras que seu marido podia entender.

A solução nem sempre é tão simples. Às vezes, há cicatrizes emocionais originadas na infância, acontecimentos traumáticos que deixaram marcas em termos de padrões de comportamento neuróticos. Algumas destas situações podem ser resolvidas somente através de aconselhamento intensivo.

As mulheres que tentam modelar seus maridos, ou maridos que tentam mudar suas mulheres, estão fadados ao desapontamento. Quando o indivíduo chega à idade de casamento, a sua personalidade já está formada. Mudanças de superfície podem ser efetuadas; algumas atitudes fundamentais podem ser alteradas, mas a personalidade básica permanecerá a mesma. Entretanto, virtualmente, qualquer casamento pode ser radicalmente melhorado se marido e mulher estiverem dispostos a trabalhar para isso.

Por exemplo, um jovem casal consultou-me acerca de um problema

conjugal, que, na superfície, parecia relativamente pequeno, e mesmo assim parecia estar ameaçando todo o casamento. Ela sentia que eles estavam vivendo além de suas posses, em um bairro que era “bom demais” para eles, e que ele não queria se comunicar. Ela também insistia que ele não estava cuidando sabiamente do dinheiro. Quanto a ele, não tinha uma reclamação particular, a não ser que ela o fazia sentir-se culpado quando ele comprava um novo aparelho estéreo ou um gravador de fitas.

Enquanto conversavam em meu gabinete, descobri que pela primeira vez eles foram capazes de exprimir seus verdadeiros sentimentos um para o outro. Ela havia crescido num bairro pobre da cidade e sofria de um “complexo de pobreza”; estava sentindo-se culpada por viver numa casa com cujas despesas eles podiam muito bem arcar. E ficou demonstrado depois que eles tinham boas condições para adquirir os objetos que o marido comprava para si e para o lar.

– Mas nós precisamos de coisas para as crianças, em vez destas coisas de luxo – ela disse. Ele pareceu surpreso.

– Pois então compre-as. Eu já lhe disse uma dúzia de vezes para comprar qualquer coisa que você quisesse. Você sabe onde está o talão de cheques.

Ela pareceu chocada.

– Eu acho que nunca lhe dei atenção ao você dizer isto – ela disse. Seu complexo de pobreza a havia tornado literalmente surda à insistência dele de que ela podia comprar qualquer coisa que precisasse dentro do razoável.

A falta de habilidade de se comunicar da parte dele apresentava um problema, porque ele havia aprendido a controlar todas as suas emoções. Sua esposa disse:

– Eu nunca sei se ele está feliz ou triste, exultante ou desgostoso. Acho até que não o conheço, porque ele nunca mostra qualquer emoção.

Ele começou a ver que um casamento feliz envolve o intercâmbio de sentimentos tanto quanto de ideias, e que, ao trancar todos os seus sentimentos, ele estava deixando-a fora de sua vida. Ele concordou em solucionar este problema, através de aconselhamento e de outra forma, e ela começou a tarefa de se livrar de seu complexo de pobreza. Levará tempo, mas o fato de ambos estarem trabalhando para isso faz com que seja quase certo que conseguirão um casamento altamente satisfatório. Ela havia temido a falta de comunicação da parte dele e os pontos de vista divergentes, mas eram, na realidade, pequenos, uma vez trazidos à luz.

Eu supunha que Carolina e Jack estavam felizes em seu casamento. Ele era um homem agradável e um profissional de sucesso, no início dos seus trinta anos. Ela era doce, calma e um pouco passiva. Eles tinham várias crianças e, para todos os efeitos e propósitos, pareciam desfrutar um casamento melhor que

a média.

Um dia, de repente, ele disse a Carolina que estava apaixonado por uma jovem divorciada, com quem pretendia casar-se. Ele queria o divórcio. Não tinha recriminações a fazer ou reclamações de qualquer espécie. Era simplesmente que ele havia se apaixonado por outra pessoa. Ele estava profundamente magoado por causa da situação e da dor que causava a ela. Eles discutiram francamente o que o divórcio causaria a ela e às crianças, porém o fato inescapável permanecia, que ele queria casar-se com a outra mulher. Homem algum pode imaginar quão solitária uma mulher se sente quando é abandonada pelo homem que ama. Ela sentia-se arrasada.

Carolina veio me ver várias vezes, e na terceira visita percebi, através de sua confusão angustiada, uma nova qualidade que ela não tinha demonstrado antes. Era uma força insuspeitada que nem ele e nem eu sabíamos que ela possuía. A Aparência que ela dava de menininha havia sido substituída por uma maturidade forjada na dor e determinação. Ela estava mais ferida do que com raiva, porque não era uma pessoa hostil. Ela não podia achar a razão no coração para condená-lo, mesmo quando ele se mudou de casa e prosseguiu com seus planos de divórcio. Nem ela atacou ou criticou a outra mulher. Ela gradativamente tornou-se uma nova pessoa, disposta a encarar a vida por si mesma, se tivesse que o fazer, suportar a destruição de seu lar, se necessário, mas ao mesmo tempo mostrava compostura e força quando falava com Jack sobre o que ele estava fazendo a si mesmo, a ela e aos filhos. Tem-se dito frequentemente que não fazemos mudanças de personalidade significativas a não ser como resultado de “stress” ou sofrimento. Esta verdade foi evidente no caso de Carolina e Jack.

Através de meses de discussão dolorosa, Carolina começou a descobrir que inconscientemente Jack tinha precisado de uma esposa que não fosse uma menininha-mãe e passiva, mas de um tipo de pessoa mais forte, mais assertiva. Ela gradativamente tornou-se esta espécie de pessoa como resultado de sua luta para encontrar uma resposta. Eventualmente Jack começou a enfraquecer em sua determinação de conseguir o divórcio. Dentro de um ano ou menos, ele estava de volta em casa, e um novo capítulo deleitoso começou em suas vidas. Agora o seu casamento é muito melhor que antes, porque ambos mudaram. Seria difícil determinar o momento quando a mudança começou a se efetuar, ou o que trouxe a reconciliação, a não ser que através do aconselhamento e do estabelecimento de um nível de comunicação mais profundo, um crescimento dramático ocorreu nos dois.

Capítulo 7 - Quase Todo Casamento Pode Ser Melhorado

***Há pouco menos
dificuldade em governar
uma família do que um
reino inteiro.
(Montaigne)***

Indubitavelmente, há casamentos que estão fadados à ruína desde o começo. Há indivíduos cujas personalidades básicas são tão fixas e rígidas ou cujos padrões de comportamento são tão neuróticos, que é difícil conceber a possibilidade de alcançarem um relacionamento matrimonial satisfatório com alguém.

Mas quase todos os casamentos podem ser melhorados, e a grande maioria dos divórcios poderia ser evitada com um curso adequado de aconselhamento ou terapia de grupo. Aqueles que esperam que o casamento resolva seus problemas

de personalidade são desesperançadamente irrealistas, pois, na realidade, o casamento intensifica as tendências neuróticas.

Um problema comum encontrado no casamento é de se definir “esferas de influência”. Há muitas variáveis, é claro, mas no lar comum pode caber à esposa a responsabilidade final da casa, dos móveis, da jardinagem, da cozinha, e a responsabilidade do dia-a-dia com as crianças. Nas esferas que representam o “ninho”, ela geralmente vai querer expressar seu próprio gosto, como no mobiliar a casa, embora queira a aprovação do marido. Se ele mostrar relativa indiferença, ela receberá isto como rejeição dela própria, pois a casa é uma extensão de sua personalidade. Se ele insistir e tomar a decisão final nos assuntos relativos à escolha de móveis e a outros detalhes da casa, sua esposa sentirá uma perda de identidade. Ela tornar-se-á hostil ou frustrada. Se ela reprimir a raiva, poderá pender para a depressão.

Um jovem casal, discutindo comigo seus planos de casamento, mencionou o fato de já terem escolhido os móveis. Perguntei como havia chegado à decisão de comprar o estilo particular de mobília que haviam escolhido. Ela era um tipo de pessoa gentil, calma, não assertiva e sempre submissa a ele. Ele, um tanto mais agressivo, disse:

– Bem, o tipo de mobília que ela queria teria sido bom, mas eu queria algo mais durável. Finalmente decidimos por um tipo forte que aguentaria alguns anos.

Perguntei a ela se estava feliz com a escolha. Ela insistiu que era aceitável, e acho que era, naquele momento particular, pois ela estava profundamente apaixonada e tinha o desejo instintivo feminino de agradar a seu marido.

Mas ela passará muito mais tempo olhando esses móveis do que seu prático marido, e, toda vez que tirar o pó dos móveis, se lembrará de que a escolha foi dele, e não dela. Com o tempo, quer ela o admita em sua consciência ou não, detestará a mobília forte que ele escolheu. Ela vai atirar sua frustração sobre ele, de uma maneira direta ou sutil, ou, se ela for masoquista, volverá sua hostilidade para dentro e sofrerá algum sintoma físico ou emocional.

Eu disse a eles:

– Vocês encontrarão felicidade maior se descobrirem várias “esferas de influência”. Por exemplo, se a esposa puder exercer sua autoridade em casa, e o marido a puder exercer no que diz respeito ao seu emprego, ao carro e às finanças, vocês poderão ter menos conflitos. Estas esferas de atividades variam de casal para casal, mas devíamos evitar impor nossas opiniões sobre os outros em muitos pontos.

A mulher que é privada do direito de exercer seu próprio julgamento em

assuntos pertencentes à sua casa pode experimentar uma definitiva perda de identidade. O problema aqui não é se o gosto dele ou o dela é melhor. Ela devia ter a última palavra acerca das áreas do lar que lhe parecem de vital importância. Isto pode incluir jardinagem, se ela gostar disso. Em uma casa, o marido gostava de jardinagem, e sua mulher ficou muito contente de ele ter assumido total responsabilidade pelo quintal. Ela regozijava-se no amor que ele tinha pelas flores, e não sentia que isto era uma invasão de seus domínios.

Eu em particular, nunca gostei de jardinagem. De fato, detesto-a; mas, por alguma razão perversa, talvez envolvendo uma forma sutil de masoquismo, eu a pratiquei nos primeiros vinte anos ou mais de casamento. Um dia repentinamente compreendi quão inteiramente estúpido eu era. Praticar jardinagem quando a detestava tanto! Eu disse para minha esposa:

– Daqui para frente você será responsável pelo jardim. Pode cuidá-lo você mesma, pois você gosta de alguns aspectos da jardinagem, ou você pode empregar alguém para fazê-lo. Acabo de me formar. É uma extensão da casa, e é toda sua.

E assim tem sido desde então. Não chegamos à decisão através de uma longa discussão. Foi uma decisão unilateral, mas é claro que eu sabia que ela não a acharia inaceitável. Ela ficou bem feliz em assumir essa responsabilidade extra.

Ganhar a vida é a responsabilidade fundamental do marido, embora em nossa presente civilização milhões de mulheres trabalhem para complementar o orçamento da família, ou porque desejam alguma atividade fora do lar. Quando uma mulher casada arranja um emprego, entretanto, é raro que ele seja um fim em si mesmo; é antes um meio para um fim. Ela pode querer ajudar a pagar a hipoteca, ou querer economizar para a educação das crianças, ou desejar adquirir alguma mobília adicional.

Desde que a parte financeira no casamento é primordial, senão exclusivamente uma responsabilidade masculina, é geralmente o marido quem lida com as finanças. Há maridos que são bons nisso, e outros que são horríveis. Encontro esposas que se sentem superiores a seus maridos nesta questão, e que fazem um orçamento rígido, designando uma quantia exata para seus maridos gastarem no almoço, recreação e despesas pessoais. Uma mulher assim, que, na realidade, era mais prática que seu marido em lidar com dinheiro, veio ver-me porque ele estava sentindo-se diminuído. Ele havia feito a tentativa de sugerir várias vezes que queria ter o controle do livro de cheques outra vez, mas sua atuação relaxada do passado fez com que ela hesitasse um pouco. Ela me perguntou:

– Devo devolver o talão de cheques?

Eu disse: – Você parece uma mãe perguntando se deve deixar o filho

adolescente pegar o carro da família. Se ele quer tentar de novo. Por que ele tem que pedir a você? Você está fazendo o papel de mãe, e ele o de menininho?

Um tanto hesitante, ela deu o livro de cheques ao marido alguns dias mais tarde, e disse: – Estou cansada desta bagunça. Por que você não toma conta disto?

Ela colocou o talão de cheques e as contas sobre a escrivaninha dele. Ele os apanhou um tanto casualmente e exerceu daí em diante um trabalho bom, porém ocasionalmente deixando algumas contas atrasarem dois meses ou mais.

Sua esposa perguntou: – Que farei se ele continuar deixando as contas irem assim? Isso pode arruinar nosso crédito.

– Como você vai descobrir isto, se não deixar por conta dele? Se a educação dele nesta questão foi negligenciada, ele pode também aprender como tornar-se um homem responsável. Entretanto – eu disse – se acontecer de ele fazer uma bagunça da coisa e querer que você retome a responsabilidade, se você o fizer a pedido dele, isso será outra coisa.

Em um lar com várias crianças, havia um certo número de discussões sobre se as medidas disciplinares eram demasiadamente severas. Certa vez, a mãe havia mandado uma das filhas já adolescente para seu quarto como castigo. A menina apelou com lágrimas ao pai, o qual, ela pensou ia apoiá-la. Ele disse: – Querida, eu acho que talvez mamãe foi um pouco dura com você, mas esta é a regra dela. Você terá que fazer como ela disse. Não há nada que eu possa fazer acerca das decisões dela. Um curto tempo depois a mãe (que esfriou) chamou a filha para se juntar à família. Com isto, tudo serenou.

Igualmente, quando o pai dava uma ordem um pouco severa e as crianças apelavam para a mãe, pedindo simpatia e apoio, a resposta dela era que o pai era quem mandava e que eles teriam que resolver a coisa com ele. Esta atitude evitava jogar um pai contra o outro. Às vezes um filho tira vantagem de um conflito não resolvido entre a mãe e o pai. Se houver ressentimento latente presente, a criança pode apelar a um dos pais e conseguir apoio, o que, em certo sentido, é uma maneira de um dos pais vingar-se do outro.

Há inúmeras causas de conflito em um casamento, mas o denominador comum em conseguir um relacionamento satisfatório entre os parceiros conjugais é que ambos procurem maturidade espiritual e emocional. Para alcançar este objetivo, há certos postulados com que se deve lidar.

Primeiro, **pessoa alguma pode satisfazer a todas as necessidades dos outros.** Cada um de nós é uma pessoa multiforme, e esperar que um outro indivíduo satisfaça cada estado de nosso humor, satisfaça cada exigência, e supra todas as nossas necessidades, não é simplesmente realista. Cada indivíduo é diferente, e as necessidades da pessoa diferem dia a dia, de semana para semana.

Além disso, as diferenças inescapáveis entre os sexos complicam o problema.

Nossa auto centralização humana básica é responsável pelo fato de continuarmos esperando que o parceiro conjugal perceba nossas necessidades emocionais, talvez por meio de uma percepção extra-sensorial, e altruisticamente proceda a satisfazê-la. A criança interior, sempre residindo dentro de nós, espera ansiosamente o cumprimento de todos os nossos sonhos.

A única maneira possível de lidar com esta nossa egocentricidade inata é aplicar literalmente a fórmula de Jesus: “Dai, e ser-vos-á dado” (Lucas 6:38). Em vez de exigir, ou esperar que o outro supra nossas necessidades, devemos nos tornar maduros o suficiente para perguntar: Como posso descobrir e satisfazer às necessidades de meu parceiro? Se algumas delas forem impraticáveis ou egoístas ou infantis, então nesta altura, pode-se dizer: “Esta sua necessidade eu não posso, com toda a minha boa vontade, satisfazer.” Não precisa haver nenhuma explosão de cólera (embora tal explosão não seja necessariamente fatal).

A bela jovem esposa de um marido lutador tinha sempre sonhado com a casa que teria algum dia. Seria espaçosa, cheia de móveis bonitos e cercada por gramado ondulante. Seus sonhos de adolescente de conseguir essa casa foram esmagados quando eles se mudaram para sua primeira moradia – uma casa de um quarto só, pequena e apertada. Suas lágrimas fluíram por meses. “Não é desse jeito que pensei que seria”, ela se lamentava. Ela despejou sua frustração e raiva sobre o marido. Quando, em uma sessão de aconselhamento, afirmei que seus sonhos não podiam ser realizados por alguns anos, ela deu vazão à sua hostilidade sobre mim. Poder-se-ia pensar que o jovem esposo e eu tínhamos conspirado para frustrar todos os sonhos e aspirações dela. Havíamos destruído sua casa de bonecas. Levou três ou quatro anos para ela crescer emocionalmente e descobrir que seus sonhos infantis não podiam ser realizados por uma vara mágica ou uma cerimônia de casamento. Com o tempo, ela se tornou uma jovem senhora bem composta, emocionalmente madura, aceitando as realidades da vida e desejosa de abandonar suas fantasias irreais da adolescência.

Tive oportunidade de aconselhar um outro jovem casal com relação a alguns de seus problemas conjugais. Neste exemplo, o marido não havia crescido completamente. Ele fora criado em um lar onde nada se exigia dele. Ele nunca havia feito um trabalho no quintal ou assumido qualquer responsabilidade na família. Não que ele fosse egoísta. Era simplesmente que ninguém havia requerido nada dele. Agora o seu casamento estava afundando e pudemos atribuir muitos de seus desacordos ao fato de que Charles recusava-se a fazer alguma coisa na casa. Ele havia concordado em colocar alguns cabides no armário do hall, alguns meses antes, mas se esquecera de fazê-lo. Para uma

mulher, negligenciar a casa é negligenciar ela em pessoa. O lar é uma extensão de sua personalidade. Sua esposa ficou furiosa por que ele se importava tão pouco com ela a ponto de não se lembrar de fixar os cabides.

Sua esposa poderia facilmente tê-los colocado, mas ela queria que ele tivesse parte nisso. A recusa em aceitar responsabilidades caseiras era evidência para ela de que ele não se importava com ela. Gradualmente ocorreu a Charles que ele havia sido mimado quando criança e que sua responsabilidade como marido era mais do que ganhar a vida.

A segunda questão fundamental é que no relacionamento conjugal, **em vez de esperarmos que nossas necessidades sejam satisfeitas, devemos procurar satisfazer às do outro.** Quanto mais emocionalmente formos maduros, menos exigências faremos do outro, e mais capazes seremos de nos interessarmos pelos outros e por suas necessidades.

A pergunta adequada a ser feita não é: “Como posso ter todas as minhas necessidades satisfeitas neste casamento?” e sim: “Quanto amor posso expressar ao satisfazer às necessidades da pessoa com quem casei?”

Os indivíduos diferem em suas necessidades. Para um marido, o modo como suas camisas são passadas é um caso da maior importância. Para outro, isto é trivial, mas é importante para ele que sua esposa não apareça à mesa como um espantalho. Certo marido gostava da comida extraordinariamente boa feita por sua esposa, mas nunca queria comer a mesma coisa duas vezes. Outro homem reclamava que sua esposa, que era uma excelente cozinheira, tinha uma tal mania de variedades que ele nunca conseguia que ela fizesse o mesmo prato duas vezes. Ainda outro marido era relativamente indiferente à comida e raramente sabia o que estava comendo.

Certo marido sente a necessidade de ir à cozinha para cumprimentar sua esposa afetuosamente quando volta do trabalho, porém ela, cansada de cozinhar e das crianças, geralmente o afasta, dizendo: “Oh! Henry, agora não! Não vê que estou ocupada?” Ela está tentando satisfazer às necessidades dele, preparando uma refeição elaborada, quando o que ele realmente quer, mais do que uma boa refeição, é o afeto. Ela está dando-lhe o que ela acha que ele quer, sem ser sensível às necessidades reais dele.

Uma esposa perceptiva, ansiosa em exprimir seu amor por meio de satisfazer às necessidades de seu marido, tentará descobrir se ela cresceu com alguma ideia errada acerca das necessidades do homem. Só porque ao seu pai era indiferente se as refeições eram servidas na hora, isto não significa que seu marido seja assim. As necessidades dos seres humanos variam enormemente. Cabe à esposa tornar-se sensível às necessidades de seu marido e procurar satisfazê-lo dentro dos limites de sua capacidade.

A esposa tem a responsabilidade primária de cuidar da “atmosfera” do lar. Isto é verdade, em parte, porque as mulheres são mais sensíveis por natureza para com as pessoas e suas necessidades, e, em parte, porque o lar significa mais para a esposa do que para o marido. A mulher tem muito mais a ganhar de um bom casamento e mais a perder de um ruim. Ela pode ressentir-se deste fato, mas ainda assim isto permanece um fato inegável da vida. Portanto, cabe a ela fazer um esforço no sentido de tentar descobrir maneiras para agradar seu marido. As mulheres sentem uma necessidade interior de agradar, servir e ministrar às necessidades dos outros. A menos que a mulher seja ainda imatura e infantil, ela querará descobrir maneiras de satisfazer os desejos de seu marido.

Juntamente com isto, ela sente uma necessidade igual de ser amada, apreciada, protegida. Ela encontra segurança no sentimento de que seu marido se importa com ela, tem interesse por seu bem-estar e por sua felicidade. De fato, em um nível inconsciente, muitas mulheres – talvez a maioria – realmente inventam maneiras de descobrir se seus maridos se importam de verdade e profundamente com elas. Sua insegurança profunda requer reafirmação constante.

O marido, cuja responsabilidade primária é prover o bem-estar financeiro da família, pode vir para casa, do trabalho, com sua energia física e psíquica esgotada, e encontrar sua esposa com uma lista de coisas que ela quer discutir. Ela pode ter acumulado várias tarefas para ele realizar em casa, ou estar extremamente cansada de cuidar das crianças o dia inteiro, e quer que ele cuide delas então. Com isto, entram em apuros! Eles têm necessidades incompatíveis. Ela quer a ajuda dele para cuidar das crianças; ou quer uma conversa adulta, e ele está cansado demais para se interessar no momento pelas necessidades dela. Como homem e mulher eles são basicamente incompatíveis em muitos sentidos, para começar, e agora sua incompatibilidade momentânea complicou este problema.

A fórmula geral a ser aplicada neste ou qualquer impasse similar é: não espere muito das pessoas à sua volta, quer sejam parentes, filhos ou o companheiro conjugal. Mas se houver coisas óbvias que você tem o direito de esperar dos outros, a abordagem é importante. Uma maneira meio hostil e meio exigente possivelmente dará menos resultado do que uma aproximação gentil. O homem é muito mais capaz de ceder a um tom gentil e sedutor do que ao tipo de abordagem: “Estou cheia das crianças. Tomo você conta delas! ”

Uma jovem esposa, cujo casamento estava, como ela disse: “rompendo-se pelas costuras”, discutiu sua hostilidade por seu marido nunca ter assumido qualquer responsabilidade em casa. Os fatos que finalmente emergiram foram os seguintes:

Ele estava preocupado com seu emprego, que sentia ameaçado. Ele gastava duas horas por dia, viajando de trem, oito horas no serviço, e vinha para casa desabafar sobre suas dificuldades, esperando afeição e simpatia. Como ele disse: “Ela tem uma criança pequena e uma casinha para tomar conta. Ela pode sair durante o dia e visitar suas amigas quanto quiser, ou fazer compras, e talvez ver uma hora ou mais de televisão, se quiser. Eu tenho minhas mãos no serviço oito horas completas por dia. Eu me ressinto ao entrar na porta de minha casa e ser recebido com uma carga de reclamações. ” Ela contra-atacou com a reclamação de que ele vinha para casa mal-humorado, raramente discutia alguma coisa com ela, e recusava qualquer responsabilidade em casa. Como reação, ela havia se tornado nervosa e emocionalmente esgotada. Ela não podia expressar afeição de qualquer espécie, e sentia não ser amada e estar sendo negligenciada. Em parte, para escapar de suas reclamações, ele estava fazendo viagens nos fins de semana para pescar, o que fazia com que ela se sentisse ainda mais negligenciada.

Não que ela tivesse mais culpa que ele, mas porque ela era mais suceptível à mudança, eu mantive conversas com ela semanalmente por vários meses. Concordamos sobre várias coisas que ela podia fazer para melhorar seu casamento. Assegurei-lhe que, se desse esses passos, ele responderia logo que descobrisse que ela tinha mudado.

Ela começou a encontrá-lo à porta com um beijo, em vez de com reclamações. Em vez de fazer exigências ou requerer uma explicação de onde ele tinha ido quando estava fora, ela o aceitava como era. Em vez de usar lágrimas para manipulá-lo, ela começou a perguntar o que podia fazer para torná-lo feliz. Ela era uma jovem senhora viva e inteligente e nem uma só vez, em nosso aconselhamento, recorreu à expressão habitual: “Sim, mas...” Dentro de alguns meses, eles haviam conseguido um relacionamento conjugal deleitoso. Isto foi possível porque a esposa estava disposta a aceitar a total responsabilidade de iniciar algumas mudanças em sua própria personalidade. As mulheres são menos obtusas em muitas maneiras, e assim estão mais bem equipadas para começar mudanças no relacionamento conjugal.

Mas os homens têm responsabilidade pelo casamento também. Se a mulher deve tomar a iniciativa, na maioria das vezes, para melhorar o casamento, o marido tem a responsabilidade igual em responder à mudança na abordagem alterada de sua esposa.

Um tipo de esposa, com o número usual e padronizado de reclamações contra um marido não responsivo, juntou-se a um grupo de oito pessoas que estava procurando soluções para várias espécies de problemas. Disseram-lhe, ao entrar no grupo, que não confessavam as culpas dos outros. Que devíamos

compartilhar somente nossas próprias deficiências. Ela relatou, em uma sessão do grupo, que seu marido havia dito, uma noite, depois que ela chegou em casa:

– Bem, suponho que você deu a eles todos os detalhes de quão detestável eu sou.

Ela disse: – Não, pelo contrário, não nos é permitido confessar os pecados dos outros. Simplesmente conversamos acerca do que podemos fazer para melhorar a nós mesmos.

Ele não fez comentário. Alguns meses mais tarde, quando se tornou óbvio para ele que ela estava fazendo uma tentativa valente de corrigir algumas de suas próprias falhas, ele disse: – Suponho que você vai querer que eu me junte a um desses grupos.

Ela disse: – Não, isto não é de minha responsabilidade.

– Você quer dizer que não me quer no grupo?

– Oh! Eu acho que você podia juntar-se a um grupo se quisesse, mas isto deve ser puramente voluntário!

Um mês e pouco mais tarde ele disse: – Eu poderia visitar um destes grupos estúpidos e ver o que se passa ali.

– Não, eles não permitem visitantes. A pessoa tem que juntar-se pelo menos por três meses.

– Há outros maridos em alguns dos grupos?

– Sim, muitos.

– Com quem devo falar para juntar-me ao grupo?

Ela lhe disse, e ele, um tanto hesitante, pediu para juntar-se ao grupo. Antes de terminar a primeira sessão, ele estava participando livremente. No final, ele disse: – Eu tinha, na realidade, decidido vir só uma noite, mas gostei. Devia haver mais lugares onde as pessoas pudessem ser elas mesmas e aprender a ser honestas. Vou voltar.

Em certa sessão de grupo, uma mulher disse, de modo jocoso: “Ele reagiu como um homem: pôs a culpa em sua esposa.” Na verdade, há uma tendência quase universal de culpar outra pessoa por nossos problemas. Começou no Jardim do Éden, quando Deus perguntou a Adão quanto ao ter comido da fruta proibida. Ele disse: “A mulher... deu-me da árvore, e eu comi.” Eva, não querendo aceitar a culpa, disse: “A serpente me enganou” (Gênesis 3: 12, 13). Talvez se a serpente pudesse ter retorquido, ela teria dito: “Meu ambiente me fez assim.” A maioria de nós tem a tendência inata de colocar as responsabilidades sobre os outros. Começamos a alcançar certa maturidade somente quando cessamos de culpar os outros e aceitarmos a responsabilidade pela mudança dentro de nós mesmos.

Há um “Negro Spiritual” que expressa uma grande verdade:

“Não é meu irmão, nem minha irmã,
Mas sou eu, ó Senhor, quem precisa de oração. ”

As diferenças físicas e emocionais básicas entre os homens e as mulheres são grandes. As gerações futuras poderão ler, com espanto, que se permitia o casamento do jovem sem um ou dois anos de estudo intensivo das complexidades envolvidas no casamento, que é o mais importante dos relacionamentos humanos. O homem, por exemplo, nunca poderá saber como a mulher se sente quando está grávida, dá de mamar a uma criança, ou quais os estados de espírito que acompanham o ciclo feminino. Homem algum pode compreender completamente até que ponto o calendário interior da mulher afeta seu humor e suas consequentes respostas a ele. As mulheres em geral tendem a ser “nutridoras”, isto é, têm o desejo de prover cuidado amoroso aos outros. Os homens são, em regra, mais competitivos e agressivos; mesmo se não forem assim de nascimento, nossa civilização tende a encaixá-los nesse molde. Eles são comumente menos capazes de expressar seus sentimentos e estão, muitas vezes, inconscientes de algumas de suas emoções mais profundas. Consequentemente, eles podem ser incompreensíveis ou impacientes para com as instabilidades emocionais de suas esposas.

Nenhum dos sexos entende o outro completamente. Vemo-nos um ao outro através do rótulo de nossas próprias respostas físicas e emocionais, esperando que nossas necessidades emocionais variáveis sejam entendidas e satisfeitas, embora não sejamos capazes de expressá-las.

É precisamente neste ponto que a comunicação se torna vitalmente importante. Comunicação não é “só conversar”. Envolve o desejo e a capacidade de exprimir nossos sentimentos um ao outro. Tais sentimentos podem não ser apenas positivos. Frequentemente eles são negativos, envolvendo raiva, mágoa ou desapontamento.

Uma barreira comum à comunicação entre marido e mulher é a tendência instintiva de culpar e atacar. Em uma sessão de grupo, na qual marido e mulher participavam, a esposa expressou insatisfação pela incapacidade do marido em se comunicar. “Ele vem para casa, lê o jornal até a hora do jantar, engole seu alimento, depois planta-se em frente da televisão. Ele nunca me leva a lugar algum, nunca lê um livro, nunca fala comigo. ”

Seu marido estava mostrando sinais de tensão crescente, à medida que ela falava, os quais procurava controlar. Ele estava fazendo papel de forte, conservando-se em silêncio e sem reclamar. Forçou um sorriso, quando sua mulher terminou seu discurso, e disse: – Sim, acho que essa é a espécie de vagabundo que sou. Eu nunca fui muito de conversa, fico cansado de noite, e acho que não sou um bom marido.

– Hank, você me cansa. Sua esposa teve nove décimos da conversa desde que vocês se juntaram ao grupo. Ela o tem aviltado, criticado, condenado por uma dúzia de razões, e você fica sentado aí, absorvendo toda essa punição como se a merecesse. Talvez você a mereça, em parte, mas você não deve ser a pessoa sem esperança que ela apresenta. Por que você não se defende? Sua mãe nunca deixava você responder? Você tinha pavor de sua mãe, e agora tem de sua esposa? Por favor, enfrente esta mulher! Ela tem motivos de queixa, mas você também deve ter os seus.

Hank parecia pensativo.

– Você mencionou minha mãe. Ela era uma pessoa bem dura, mas amava a todos nós. Não consigo lembrar-me de que eu jamais tivesse ficado com raiva, ou pelo menos nunca o demonstrei. Isso não era permitido em nossa casa. Papai e mamãe não falavam muito um com o outro, e acho que eu me tornei uma pessoa silenciosa para escapar de dificuldades. Nunca tive uma batalha verbal com ninguém na minha vida, e não me sinto com disposição para começar tão tarde. Ou minha esposa se acostuma com meu silêncio ou então arranje outro marido.

Ele fez uma pausa e pareceu inflexível por alguns instantes.

– E acabo, pela primeira vez, de chegar à conclusão de que não me importarei muito se ela o arranjar. Estou cheio.

O líder do grupo interrompeu neste ponto e disse:

– Acho que vamos presenciar um drama, com Hank como marido e Mariana como esposa. Mariana, o cenário é este: Hank faz o papel de seu marido. Ele é silencioso, e não comunicativo, não revelando seus sentimentos. Você sente-se negligenciada e solitária. Você usou e abusou de tudo o que existe de insultos verbais, sem resultados. Agora você acaba de descobrir que Hank planejou uma viagem de três dias para caçada com um amigo e você decidiu tentar dizer a ele o que você sente a respeito. Lembre-se, você não pode mudar Hank por ação direta, nem por manipulação, mas você tem o direito de dizer a ele o que sente.

Hank e Mariana sentaram-se frente a frente no centro do círculo. Ela apresentava estar sentindo um misto de emoções. Começou gentilmente:

– Hank, posso falar com você por alguns instantes?

– Claro, por que não?

– Bem, Hank, tenho pensado ultimamente que tenho me tornado resmungona. Tudo o que disse a você nos últimos dois anos foi petulante e maçante. E eu não quero continuar sendo este tipo de pessoa. Detesto a mim mesma quando faço isto.

– Sim? O que fez você chegar a essa conclusão?

– Oh! Eu simplesmente comecei a ouvir a mim mesma! Você não concorda que tenho esbravejado quase como uma vendedora de peixes ultimamente?

– Sim, quase.

– Acho que é porque na casa em que cresci todas falavam ao mesmo tempo, e pensei que todas as famílias seriam assim – conversando, discutindo, amando e brigando.

Ela fez uma pausa.

Então Hank disse: – Meu pai e minha mãe não se falavam muito, exceto quando gritavam um com o outro. Eu detesto gritaria. Lembro-me de que sempre ia para meu quarto quando mamãe e papai estavam discutindo.

– Você se retirava?

– Sim. Acho que ainda o faço, especialmente quando você começa a parecer hostil.

– Você nunca me contou sobre sua família antes, de quão hostis eles eram.

– Você nunca perguntou.

– Você tem razão.... Acho que eu trouxe para o casamento algumas noções preconcebidas de como seria. Sentaríamos e segurariamos as mãos para conversar e partilhar... e quando não aconteceu assim, comecei a me sentir solitária, depois rejeitada, finalmente maltratada.

– Sinto muito. Não sou de muita conversa. Com certeza você casou com a pessoa errada.

– Não, eu não penso assim. Eu apenas cometi um erro ao imaginar que todos os homens fossem como meu pai; mas você tem uma série de qualidades que admiro, do contrário não me teria casado com você.

– E daí?

– Olhe, Hank, eu tenho agido erradamente tentando mudá-lo. Tenho criticado e atacado você, e sua reação natural tem sido retrair-se; a culpa é minha. Pelo menos cabe-me a culpa de atacá-lo.

– E eu acho que sou culpado por minha maneira de reagir. Talvez eu pudesse aprender a ser mais comunicativo, mas simplesmente não sei reagir com afeição quando você é hostil.

– Olhe, Hank, eu quero parar de tentar mudá-lo. Você seja simplesmente você mesmo, e eu vou parar de criticá-lo. Eu o amo de verdade, e não quero fazer você sair de casa ou retirar-se, ou que você se feche em silêncio por causa dos meus ataques.

– Você não me faz sair de casa. Eu saio de livre e espontânea vontade.

– Será que esta viagem de caça não é, em parte, um esforço para escapar

aos meus sermões?

Hank, após ficar calado por um longo instante, disse: – Talvez seja. Sinto-me mais em paz quando estou fora, na floresta, com um amigo. Ele e eu não criticamos um ao outro.

– Hank, eu quero que você saiba que depois disto eu nunca mais reclamarei quando você for caçar, ou for a qualquer outro lugar. O que acontece é que me sinto só, e gostaria de estar e sair com você; mas talvez eu não tenha sido boa companhia do jeito que tenho agido.

Ela pegou a mão de Hank. Ele sorriu. Ele era um homem passivo que tinha fugido de uma esposa exigente, hostil e magoada. A ternura de Mariana alcançou algum recanto escondido da alma dele, e ele respondeu. Ele não estava mais representando um papel. Ele apertou a mão dela.

– Querida, acho que não vou fazer essa viagem de caça. Prefiro ficar aqui com você. Talvez pudéssemos fazer alguma coisa...ir – a um jantar, talvez, ou a um cinema.

– Eu adoraria – disse Mariana, e levantou-se e o beijou ternamente no rosto. Hank, por sua vez, levantou-se e a abraçou.

Hank e Mariana voltaram para seus lugares no círculo. Ela estava chorando silenciosamente. Quando conseguiu se recompor, disse: – Eu me vi pela primeira vez como a esposa resmungona e exigente que sou e odeio a mim mesma por isso. Vi Hank derreter-se quando confrontado por uma esposa compreensiva. Eu o tenho atacado, e não amado. Tenho confessado as faltas dele, em vez das minhas. Tenho feito tudo ao contrário do que devia ser.

Hank foi até ela e disse: – Querida, eu sou um estúpido que não sabe se comunicar. Acho que não tenho tentado muito vencer o meu problema de não conversar. Mas acho que posso melhorar. Percebo que tenho agido assim não por uma paixão pela caça, mas num esforço de fugir de ter que me comunicar ou encarar sua raiva.

– Hank – ela replicou – eu falo mais rapidamente e mais que você, mas posso ver agora que não me comunico melhor que você. Suponhamos que tentemos em casa e neste grupo aprender mais sobre a verdadeira comunicação.

Eles não se tornaram peritos da noite para o dia, mas, com o tempo, ambos aprenderam a expressar seus sentimentos mais profundos. Houve momentos de mágoas e hostilidade, mas os venceram e aprenderam que até a raiva, às vezes pode ser criativa. Ele aprendeu a encarar e expressar seus sentimentos, e ela descobriu que amor e paciência fazem milagres.

A maioria dos casais emite “mensagens codificadas” inconscientemente. Um espera que o outro decodifique a mensagem e dê a resposta adequada. Aqui está uma série típica de mensagens codificadas, com seus significados

verdadeiros entre parênteses:

Esposa – Tive um dia terrível. As crianças foram horríveis, e sinto dor de cabeça de rachar. (Gostaria que você colocasse seus braços em volta de mim e dissesse que me ama e que entende o quanto dei duro; e talvez você pudesse levar a todos nós para jantar fora.)

Marido – Você teve um dia terrível! Espere até ouvir o que aconteceu comigo. Houve um acidente na estrada, e cheguei ao serviço uma hora atrasado. O chefe repreendeu-me e nem me deixou explicar. Além disso, minha secretária ficou em casa, doente, e eu tinha um monte de correspondência para despachar. Para completar, bobeei com um contrato de vendas e o gerente caiu em cima de mim. Que dia! (Você pode ficar em casa e ver televisão se você quiser, ou visitar alguma amiga, ou fazer compras, enquanto eu me mato tentando ganhar a vida para a família. O que preciso é de um pouco de paz e quietude enquanto me refaço. Talvez um pouco de compreensão de sua parte ajudasse, e tudo que ouço são reclamações. O que é que você **faz** o dia inteiro?)

Esposa – Querido, você quer me livrar dessas crianças e tirá-las da cozinha enquanto tento colocar o jantar na mesa? (Eu aguentei essas crianças o dia inteiro, e mereço um pouco de paz. Você nunca faz nada real com nossos filhos. Para dizer a verdade, você não é um bom pai.)

Marido – Claro, claro. Crianças, todas para fora da cozinha! Vão limpar a sala de estar e se lavar para o jantar. (Que bagunça é esta casa. Parece que um furacão a atingiu. Por que você não pode conservar este lugar um pouco mais limpo e ensinar às crianças alguma responsabilidade? Onde posso ir para sair dessa bagunça e me refazer?)

Ao jantar:

Esposa – A máquina de lavar quebrou hoje. Você podia dar uma olhada nela depois do jantar? (Se você tivesse um pouco de interesse no que acontece nesta casa, me daria um sentimento de segurança ou algo parecido.)

Marido – Sim, vou dar uma olhada, mas não sei se conseguirei consertá-la. Essas coisas são muito complicadas. (Por que você não chama o técnico? Eu não sou consertador de máquinas. Preciso descansar depois de um dia turbulento, e venho para casa e encontro um punhado de crianças barulhentas e uma máquina de lavar quebrada. Não tenho intenções de passar a noite sentado no chão, olhando para dentro de um aparelho arrebitado, do qual não entendo nada.)

Depois do jantar:

Esposa – A professora de Jimmy telefonou hoje. Ela disse que ele é um elemento nocivo na aula e mostra sinais de perturbação emocional. Ela acha que um de nós devia falar com ela a esse respeito. (Eu quero um pouco de ajuda para criar essa ninhada. Se você tivesse verdadeiro interesse nestas coisas, eu me

sentiria muito melhor. De fato, se você tão-somente me desse atenção enquanto falo sobre isso, em vez de dar olhadelas nesse jornal, eu sentiria que você realmente se importa conosco.)

Marido – Ok. Talvez fosse melhor você passar lá amanhã e falar com ela. Vou falar com o Jimmy dentro de um dia ou dois e dizer para ele melhorar. Ele realmente está ficando impossível. Mas eu acho que não é nada sério. Meus professores sempre mandavam recados para casa falando de mim, quando eu era da idade dele. (Por que você não pode ter uma pequena entrevista com a professora do menino? A gente até pensaria que isto é uma catástrofe de grande monta. Eu controlo cinquenta assuntos ou mais por dia, mais importantes do que isto. Por que as mulheres são sem ação? Gostaria de poder ler o jornal da tarde sem essa confusão de pequenos incidentes diários.)

No café da manhã:

Esposa – Ó, querido, esqueci de lhe contar que mamãe vem visitar-nos e passar uns dias conosco. Você terá que tirar suas coisas de pesca do quarto de hóspedes. Ela chega hoje à tarde. Você podia fazer isso antes de ir para o escritório? (Eu odiava contar-lhe isto enquanto você estava cansado ontem à noite. Por alguma razão você sente esta hostilidade irracional pela minha mãe. Sei que ela pode ser um pouco difícil e fala demais às vezes, mas, afinal, ela é minha mãe. Espero que você seja amável para com ela, mais do que você foi da última vez que ela esteve aqui.)

Marido – É? Ela chega esta tarde? Bem, acho que não será tão terrível se eu chegar atrasado dois dias seguidos. Vou deixar o resto de meu café e tirar as coisas de pescar. (O Velho Vesúvio vem de novo! A última vez que ela veio, ficou três meses, e quanto foi embora, as crianças estavam fora de controle, e todos nós estávamos um na garganta do outro. Porque ela tem que vir até nós e estraga a pouca paz que temos? Ela sempre teve ressentimento contra mim, e, francamente, não aguento a presença dela. Toma conta da casa, estraga os meninos e faz só as coisas que gosta. Trata-nos como se fôssemos idiotas incapazes de cuidar de nossas próprias vidas. Tentarei ser educado, mas não vai ser fácil. Você não gosta das visitas dela mais do que eu, mas você é leal demais à velha Mamãe para admitir isso, até a si mesma!)

E assim acontece. Em milhões de lares, as mensagens codificadas são mandadas para lá e para cá dia após dia, ano após ano, imperceptivelmente enquanto as tensões aumentam, até que, surgindo algo de somenos importância, um ou o outro explode, no que parece ser uma mostra de raiva sem sentido. A explosão, quer seja verbal ou em forma de resmungo, ou em retirada silenciosa, pode geralmente ser atribuída ao acúmulo diário de irritações reprimidas, às quais não foi possível dar vazão.

As alternativas pareceriam ser, à primeira vista, continuar mandando mensagens codificadas educadas, ou discutir o problema explosivamente. A primeira alternativa envolve paz temporária ao preço de hostilidade aos poucos acumulada. A segunda, de falar livremente o que se sente, muitas vezes resulta em sentimentos feridos e fracassos em resolver a dificuldade básica. “Falar a verdade em amor” é geralmente uma solução melhor do que botar a verdade para fora de modo que fere. Ser amoroso é mais importante do que ser honesto; ainda assim, ser amável envolve encarar, às vezes, o fato de que se deve falar honestamente.

Há vezes quando os sentimentos verdadeiros devem ser partilhados, desde que o companheiro conjugal seja capaz de encarar e aceitar a verdade. Não temos o direito moral de descarregar todos os nossos sentimentos hostis sobre outrem, que pode não estar emocionalmente preparado para enfrentar tanto ódio assim.

Em grupos pequenos, nos últimos anos, vários milhares de maridos e esposas lidaram com e resolveram problemas conjugais de maior importância. Os grupos **Yokefellow**, como são chamados, não são somente “grupos de terapia”, embora este seja muitas vezes um aspecto vital de sua atividade. Geralmente, é mais fácil resolver um problema conjugal difícil em um pequeno grupo de compartilhamento do que em casa. Muito frequentemente os maridos e esposas aprendem, pela primeira vez, a se comunicar dentro de um grupo de pessoas com problemas similares. O grupo não procura tanto lidar com o sintoma, mas como encontrar a causa básica do problema.

Uma esposa seriamente deprimida veio a mim para aconselhamento. Ela sempre havia sido uma pessoa feliz, conforme disse, até o ano que passara. Gradativamente tornara-se deprimida e infeliz, embora não houvesse nada significativo em sua estória que pudesse ser a causa de sua depressão mórbida. As crianças não estavam muito felizes em seu novo lar, e seu marido parecia ser um pouco rígido, mas nada disso parecia suficiente para explicar seu estado mental. Depois de várias sessões particulares, sugeri que podíamos chegar à raiz do problema mais prontamente se ela e o marido se juntassem a um grupo. Ele veio com ela para a primeira reunião com sérias reservas. Mostrou ser uma pessoa calma, um pouco reticente. Conforme disse mais tarde, ele não tinha nenhuma intenção de lavar sua roupa suja em público, mas havia concordado em vir ao grupo para “ver como era”, e porque sua esposa insistira que ele viesse.

Não havia um só problema em particular para resolver. Ele descobriu que não tinha domínio de suas emoções e que se tornava extremamente irado por qualquer coisinha. Era, por índole, complacente e concordava com as sugestões da esposa, embora frequentemente com hostilidade disfarçada. Ela temia suas

explosões de raiva, quer fossem dirigidas a ela ou a um vizinho, e havia começado a retrair-se. Como resultado de ocultar seus sentimentos verdadeiros, ela reprimiu seu ressentimento, e o resultado foi a depressão.

Eles não partilharam nada sórdido ou íntimo, embora cada um parecesse capaz de expressar sentimentos verdadeiros no grupo mais facilmente do que em casa. O grupo oferecia certa segurança. Os outros tinham problemas similares ou idênticos aos seus. A atmosfera de aceitação total fazia com que fosse mais fácil ser honesto e franco.

Dentro de um tempo relativamente curto, marido e mulher relataram resultados significativos. Ele disse:

– Sinto-me capaz de ser mais eficiente no trabalho, e menos hostil com meus companheiros de trabalho. Não sou mais tão irritável, em casa ou no trabalho. Acho que eu era uma pessoa muito hostil, e não o reconhecia. Estou aprendendo a lidar com minha raiva de uma maneira mais criativa.

Ela disse:

– Minha depressão tem diminuído grandemente, agora que posso dizer, no grupo, o que sinto. Em casa eu frequentemente temia dizer o que sentia, com medo de ferir os sentimentos de meu marido ou porque ele poderia ficar zangado. As crianças devem ter adquirido um pouco de minha depressão e talvez um pouco da hostilidade dele, porque elas foram um pouco desajustadas. Elas agora estão reagindo de maneira diferente, provavelmente porque **nós** estamos diferentes.

Não tenho a intenção de simplificar o problema de comunicação ou de sugerir que a frequência por uns poucos meses em um grupo assim sempre resolverá problemas difíceis de longa data. Mas isto pode acontecer.

Capítulo 8 - Dez Mandamentos Para as Esposas

*Abre bem teus olhos
antes do casamento; e
conserva-os meio
fechados depois de
realizado.
(Thomas Fuller)*

Conta-se que um jovem psicólogo solteiro escreveu um livro com o título: **Dez Mandamentos para os Pais**. Alguns anos mais tarde ele se casou, e, a seu devido tempo, nasceu um bebê. Quando a criança tinha cerca de cinco anos, o pai reescreveu o livro e o publicou com o título de **Dez Sugestões para os Pais**. Depois do quarto filho, decorridos mais alguns anos, ele tornou a reescrever seu livro e o publicou com o título **Dez Palpites para os Pais**.

Depois de quarenta anos de casamento e após ter aconselhado milhares de pessoas casadas, ainda me sinto um tanto presunçoso ao apresentar dez

mandamentos para os maridos e esposas. Talvez estes pudessem ser considerados como “diretrizes”, princípios gerais que, se seguidos com um certo grau de persistência, tenderão a tornar um casamento melhor.

Aqui estão os Dez Mandamentos para as esposas, em resumo:

1. Aprenda o verdadeiro significado do amor.
2. Desista de seus sonhos de um “Casamento Perfeito”, e lute por um “Bom Casamento.”
3. Descubra as necessidades pessoais e singulares de seu marido e tente satisfazê-las.
4. Abandone toda a dependência de **seus** pais e toda crítica dos parentes **dele**.
5. Faça elogios e mostre apreciação, em vez de procurá-los por si.
6. Abandone a tendência de ser possessiva e o ciúme.
7. Cumprimente seu marido com afeto em vez de fazer reclamações ou exigências.
8. Abandone toda esperança de mudar seu marido através da crítica ou do ataque.
9. Vença o complexo de princesa.
10. Ore por paciência.

Quando você se casou, provavelmente trouxe para o casamento certas ideias preconcebidas de como a vida ia ser – talvez uma espécie de romance perpétuo, uma continuação da lua-de-mel. Então chegou a triste realidade. Não foi do jeito que você havia sonhado. Ele mudou, não é? E, sem perceber, você não foi sempre a mesma mulher jovem com quem ele se casou, amorosa, paciente, com os olhos radiantes. Ambos mudaram. Agora vejamos como podemos restaurar um pouco do pó das estrelas. Tomando os Dez Mandamento um por um, vejamos o que eles significam.

1. Aprenda o verdadeiro significado do amor.

Você pensava que estava apaixonada, e, sem dúvida, estava. Agora você tem imaginado se estava **realmente** apaixonada. Houve vezes em que você se perguntou se não devia ter casado com outra pessoa. Talvez tudo não passasse de um terrível engano.

Bem, amor não é o que você pensava quando era adolescente. É muito, e muito mais complexo. **Se você quiser ser amada, você deve tornar-se digna de ser amada** – não por um dia ou uma semana, mas numa base permanente. Isto pode envolver uma mudança radical de atitudes de sua parte. Você quer que seu marido mude, é claro; indubitavelmente há muitos pontos em que ele precisa mudar. Mas você nunca o mudará sem um amor maduro. “O amor nunca falha”, disse o apóstolo Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios. Isto é, se você pretende fazer de seu casamento um sucesso, terá que fazê-lo com amor maduro, não com exigências, críticas ou lágrimas.

Amor não é uma paixão de adolescente ou mesmo atração sexual, por importante que esta seja. Amor é basicamente amor à vida, amor a Deus, amor adequado para consigo mesmo, amor pelos outros, e a expressão deste amor de maneiras múltiplas. **Quase ninguém recebe amor suficiente.** Se você quiser ser amada, aprenda a dar amor maduro de forma aceitável a seu marido. Alguns homens que cresceram em lares onde a afeição não era expressa livremente são reservados. Uma jovem esposa cujos pais eram francos e afetuosos reclamou que seu marido resistia às suas tentativas de expressar afeição.

– Ele expressa amor comprando coisas para mim e levando-me para passear, mas ele nunca diz que me ama – ela reclamou. – Ele faz as coisas por mim, mas por que ele não pode **dizer** que me ama?

Eu expliquei que o ambiente em que ele foi criado o havia feito desse jeito e que ela teria que aceitar, por enquanto, o fato de ele não ser demonstrativo.

– Dê-lhe dois, cinco ou dez anos – eu disse – se você for paciente, ele poderá aprender, como adulto, o que ele nunca aprendeu quando criança. Enquanto isto, tente aceitar a maneira dele de expressar amor.

Amor não é só uma expressão sentimental, nem é simplesmente afeição. É também um ato da vontade – uma determinação de dar amor de forma que o

outro o possa aceitar. O amor pode ser expresso através de paciência, tolerância para com os fracassos de seu marido, suprimindo suas necessidades e evitando críticas. O amor não exige, dá. Sua própria necessidade de amor poderia reduzir o amor dele por ela se for expressa de uma maneira exigente ou de mártir.

2. Desista de seus sonhos de um “Casamento Perfeito” e lute por um “Bom Casamento”.

Não há casamentos perfeitos, pela simples razão de não haver um ser perfeito. As expectativas da adolescência de um casamento ideal são irreais. Há alguns casamentos mais ou menos ideais, mas são geralmente os que foram trabalhados através de anos.

Ao sacudir o arroz dos cabelos, você acaba de começar uma viagem que pode envolver “dívidas, canseiras e fraldas”, como uma mulher se expressou. Agora começa a luta difícil em direção a um casamento eficiente. Você começa a descobrir que “o seu jovem cavalheiro” tem faltas que você não descobriu nunca durante o namoro. Ele também está descobrindo algumas coisas que nunca esperava acerca de você. Ele não é bem a pessoa com quem você sonhara, mas, afinal, você também não é a pessoa com quem ele pensou que estava se casando. As irritações chegam, as diferenças aparecem, com as quais você não havia contado. O casamento é o relacionamento humano mais difícil e complexo, e requer paciência, habilidade, tato, crescimento emocional e espiritual. Você pode “fazer crescer um bom casamento” se você estiver disposta a trabalhar nele.

3. Descubra as necessidades pessoais e singulares de seu marido e tente satisfazê-las.

Ele não é precisamente igual a qualquer outra pessoa sobre a terra. Ele, como você, é único. Ele tem necessidades e preferências, falhas e fraquezas, virtudes e poderes, em uma combinação diferente da de todas as demais pessoas. Desista de quaisquer noções preconcebidas que você tenha sobre como agradar um homem. Você tem, como mulher, um desejo forte de agradá-lo. Mas a maneira como você quer agradá-lo pode não satisfazer às necessidades dele.

Você pode ter ouvido, por exemplo, que “o caminho para o coração do homem passa pelo estômago”. Isto pode ou não ser verdade quanto ao homem com quem você se casou. É mais provável que a necessidade básica dele seja a gentileza e a afeição. Ele pode ser uma pessoa meticulosa, que goste de tudo em seu devido lugar e sente-se irritado com uma casa em desordem; ou ele pode ser relativamente indiferente ao bom cuidado da casa e ser apaixonado por esportes, nos quais ele quer que você tome parte. Ele pode ser espontâneo e imprevisível e querer que você reaja à vida da mesma maneira que ele; ou pode ter mentalidade metódica, preferindo estabilidade e uma vida ordenada e planejada.

Abandone qualquer ideia preconcebida de como os homens são e descubra com o **seu** homem é. Você será incapaz, a princípio, de satisfazer a todas as necessidades dele. **Pessoa alguma pode satisfazer todas as necessidades de outro indivíduo.** Não sinta como se tivesse falhado em seu casamento, se você for incapaz de atender todas as necessidades e preferências dele, ou se ele é um fracasso como marido, porque não pode satisfazer a todas as suas necessidades. Entretanto, enquanto vai descobrindo os requisitos únicos e especiais de seu marido, você pode trabalhar no objetivo de tentar satisfazê-los. Se ele fizer exigências totalmente irreais, ou neuróticas, você tem o inteiro direito de manter sua própria integridade expressando seus sentimentos. Você não precisa tornar-se um capacho ou uma escrava caseira. Você pode procurar satisfazer às necessidades dele por causa de um amor forte, e não por causa de fraqueza ou de uma necessidade de “comprar” o amor dele.

4. Abandone toda a dependência de seus pais e toda crítica dos parentes dele.

A gente passa dezoito, vinte anos ou mais em relacionamento íntimo com os pais. Durante os primeiros poucos anos de sua vida você era totalmente dependente deles para tudo. O crescimento e a maturidade exigiram uma diminuição gradual desta dependência, até que finalmente o cordão que a ligava a seus pais foi cortado e você tinha que agir por conta própria. Muitos pais conscientemente querem dar liberdade às suas filhas, mas em seu inconsciente eles temem “perdê-las”. Este medo pode manifestar-se de muitas maneiras – através de conselhos não solicitados (que podem ser muito bem válidos e sábios), ou pode tomar a forma de tendência em dirigir sua vida. Eles querem preveni-la a não cometer erros. Tenho conhecido mulheres de trinta ou quarenta anos de idade, que, ao visitar seus pais, sentiam-se como menininhas outra vez.

– Eu sempre me sinto como uma menina de oito anos quando visito minha mãe – reclamou uma esposa de trinta e oito anos. – Ela toma conta de meus filhos, me diz como tratar o meu marido, e o que eu não devo fazer. Eu a amo, mas ela se recusa a me deixar crescer. Mesmo depois de voltar para casa, minha mãe escreve-me cartas longas de conselhos. Gostaria que ela me deixasse em paz e permitisse que eu cometesse meus próprios erros, e aprendesse com eles.

Em sua reclamação, entretanto, detectei não somente a possessividade materna e dominância, mas a inabilidade da esposa em cortar o cordão para sempre. Ela queria, conscientemente, viver sua própria vida, mas no inconsciente ainda se sentia imatura e dependente, incapaz de dizer à sua mãe calma e firmemente que parasse de se intrometer. Muitas mães protestam que querem dar à sua filha liberdade completa, mas sua “necessidade de ser necessitada” inata, frequentemente, não lhes permite cortar o cordão umbilical.

Uma regra básica no casamento é nunca, e **nunca**, criticar os parentes do seu parceiro conjugal! Seu marido pode fazer críticas aos irmãos e irmãs dele, mas você não deve nunca o ajudar. Mesmo que ele sinta hostilidade contra algum parente, ele geralmente não gostará de **suas** críticas. Está certo que ele expresse ressentimento para com os pais dele, mas a atitude de você deve ser de tolerância. Ele também não tem o direito de criticar os seus parentes. Você pode fazê-lo se quiser, mas ele não deve.

5. Faça elogios e mostre apreciação, em vez de procurá-los por si.

As mulheres geralmente precisam de um pouco mais de afirmação, e a desejam mais frequentemente do que os homens, mas os maridos precisam disso também. Você pode ter feito o seu melhor para preparar uma refeição deliciosa e pode esperar algum comentário de apreciação. Mas alguns homens não estão conscientes da necessidade da esposa de apreciação frequente e de louvor. Um marido disse:

– Minha esposa está sempre reclamando porque eu não elogio seus esforços. Ela diz que eu não faço comentário sobre seu vestido novo ou não digo que ela está bonita. Quando ela gasta o dia inteiro limpando a casa e a deixa bem arrumada, ela fica aborrecida se eu não a elogiar por isso, o que para mim é seu trabalho diário normal. Ora bolas! Quando eu trago o cheque para casa ela não tem exclamações de prazer e não me elogia por ser um marido leal, trabalhador e de confiança. Por que ela devia esperar que eu entrasse em transes por causa de uma omelete, uma boa refeição ou um novo penteado. Esse não é seu trabalho, como o meu é me matar no escritório todos os dias?

Expliquei a ele que as mulheres precisam mais de afirmação. A identidade própria delas precisa ser restaurada através de expressões de apreciação frequentemente repetidas. Os homens às vezes são muito menos cômicos do que os cerca, o que estão comendo, ou mesmo o que suas esposas estão usando, do que a mulher seria. São menos dados a pequenas expressões de aprovação.

Você, como esposa, não pode mandar na aprovação de seu marido. Você não pode fazê-lo mais atencioso pela reclamação. Tais táticas podem fazer com que ele se retraia ou se torne hostil. Sua tarefa é oferecer a ele o mesmo tipo de reconhecimento e louvor que você espera dele. Se esse for egocêntrico demais ou meio inconsciente do que o cerca para descobrir sua necessidade de frequentes expressões de apreciação, você pode dizer a ele, gentil e amorosamente, que você precisa ouvi-lo dizer essas coisas. Se você disser a ele de uma maneira reclamadora e de mártir, entretanto, você só conseguirá torná-lo hostil. Não fale como a mãe dele, reprovando-o por algum fracasso da infância. Homem algum gosta de que o façam sentir-se como um menininho. Amor e tato podem ganhar, quando exigências reclamantes falham.

Seu marido aprenderá mais por “osmose” – através de absorção inconsciente de suas atitudes – do que se você fizer exigências irritantes a ele. É preciso uma esposa sábia e paciente para fazer um bom marido. Eles raramente vêm sob medida.

6. Abandone a tendência de ser possessiva e o ciúme.

Estes dois traços são parentes próximos. Todo mundo é capaz de sentir ciúme, e um pouco de ciúme é normal. É só quando ele se torna possessivo e toma conta da pessoa que é destrutivo.

Ser possessiva ao extremo é resultado de insegurança. Um jovem cujo casamento estava para ser realizado dentro de uma semana, consultou-me acerca de sua noiva, que era demasiadamente possessiva. Ela tinha dezoito anos, ele vinte e dois. Ela havia vetado a escolha dele de um amigo para padrinho, por não gostar dele. De fato, ele disse, ela havia dito que não permitiria o amigo dele vir à sua casa. Ela havia feito certas outras exigências, que indicavam insegurança considerável. Eu disse: – Se você deixar que ela se saia com isso, terá que ceder milhares de vezes nos próximos poucos anos, até que você não tenha mais liberdade alguma, ou abandone o casamento. Peça-lhe para vir com você para que possamos discutir isso.

Ela recusou, a princípio, dizendo que como adultos eles deviam ser capazes de resolver seus problemas pessoais. Aconselhei-o a dizer-lhe que a menos que ela concordasse em consultar um conselheiro matrimonial agora, e depois do casamento, se fosse necessário, ele não tinha intenção alguma de realizar o casamento. Ele disse: – Obrigado por isso! Eu queria fazê-lo, mas me sentia culpado. Os convites já foram mandados. Mas sinto que tenho recuperado minha hombridade ao decidir dizer a ela que devíamos consultar um conselheiro matrimonial quando parecer ser necessário.

É claro que ela veio, embora um pouco amuada e ressentida. Durante a conferência, ela puxou a manga da camisa dele em reprovação por ele não ter sentado direito na cadeira. Ela franziu a sobrancelha quando ele cometeu um pequeno erro de gramática. Depois de ouvi-los por uma hora, eu disse: – Seu casamento tem menos que cinquenta por cento de chance de sobrevivência. Mas se ambos concordarem, desejosos, em consultar um conselheiro matrimonial ou juntarem-se a um grupo onde seus problemas possam ser resolvidos, eu daria uma chance em dez de que seria bem-sucedido.

Ela não queria concordar. Então eu disse: – Percebo que você deve ter tido um relacionamento mau, ou prejudicado, com seu pai.

Ela replicou: – Meu pai verdadeiro morreu quando eu tinha dois anos, e é claro que eu não me lembro dele. Depois, eu tive um padrasto por alguns anos. Minha mãe divorciou-se dele. Sinto como se jamais tivesse tido um pai.

Ela tinha dois pontos contra si, mas sem culpa nenhuma. Por não ter tido um pai com quem se relacionar, e nem irmãos, ela realmente não sabia nada sobre os homens ou o casamento. Além disso, a perda do pai e do padrasto havia implantado em seu inconsciente o sentimento: “Os homens nos abandonam. Eles vão embora. Devo apegar-me a este, ou o perderei como perdi os outros.” Sua insegurança evidente tinha uma origem compreensível.

Como Freud ressaltou, muitos anos atrás, revelamos na vida adulta os conflitos não resolvidos na infância. Se quisermos viver vida criativa e feliz, devemos procurar a origem de nossas inseguranças e tentar resolvê-las; não as justificar.

Ser possessiva ao extremo por parte da mulher pode fazer com que o homem se afaste, ou fazer com que ele se retire para o castelo frio e cinzento de sua própria solidão ou procure os braços de outra mulher. Se você é demasiadamente possessiva, isto acontece porque no seu íntimo se sente muito insegura. Você provavelmente não pode resolver sozinha a condição que já perdura por longo tempo. Precisar da ajuda de um conselheiro profissional, e levará tempo.

7. Cumprimente seu marido com afeto, em vez de fazer reclamações ou exigências.

Você gostaria de receber um pouco de calor e demonstração de afeto da parte de seu marido quando ele volta para casa. Suas necessidades têm as suas justificativas. Mas se elas não estão sendo satisfeitas, você mesma pode começar para conseguir que o sejam. Ele também tem necessidades. Talvez ele se indague por que você não o cumprimenta à porta com um abraço caloroso e um beijo. Além disso, você vai ao seu encontro com as notícias de que Jimmy tem agido mal, que a máquina de lavar está quebrada e que o lixo precisa ser jogado fora. “Oh, sim! E há um aviso do banco, participando que o fundo de reservas se esgotou! ” Isso é o fim!

Aqui temos algumas necessidades incompatíveis. Suas necessidades são justificadas. Você precisa de alguém para se apoiar, que participe e tire um pouco da responsabilidade de seus membros. Você teve um péssimo dia. Se ele resmunga e a deixa de fora, não é porque não se importa, mas porque também queria alguma coisa e não a conseguiu.

Deixe as más notícias para depois do jantar! Não o ataque no instante que ele entra em casa. Cumprimente-o com um pouco de afeição, quer a sinta ou não. Os dividendos compensam. “Daí, e dar-se-vos-á...” Talvez ele devesse ser mais compreensivo, mais apreciador, mais comunicativo. Mas não é. Porém, ele é o homem com quem você se casou “para o melhor e para o pior”. É pior do que você imaginou? Ele pode estar pensando a mesma coisa. Ele pode estar sentado em frente da televisão, ou lendo e imaginando: “Por que desisti de minha liberdade em troca disso? Antes de me casar pelo menos eu tinha um pouco de paz e quietude. Não vinham ao meu encontro na porta com más notícias e exigências. ”

Ninguém está certo ou errado neste ponto. Simplesmente acontece que umas das incompatibilidades básicas do casamento mostrou sua face. Ambos estão pedindo, e nenhum está dando. Alguém deve quebrar o impasse. Que seja o mais maduro, o mais perceptivo, o mais amoroso. Se for você, então comece a agir assim. Faça elogios e demonstre afeto a seu marido. Não tente conseguir resultados em três meses. Ele pode até suspeitar de sua mudança repentina. “Que é que ela tem em mente? ” Esteja disposta a investir de um a cinco anos. Mate-o

de amabilidade e veja o que acontece. Seu casamento será melhor!

8. Abandone toda esperança de mudar seu marido através da crítica ou do ataque.

Quase todo mundo conhece o axioma básico constituído de três partes: Não podemos mudar pessoa alguma por ação direta. Só podemos mudar a nós mesmos: e, quando mudamos, os outros tendem a mudar em relação a nós. Se você quer um casamento melhor, deve abandonar, de uma vez para sempre, qualquer esperança de mudar seu marido por ação direta. A atitude, “agora, olhe aqui”, jamais funciona. Gera hostilidade, e frequentemente, contra-ataque. Isto não se aplica somente a maridos, mas a todas as pessoas, inclusive às crianças. O amor muda as pessoas. A hostilidade gera hostilidade, mas o amor gera amor.

Certamente você tem o direito de expressar seus sentimentos dentro dos limites. Considere a reação provável a estas duas abordagens diferentes:

– Henry, pra mim chega! Você nunca fala comigo; você se esqueceu do nosso aniversário de casamento, e você não presta nenhuma atenção às crianças. Já faz meses que você nem pensa mais em me levar para jantar fora.

Ou:

– Querido, eu tenho um problema. Talvez você possa ajudar-me. Tenho me sentido deprimida e um pouco confusa ultimamente. A princípio pensei que talvez necessitasse de um “checkup” físico, mas acho que o que tenho seja outra coisa. De repente, comecei a perceber que estou deprimida. Você parece deprimido também, às vezes. Eu fico presa em casa com as crianças e me sinto frustrada muitas vezes, mas você também tem as suas dificuldades. Eu sei que tenho sido exigente e feito críticas. Talvez você sinta que não o amo, mas eu o amo. Se me tornei uma resmungona, quero que você me diga. Eu **não** quero importunar você. Você sabe, simplesmente compreendi que eu era muito mais amável para com você antes de nos casarmos do que sou agora. Naquele tempo eu não o importunava.... Olhe, querido, que tal seria se a gente comesse tudo de novo? Tentarei criticar menos. Não tenho o direito de mudá-lo, e vou parar

com esta tentativa. Que tal se a gente arrumasse uma babá para um dia desta semana ou na próxima e fôssemos jantar fora, e então a algum lugar depois. Talvez precisemos de ter um pouco de tempo só para nós. Que acha?

O seu Amigo-Marido não responderá imediatamente. Ou pode ser que sim. O meio de aproximação que acabamos de indicar não deve ser usado como um artifício manipulador para conseguir o que você deseja, mas só se você genuinamente quiser expressar amor e afeição, e se você quiser desistir de fazer exigências. Ele pode responder instantaneamente ou só um ano mais tarde, isto dependendo de se ele é uma pessoa que reage lentamente ou o tipo de personalidade espontânea. Vale a pena tentar. Desista de fazer exigências; abandone a atitude de mártir e pare de tentar mudá-lo. Expresse amor e paciência.

9. Vença o complexo de princesa.

Nem toda mulher sofre disto, é claro, mas muitas sofrem, assim como muitos homens crescem com o complexo de príncipe. Em sua essência, o complexo de princesa é o sentimento de que você é um tipo “especial”. Ninguém é especial; único, sim; especial, não. Uma menininha pode ter ouvido uma centena ou um milhar de vezes que é bonita ou inteligente. Ela absorve isto, quando bem jovem, como sendo assim. Seus súditos adoradores (pais, parentes, amigos) prestam homenagem a esta amável criaturinha de sorriso lindo e modos inteligentes. Se ela for filha única de pais adoradores, ou a filha mais nova, pode tornar-se ainda mais suscetível. Se ela for especialmente talentosa de alguma forma, pode crescer acreditando que é, de fato, muito especial. Frequentemente, uma menina assim aprende instintivamente como manipular os outros, começando geralmente com o pai.

Uma senhora casada, de trinta anos de idade, certa vez me contou o seu problema a esse respeito. Havia sido o orgulho de seus pais, que lhe satisfaziam todos os desejos. Ela tornara-se complacente e prestativa, sabendo que esta era a maneira mais fácil de conseguir o que queria. Sua mãe sempre a vestia com

vestidos os mais enfeitados e a exibia orgulhosamente diante dos amigos e parente adoradores. Ela sentava-se no banco da frente na escola e tirava boas notas. Grandes coisas eram preditas para ela. “Então” – ela disse – “eu me casei com o Carlos. Ele é uma pessoa amável, calma e de quem se pode depender. Ele me ama, e temos dois belos meninos. Mas não consigo tirar da cabeça que eu devia ser ‘especial’. O Carlos pensa que sou maravilhosa, mas isso não me satisfaz. É como se eu tivesse sido uma *princesa*, ou fosse *tratada* como *princesa*, e depois *perdesse o meu reino*. As pessoas não me adoram nem me enchem de louvores. Sou apenas uma entre milhões. Sei intelectualmente que isto é bobagem, mas em um nível emocional profundo sinto-me lograda. Acho que ainda sou menina no meu coração, querendo adoração e louvor.” Ela sorriu. “É terrível crescer pensando que a gente é uma coisa especial, e depois descobrir que não passa de uma entre bilhões de pessoas, e em nada mais especial do que os outros.” Ela suspirou. “Será que vou, uma vez, crescer e perder este complexo de princesa?”

Ela já estava a caminho da maturidade pelo próprio ato de reconhecer sua imaturidade.

Todos nós gostaríamos de ser tratados como sendo “especiais”. Este narcisismo é um resquício da infância, uma relíquia do passado. A maturidade emocional não pode ser conseguida enquanto não abandonarmos este padrão de comportamento infantil.

Uma “princesa” não dá. Pede, exige, torna-se petulante, se não for tudo como ela deseja. Ela compra o luxo com o dinheiro que devia ser economizado para as necessidades. Ela entrega ultimatoss, ou, se for sutil, manipula para conseguir o que deseja. Se você vir qualquer um desses traços em você, por menos que seja, comece a abandoná-lo como resquício de infância.

10. Ore por paciência.

“Pensei que pudéssemos resolver todas essas coisinhas depois de nos casarmos”, disse uma esposa que sabia antes do casamento que seu marido bebia

bastante. “Ele não era um alcoólatra inveterado” – ela disse – “e eu estava certa de que ele me amando o suficiente, conservaria a bebida dentro dos limites. ” O casamento, entretanto, aumentou algumas de suas tensões interiores, e ele começou a beber em excesso.

Outra esposa, cuja paixão do marido pelo golfe não a aborrecia antes do casamento, reclamou que ele a deixava sozinha nos fins de semana, enquanto ia jogar golfe com seus amigos.

O impulso de se casar, estabelecer um lar e ter filhos é tão forte na maioria das mulheres, que elas frequentemente ficam cegas às faltas, que são muito mal percebidas antes do casamento. Há uma crença parcialmente inconsciente na mente da maioria das mulheres de que “o amor superará tudo”. Na maioria dos casos, o tipo certo de amor **pode** resolver qualquer problema conjugal. O tipo certo de amor envolve paciência. “O amor é sofedor, é benigno”, lemos no Novo Testamento (I Cor. 13:4). O amor maduro possui esta qualidade de paciência. O amor imaturo deseja resultados imediatos. “Senhor, dá-me paciência, e dá-me agora mesmo”, é a oração inconsciente de tais pessoas.

O amor “tudo sofre... tudo espera...” (I Cor. 13:7). Desista da tendência de reclamar, criticar e controlar. Você não pode controlar outro ser humano, mesmo que esteja inteiramente certa do que você deseja. Quanto mais você criticar e condenar, tanto mais afastará seu marido. Se ele bebe ou joga golfe ou vive preso à televisão; se ele parece ignorá-la, esquece aniversários, e é desatento ou desatencioso em outros aspectos, suas exigências acintosas ou expressão magoada raramente trarão os resultados desejados. É preciso muita paciência para aguentar uma conduta inaceitável, mas os bons casamentos são construídos sobre o fundamento da paciência.

Isto não exclui o direito de expressar sua opinião. Você não precisa desistir de sua identidade ou tornar-se um capacho. Uma esposa que sofria de profunda ansiedade e depressão veio consultar-me se devia entrar para um grupo. Ela havia se tratado com um psiquiatra por cinco anos e sentia que havia feito muito pouco progresso. Tomei as providências para que se juntasse a um grupo, mas quando ela contou ao seu marido a sua intenção, ele tornou-se muito hostil. Uma feia discussão foi o resultado. Normalmente bastante passiva, a esposa havia decidido agora que precisava de ajuda, e ficou firme em sua decisão. Ele estava decidido a controlá-la, e ela, por sua vez, determinada a entrar para um grupo de terapia. Como o marido se tornava mais e mais furioso e insistente, ela acabou atirando uma lista telefônica em cima dele, no que ele a pegou, segurou-lhe as mãos atrás das costas e disse: – Você está doente!

Ela replicou: – Isto é o que eu tenho tentado dizer-lhe, e vou conseguir ajuda, quer você goste ou não.

Ela juntou-se ao grupo e contou, sem rancor, a batalha que tivera com o marido. Havia decidido que tinha que ser uma pessoa com seus próprios direitos, e que o casamento não dava a seu marido o direito de controlar todas as suas ações. Paciência para com o outro não significa que devemos perder nossa liberdade de escolha.

Capítulo 9 - Dez Mandamentos Para Os Maridos

*As mulheres
perdoam a injúria, mas
nunca esquecem os
desprezos.
(Haliburton)*

Eis aqui os Dez Mandamentos para os maridos:

1. Trate sua esposa com firmeza e gentileza.
2. Seja pródigo no louvor e na reafirmação.
3. Defina as responsabilidades.
4. Evite a crítica.

5. Lembre-se da importância das “Pequenas Coisas”.
6. Reconheça a necessidade dela de estarem juntos.
7. Dê-lhe sentimento de segurança.
8. Reconheça a validade dos estados de espírito dela.
9. Coopere com ela em todo esforço para melhorar seu casamento.
10. Descubra as necessidades individuais e particulares dela e tente satisfazê-las.

1. Trate sua esposa com firmeza e gentileza.

Por mais autoconfiante que a mulher seja, independentemente de sua inteligência, capacidade e impulso, e mesmo ela parecendo dominadora, há alguma coisa dentro dela que faz com que deseje apoiar-se em um homem. Reduzida a seus elementos básicos, a mulher quer ser conquistada e amparada. Ela quer sentir que foi escolhida (mesmo quando foi ela quem fez a escolha). Ela gostaria que ele a erguesse nos braços, e depois tomasse conta dela com gentileza e firmeza.

Estas duas peculiaridades são básicas. Sua esposa pode descobrir que você não é sempre forte como ela havia esperado, nem tão perfeito, e às vezes talvez nem tão gentil. Se ela casou com você tomando sua passividade por gentileza, e sua calma por estabilidade, ela ficará desapontada.

Em uma sessão de grupo, certa esposa estava reclamando da passividade do marido. Ela disse: – Ele é muito gentil e calmo – calmo demais. Nunca tem ideias próprias. Eu tomo a maioria das decisões. Faço a meu modo quase todas as coisas. Eu não **quero** fazer as coisas a meu modo toda a vida. Quero que ele lidere, tome a iniciativa e faça planos. Eu planejo até nossas férias. Ele me deixa fazer tudo que quero. Só gostaria que ele me dissesse pelo menos de vez em quando, que não sou capaz de fazer determinada coisa.

– Suponhamos que você soubesse que tinha razão em determinada coisa – eu disse – e ele teimosamente batesse o pé e insistisse em fazê-la à maneira dele. Você aceitaria isso?

– Eu adoraria isso, – ela respondeu – estou doente e cansada de tomar todas as decisões.

– Mas se ele começasse a tomar as decisões, você ia começar uma briga,

não ia?

– Claro, quase toda mulher faria isso. Mas eu não quero ganhar de verdade. O que quero é que ele ganhe parte do tempo. Quero que ele seja mais forte do que eu.

– Mas você escolheu um homem passivo – eu disse. Alguma coisa em você percebeu a passividade dele, você a quis, e agora está reclamando.

Ela ficou pensativa. – Bem, acho que minha parte humana queria alguém que eu pudesse manejar a controlar, mas a parte feminina quer um homem que seja forte o suficiente para me “pôr nos eixos” – mesmo quando eu começar uma briga.

Esta ambivalência confusa da parte da mulher pode ser irritante e enfurecer um homem, que a vê como ilógica. Você, como marido, pode querer dizer à sua esposa: “Olhe, se você quer que eu tome as rédeas, pare de fazer uma batalha em torno de todas as coisas. Depois de me matar no trabalho, eu não quero ter que vir para casa e gastar a pouca energia psíquica que sobrou enfrentando uma batalha falsa por causa de um caso trivial. Mantenha a sua identidade de alguma maneira, mas não brigue comigo por causa de cada coisa que surge.

Mesmo um discurso assim como este, de certo modo, indicaria à sua esposa que você está mandando.

Estar na liderança não significa ser “o patrão” ou tornar-se dominador. Só um homem muito inseguro sente a necessidade de impor sua vontade aos outros. Firmeza não significa se impor em todos os sentidos, dando ordens e exigindo obediência da parte de todos ao seu redor.

Esta combinação de firmeza e ternura não é fácil de conseguir se a pessoa não a possui inata, mas você pode trabalhar para adquiri-la. Você poderá cometer erros, mas, com paciência e determinação, poderá satisfazer à necessidade interior que sua esposa tem de segurança emocional, com uma firmeza calma que seja gentil e terna.

2. Seja pródigo no louvor e na reafirmação.

Por milhares de anos as mulheres ficaram em uma posição de sujeição. Somente no século XX é que elas alcançaram igualdade de voto e direitos de propriedade, e igualdade parcial no trabalho. Seus direitos são recém-adquiridos, e as inseguranças antigas ainda residem na estrutura emocional feminina.

Além disso, o papel de mãe faz com que a mulher seja muito mais vulnerável e se sinta insegura. Instintivamente, ela sente necessidade de que alguém a proteja e aos seus filhos e que providencie sustento para a família. Isto gera uma espécie de insegurança generalizada, que existe, quer haja crianças ou não, ou depois de as crianças terem deixado o ninho. Algumas mulheres são extremamente relutantes em revelar ao homem a extensão da insegurança que sentem e sua necessidade desesperada de ter um marido em quem possam se apoiar. E a insegurança continua.

Por causa deste e de outros fatores, as mulheres precisam de reafirmação considerável. Ela pode ser dada na forma de louvor, reconhecimento, recomendação, ou simplesmente em dizer frequentemente “Eu te amo! ” Quando a mulher pergunta: “Você me ama? ” Ela não está pedindo informação. Ela está pedindo reafirmação.

Um marido, que achava extremamente difícil expressar ternura verbalmente, reclamou que sua esposa estava sempre perguntando se ele a amava.

– Claro que a amo. Ela já devia saber disso! Eu trago meu cheque de pagamento para casa e o entrego a ela. Tomo conta dela e das crianças. Se não a amasse ainda estaria por perto? O chefe não me diz todo dia que lindo trabalho estou fazendo. De fato, ninguém me cumprimentou por meu trabalho em vinte anos, mas estou bem firme no emprego. Por que as mulheres precisam de toda essa coisa sentimental?

– Elas são assim – eu disse. – As mulheres simplesmente foram feitas assim e acho melhor você aceitar isto como um fato. Desde que a expressão verbal do afeto é uma necessidade dela, admita-a, quer você goste ou não.

– Mas seria hipocrisia se eu realmente não sentisse a coisa no momento.

– De modo nenhum – respondi. – Nunca é hipocrisia fazer a coisa apropriada. Com o tempo você descobrirá que seus sentimentos alcançaram suas ações, e você não mais se sentirá tão desajeitado ao expressar ternura.

Ele concordou em tentar.

3. Defina as responsabilidades.

No relacionamento entre duas pessoas quaisquer, deve haver uma compreensão tácita das responsabilidades. Se dois homens estão em sociedade, devem resolver as esferas de atividades e tê-las claramente definidas. A mesma coisa é verdadeira e tem força igual no relacionamento conjugal.

Alguns pontos parecem claramente bem definidos. Sua esposa toma conta da casa, da cozinha e tem a responsabilidade primária pelas crianças, particularmente quando elas são bem pequenas. Você ganha a vida. Mas há muitos outros campos de ação menos claramente definidos.

Quem deve levar o lixo para fora? A quem cabe a responsabilidade do gramado, da escolha do novo carro, e da decisão onde passar as férias? Quem deve optar quanto a fazer investimentos ou onde morar? A quem cabe primariamente a responsabilidade de falar com a professora quando uma das crianças está tendo dificuldades na escola? Quem deve decidir quando comprar uma nova máquina de lavar ou um móvel novo? A quem compete decidir quanto aos fins de semana – se serão dedicados às crianças, aos amigos ou a algum **hobby**?

Uma resposta simplista é: “Que a decisão final fique com aquele que estiver melhor qualificado. Infelizmente, esta é uma simplificação muito geral. Você, como marido, poderia facilmente abdicar da responsabilidade, dizendo: “Olhe, querida, você é muito melhor nisso do que eu. Por que você não toma conta disso e para de me amolar com detalhes?”

Há, para o homem, uma “peculiaridade” na natureza feminina que, na maioria dos casos, faz com que a mulher queira que o marido participe. A esposa frequentemente sente-se mais “segura” se puder discutir as coisas com o marido. Ela pode escolher justamente uma hora para fazer isso quando você quer ler, jogar golfe ou ver televisão. Você pode ficar muito irritado com o que parece a você coisa pequena. Mas a vida não é feita de decisões grandes. O casamento é, em grande parte, constituído de “coisinhas”, que, para o homem, podem ser uma chateação cruciante. Mas isto faz parte do casamento e da vida.

O casal deve descobrir por si mesmo a quem cabem as várias “esferas de influência”: quem deve pagar as contas, decidir quanto à escolha e compra da casa, alugar o apartamento, e onde passar as férias. O marido, ou a esposa, egoísta, poderá insistir em ter o veredicto final em todas as decisões, grandes ou

pequenas; mas o casamento envolve a resolução **das necessidades incompatíveis de duas pessoas diferentes.**

Em geral, a decisão da esposa quanto à casa ou apartamento, aos móveis e aos detalhes pertencentes ao lar devia ter a prioridade. Como o trabalho do homem é uma extensão de sua personalidade, a casa é uma extensão da personalidade da esposa, mesmo quando ela trabalha fora. O emprego dela, se ela trabalha, é somente um meio para um fim, não uma parte maior de sua vida.

– Decidiremos estas coisas juntos – disse um jovem casal a mim enquanto discutíamos seu casamento iminente. Nesta altura, eles não podiam nem divisar as inúmeras decisões, concernentes às quais eles teriam ideias divergentes e necessidades diversas. Quando há uma diferença de opinião, o casal deve decidir se esse assunto está dentro da esfera dele, ou dela, e se ele, ou ela, tem o poder de optar.

Um marido, que comprou oito carros em cinco anos, exasperava sua esposa pela total indiferença dele para o orçamento deles. Ela trouxe isto à luz em uma sessão de grupo. Ela era extremamente previdente quanto ao dinheiro, e ele não tinha nenhum conceito de como viver dentro de um orçamento. Eles estavam afundando sempre em dívidas. A imaturidade dele em lidar com o dinheiro e em outros sentidos havia resultado em separação. Agora, estavam em um grupo, tentando efetuar uma reconciliação. Depois de alguns meses, ele chegou a perceber que havia agido de uma maneira imatura em certos sentidos, e disse: – Eu sou perito em meu emprego. Ganho muito dinheiro, mas não sou muito bom em lidar com ele. Gostaria que Maria tomasse conta das nossas finanças.

Perguntei: – Isto fará com que você se sinta como um menininho, cuja mãe deve dar a você certa quantia para gastar por semana?

– Nesta altura, de modo nenhum. Seria assim um ano atrás. Acho que amadureci o suficiente para deixar que ela tome conta das finanças.

A esposa dele não era do tipo controlador, e neste caso o plano funcionou bem.

4. Evite a crítica.

A mulher tem a tendência de perder sua identidade um pouco mais facilmente do que o homem, em outras coisas sendo igual. O homem que constantemente critica e condena sua esposa pode produzir numerosos resultados negativos nela. Ela pode:

1. Tornar-se profundamente deprimida, se reprimir sua hostilidade;
2. Apresentar um ou mais sintomas físicos, pois a mente tende a transmitir suas dores ao corpo;
3. Tornar-se hostil, emocionalmente não responsiva, ou sexualmente fria;
4. Perder sua identidade ao ser constantemente derrotada;
5. Descarregar seu ressentimento sobre os filhos e causar distúrbios emocionais neles;
6. Resolver desistir do casamento.

Uma descarga regular de crítica, mesmo quando genuína, é sempre destrutiva. De fato, quase toda crítica é destrutiva. Geralmente há um modo melhor de alcançar os resultados.

Uma mulher que gostava de ler bastante e tinha numerosas atividades fora de casa, admitiu, em uma sessão de grupo, que não era boa dona-de-casa. Seu marido reclamava de vez em quando por causa disso. Finalmente ele disse: – Minha crítica ao trabalho de casa dela não está nos levando a lugar nenhum. Eu não sei qual é a barreira. Não sou um perfeccionista, mas gostaria de ver a casa mais ou mesmo limpa pelo menos uma vez por semana. Sinto-me mal com o aspecto de nossa casa, e por ter uma esposa que faz um trabalho tão relaxado. Vou parar de chorar por isso. Mas eu tenho o mesmo direito a uma casa decente que ela tem de esperar que eu ganhe a vida devidamente. Vou ver se consigo uma solução positiva. Dê-me uma semana para pensar.

Na semana seguinte ele tinha a resposta. – Eu disse a ela, tranquilamente e sem hostilidade, que se ela tinha alguma coisa contra o trabalho de casa, eu cuidaria do meu emprego e limparia a casa também, até que ela vencesse sua barreira neurótica. Esta semana cheguei do emprego e comecei a fazer o trabalho

de casa. Estou tentando não fazer papel de mártir, embora admita não estar muito feliz com esta solução. Vou fazer isto até que ela se canse de abdicar de sua responsabilidade. Mesmo que leve seis meses ou dez anos, eu farei o meu trabalho e o trabalho dela, sem comentário. Eu sei que ela tem, ou uma barreira neurótica ou uma incapacidade total de cuidar da casa. Quando ela ficar cansada de matar o tempo, ou de sua neurose, ela poderá retomar o trabalho de casa.

Isto foi dito com alguma impaciência, mas também com uma medida considerável de compreensão. Em seu caso particular, o procedimento funcionou. Ela de fato enfrentava uma barreira emocional. A mãe dela havia sido uma dona-de-casa meticulosa, e em seu inconsciente ela havia resolvido não ser igual à sua mãe tanto quanto possível. Ela resolveu essa barreira no grupo, e, em alguns meses, começou a tomar conta de seus deveres domésticos. Quando ela voltava a seus modos antigos, o que fazia de vez em quando, o marido dela calmamente tomava conta de novo de suas atividades em casa. Com o tempo, ela se tornou capaz de exercer normalmente sua função de dona-de-casa.

Críticas em qualquer sentido são quase inevitáveis em todos os relacionamentos humanos, mas no casamento quanto menos forem, tanto mais satisfatório será. Isto não quer dizer que o expressar o seu próprio sentimento esteja fora de cogitação. Entretanto, há diferentes maneiras de dizer a mesma coisa:

– Você não percebe que temos quase o mesmo tipo de refeição todos os dias? Por que você não varia elas um pouco?

Ou: – Você sabe, querida, que você é uma boa cozinheira, e eu gosto de suas refeições, mas quando eu era criança tínhamos o mesmo tipo de comida todas as semanas. Mamãe não era uma boa cozinheira, e resolvi que, quando me casasse, teria variedade nas refeições. Não há nada de errado com este alimento, mas eu preferiria um pouco de variedade. Isto não passa de uma das minhas idiossincrasias.

– Você não pode fazer estas crianças calarem a boca? Olha, quando eu chego em casa do trabalho, mereço paz e quietude.

Ou: – Querida, eu tive um dia duro, e sei que você também teve um dia difícil com as crianças. Elas devem mexer com seus nervos. Sei também que você gostaria de que alguém mais cuidasse delas, para você ter algum alívio. Infelizmente eu simplesmente não tenho muita energia de sobra quando chego em casa. Vou lhe dizer uma coisa: eu tentarei controlar as crianças quando chegar em casa, enquanto você prepara o jantar; e depois do jantar eu irei me refrescar um pouco. Então poderemos sentar e ter um pouco de tempo só para nós. Certo?

Estas sugestões não são apresentadas como “soluções”, mas

simplesmente como maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. Só porque somos casados não temos o direito de sermos insultadores, sem tato, ou dados a críticas. A certidão do casamento não dá o direito de insultar.

5. Lembre-se da importância das “Pequenas Coisas”.

Os homens, geralmente, são menos sentimentais do que as mulheres e dão menos importância às coisas, como aniversários natalícios, de casamento e pequenos gestos que significam muito para as mulheres. Amor não é só sentimentos; envolve também ações positivas, que podem significar muito para a mulher.

Há muito tempo aprendi esse princípio, mas, sendo um homem como os demais, não o havia deixado penetrar no nível sentimental de minha natureza. Certa vez perguntei à minha esposa o que queria para o Natal. Embora, como toda mulher, ela goste de surpresas, eu sentia que não havia nada que eu pudesse dar a ela como surpresa que satisfizesse suas necessidades particulares. Ela me surpreendeu dizendo que tudo que queria para o Natal era que eu cortasse uma árvore grande do lado de fora da janela do nosso quarto. Ela havia mencionado isto várias vezes, mas eu sempre havia protelado por causa da despesa considerável que teria. Mas agora concordei, e muito antes do Natal, encontrei uma oportunidade de remover a árvore para ela. Então chegou o Natal e senti a necessidade de colocar algo debaixo da árvore para ela. Suas necessidades físicas e desejos, eram até onde eu poderia ver, bem supridas. Nada lhe faltava que pudesse desejar em particular.

Chegou a véspera do Natal e eu ainda não tinha ideia do que compraria para ela. Sentado diante de minha escrivaninha, comecei um tanto sem entusiasmo, a desenvolver uma ideia, doida para mim. Cortei uma dúzia de folhas de papel na medida de três por cinco, e preguei-as juntas com uma capa para fazer um livro de cupons.

Escrevi em um: Vale um jantar em um Restaurante de Primeira Classe de São Francisco. Lia-se no segundo. Vale um jantar em uma Lanchonete, seguido

por uma Diversão. O terceiro era para um jantar em um Restaurante de Preços Médios. O quarto valia um Jantar em um Restaurante Chinês. Outro cupom oferecia-lhe uma refeição em uma Churrascaria. Um, era para jantar em um “restaurante de primeira classe, a ser ganho por meio de uma conduta meritória além do dever”, e assim por diante. Havia doze cupons ao todo, para serem usados à vontade dela.

Eu me senti um tanto sem jeito pela minha ideia. Era um cupom pequeno e rude com só alguns jantares e brincadeiras de que ela tinha o direito de se valer, quando quisesse. Para minha surpresa, ficou encantada, porque podia tirar um cupom qualquer noite em que eu estivesse livre (o que era muito raro em meu caso) e decidir onde iríamos jantar. Comer em um restaurante não era grande coisa para mim, e eu sabia que não acontecia o mesmo com ela, mas eu não estava preparado para a grande satisfação que lhe proporcionava, saber que eu estava separando doze noites para jantar fora.

Os homens quase sempre ficam surpresos ao descobrir o quanto “as pequenas coisas” (como eles as consideram) significam para a mulher – um presente inesperado, o elogio a um vestido, ou um sincero “Você está linda com seu novo penteado, querida. ”

O marido que esquece o aniversário de casamento comete uma falta quase imperdoável. O Dia das Mães, a Páscoa, e o Natal merecem serem lembrados. Uma jovem senhora casada com um homem apático disse-me que ela se sentia frustrada pela falta de consideração dele para com as necessidades dela. Parte do ressentimento dela era lançado sobre ele sob a forma de crítica, e parte sobre as crianças, quando ele não estava presente.

Finalmente, percebendo que a crítica direta era inútil e destrutível, ela teve uma conversa com ele e explicou-lhe suas necessidades como mulher. Ela pediu a ele, gentilmente, que reconhecesse suas necessidades emocionais. Ele se limitou a dizer num resmungo que ia pensar no caso. Mas uma semana mais tarde ele lhe trouxe um presente inesperado, com uma terna expressão de amor. Ele não havia sido obstinado, apenas incompreensivo. Os ataques anteriores dela nada mais fizeram senão provocar hostilidade ou silêncio da parte dele. A explicação calma dela quanto às necessidades ajudou-o a compreender pela primeira vez e capacitou-o a responder.

– Eu não quero ter que ficar lembrando meu marido de nossos aniversários – uma esposa disse. – Isto tira toda a graça; e eu não quero ter que fazer todas as sugestões para sair ou para jantar fora. Eu adoraria se ele tão somente uma vez tomasse a iniciativa em alguma coisa, dirigindo-a, mostrasse que tem interesse nela e planejasse algo para nós sem me consultar.

Esta é uma necessidade feminina legítima, e o marido deve reconhecê-la

se quiser ser um companheiro adequado de casamento.

6. Reconheça a necessidade dela de estarem juntos.

Não existem duas mulheres com necessidades iguais, é claro, mas em geral elas têm a tendência de requisitar com mais frequência o sentimento de “estar junto”. Este termo está sendo muito usado, mas a verdade que ele envolve não pode ser ignorada. Existe a esposa dependente, possessiva, apegada, exigente, que não quer que seu marido fique longe de seus olhos. Ela precisa de aconselhamento, porque suas necessidades neuróticas nascem de uma insegurança profunda, mas mesmo o geral das esposas pode frequentemente querer mais do tempo e atenção do marido do que ele se sente propenso a lhe dar.

Muitos maridos gostam de levar a família para passear. Alguns homens gostam de realizar todo tipo de atividades com suas esposas, enquanto outros têm uma forte necessidade de companhia masculina. O marido que deseja preservar um bom relacionamento conjugal tentará satisfazer à necessidade de sua esposa de fazerem as coisas juntos. Se os gostos quanto às recreações deles diferem, então um acordo é necessário.

Lembro-me de um verão quando minha esposa expressou o desejo de passarmos nossas férias em uma estação de águas. Eu sentia necessidade de fazer uma viagem de excursão com alguns homens. Ela detestava acampar, e eu não tinha nenhuma vontade especial de ficar sentado em uma estação de águas, sem oportunidades de pescar. Depois de uma breve discussão, fizemos um acordo. Tínhamos duas semanas à nossa disposição. Então sugeri que passaria uma semana com ela na estação de águas e uma semana em uma excursão nas montanhas, onde eu podia pescar com a vara e molinete. Ela concordou prontamente. Foi um acordo totalmente satisfatório. Ela não se importou nem um pouquinho em ficar sozinha por uma semana, porque ela fazia amizades rapidamente.

Uma esposa muito apegada, exigente e possessiva poderia tornar tal

acordo difícil, senão impossível. Virtualmente, todos os maridos e esposas têm necessidades incompatíveis. Companheirismo não quer dizer que iremos pela vida de mãos dadas, sempre gozando coisas idênticas com a mesma intensidade. Continuamos a ser indivíduos humanos, com necessidades e gostos divergentes. Devemos respeitar as necessidades dos outros e ceder alegremente, quando necessário. Só os imaturos e infantis exigem que se faça a sua vontade em todas as circunstâncias.

7. Dê-lhe sentimento de segurança.

A necessidade de segurança da parte da mulher é muito maior do que a maioria dos homens imagina. Ela pode ser satisfeita por um marido que seja forte, gentil e atencioso. Mas em esferas específicas, as necessidades das mulheres variam. Muitas adquirem um sentimento de segurança (muitas vezes sem o saber) quando o marido faz reparos caseiros. Isto significa que ele está interessado no lar. E, portanto, interessado nela. Se é todo desajeitado e não consegue consertar nem sequer uma torneira que está vazando, ele pode levar desvantagem neste ponto. Mas qualquer homem pode cortar a grama, que também está relacionada com a conservação do lar, ou varrer as folhas caídas, ou ajudar a mudar os móveis (se ela for uma “mudadora de móveis”), ou pelo menos mostrar interesse pelas atividades diárias dela. Talvez você não sinta o mínimo interesse pelos detalhes que ela conta, mas você está expressando amor pelo próprio ato de ouvir, e assim reforçando o sentimento de segurança dela.

Algumas mulheres (também alguns homens) têm o que podia ser chamado de “complexo de rato armazenador”). Elas gostam de guardar barbantes, revistas, ou ter alguns trocados para algum acontecimento especial. Se sua esposa consegue algum sentimento de segurança em ter uma conta bancária só dela, ou suas próprias economias, concorde com isso. Este fato pode não ter sentido para você, mas o sentimento de segurança dela é neste caso mais importante do que a sua lógica. Isto não precisa ser lógico. Não tente dirigir seu casamento com uma dieta firme de lógica. Os sentimentos são tão importantes

quanto a lógica, às vezes muito mais. Qualquer coisa que dê à sua esposa um sentimento de segurança deve ser encorajado, enquanto não afetar o orçamento ou sua identidade masculina.

8. Reconheça a validade dos estados de espírito dela.

Todos os seres humanos variam, é claro, em seus estados de espírito. As mulheres, entretanto, tendem a ter variações de humor mais forte do que a maioria dos homens. Parte disto pode ser atribuído ao ciclo mensal. Em virtude disso, o marido deve aprender a ser paciente e ponderado. A mulher pode parecer ilógica e inteiramente irracional às vezes, pelo menos para a mente masculina, que quer as coisas em ordem e dentro da lógica. Você deve tomar as variações de espírito dela como inevitáveis.

Algum acontecimento feliz pode tornar a mulher extremamente feliz, ou alguma coisa dita ou praticada pode fazê-la cair na depressão. Um marido inflexível e inseguro pode sentir-se ameaçado com estes altos e baixos do amor da mulher. Você pode preferir um andamento das coisas firme e sem vacilações, sacrificando o seu bem-estar se com isto puder evitar a depressão. Sua esposa pode ser constituída diferentemente. Talvez você tenha se casado com ela por causa da capacidade dela de ser alegre. Mas, uma personalidade alegre pode, às vezes, experimentar profunda depressão. Você não precisa ir com ela até às alturas de sua felicidade se seu modo de ser é diferente, nem participar da depressão dela. Talvez um dos motivos de ela ter se casado com você foi o de desejar inconscientemente sua estabilidade emocional. Não entre em pânico ou fique perturbado pelas variações de espírito dela. Agente-as com paciência e indulgência amável. **Não leve a mal** e nem diga a ela para “parar com isso”.

9. Coopere com ela em todo esforço para melhorar seu casamento.

As mulheres, como já vimos, são insaciáveis e os homens obtusos. Elas podem ser insaciáveis em seu desejo de construir um casamento melhor. Sua esposa pode querer ler um livro sobre casamento ou comunicação ou como educar os filhos. Seu ego masculino, se for um pouco fraco, pode rejeitar esta leitura sugerida, acreditando que haja uma crítica disfarçada da parte dela quando lhe entregue o livro para ler.

Leia-o! O que você tem a perder? Você até pode aprender alguma coisa. Ninguém fica treinado e equipado pela cerimônia do casamento, para agir com a máxima eficiência no casamento. Qualquer marido deveria ler uma dúzia, ou pelo menos dois livros sobre o casamento e tirar proveito e experiência. Se ela lhe pede para visitar um conselheiro matrimonial com ela, ou para juntar-se a um grupo, ou ir a uma série de preleções sobre o casamento ou de educação de filhos, vá de qualquer forma. O casamento e o lar envolvem uma atividade total para o geral das mulheres. Não se espante por ela estar sempre pressionando para um relacionamento melhor. Vá com ela cortesmente e de bom grado. Um conselheiro matrimonial pode custar muito menos do que um divórcio e anos e anos de sustento dos filhos, além de salvar um casamento e evitar as lágrimas e a dor do divórcio.

10. Descubra as necessidades individuais e particulares dela, e tente satisfazê-las.

Não há duas esposas iguais. A mulher com quem você se casou é diferente de toda e qualquer outra. Ela tem seu próprio conjunto particular de gostos e desgostos, temperamento e necessidades emocionais. As necessidades dela podem parecer sem limites a princípio, ou sem razão. Talvez você não possa satisfazer a todas de uma só vez, talvez nunca. Mas você pode tentar descobrir o que ela precisa, quer e aprecia; você pode procurar satisfazer essas necessidades dentro de sua capacidade. Isto não significa entregar-se a caprichos infantis, mas,

sim, concordar com alguma coisa que pode parecer ilógica ou sem importância para você. Se isto a faz feliz, e dá a ela um senso de satisfação, procure satisfazer à necessidade dela.

Capítulo 10 - Oito Tipos de Maridos Neuróticos

*A mulher perfeita
é aquela que não espera
um marido perfeito.
(Anônimo)*

É importante reconhecer que cada um destes oito padrões de comportamento é somente o sintoma de uma desordem de personalidade subjacente. Atacar o sintoma certamente fará com que ele piore.

1. O marido explosivo, discutidor e dominador

Este tipo de homem sofre de algum sentimento de inferioridade há muito tempo. Ele pode ter começado na infância ao tentar controlar seu ambiente, gritando ou vociferando constantemente. Por causa de imaturidade, ele teme deixar que alguém se torne igual a si, para que não se sinta suplantado e consequentemente dominado. Tem de manter sua superioridade fictícia a todo custo. Ele deve sempre ter razão. Não pode suportar a ideia de estar errado acerca de nada.

Um homem assim tiraniza e domina através do medo que impõe e da elevação de sua voz, ou, se é um pouco menos agressivo, através de uma discussão intensa, que parece nunca acabar, até que esteja certo de ter esmagado todos os seus adversários. A imaturidade emocional e insegurança são as dificuldades básicas neste caso, e argumentar de volta, atacar ou criticar, somente antagoniza ainda mais. A qualquer custo, por mais ridículo ou ilógico que possa parecer, ele sente que deve manter sua alegada posição de superioridade. Ele prefere alienar a família, amigos e companheiros de trabalho a admitir um erro; ou, se ele reserva suas tiradas para a família, como alguns homens fazem, ele está disposto a passar por um idiota, a admitir que outra pessoa qualquer tenha razão. Ele deve dirigir, ou o seu ego mesquinho sofrerá um colapso.

O marido argumentador e dominador, por causa de sua grande insegurança, geralmente hesita em fazer qualquer tipo de terapia. Ele tende a resistir à ideia de consultar um conselheiro matrimonial, por que isto implica na possibilidade de mudança da parte dele. A alteração de seu padrão de comportamento básico apresenta-se como uma ameaça, além do que ele ousa enfrentar. Entretanto, se for possível induzi-lo a fazer algum tipo de terapia de grupo que não lhe pareça demasiadamente ameaçadora, ele poderá gradativamente efetuar algumas mudanças em sua personalidade.

A esposa de um homem assim estava sofrendo uma depressão profunda e veio a mim para aconselhamento. Ela havia sido subjugada ao ponto de sentir-se inútil e sem esperança. Eu a aconselhei a desistir de todos os seus esforços para mudá-lo por ação direta ou pela manipulação. Ela foi convidada a juntar-se a um grupo de maridos e mulheres que estava se preparando para fazer um inventário de crescimento espiritual, que consistia de um teste psicológico padronizado, com folhas de avaliação semanais. Eu disse a ela, entretanto, que não podia juntar-se ao grupo sem seu marido (algumas vezes os maridos e esposas são colocados em grupos separados, mas no caso deles senti que era bom que ambos pertencessem ao mesmo grupo).

Ela disse ao seu marido, por sugestão minha, que eles, provavelmente, poderiam chegar à causa da depressão dela através de um processo como este,

mas que seria necessário que ele viesse com ela, se não houvesse outra razão, pelo menos para entendê-la melhor. Ela o persuadiu a assistir pelo menos a uma sessão do grupo. Ele veio com grande relutância, somente para ajudar sua esposa a “colocar um pouco de juízo na cabeça e sair de sua depressão”. Ele descobriu uma atmosfera amistosa no grupo, na qual ninguém o desaprovava nem criticava. Concordou, um tanto relutantemente, a fazer o inventário com os outros membros do grupo. Quando as folhas de avaliação semanais começaram a chegar, ele pareceu bastante apreensivo, mas quando descobriu que os outros no grupo estavam recebendo folhas similares, sentiu-se menos ameaçado. Sua esposa recebeu uma folha dizendo que sua depressão era o resultado de hostilidade reprimida. A primeira folha dele dizia que, como resultado de uma insegurança básica originada na infância, ele tinha uma tendência de procurar controlar os outros ao seu redor.

Na discussão que se seguiu ele disse pouco, mas concordou que a folha podia possivelmente ter um certo valor. Ele permaneceu no grupo, curioso quanto ao que as restantes folhas semanais revelariam. Gradativamente sua tensão e ansiedade desapareceram, enquanto ele, mais e mais, entrava no espírito das reuniões. Havia bastante riso, que aliviava a tensão. Ninguém criticava ou atacava. Cada membro do grupo estava atento em descobrir suas próprias necessidades.

Sem qualquer esforço consciente de fazer uma mudança em seu comportamento, o marido havia sido aceito pelo grupo como era. Observou que os outros maridos e esposas também tinham problemas, embora diferentes dos seus, porém igualmente sérios. Além disso, ele começou a aprender mais acerca das mulheres do que havia aprendido antes.

Em uma sessão, ele disse: – Estou começando, pela primeira vez, a ver as muitas maneiras em que as mulheres diferem dos homens em suas reações emocionais. Coisas que eu pensava serem neuróticas e esquisitas nas atitudes da minha esposa, percebo agora que são perfeitamente normais. Estou começando a entender como as mulheres sentem, e a aceitar suas respostas emocionais diferentes como perfeitamente naturais. Eu nunca soube, até entrar para este grupo, quão grandemente os homens e as mulheres diferem em suas reações emocionais em relação à vida.

No processo ele chegou a entender e aceitar muito mais a si mesmo. Enquanto sua insegurança básica diminuía, ele sentia menos e menos necessidade de controlar sua esposa. O casamento deles melhorou grandemente, e a depressão de sua esposa desapareceu quando ela foi capaz de expressar no grupo sentimentos que teriam precipitado uma tempestade em casa.

2. O marido compulsivo

A compulsividade toma muitas formas. Uma pessoa pode ser um comedor, jogador de golfe, bebedor ou telespectador compulsivo. Ele pode entrar na categoria do trabalhador compulsivo, ou tornar-se falador compulsivo.

A compulsividade é um problema de comportamento neurótico que nunca, nunca se submete a argumentos, ameaças, súplicas, lágrimas, ou outra forma qualquer de persuasão. É justamente o que o nome diz: uma compulsão. Uma pessoa assim sente-se literalmente compelida a agir de uma determinada maneira. Não se pode fazer um bebedor ou um conservador compulsivo sentir vergonha que o faça mudar. Não é que ele não queira. Ele é incapaz. Ninguém sabe quantas esposas descobriram, para sua própria dor, que lágrimas e ameaças não adiantam nada ao lidar com uma personalidade compulsiva.

Há uma profunda insegurança envolvida em um indivíduo assim. Ele não tem culpa de ter este problema particular, e a crítica é a pior abordagem possível, mas ele tem a responsabilidade de fazer alguma coisa acerca de si mesmo.

Geralmente um bebedor compulsivo ou inveterado é uma pessoa profundamente insegura, que possui uma personalidade passiva. A passividade dele não faz o comportamento agressivo desaparecer, especialmente quando ele bebe. Tais pessoas são geralmente amáveis, indivíduos gentis quando sóbrios, mas suas promessas de “nunca mais beber” são, é claro, totalmente sem sentido. A esposa de um bebedor problemático precisa entrar em contato com os Alcoólatras Anônimos e aprender como lidar com seu marido, como primeiro passo. Ela aprenderá, provavelmente, que quase tudo que tem feito para solucionar o problema estava completamente errado.

O trabalhador compulsivo sente uma espécie de ansiedade que o impele. Uma insegurança subjacente, que o motiva a prosseguir, a estar constantemente ocupado. Este tipo de comportamento é geralmente muito menos destrutivo que muitos outros, mas pode, de insignificante, tornar-se seriamente ameaçador para a segurança da família.

Um homem com esta obsessão raramente tira férias, trabalhando longas horas, convencendo-se a si mesmo, com toda sorte de racionalizações, que ele simplesmente não tem tempo para outras atividades, a não ser o trabalho ao qual ele se devota.

Muitas vezes o homem que se sente ameaçado por um contato pessoal

íntimo ou que se sente importunado, criticado ou pressionado, deslocar-se-á para alguma atividade, num esforço de fugir para uma situação menos ameaçadora. Ele pode estar evitando relacionamentos íntimos com sua esposa ou filhos. Ele está inconscientemente ou conscientemente procurando uma maneira social aceitável de fugir ao conflito ou tensão. Este é um mecanismo mais de fuga do que uma compulsão, mas pode frustrar a esposa, que deseja mais do tempo e a atenção do marido. Se o marido parece enquadrar-se nesta categoria de fuga, a esposa pode perguntar a si mesma o que há em seu relacionamento, ou no lar, que faz com que ele se sinta indesejável, ameaçado, ou simplesmente desconfortável. Se ele é atacado ou criticado, diminuído ou ridicularizado em casa, pode – se for passivo – simplesmente encontrar uma maneira de evitar a situação. Ele pode argumentar que precisa de um passatempo, que deve ter companhia masculina, ou que tem trabalho que precisa ser terminado. Em vez de exigências, lágrimas ou ultimatos, a esposa de um homem assim deve encontrar uma maneira de tornar o lar um lugar onde ele se sinta confortável e à vontade.

3. O marido não comunicativo

“Meu marido nunca conversa comigo” – é uma reclamação comum das esposas. Há muitas categorias nas quais estes homens se enquadram:

- a) O homem tímido e passivo. Quando criança, era ensinado a “estar na sala, mas de bico calado” ou era dominado por pais superrestritos. Como adulto, ele se acha literalmente incapaz de sustentar uma conversação mais

extensa. Ele não consegue encontrar palavras com as quais se expressar e geralmente não revela seus sentimentos. Qualquer que seja a casa original, tais homens não podem ser **compelidos** a se comunicar. Eles sentem-se constrangidos e desajeitados quando tentam se expressar. A esposa de um indivíduo assim não comunicativo geralmente deve resignar-se com a situação e encontrar soluções para suas necessidades sociais, a menos que o marido faça terapia a longo prazo.

b) O marido “forte e silencioso”. A esposa pode ter sido atraída principalmente por ter tomado o silêncio dele como uma “força silente”. Ele pode, de fato, ter considerável força interior, que se revela no trabalho, e mesmo assim ser incapaz de se comunicar em casa, onde ele não conversa sobre as

coisas em que sua esposa está interessada. Este tipo de homem geralmente se sente inclinado para as coisas, isto é, ele tende a lidar exclusivamente com coisas ou ideias, e sente-se deslocado quando confrontado por sentimentos. Geralmente ele se sentirá ameaçado por qualquer perturbação emocional, porque prefere que as coisas corram placidamente, sem altos e baixos emocionais. As esposas de tais homens frequentemente tendem a pressionar, testar e manipular, num esforço de conseguir algum tipo de resposta emocional. O marido então reage com uma explosão de raiva, retirada silente, ou hostilidade muda.

c) O marido de conversa limitada. Ele é capaz de manter uma conversa sobre quase tudo, desde que não envolva sentimentos. Ele não é incomunicável. Ele fala,

mas acha extremamente difícil conversar sobre sentimentos ou demonstrar qualquer emoção. É bem lógico o dito de que não conhecemos uma pessoa enquanto não soubermos o que ela sente. O comum das esposas é querer conhecer o marido no nível do sentimento, saber o que ele sente a respeito de si mesmo, da vida, dela. O homem que é incapaz de revelar sentimentos não pode ser conhecido. De fato, ele teme ser conhecido ou conhecer a si mesmo. Ele acha muito mais seguro lidar com objetos, conceitos e coisas tangíveis. Ele não se sente à vontade no lidar com emoções.

d) O marido “desligado”. Uma vez, talvez durante o namoro, houve considerável comunicação em um nível do sentimento. Agora ele se tornou taciturno e silente. Este

tipo de homem geralmente está fugindo de algo que não quer discutir. A esposa pode ser uma conversadora compulsiva, e, se o marido não pode “desligá-la”, ele pode “tirá-la do canal”. Sua esposa observa que ele fala facilmente com amigos, mas não se comunica em casa, e ela sente-se ferida e rejeitada. Ele pode sentir-se incapaz de contar a ela honestamente qual é a dificuldade, por temer uma discussão interminável. Alguns maridos sentem-se rejeitados sexualmente e respondem com uma indiferença fria. Eles respondem à rejeição sexual, rejeitando suas esposas de outras maneiras.

Um casal, cuja discussão em casa sempre terminava em revides hostis veio ver-me. A esposa veio primeiro, e relatou suas dores. Eu disse a ela, depois de várias sessões, que seria necessário que seu marido viesse também. Ela ficou surpresa quando ele concordou em ir a uma série de consultas. Eles descobriram que em minha presença podiam falar de seus problemas abertamente, sem nem um dos dois irromper em raiva. De fato, eles aprenderam, pela primeira vez, que

a comunicação era possível, mas que precisava ser aprendida na presença de um terceiro. “Eu sou a favor do casamento” – eu disse a eles – “e não a favor de nenhum de vocês.” No decorrer do tempo as diferenças deles foram resolvidas, e eles foram capazes de manter as discussões em casa com mais “luz” e menos “calor”. Isto pode acontecer também como resultado de uma experiência em grupo, onde muito frequentemente os maridos e as mulheres podem aprender a se comunicar melhor e em um nível mais profundo pela primeira vez.

4. O marido criança

Este é o tipo de marido criança-neurótica-mimada. No casamento, ele procura recriar algo similar ao relacionamento que tinha com sua mãe, de quem nunca foi completamente capaz de se separar. Ele é frequentemente passivo e evita responsabilidade. Uma personalidade assim é, muitas vezes, o resultado de um pai fraco e indiferente e de uma mãe superprotetora. Um marido nestas condições requer muita atenção e “maternização”, quando fica doente, e pode ser tendente a numerosas doenças indefinidas ou específicas. Falta-lhe um senso de identidade masculina, e às vezes vai a extremos ridículos para provar a si mesmo e aos outros que é verdadeiramente masculino. Pode tornar-se petulante quando não se fizer o que ele quer. Ele sofre de um complexo de inferioridade que tenta compensar de várias maneiras. O casamento com um homem assim pode ter sucesso se a esposa for capaz e estiver disposta a começar onde a mãe dele parou. Ela precisará ser uma mãe para ele, mimá-lo, e aguentar suas exigências irracionais até ele crescer.

Uma variação do marido criança é o homem que sofre de fixação materna. Ele nunca cortou totalmente o cordão umbilical que o une a uma mãe possessiva. A mãe dele, ou porque foi infeliz em seu próprio casamento ou porque era uma viúva, transferiu todo o seu amor para o seu filho. Se a mãe do homem ainda vive, ele lhe dará atenção devotada, visitá-la-á tantas vezes quanto possível e cederá aos seus caprichos. Ele está psiquicamente casado com sua mãe, e sua esposa é relegada a segundo plano em sua vida. Esta é uma experiência frustradora para a esposa, que nunca pode sentir que tem o amor e a lealdade completa de seu marido. Lógica, discussões e ultimatos raramente ou jamais mudam um homem assim. Geralmente a única cura real vem através de algum tipo de terapia individual ou de grupo.

5. O marido hipocondríaco

Esta neurose, regra geral, é relativamente inofensiva no que concerne ao casamento, mas a esposa deve estar preparada para aguentar uma vida cheia de comprimidos, consultas médicas, doenças psicossomáticas e reclamações de males físicos. Um homem assim não deve ser culpado de suas reações, assim com nenhuma outra pessoa pode ser culpada por qualquer espécie de comportamento neurótico. Cada um de nós é o produto do nosso meio ambiente da infância. É inteiramente infrutífero tentar fazer através de discussões com que o hipocondríaco deixe sua atenção obsessiva voltada à doença. A lógica tem pouco ou nenhum efeito sobre qualquer tipo neurótico de comportamento. A menos que seja seriamente perturbador, a esposa de um homem assim faria bem em dizer a si mesma: “Viverei com seus vidros de comprimidos e suas reclamações de males físicos e ele por sua vez deverá aprender a viver com algumas de minhas peculiaridades.” A tolerância divertida e amorosa é uma abordagem muito melhor do que a atitude crítica.

6. O marido possessivo silencioso ou dado à retração

Há vários anos atrás, uma esposa inteligente e altamente competente consultou-me acerca do comportamento de seu marido. Ele se recusava a falar com ela ou as crianças, e havia recusado dar-lhe dinheiro para sustentar a casa. Ela não conseguia dar uma razão para esse comportamento sem cabimento. Eu sabia que ele era um indivíduo calmo, amigoso e passivo. Ela era extrovertida, excessivamente franca e muito faladora. A abordagem dela era direta e sempre ao ponto. Foi fácil descobrir que ele simplesmente estava fugindo de uma situação que não podia suportar. Honestidade para ela significava dizer a uma pessoa exatamente o que se pensa. Ela não era sensível às necessidades dele, e não soube entender sua retirada silente.

Sugeri que um aconselhamento, ou uma experiência de grupo, podia ajudá-los a descobrir a fonte de sua dificuldade. Ela relutou em fazer tanto uma como a outra coisa. – É ele quem está doente. Tome-o e tente curá-lo – ela disse.

Com paciência, tato, e compreensão ela podia ter salvo seu casamento, que finalmente terminou em divórcio. Poderia ter levado seis meses ou três anos para resolver o problema, mas certamente teria sido resolvido se ela tivesse tido disposição para tentar outra abordagem que não a da mão pesada, direta e crítica que usava para com ele. Ele precisava urgentemente de ajuda. Ele se sentia condenado e rejeitado e não sabia que atitude tomar. Seu único recurso era o da retirada silenciosa. Em um esforço inútil de controlar a situação, ele cortou o dinheiro dela, assim forçando-a a trabalhar para se sustentar. O ressentimento dela transformou-se em hostilidade aberta, e em consequência ocorreu o divórcio inevitável. De quem foi a culpa? De nenhum dos dois, por si só; mas de ambos. Ambos eram o produto do meio ambiente da infância, e ainda assim tinham a responsabilidade de dar passos que podiam ter resultado em uma solução criativa.

7. O marido “playboy”

Este espécime interessante pode ainda ser um menino no seu coração, ressentindo-se ou resistindo a responsabilidades adultas. Um marido desse tipo negligenciava as suas responsabilidades para com a família, em favor de corridas de bicicleta, que eram o seu “hobby”. Outro colecionava e consertava carros velhos. Ainda outro, a quem aconselhei, dedicava-se ao “hobby” da caça e pesca, e por causa disso negligenciava a família.

Mais outro, representativo de muitos, perseguia as mulheres. Ele precisava de confirmar sua masculinidade, fazendo tantas conquistas quanto possível. Ele só podia desmentir sua falta de identidade masculina tendo uma série de casos com numerosas mulheres. Um desses galanteadores possuía uma coleção de armas, que raramente usava, um barco que só usou duas vezes, um vasto sortimento de varas de pesca, embora ele nunca pescasse. Estes eram simplesmente símbolos masculinos. Ele teve casos amorosos infinitos com várias mulheres, até que sua esposa frustrada pôs fim ao casamento. A identidade masculina dele era tão fraca que ele era emocionalmente incapaz de um relacionamento prolongado com uma só mulher.

Mexer com os sintomas geralmente não dá resultados. Crescimento emocional e espiritual é a única solução, e a menos que o marido com tal problema esteja disposto a obter ajuda, haverá pouca esperança para o casamento.

8. O “pão duro” neurótico

O marido que procura controlar sua esposa e família por meio do dinheiro está usando a arma que conhece e mais ama. Ele é, como a maioria dos outros nestas categorias, um indivíduo extremamente inseguro, e o dinheiro se tornou sua principal fonte de segurança. Ele o usa para controlar os que estão à sua volta. Um representante típico desta espécie não hesitava em pagar cento e cinquenta dólares por um terno para si mesmo, mas dava uma quantia completamente irrisória para vestir a mulher e filhos. Ele exigia contas de cada centavo que dava. Ele havia crescido em pobreza extrema e estava decidido que nunca mais sofreria provação financeira. Como não podia deixar de ser, seu comportamento neurótico alienava sua família. Ele preferia aguentar a hostilidade deles, a se separar do seu dinheiro, que, no desenrolar das coisas, foi dividido posteriormente entre sua esposa e ele mesmo quando o casamento finalmente terminou em divórcio.

Um pão duro confirmado não é necessariamente uma pessoa má. Ele tem pavor de ficar sem dinheiro. Ele não pode ser dissuadido de sua neurose como se pode dissuadir alguém de ter um metro e oitenta de altura. É quase uma parte irradicável de sua natureza. A psicoterapia poderia ajudar uma pessoa assim, mas o **pão duro** raramente separar-se-á do dinheiro necessário para conseguir uma cura que ele não quer.

Como viver com um marido neurótico

Todos nós nos casamos com um ideal. Durante o namoro cada um de nós apresenta ao outro a sua melhor face. O dito antigo de que o amor é cego é

essencialmente verdadeiro. O fluxo de hormônios sexuais cor-de-rosa impede o fluxo de oxigênio ao cérebro. Este é quase literalmente o caso, porque durante o namoro nós “estamos apaixonados pelo amor”, e temos a tendência de idealizar a pessoa amada, ampliando as virtudes e diminuindo os defeitos de personalidade. Há um brilho, uma expectativa, uma espécie de euforia que provoca curto circuito no córtex, onde os juízos racionais ocorrem. Depois, a realidade chega. A euforia desaparece logo depois que o véu do casamento é colocado de lado e depois de terminar a lua-de-mel. Agora começa a tarefa de conseguir um relacionamento conjugal satisfatório.

O marido neurótico (é claro, todas as pessoas são neuróticas até certo ponto) precisa exatamente da coisa que sua esposa se sente incapaz de lhe dar – tolerância amorosa. É no momento em que ele se mostra mais irracional que mais precisa de maior quantidade de compreensão e paciência. É quando seu ego está ferido que descarrega sua frustração acumulada sobre sua esposa ou filhos, que ele precisa de amor incondicional, algo que é difícil de dar a uma pessoa não razoável, exigente e hostil.

Lembre-se de que as ações não são “premeditadas”. Elas são compulsivas, como todas as reações neuróticas o são. Ele sabe o que faz ou diz, e por que o faz, tão pouco quanto uma criança que está tendo um acesso de mau humor. Quase toda resposta negativa fará com que ele se sinta ainda menos amado. Suas ações desarrazoadas e frustradoras evocam em sua esposa um sentimento de ressentimento tal que ela fica ocupada demais odiando-o para dar-lhe a coisa que ele mais precisa, que é o amor.

Ele não parecerá racional ou razoável, simplesmente porque está reagindo emocionalmente num esforço de se proteger e conservar seu ego intacto. Se ele sente necessidade de algum cuidado, de alguma forma de ternura, ele acha instintivamente que não pode revelar sua necessidade, para não parecer fraco. Ele pode, como consequência, responder à sua esposa com raiva ou retirar-se em rejeição silenciosa. Ele geralmente tem consciência do fato de que o que realmente precisa é de ser amado; ao agir como faz, ele torna sua esposa menos capaz de responder com afeição.

É difícil para muita gente aceitar, mas a verdade é que a necessidade básica da mulher é de segurança, e a necessidade fundamental do homem é a afeição. A necessidade dela de segurança pode envolver muito mais do que posses materiais. Ela pode ser levada a sentir-se segura ao saber que é amada e apreciada, que seu marido é forte o suficiente para tomar conta dela, que ele é uma pessoa de quem se pode depender. Ela, muitas vezes, testa inconscientemente só para certificar-se de que ele tem a firmeza de que ela precisa.

Ele, por outro lado, tem uma necessidade premente e fundamental de afeição. Alguns homens sentem-se embaraçados pela demonstração externa de afeição, mas a necessidade ainda está lá. Ele está desesperadamente necessitado de ternura, afeição, gentileza, embora as formas em que os homens podem aceitar estas ofertas emocionais variem grandemente de indivíduo para indivíduo.

O marido neurótico, frustrado em seu trabalho, pode ser incapaz de partilhar suas ansiedades com sua esposa por medo de parecer fraco. Como resultado, ele pode voltar-se para a bebida em excesso ou conduta abusiva, ou procurar amparar seu ego enfraquecido com algum tipo de flerte. Ele pode procurar refúgio na doença, na garrafa, em caso amoroso, ou em alguma espécie de atividade frenética que lhe dê alívio temporário.

Mostrar a ele quão irracional tem-se tornado seu comportamento só intensificará sua raiva ou auto-rejeição. Os argumentos ou admoestações de sua esposa lembram-no das exortações de sua mãe quanto ao seu trabalho de casa ou tarefa da escola.

A esposa de um homem assim sente instintivamente que seu casamento está fracassando, e geralmente começa a mostrar-lhe quão errado ele está. Uma abordagem muito mais criativa é dar-lhe tanto amor e afeição quanto possível e descobrir algumas atividades fora de casa para si mesma. Se ela se sente negligenciada por causa do comportamento neurótico ou desarrazoado dele, terá a tendência de mostrar a ele que não a levou para passear há semanas ou meses; que ela tem necessidades também; que seu casamento está se desintegrando; que eles deviam consultar um conselheiro matrimonial – e o resultado será que ele ou se fechará ainda mais em silêncio, ou procurará justificar-se.

As mulheres, em geral, têm a tendência de querer se engajar em atividades com seus maridos. Elas gostam de fazer as coisas juntos. Alguns maridos encontram refúgio seguro no lar, junto à televisão, contra um mundo agitado e ameaçador, e parecem desinteressados em sair tão frequentemente quanto suas esposas gostariam. As discussões são geralmente fúteis por que implicam em julgamento e crítica. Uma abordagem muito melhor, se não houver outra solução, é a esposa encontrar algumas atividades próprias em que possa se engajar. Se ela não pode ter um casamento perfeito, pode ter um satisfatório. Milhões de mulheres não casadas aceitariam um casamento **pobre** – “Tão-somente um corpo quente em casa, alguém com quem falar, seria melhor do que a solidão que suporto”, como uma mulher não casada disse.

Além disso, há mais probabilidade de o marido responder a uma esposa alegre, que tem estado ocupada com seu interesse fora de casa, do que a uma esposa resmungona. Nunca é um problema de **quem** está certo, mas antes como

conseguir um relacionamento criativo.

Alguns maridos, em oposição ao tipo silencioso e fugidio, fazem o jogo do “barulho”. Como resultado de tensões acumuladas, eles, inconscientemente, sentem uma necessidade de ter tudo num turbilhão. Um marido assim dava vazão ao seu acúmulo diário de ansiedades gritando com seus filhos ao jantar, corrigindo os hábitos de comer e a gramática deles. Desafiava suas opiniões e com gritos fazia-os calar. “A hora do jantar em nossa casa é puro inferno”, sua esposa reclamou. “O que é que se pode fazer com tal homem? ”

Discutir com uma pessoa que tem uma formação mental deste tipo é infrutífero. Na realidade é fatal. A esposa de um marido neurótico deve aprender a não discutir ou atacar quando ele está explodindo. Mais tarde, quando ele estiver mais calmo, ela pode falar com ele, tendo o cuidado para não parecer que está criticando.

Certa esposa veio para uma sessão de aconselhamento e disse que estava a ponto de terminar o casamento, que havia se tornado intolerável. O marido dela havia se recusado a vir com ela. “Se as coisas não melhorarem, eu quero cair fora”, ela disse.

Ela estava realmente levando a sério sua intenção, de modo que eu disse:

– Você tem três escolhas: pode acabar com seu casamento agora; pode continuar com o aconselhamento e lutar para pôr em ordem suas emoções, na esperança de que ele possa responder a algumas mudanças em você; ou pode, se preferir, dizer-lhe que você pretende conseguir o divórcio, a menos que, vocês dois juntos, possam consultar um conselheiro e conseguirem um relacionamento melhor.

Ela pensou sobre isso por uma semana ou duas, e, em uma sessão subsequente, declarou:

– Eu disse a ele, calma, mas firmemente, que, a menos que ele estivesse disposto a trabalhar tão duramente quanto eu neste casamento, eu queria o divórcio. Ele finalmente concordou em vir comigo para uma sessão de aconselhamento na próxima semana, mas eu não acho que fará alguma diferença. Ele é hostil e argumentador. Ele virá uma vez, e não mais.

Os dois vieram alguns dias mais tarde, e tivemos uma discussão razoavelmente boa. Encorajei a ambos para fazerem um teste psicológico a fim de descobrir as esferas de suas personalidades que precisavam de atenção. Ele concordou facilmente, porque isto para ele parecia menos pessoal e conseqüentemente menos ameaçador. Ambos fizeram um dos testes psicológicos básicos e por onze semanas cada um recebeu uma folha de avaliação, indicando alguma esfera de suas personalidades que precisava de atenção. As folhas semanais focalizavam a atenção sobre seus próprios defeitos individuais de

personalidade e eles pararam de brigar pelo que julgavam certo ou errado: cada um descobriu onze coisas que precisava fazer a fim de conseguir um casamento melhor.

Ele relatou:

– Você sabe, depois daquela primeira sessão, as coisas pareceram se acalmar em casa. Acho que diminuimos um pouco a tensão. De qualquer modo, eu posso ver alguma lógica neste negócio de aconselhamento. Já ajudou.

Em suas sessões semanais comigo eles falavam sobre suas próprias folhas individuais. Nem um deles era acusado, e eles não sentiam que as avaliações fossem tão dolorosas porque eram simplesmente o resultado do seu próprio inventário de sua própria personalidade. Eles conseguiram um casamento inteiramente satisfatório.

Capítulo 11 - Oito Tipos de Esposas Neuróticas

*Amar significa amar o
que não é amável, ou
não será virtude alguma;
perdoar significa perdoar
o imperdoável ou não
será virtude alguma; e
esperar significa esperar
quando as coisas são sem
esperança, ou não será
virtude alguma.
(G. K. Chesterton)*

1. A esposa demasiadamente dominadora

O termo dominadora, aqui usado, não implica necessariamente o ser “dominador”. A pessoa pode possuir uma personalidade dominante, sem ser dominadora. A dominância, como característica da personalidade, nada mais significa senão uma necessidade interior de controlar as outras pessoas ou ambiente. Esta tendência pode ser expressa aberta ou sutilmente, suprimida ou canalizada para atividade criativa.

Todos nós nos sentimos mais seguros quando podemos controlar nosso ambiente e aqueles à nossa volta; há muitas maneiras pelas quais procuramos fazer isto. Algumas esposas usam a mão pesada e elevação da voz. Outras, que são mais calmas, podem controlar pela manipulação. Algumas mulheres inconscientemente procuram controlar aqueles que estão ao seu redor através do uso de doença, real ou imaginária, ou podem alcançar seu objetivo criando sentimento de culpa nos outros.

Um homem em um dos nossos grupos disse: “Acaba de me ocorrer quão inteiramente mamãe controlava a família toda com uma mistura estranha de amor e doença. Ela era terna e solícita enquanto era obedecida, e enquanto papai fizesse exatamente o que ela esperava dele, mas se alguém expressasse alguma independência de pensamento ou ação, ela teria ‘um ataque do coração’ ou iria para a cama com uma longa lista de doenças. Ela viveu até os noventa anos. Papai era passivo e nunca percebeu que estava sendo manipulado, em subserviência total. Mamãe sempre fazia como queria, de maneira correta ou não. Só ultimamente tenho percebido o quanto ela controlava a família inteira pela manipulação. Primeiro vinham argumentos calmos. Se isso não desse resultados, ela chorava. Depois ela ficava ‘doente’, como último recurso, e todos nós éramos levados a sentir que havíamos causado a doença dela. Então nos sentíamos culpados e cedíamos.”

É importante lembrar que a esposa controladora raramente tem total consciência, se tiver, de sua dominância. Ela pode pensar de si mesma ser auto sacrificante ou cheia de amor. O sentimento dela é: “Se você me amasse realmente, faria o que eu digo. ” Não aceder a todos os seus desejos é interpretado por ela como falta de amor ou de consideração.

Com uma parte de sua natureza, uma esposa assim quer um homem forte, amoroso, terno e dominante. A outra parte dela quer mandar, e ela se sente não amada ou rejeitada se encontrar qualquer resistência.

2. A mulher narcisista

Narcisista é a pessoa dotada de um amor-próprio desordenado. Ela geralmente se preocupa demasiadamente com seu rosto, seu corpo, e muitas vezes com seus próprios interesses, que percebe como uma extensão de si mesma.

As mulheres que possuem grande beleza muitas vezes têm dificuldades em conseguir maturidade emocional. Elas ficam acostumadas, cedo na vida, a receber cumprimentos por sua beleza. Isto se torna seu único motivo. Elas ouviram tantas vezes, quando crianças, o quanto eram bonitas, que chegaram a sentir que o mundo lhes deve uma corrente contínua de cumprimentos. Auto centralização, narcisismo, vêm como resultado. Elas aprendem a esperar louvor como se lhes fosse devido.

Às vezes, a jovem senhora é demasiadamente louvada por um talento específico, e ela passa a esperar grandes coisas da vida. Se quando criança ela mostrou algum talento, uma certa habilidade musical, por exemplo, ela passa a esperar aplausos pela vida afora. Se o talento dela for um pouquinho acima do comum e os pais convencidos a louvarem demais, ela poderá criar uma ambição fora de proporções por seu talento e terminar como uma executante amarga e desapontada, uma das muitas que não conseguiram aprovação.

O homem que se casa com uma mulher narcisista terá problemas. Se o mundo não continuar a louvá-la, e se ele não suprir todos os caprichos infantis dela, poderá apresentar um sem-número de sintomas físicos ou emocionais. As reclamações dela contra seu marido e o mundo em geral podem levá-la de médico em médico, procurando cura para inumeráveis sintomas físicos. A mente, frustrada, entrega sua dor ao corpo. Com uma doença física ou emocional, agora ela tem uma desculpa pronta para fracassar no casamento ou carreira.

Uma esposa sensível e perceptiva, em um dos nossos grupos, disse: “Quando fico fora de foco, o que realmente desejo é que meu marido me faça resistência, mas ele é atencioso demais e gentil para resistir-me. Então, continuo pressionando-o e o incomodando para ele me deter. Gostaria que ele fosse mais dominador; quero que ele seja mais forte e capaz de lidar comigo.”

O marido dela, incapaz de decodificar suas mensagens e compreender seu comportamento não racional, tentava agradá-la e, quando ele fracassava, ou se tornava silencioso e taciturno, ou explodia em raiva pela sua frustração.

Uma mulher assim controlava sua família por uma sucessão de acessos de choro, ameaças, ou se refugiava numa “doença”. Ela não deixou sua filha se casar e rompeu o seu próprio casamento. Viveu até uma idade madura e amarga. O seu marido era gentil demais para aguentá-la, e a deixou depois de trinta anos de casados. A filha solteira, frustrada e infeliz, continuou cuidando de sua mãe através de intermináveis acessos alternados de doença e de raiva. A mãe era obviamente uma mulher doente, mas só no sentido emocional.

Não há solução simples e fácil para a esposa que está determinada a fazer tudo a seu modo. Aconselhamento ajuda, muitas vezes. O homem que se casa com uma mulher assim deve ser firme. Esforços para solucionar o problema com argumentos são geralmente fadados ao fracasso, mas algum tipo de comunicação deve ser estabelecido. Tais pessoas são basicamente auto centralizadas e imaturas. Elas interpretam qualquer resistência como egoísmo da parte dos outros.

Tal indivíduo precisa de terapia considerável ou de uma experiência religiosa genuína. A lei suprema, dada por Jesus, é amar a Deus com todo o nosso coração e amar os outros como amamos a nós mesmos. Isto inclui, é claro, um amor-próprio **adequado**, em oposição à preocupação neurótica consigo mesmo, que exclui todos os outros.

A mulher narcisista procura constantemente ser o centro de atenção. Ela procura bajulação e está engajada em luta constante pela popularidade. Ela é, às vezes, “uma colecionadora psíquica de escalpos”, flertando com os homens a fim de provar a si mesma que não perdeu sua atração. Ela usa os homens, inclusive o marido.

Uma mulher que havia se casado duas vezes disse-me em uma sessão de aconselhamento: “Depois que meu casamento se desfez, eu me perguntei repetidamente o que havia feito, se é que fiz, para meu casamento fracassar. Em uma hora de meditação, certo dia, fiquei sentada e ouvindo. Alguma voz interior disse-me suavemente: Não é nada que você **fez** que provocou o fracasso. Você simplesmente não fez nada para satisfazer às necessidades dele. Repentinamente, num abrir e fechar de olhos, percebi que nunca havia satisfeito **nem uma** das necessidades dele. Nem mesmo havia tentado ter consciência das necessidades espirituais, mentais, sociais ou sexuais dele. Eu, simplesmente havia presumido que tínhamos um bom casamento, mas eu não havia me dado ao trabalho de entendê-lo e às suas necessidades.

Uma preocupação narcisista com suas próprias necessidades a havia cegado ao fato de que a pessoa no casamento deve tanto **dar** quanto **receber**.

3. A esposa adulta com mentalidade infantil

Eu a conheci primeiro como uma colegial doce e encantadora. Ela talvez fosse complacente demais, mas seu comportamento não dava indicação da esposa terrivelmente neurótica que ela se tornaria. Ela se casou aos dezenove anos com um jovem elegante, e foram viver em um apartamento pequeno. Durante os primeiros anos de casamento, ela mostrou sinais de depressão e tornou-se petulante e exigente. Seus sonhos adolescentes de um romance sem fim não estavam sendo realizados por seu marido gentil, mas um tanto sem imaginação. A renda dele era pequena e eles não podiam ter todo o luxo com que ela havia sonhado. Seu pequenino apartamento, e umas poucas matérias de faculdade não eram suficientes para ocupar sua mente.

Ela tornou-se cada vez mais exigente. Ele ouvia perplexo as suas tiradas raivosas acerca da renda modesta dele. Quando as explosões dela se tornaram violentas, ele a trouxe para uma consulta. Em vez da colegial doce que eu havia conhecido, encontrei uma jovem senhora hostil, exigente e inteiramente irracional, que aparentemente havia voltado à infância. Ela emburrava, chorava, exigia, ameaçava. A infantilidade de suas exigências surpreendia seu marido perplexo. Ela disse que queria ser cuidada e ter o luxo que as outras pessoas ostentavam. Ela queria isso **agora**. Eu pedi-lhe que descrevesse especificamente o que esperava que seu marido lhe providenciasse. A lista era espantosa e completamente ridícula. Ela havia obviamente se tornado emocionalmente doente e precisava de terapia intensiva. Foram precisos três anos de terapia particular intensiva antes de ela alcançar um certo grau de maturidade emocional e poder levar uma vida normal.

Um exemplo menos gritante da esposa adulta com mentalidade infantil é apresentado pelo caso da esposa de um jovem ministro. Eles haviam se casado quando ele estava ainda no seminário, e tinham conseguido um relacionamento relativamente satisfatório. Ele se tornou pastor de uma igreja nova, pequena. A pequenina congregação reunia-se numa linda casa de seis cômodos, no alto de uma colina com um panorama magnífico, e o jovem ministro e sua esposa devia viver ali temporariamente. Mas a congregação usava a maioria das salas aos domingos. Não era exatamente o que uma jovem noiva sonhava, mas ela havia se casado com um ministro e ele pensava que ela havia compreendido que inicialmente o salário seria muito pequeno e que haveria provavelmente algumas inconveniências.

Depois de enfrentar a situação por um mês, eles vieram ver-me. A jovem esposa estava lívida de raiva e chorando incontrolavelmente. Ela despejou suas reclamações acerca das condições de vida intoleráveis, algumas das quais pareciam completamente justificadas. O problema real dela então veio à tona quando ela disse: – Eu sempre sonhei com uma casa de sete quartos, cheia de mobília bonita, e tapete de parede a parede; e aqui nós temos esta situação horrível onde o povo da igreja muda-se para nossa casa aos domingos, e não podemos estar a sós. Simplesmente não tolerarei isto.

Perguntei à Claudete se ela havia realmente desejado ser em primeiro lugar uma esposa de ministro.

– Não – ela respondeu. – Eu queria ele, mas acontece que me casei com uma igreja inteira, e não quero parte alguma nisso.

Ela e seu marido juntaram-se a um grupo de jovens ministros e esposas que se reuniam todo sábado de manhã, como um grupo **Yokefellow**. Eles fizeram um inventário de crescimento espiritual, que consistia de um teste psicológico com as usuais folhas de avaliação. Ela teve ampla oportunidade de dar vazão à sua raiva incontida por causa da preocupação do marido com a jovem igreja militante. Outras esposas no grupo tinham reclamações similares, ou menos violentas. Havia honestidade completa e total no grupo. Os casais aprenderam a se comunicar em um nível mais profundo do que jamais haviam feito antes. Riso e raiva, hilaridade e seriedade marcavam as sessões. Eu me reuni com eles por dois anos e verifiquei seu crescimento espantoso.

A honestidade para consigo mesmo é o primeiro passo, essencial para o crescimento espiritual e emocional. A honestidade para com os outros é o segundo passo essencial. De sua franqueza emanou amor e calor, que era maravilhoso experimentar. Alguma coisa remanescente da Igreja primitiva parecia estar presente. Eles haviam obedecido ao mandamento bíblico de “confessar os seus pecados uns aos outros, e orar uns pelos outros para que sejam santificados”. Cada um dos casamentos melhorou de maneira mensurável como resultado do grupo, e Claudete cresceu por meio desse processo.

Eventualmente, quando Claudete e seu esposo puderam se mudar de sua residência original para sua própria casa, ela descobriu que somente isto não solucionava seu problema. Descobriu que seus problemas estavam dentro dela, e estavam envolvidos nas complexidades da vida de casada. Depois de alguns anos, quando eles se mudaram para uma igreja maior, ela me contou o crescimento que havia experimentado; sua personalidade inteira agora validava seu auto reconhecimento; ela havia crescido.

Em menor escala, muitas esposas adultas com mentalidade infantil manifestam uma imaturidade emocional que torna a vida intolerável para o marido. O

casamento não resolve os problemas. Complica-os. Muitas mulheres de vinte ou trinta anos ainda estão emocionalmente despreparadas para o papel de esposa. O infante dentro do adulto ainda está fazendo exigências desarrazoadas, ainda está esperando satisfação instantânea de cada desejo. Quando uma mulher ou homem emocionalmente imaturo se casa, a possibilidade de um bom casamento é mínima, a menos que o parceiro imaturo esteja disposto a fazer um esforço de grande alcance para crescer emocionalmente.

4. A esposa “protesto-masculino”

O termo “protesto-masculino” foi primeiramente usado por Carl Gustav Jung para descrever um grupo mais ou menos grande de mulheres que experimentam uma ambivalência inconsciente em relação aos homens. Elas os amam e odeiam ao mesmo tempo. Os sentimentos são geralmente inconscientes. O homem que se casa com uma mulher assim está sempre engajado numa luta pelo poder. Se ele ceder, ela fica jubilante, mas também se sente derrotada, porque ele não foi forte o suficiente para resistir-lhe.

– Os homens são tão fracos e incapazes! – Ela dirá então. Uma mulher assim é argumentadora por índole, e provocará brigas, geralmente num esforço inconsciente de manter a luta pelo poder.

O protesto masculino vem de qualquer uma das seguintes razões ou de uma mistura delas:

- a) Um tipo de pai ou irmão por ela idealizado. Homem algum jamais será capaz de corresponder ao homem idealizado, que é, em resumo, o que todos os homens deviam ser.

b) Um pai alcoólatra, fraco, incapaz, que a mulher aprendeu a desprezar quando menina. Odiando o pai, ela inconscientemente despreza todos os homens, ou sente a necessidade de punir todos os homens pelos fracassos do pai.

c) Um pai por demais restritivo ou dominador pode transmitir à filha o medo de ser controlada. Ela quer um marido forte, mas se ele a fizer lembrar, de alguma forma, o pai, a quem temia, ela pode experimentar uma reação de “raiva e medo” e sentir necessidade de atacar. Ou, se ela for passiva, pode tornar-se sutilmente manipuladora. Se seu marido revelar qualquer um dos traços indesejáveis de seu pai, a quem ela pode ter conscientemente amado e inconscientemente rejeitado, ela poderá reagir com hostilidade sem cabimento.

Todas estas reações, é claro, são inteiramente inconscientes. Ela pode justificar-se com uma base lógica, mas seu problema está enraizado em uma hostilidade para com os homens profundamente enterrada. Infelizmente, seus filhos, muitas vezes, tornam-se o alvo de sua hostilidade, que é, na verdade, sentida em relação ao seu marido.

Tais mulheres são frequentemente frígidas, tanto emocionalmente quanto sexualmente. Elas são apanhadas em uma teia que não teceram. Um conselheiro matrimonial competente, ou uma terapia de grupo, pode muitas vezes prover reconhecimentos valiosos que levam a uma solução.

5. A esposa mártir

O tipo mártir é conhecido tecnicamente como masoquista. Isto é, tais criaturas estão inconscientemente procurando castigo. Elas podem ter tendência a acidentes, a operações, ou simplesmente a fazer mal juízo, em um esforço inconsciente de serem derrotadas na vida. Incapazes de encontrar a felicidade ou a realização na vida, elas sentem uma espécie de satisfação obstinada pela atenção que obtêm ao ficarem doentes, ou deprimidas, ou em atribulações de qualquer espécie. Elas não podem suportar o sucesso ou a felicidade, que estão procurando conscientemente. Lembro-me de uma mulher assim, que se casou com uma sucessão de cinco alcoólatras. Outra sofreu dezesseis operações por uma variedade de causas, todas muito razoáveis. O “organismo” – isto é, a mente inconsciente operando em cooperação com o corpo – descobriu que no hospital ela podia obter atenção, a única espécie de amor que ela sabia aceitar.

Há um outro tipo de mártir que não recorre a tais medidas extremas. Seu artifício para conseguir atenção é simplesmente o de reclamações verbais. E uma tal mártir nunca está satisfeita. Ela faz um jogo silencioso de “coitada e infeliz de mim”, em um esforço inconsciente para conseguir atenção. A atenção é prima em quarto grau do amor, que ela é incapaz de aceitar. Se ela não pode conseguir amor, aceitará simpatia. Se isto lhe for negado, dará benvindos à piedade. Se ela for “a mártir não reclamadora”, sofrerá em silêncio, esperando de modo comovente alguma forma de atenção. Se ela for do tipo “volúvel, demasiadamente faladora”, fará em toda conversa um desfile de suas doenças. É seu único motivo.

Gostaríamos que fosse possível oferecer solução simples para a mártir. O

masoquismo, infelizmente, é uma emoção profundamente arraigada que se origina na infância. É um “estilo de vida” que cede relutantemente a qualquer forma de terapia. Tenho conhecido muitos indivíduos que podiam reconhecer a vida autodestrutiva que estavam levando, mas que pareciam incapazes de encontrar qualquer solução criativa. O desejo de falhar está profundamente implantado em tais pessoas. Não é impossível erradicá-lo, mas é extremamente difícil. Terapia a longo prazo geralmente é indicada.

6. A esposa passivo-agressiva

Ninguém é tudo “isto” ou “aquilo”. Todos nós temos várias tendências conflitantes operando dentro de nós, geralmente em um nível totalmente inconsciente. Uma pessoa passivo-agressiva é justamente o que o termo diz – passiva e submissa, com tendências agressivas e hostis.

Belle era uma esposa assim. A agressividade dela apresentou-se sob a forma de controle do marido, sempre para o próprio bem dele, é claro. Como acontece frequentemente, por ela ser mais agressiva do que passiva, casou-se com um homem passivo. Ele não era tão bom em lidar com as finanças quanto ela, e ela fazia questão de mostrar a ele quão incapaz ele era. Ela era argumentadora, falava demais, tinha uma espécie de tolerância impaciente para com as fraquezas do marido. Quando conseguia fazer com que ele se enraivecesse, tornava-se passiva e se retraiu.

Incapaz de ter filhos, ela havia proposto ao marido que adotassem algumas crianças. Ele recusou. Ela persistiu, mas sem resultados. Ele estava firme em sua recusa.

Ela não conseguia induzi-lo a juntar-se a um grupo ou a vir para aconselhamento, de modo que veio sozinha, por um período de vários meses. Tornou-se claro que ela era “agressivo-passiva”, enquanto seu marido era “passivo-agressivo”. Isto é, ela era mais agressiva, com tendências passivas, enquanto ele era basicamente passivo, mas podia irromper em fúria violenta quando pressionado demais. Havia ocorrido uma experiência particularmente feia, na qual ela o havia pressionado além do que ele podia suportar e ele havia batido nela.

Por um período de várias semanas trabalhamos só em uma coisa: como viver com o homem particular com quem ela havia se casado, sem perda de

integridade ou perda de identidade. Com o tempo, ela pôde ver o que fazia para provocar a raiva dele. Descobrimos quais eram “os botões vermelhos” dele e como ela podia evitar de apertá-los. A princípio, ela sentiu que isto implicava na perda de identidade, se ela não pudesse dizer tudo o que sentia. Ofereci-lhe o conceito do Novo Testamento: “Falar a verdade em amor” (Efésios 4:15), e acrescentei que não é necessário ou mesmo sábio dizer tudo o que pensamos em todo o tempo. Como conversadora compulsiva, ela achou isto difícil de alcançar, mas com o tempo, conseguiu.

Um dia, ela veio parecendo radiante de felicidade. “Adivinhe o que aconteceu! As coisas têm andado muito melhor desde que aprendi a não apertar os botões vermelhos dele, e ontem, inesperadamente, ele disse: ‘Querida, você sempre quis adotar algumas crianças. Acho que é uma boa ideia. Vamos fazê-lo. ‘ Eu nunca pensei que ele pudesse mudar tão completamente. E ele realmente quer adotá-las. Acho que ele tem resistido à ideia de filhos porque tem se ressentido de minha pressão e importunação. Agora que desisti, ele está diferente em muitos sentidos. ”

Na maioria dos casamentos ocorre, até certo ponto, uma luta pelo poder. Ela pode ser tão sutil que nem um dos dois a percebe, ou pode irromper em amostras frequentes de raiva. A luta pela supremacia tende a desaparecer quando comunicação honesta e aberta pode ser estabelecida. O amor “não busca os seus próprios interesses”, declara Paulo em sua Primeira Carta aos Coríntios (13:5). Quando amamos verdadeiramente um ao outro, cessamos de procurar ter as nossas próprias necessidades satisfeitas e nos esforçamos para descobrir como satisfazer às necessidades da outra pessoa. Em última análise, como resultado, nossas próprias necessidades geralmente são satisfeitas. “O amor jamais acaba”, Paulo conclui (I Coríntios 13:8).

7. A esposa ciumenta-possessiva

O ciúme não conhece sexo. Aflige tanto a homens quanto a mulheres. Todo mundo é capaz de ter ciúmes de alguma forma. Deus disse a Israel: “Eu sou um Deus ciumento”, querendo dizer que Ele queria ser o único Deus deles. A cerimônia de casamento contém as palavras: “Esquecendo todos os outros. ” A meta é que cada um dê lealdade e amor completos ao outro.

Só quando o ciúme se torna rançoso é que vira manifestação neurótica.

Ciúme demasiadamente possessivo geralmente resulta de uma insegurança de longo tempo. O caso de Jeanne ilustra este tipo em sua forma mais leve. Quando ela era muito jovem, seu pai abandonou a família. Jeanne cresceu e se fez uma bela e encantadora mulher e se casou com um homem que fez muito sucesso nos negócios. Ela era comedida e amada por todos que a conheciam, mas a cicatriz emocional causada pela desapareição do pai revelou-se no casamento. Seu marido fazia viagens de negócio frequentemente pelo país, e cada vez que voltava para casa sua esposa o interrogava nos dias que se seguiam acerca de suas atividades enquanto esteve fora. Isto era feito de uma maneira muito sutil.

– E o que é que você fez na noite de segunda-feira, querido? – ela perguntava casualmente. Ele tentava se lembrar para dizer a ela. Uma hora mais tarde ela perguntava:

– E como foram as coisas na noite de terça-feira? Você conheceu alguém interessante? – Depois deste tipo de interrogatório ter continuado intermitentemente por vários dias, ele explodia em irritação.

– Como você espera que eu me lembre de cada acontecimento que ocorreu durante uma viagem de negócios perfeitamente de rotina? Você quer que eu faça um diário? – Apesar do fato de ele nunca ter dado a ela o menor motivo para duvidar dele, ela continuou com isto durante os quarenta e cinco anos de sua vida de casados. Sem entender nada da origem do ciúme dela, ele conseguiu viver com o mesmo.

O marido que mostra o menor interesse por uma mulher numa reunião social pode suscitar o ciúme mais extremo em uma esposa insegura. Se ela é patologicamente ciumenta, como Catarina, o casamento pode ser ameaçado. O ciúme e possessividade de Catarina eram tão intensos que, se Jack voltasse para casa mais tarde do que de costume, estaria sempre sujeito a uma torrente de perguntas. Quando ele casualmente mencionava o nome de alguma mulher do escritório onde trabalhava, ela insistia em conhecer qual era o seu relacionamento, como ela era, quantas vezes a via. Jack me contou, com desespero total, das centenas de vezes que havia sido submetido a uma inquisição. A vida tornara-se insuportável, ele disse. A possessividade de Catarina havia se tornado tão extrema que ela insistia em ir com ele para a loja à noite; ou que ele a acompanhasse, se ela fosse. Ela não podia suportar tê-lo fora da vista, exceto durante o tempo que ele passava no trabalho.

Eu disse:

– É provável que ela tenha tido uma infância terrivelmente insegura e que ela deve ter perdido o pai ou alguma pessoa masculina muito querida cedo na vida.

– Sim – ele disse – o pai dela morreu quando ela era uma criancinha, e

um irmão mais velho faleceu logo depois. Ela idolatrava a ambos.

É muito mais fácil deduzir a causa de uma atitude neurótica de comportamento do que curá-lo. No caso de Catarina, foi preciso paciência e compreensão enorme da parte de seu marido e terapia intensiva para ela, antes que pudesse resolver o problema.

A esposa que é atacada de ciúme extremo deve primeiro conscientizar-se de que isto vem de um sentimento profundo de insegurança, e, segundo, que se entregar a essa possessividade é quase certo que afastará ainda mais o marido. Isto pode tornar-se quase uma profecia auto realizada, pela qual a perda do marido torna-se realidade, ocasionada pela focalização sobre o medo.

8. A esposa deprimida

Há diferente tipos e graus de depressão. A maioria dos seres humanos experimenta estados de espírito depressivos ocasionais, mais cedo ou mais tarde. Acontecimentos infelizes ou desapontamentos podem causar depressão leve, que tende a desaparecer com o tempo. Um tipo certo de depressão origina-se de um desequilíbrio químico ou como resultado de doença física.

Estados emocionais variados acompanham o ciclo mensal de muitas mulheres, e a maioria dos maridos aprende, se for um pouquinho observador, a não reagir a uma explosão emocional em tais ocasiões.

Há um tipo de depressão comum a muitas esposas, pelo qual o marido pode fazer algo construtivo. Uma jovem mãe de três filhos pequenos veio ver-me em um estado emocional muito alterado. Ela havia feito visitas aos médicos, um dos quais receitou-lhe ferro e injeções de vitamina. Outro lhe deu tranquilizantes, e um terceiro instou para ela “saísse desse estado”. Ela me disse que ficava deprimida a maior parte do tempo, irritada com as crianças e chorava facilmente. Ela passava, alternadamente, por períodos ou de choro ou de depressão tão profunda que sentia que não podia entabular uma conversa com seu marido.

Uma vez que os médicos não puderam achar nela nada de errado organicamente, e os tranquilizantes para quase nada adiantavam, deduzi que ela não estava sofrendo de nada sério, e, sim, de uma simples fadiga emocional e física. Ela ficava com as crianças pequenas de doze a quatorze horas diariamente. Seu marido trabalhava oito horas por dia, vinha para casa e

descansava. Insisti com ela para tirar férias de seu marido e filhos.

– Toda mãe com crianças pequenas – eu disse – merece um dia de folga toda semana. Em seu caso, insisto que você tire umas férias de três a quatro dias agora, e tenha um dia inteiro de folga uma vez por semana.

Como a maioria das pessoas perturbadas emocionalmente e deprimidas, tudo que ela podia ver eram as dificuldades. Ajudei-a a resolver isto e ela tirou alguns dias de descanso. Ela voltou com melhor aparência e sentindo-se maravilhosa. Insisti que ela saísse sozinha, ou com uma amiga, um dia por semana, citando-lhe: “Seis dias trabalharás...” (Êxodo 20:9). Mostrei-lhe que ela podia trocar com outra mãe, e que, se tivesse que pagar uma babá, em última análise, o custo seria muito menor do que as sessões semanais com um psiquiatra por meses ou anos. No caso dela funcionou.

Muitos maridos não fazem ideia o que representa ter uma ou mais crianças aos seus cuidados de dez a quinze horas por dia, a menos que eles tomem essa responsabilidade por um dia ou dois, quando a mãe está doente. Alguns maridos, cujas esposas trabalham fora, esperam que elas trabalhem o dia inteiro e ainda façam o trabalho de casa até tarde da noite com pouco ou nenhuma assistência.

Mas também há esposas que se tornam reclamadoras profissionais. O casamento não é exatamente o que haviam sonhado que fosse. O trabalho caseiro torna-se uma rotina interminável, monótona e sem sentido para elas. E, na verdade, muito do trabalho de casa é pura e simplesmente trabalho de zelador, e para uma personalidade criativa ele pode não ter sentido. A esposa que não se sente realizada pode tornar-se deprimida e criar um ambiente no lar que faça com que o marido deseje estar em outro lugar qualquer. A responsabilidade de criar o clima emocional certo no lar é principalmente da esposa. Se ela parecer incapaz de conseguir isto, é responsabilidade do marido descobrir o que ele pode fazer para criar um ambiente saudável.

Uma esposa deprimida, exigente, possessiva e reclamadora – que pode deveras ter muito sobre o que reclamar – está preparando o ambiente para a discórdia conjugal. Se puder, sem raiva ou ameaças, apresentar suas necessidades, ela tem uma chance melhor de conseguir um casamento satisfatório. Se ela não puder fazer isto sozinha e sem ajuda, precisará da ajuda de um conselheiro matrimonial ou de uma pessoa qualificada para ajudá-la a ordenar seus sentimentos e descobrir uma solução criativa.

Capítulo 12 - Incompatibilidade e Paradoxos no Casamento

*Quando a satisfação ou
segurança de outra
pessoa se torna tão
significativa como a
nossa, então o amor está
presente. Até onde sei,
sob nenhuma outra
circunstância ele está
presente, a despeito do
uso popular do termo.
(Harry Stack Sullivan)*

Todo mundo gosta de um final feliz. Os autores têm a tendência de usar como material ilustrativo casos históricos em que tudo acaba bem. Mas a

sinceridade nos compele a encarar a realidade dos embaraços conjugais para os quais não há soluções aparentes.

Earle e Gladys são um exemplo disso. Gladys veio para aconselhamento por um período de um ano ou mais. Eles participaram de um grupo de maridos e esposas por quase um ano. Descobri que Gladys tinha duas personalidades. Quando seu casamento se desfez pela primeira vez, seus dois filhos se viraram contra ela e foram morar com o pai. Sentindo-se muito só e rejeitada, ela veio ver-me. Estava confusa e ferida. Não podia ver por que todos estavam contra ela. Foi difícil para mim, a princípio, entender por que esta esposa e mãe agradável, gentil e atraente havia sido assim totalmente rejeitada por sua família.

Quando, por insistência dela, seu marido que a havia deixado juntou-se ao grupo, comecei a entender. A esposa calma e gentil tornou-se, na presença do marido, uma pessoa hostil, agressiva e crítica. Earle provou ser um indivíduo passivo-agressivo. Os dois elementos, passividade e agressividade dentro da personalidade dele, simplesmente não combinavam com os traços que sua esposa possuía. Houve um curto espaço de tempo em que eles se reconciliaram, mas foi curto. Comecei a perceber a dinâmica em funcionamento enquanto participavam do grupo. Ela era uma masoquista psíquica, e ele, um sádico. Inconscientemente, ela o alfinetava até ele explodir em raiva imponente. Então, ela se transformava numa mártir, suplicando simpatia e compreensão. O masoquista geralmente encontra o sádico, e vice-versa. A pessoa que sente uma necessidade inconsciente de ser punida, ou de sofrer de alguma forma, geralmente encontrará sua contraparte. Não vi esperança para o casamento deles. Foi um erro, para começar. Eles tinham escolhido o par errado, e por isto, nem um dos dois dava um bom parceiro conjugal, por causa de seus padrões de personalidade particulares, que pareciam não estarem dispostos ou serem incapazes de alterar.

Entretanto, a maioria das complicações conjugais pode ser endireitada. Há diferenças de situações que podem causar perturbações maiores: parentes, dinheiro e incompatibilidade sexual secundária. Estas, geralmente podem ser resolvidas sem muita dificuldade, se as duas pessoas envolvidas possuírem maturidade emocional razoável. Entretanto, tais problemas, muitas vezes, requerem a ajuda de um terceiro partido competente, que pode ver a cena objetivamente.

Há problemas mais profundos que não são circunstanciais, mas que têm suas raízes em uma estrutura da personalidade danificada. Denise juntou-se a um dos nossos grupos, decidida a chegar ao âmago de seus problemas emocionais, físicos e domésticos. Seu marido opôs-se a este passo e a proibiu de sair de casa sem a permissão dele. Fora de casa, ele era um homem manso e passivo, mas no

relacionamento conjugal ele parecia decidido a controlar cada detalhe da vida dela. Ela arriscou a ira dele pela primeira vez em mais de vinte anos de casados, juntou-se a um grupo, e começou a obter uma visão considerável de si mesma e de seus problemas.

Em certa ocasião, ela relatou um acontecimento quando criança, ao chegar em casa e não conseguiu encontrar seu cachorro de estimação. A mãe disse: “Seu pai matou o cachorro porque você foi má. ” Este episódio deixou uma impressão indelével nela. Se a mãe disse que ela era má, então ela devia ser. Ela havia ido pela vida sentindo-se culpada, embora nunca pudesse descobrir por que se sentia culpada. Uma das consequências foi que ela sentia que não tinha direito algum. Ela não podia se defender ou defender suas opiniões. Inevitavelmente, ela encontrou e se casou com um homem que era seu oposto. Sentindo que não tinha direitos, ela encontrou e se casou com um homem que não queria lhe dar qualquer direito ou privilégio. Ele controlava a vida dela até o menor detalhe.

Este não é um problema circunstancial, mas um problema de personalidade. Não haveria sentido em tentar ajudar este casal a resolver seus problemas financeiros ou sociais, ou qualquer problema de relacionamento, sem primeiro ajudar a esposa a descobrir sua verdadeira identidade. Ela chegou a descobrir que tinha direitos humanos normais e que podia defender-se e expressar suas opiniões.

Normalmente, quando o marido ou esposa faz mudanças significativas de personalidade, uma crise leve ou séria ocorre no casamento. A crise, ou desperta o outro para a necessidade de mudança, ou evoca uma reação hostil.

Rudy e Mary ilustram problemas encontrados quando dois tipos de personalidade radicalmente diferentes procuram os seus opostos. Mary era calma e submissa e olhava a vida por um prisma um tanto sério. Raramente ria, e parecia não possuir nenhum senso de humor. Rudy, por outro lado, era alegre, vivo, criança e imaturo em muitos sentidos. Enquanto Mary era conservadora no que se refere ao dinheiro, Rudy não se perturbava quando as contas ficavam sem serem pagas, ou quando não tinham fundo no banco. Ele era irresponsável financeiramente, e fazia muito pouco em prol do lar.

A seriedade dela encontrou seu oposto na vivacidade e espontaneidade dele. A irresponsabilidade dele precisava da estabilidade dela. Eles haviam encontrado seus opostos, mas não podiam viver em paz. Eles tinham pontos de vistas opostos quanto à criação dos filhos, finanças, vida social e muitos outros assuntos.

Eventualmente, se separaram e os processos do divórcio foram iniciados. Mary veio para algumas sessões de aconselhamento, e mais tarde juntou-se a um

grupo de compartilhamento. Inicialmente, tudo que ela podia sentir era que seu marido agia como um menino totalmente irresponsável. Pouco a pouco ela foi capaz de ver que sua abordagem terrivelmente séria da vida era tão extrema quanto a imaturidade infantil dele. Alguns meses mais tarde, depois do divórcio se consumar, eles começaram a se encontrar de novo, e finalmente Rudy começou a participar do grupo. Mary começou a abandonar alguns de seus conceitos excessivamente sóbrios, e Rudy a se ajustar. Sem sentir nenhuma perda da masculinidade, ele ofereceu o controle das finanças a Mary. Ele começou a assumir mais responsabilidade para com o lar. Finalmente, casaram-se de novo, e agora desfrutam um casamento melhor do que a média.

Tem-se dito que o “casamento é uma proposição de dar e receber. A pessoa dá sua liberdade e toma as consequências. ” No caso da mulher, ela desiste de seu nome, da segurança da casa paterna (ou emprego, se for o caso), de sua independência, e toma a responsabilidade de dirigir um lar e cuidar de um marido e filhos. O trabalho caseiro é repetitivo, monótono e não muito criativo, a não ser para as mulheres ultra domésticas, para as quais é uma alegria infundável o arrumar as camas e lavar pratos. Se houver filhos, a esposa e mãe fica fechada em casa com as crianças, no exato momento em que gostaria de estar fora, “fazendo coisas”. Por mais que ela ame os filhos e o lar, ela pode sentir falta de estar “lá fora onde as coisas estão acontecendo”. Como uma jovem mãe expressou: “Estou presa aos pratos, fraldas e canseira. ”

Ainda que paradoxal, este é justamente o tipo de coisa com que a mulher sonha, menos a canseira: marido, lar, filhos. Tudo valerá a pena se ela se sentir segura quanto ao amor do marido. Se ele a aprecia, a ouve, valida seus sentimentos, tem interesse pelo lar, e partilha de alguns dos problemas dela, então a vida dela pode ser de alegria.

Uma jovem esposa expressou suas necessidades incompatíveis: “Eu quero ser a coisa mais importante da vida de meu marido. Entretanto, quero que ele tenha verdadeira paixão pelo seu trabalho. Se puder sentir ambas as paixões ao mesmo tempo, ele será ideal. Se conseguir a metade das duas, ele será bom. Se ele não puder conseguir nenhuma das duas, ele será sem esperança. ” As necessidades paradoxais dela podiam frustrar o marido, a não ser que ambos aprendessem a ser tolerantes.

O homem, por outro lado, desiste de sua liberdade e independência e toma a responsabilidade – legal, moral, financeira e psicológica – de uma esposa e filhos. Este contrato deve durar a vida toda. Se vem para casa e encontra uma esposa frustrada, reclamadora, uma casa bagunçada e um grupo de crianças gritantes, ele pode começar a imaginar se não cometeu um erro. Entretanto, se ele for recebido por uma esposa amorosa à porta e ela o fizer sentir que o lar é o

seu castelo, um refúgio do mundo agitado e exigente, o casamento pode mostrar que valeu a pena.

Os paradoxos no casamento estão nas raízes de muitas incompatibilidades que são muito frustradoras. Uma jovem esposa disse: “Eu quero que meu marido seja decidido, autoritário e terno. Ele deve dirigir, deve ser sábio o suficiente para tomar as decisões certas.”

– O que você quer dizer com “decisões certas”? – Perguntei.

– As que coincidam com o que eu penso que está certo – ela respondeu, sorrindo. Ela percebeu a incongruência disto, mas era precisamente o que queria, e ela aceitou isto como paradoxal, mas válido.

Alguém descreveu a melhor combinação de pais como o pai que é gentil sob sua firmeza e a mãe que é firme sob sua gentileza. Duas pessoas que podem agir assim, com pais, teriam também alguns dos ingredientes básicos para serem bons parceiros conjugais.

Tem havido muita especulação sobre o porquê as mulheres em geral viverem consideravelmente mais tempo do que os homens. Uma teoria diz que é porque as mulheres estão mais em contato com seus sentimentos e não reprimem suas emoções. Isto em si mesmo traria melhor saúde. Além desta, como causa provável, creio que um fator mais importante é que as mulheres geralmente têm suas maiores responsabilidades quando jovens, enquanto os homens recebem maiores responsabilidades à medida que ficam mais velhos. Em seus vinte, trinta e quarenta anos, uma esposa e mãe comum tem a responsabilidade dos filhos e do lar. Se ela tem um emprego, como é o caso de muitas mães, a sua responsabilidade é dupla, mas isto acontece na época em que ela está física e psiquicamente em forma. Os homens, por outro lado, geralmente começam a ter responsabilidades maiores aos quarenta, cinquenta e na primeira metade dos sessenta anos.

Por interesse genuíno para com seu marido, e por causa de bem entendido interesse próprio, a esposa pode contribuir para o bem-estar do marido e o seu próprio, se ela reconhecer isto e fizer o que parecer indicado para minorar as tensões de casa, para seu marido, quando ele alcançar os críticos quarenta e cinquenta anos.

Lembro-me de uma esposa angustiada, com seus cinquenta anos, cujo marido tinha acabado de cair morto por um ataque cardíaco. Ele havia sido um líder da comunidade, largamente conhecido e respeitado. Ela tinha vindo a mim, com lágrimas, perguntando: “O senhor acha que eu causei a morte de meu marido?” Perguntei por que ela pensava assim.

Ela disse:

– Bem acho que eu era exigente demais. Tenho saúde de ferro e não

podia entender por que ele sempre queria ficar sentado e descansar quando chegava em casa do trabalho. Gosto de um belo jardim, e eu insistia que ele aparasse a grama e fizesse todo o serviço de jardinagem.

Perguntei sobre sua vida social, e ela disse:

– Sim, eu gostava muito de festas, e ele costumava reclamar que íamos a acontecimentos sociais em demasia. Ele sempre insistia que estava cansado demais, mas eu sempre saía vitoriosa. Acho que fiz exigências demais, e agora ele está morto.

Ela irrompeu em lágrimas. Descobri que ela havia feito uma ronda a vários psiquiatras e consultado seus amigos e associados, perguntando se eles pensavam que ela era responsável pela morte prematura do marido. É claro, ela sentia interiormente, que era, pelo menos, um fator contribuinte e esperava conseguir opiniões suficientes em contrário para amenizar seu sentimento de culpa, mas quantia alguma de afirmações de seus amigos poderia consolá-la. Ela sabia da verdade.

Há o registro do caso da mulher que disse a um conselheiro matrimonial:

– Odeio meu marido! Não somente quero me divorciar dele, mas também tornar a vida dele tão difícil quanto possível.

O conselheiro disse:

– Eu lhe direi como proceder. Comece a afogá-lo com elogios. Satisfaça a todos os seus caprichos. Então, quando ele descobrir o quanto precisa de você, comece os preparativos para o divórcio. Você vai dobrá-lo.

A esposa decidiu aceitar o conselho. Seis meses mais tarde o conselheiro encontrou-a em um acontecimento social e perguntou:

– Como é que as coisas saíram? Você se divorciou de seu marido?

– Oh! Não! Eu segui seu conselho, e nunca fomos mais felizes. Eu o amo de todo o coração.

Contei isto em um retiro, e uma esposa um tanto hostil que estava pensando em divórcio, disse, com certa reprovação:

– O senhor fala como se a responsabilidade fosse toda da esposa! O marido tem responsabilidade no casamento também!

– Sim, – eu disse – ele tem responsabilidade igual; mas assim como alguém pode dar início aos preparativos para o divórcio, pode também tomar a iniciativa de instituir amor, paciência e boa vontade.

O poder do louvor talvez ainda não tenha sido totalmente explorado no relacionamento conjugal. Mark Twain uma vez disse: “Posso passar dois meses com uma boa avaliação.” Era de se pensar que um romancista famoso, com uma reputação mundial, não precisasse de louvor, mas isto é totalmente errado. Ninguém cresce tanto que não sinta necessidade de louvor e reconhecimento

honestos e sinceros.

Shakespeare escreveu: “Nossos elogios são nossos salários. ” Louvor é como o brilho do sol para o espírito humano. Não podemos florescer e crescer sem ele, mas a crítica é o vento frio e devastador que faz murchar o espírito. Seja liberal com o louvor e pão duro com as críticas. Todo louvor, para ser genuinamente útil, deve ser merecido, de outra forma é mera bajulação. Distribuir cumprimentos sinceros às pessoas é simplesmente outro modo de distribuir amor e apreciação. Não há nada mais desgostoso do que viver com uma pessoa com espírito de crítica e depreciadora. Muitos maridos e esposas que têm uma base aparentemente válida para reclamar, com um pouco mais de estudo, revelam-se indivíduos com espírito de crítica ou exigentes e hostis. As injustiças de que reclamam são muitas vezes meramente a colheita inevitável de sua atitude de crítica para com os outros.

Com é que se vence a tendência de ser negativo e dado à crítica? Para começar, é sempre mais fácil agirmos segundo uma nova maneira de pensar, do que pensar e agir de maneira diferente. A pessoa deve começar em algum ponto, e um bom ponto para começar é pensar nas maneiras em que se pode elogiar seu companheiro de casamento. Algumas pessoas acham isto extremamente difícil porque não sabem realmente como expressar amor desta forma. Elas pensam no amor como um mero sentimento, e não conseguem ver que o amor deve ser expresso de maneiras tangíveis. O amor é tanto ação quanto emoção.

Muitos casamentos estão fracassando simplesmente porque nem o marido nem a esposa se dá ao trabalho de fazer elogios sinceros ao outro. Todos nós precisamos ser amados, e como saberemos que somos amados se o amor não for expresso? O psiquiatra William Glasser crê que todas as doenças emocionais nascem da carência de se sentir amado. Quer o paciente seja psicótico ou esteja ficando doido ou tenha uma dor de cabeça nervosa, a causa comum é a necessidade dupla de amar e ser amado, de sentir que temos valor, para nós e para os outros.

Cada um de nós tem um impulso triplo: ser amado incondicionalmente, mudar os outros para que a vida fique mais fácil para nós, e ter todas as nossas necessidades satisfeitas. No fundo, estes são desejos da infância aos quais o adulto se apegar. Eles são irrealistas e nunca poderão ser inteiramente concretizados. As mulheres têm mais tendências a serem idealistas do que os homens (embora isto não seja, é claro, universalmente verdadeiro), e conseqüentemente procuram o casamento ideal, cônica ou inconscientemente. Não é incomum um casal de noivos fazer votos para que o seu casamento nunca se transforme em um caso maçante. Geralmente, é a jovem com a luz das estrelas nos olhos quem primeiro dá voz a este esplêndido ideal. George Washington uma vez escreveu uma carta

à sua neta, Eliza, então com dezoito anos. Ela havia lhe pedido uma fotografia dele como presente de aniversário, e com a foto ele mandou alguns conselhos não solicitados sobre casamento. “O amor é uma coisa bonita demais”, ele escreveu, “mas, como todas as outras coisas deliciosas, é nauseante quando os primeiros arroubos da paixão começam a desaparecer, o que certamente acontecerá... Amor é um alimento delicado demais para se viver só dele, e não devia ser considerado mais do que um ingrediente necessário para a felicidade matrimonial, que resulta de uma combinação de causas.” Ele a aconselhou a não esperar felicidade perfeita no casamento. “Não há verdade mais certa do que a de que todos os nossos gozos não alcançam nossas expectativas,” ele a preveniu. Seria pedir demais do casamento esperar que todos os nossos sonhos, esperanças e necessidades pudessem ser concretizados, pelo menos nos estágios iniciais do relacionamento.

As esposas, geralmente, querem marido, casa, filhos, segurança, afeição e ternura, companhia e força. Ela realmente está pedindo uma espécie de marido-pai-amante-amigo. Geralmente a esposa jovem espera tudo isto de um rapaz jovem demais para ser emocionalmente maduro, e que por isso é naturalmente incapaz de satisfazer a todas as necessidades dela. Consequentemente, ela poderá sentir-se frustrada e iludida.

Os homens, geralmente, desejam afeição, apoio emocional, realização sexual, uma companheira, uma anfitriã, uma esposa-mãe-companheira-amiga. Mas a jovem que ele escolheu é, com ele, geralmente, demasiadamente jovem e emocionalmente imatura para ser capaz de suprir todas as necessidades dele.

Quando as realidades do casamento chegam, eles tentam mudar um ao outro, pela crítica, manipulação, ou por outra forma de chantagem doméstica. Não é incomum a esposa recusar afeição como forma de castigo, e o marido procurar controlar ou manipular sua esposa pelo uso do dinheiro, ou recusa em se comunicar.

Uma solução muito mais criativa é ambos sentarem-se com um conselheiro matrimonial competente e aprenderem a se comunicar acerca dos problemas reais. Muito antes de fazer isto, entretanto, ela pode tê-lo catalogado como manipulador, pão duro, sarcástico ou simplesmente difícil. Ele pode reclamar que é uma dona-de-casa relaxada, dada a frequentes chiliques, ou sexualmente frígida. Se eles lutarem por causa destes sintomas sem jamais chegarem à base real de seus problemas, é bem provável que estejam se dirigindo para uma luta pelo poder que vá durar a vida toda, ou levará ao divórcio.

Os casais geralmente acham, depois de alguns anos de casamento ou mesmo antes, que conhecem bem um ao outro. Muitas vezes, o oposto é

verdadeiro. Os seres humanos têm muitas faces.

Vi uma ilustração disto em um grupo onde seis casais estavam tendo sua primeira reunião. Eu disse a eles:

– Não podemos mudar um ao outro por ações diretas, e a partir de hoje abandonaremos esse esforço infrutífero. Mas só esta noite vocês têm uma última chance de fazer uma lista de três coisas acerca das quais vocês gostariam que seu marido ou mulher mudasse.

Houve um pouco de riso nervoso, mas cada pessoa presente, na meia hora seguinte, fez uma lista de três mudanças importantes que gostaria de fazer em seu companheiro.

“A primeira”, disse um marido docemente, “é que eu queria que Marilyn mostrasse a mesma afeição que revelou em nosso primeiro ano de casados. Ela passou a considerar-me como se já tivesse me agarrado e eu estivesse seguro. Segundo, eu queria que ela arrumasse melhor a casa. Terceiro, eu gostaria que ela parasse de me corrigir em público por coisinhas.”

A esposa dele olhou para ele espantada. “Ora, Fred, você nunca me disse essas coisas antes! Eu não tinha consciência de que você se sentia assim. Eu pensei que você estivesse perfeitamente feliz. Por que você não me disse?”

– Bem, – ele replicou – eu também tenho falhas, e senti que não tinha o direito de criticá-la.

Eles discutiram estes itens por algum tempo. Marilyn estava vendo a si mesma, pela primeira vez, como seu marido a via. Na segurança do grupo, foi possível a ele expressar seus sentimentos verdadeiros. E, quando chegou a vez dela, ele ficou surpreso com a lista de coisas que ela nunca havia mencionado antes. Ela queria que ele avisasse quando ia chegar tarde para o jantar; ela tinha ciúme da atenção que ele dispensava a uma mulher amiga dela; ela se sentia ferida porque ele nunca a havia convidado para ir com ele em suas viagens de pesca. Ele, por sua vez, disse com surpresa considerável:

– Mas, Marilyn, você nunca mostrou o menor interesse por pescaria antes. Como é que eu ia saber?

Comunicação é a chave-mestra, o ingrediente fundamental em qualquer casamento bem-sucedido. Em alguns relacionamentos, a única comunicação que ocorre gira em torno de coisas triviais; as discussões podem acabar em acusações e contra-ataques. Alguns cônjuges descobrem que há certas coisas que não podem ser discutidas sem uma briga, e cuidadosamente as evitam, deixando os assuntos sem solução. O importante é descobrir um lugar seguro onde os assuntos problemáticos possam ser resolvidos. Normalmente isto requer um conselheiro treinado ou um grupo de compartilhamento adequadamente dirigido.

Não são só as esposas e maridos que falham em se entenderem. Poucos

indivíduos se entendem. Temos um interesse velado em não nos conhecer em um nível profundo. Quando alguém diz: “Oh! Eu me conheço muito bem! ” Significa, “conheço algumas coisas sobre mim mesmo que espero nunca serem descobertas. ” Paul Tournier, psiquiatra suíço, tem observado que ninguém conhece a si mesmo realmente, e, por causa disso, não podemos nunca entender os outros completamente, por mais que trabalhemos para isso.

Vejamos o caso de Lucille. Eu a conheci quando estava na faculdade, mas não a tinha visto por cerca de vinte anos. Ela veio ver-me por causa de uma depressão que estava sofrendo. Consultas psiquiátricas haviam lhe dado alguma compreensão quanto ao seu problema, mas ainda estava deprimida. Ela havia se divorciado havia alguns anos e tinha que sustentar dois filhos, um dos quais estava completamente fora de controle. Ela sentia-se desesperadamente infeliz e solitária, e, como descobrimos, estava presa num laço. Ela queria se casar de novo, mas todos os seus relacionamentos com os homens terminavam desastrosamente. Depois de um ou dois encontros, os homens inevitavelmente a deixavam. Um dia ela perguntou: “Há alguma coisa radicalmente errada comigo? ”

Ela era uma mulher atraente e inteligente, mas três coisas sobressaíam: era inteiramente desprovida de senso de humor; era agradável, mas terrivelmente séria; e tornou-se gradativamente aparente que era argumentadora com os homens.

A princípio suspeitei que sentisse uma hostilidade inconsciente contra os homens, um laço duplo não incomum, experimentado por mulheres que amam, precisam e odeiam os homens. Entramos no assunto de seu relacionamento com o pai. Ele era um intelectual que gostava de fazer debates com sua filha, que era única. Discutiam animadamente sobre todo assunto concebível – social, político e psicológico. Ela havia sido uma aluna que só tirava dez, e seu pai estava emocionado por ter alguém com quem sua argúcia podia empatar. Quando criança, ela havia aprendido que a única maneira de agradar ao pai era através de realizações intelectuais.

Seu único relacionamento significativo com um homem havia sido argumentativo. Ela se engajava em argumentos no escritório onde estava empregada, principalmente com os homens. Vencer um homem pelo argumento era, até onde ela sabia, a única maneira de se relacionar.

Não é uma tarefa fácil ajudar uma mulher de quarenta anos a ver que uma mulher argumentadora não é a primeira escolha de um homem. Ela queria debater até mesmo esse assunto comigo. Recusei-me a argumentar com ela e fui bem claro neste ponto: ou ela deixava sua argumentação, ou podia abandonar qualquer esperança de estabelecer um relacionamento satisfatório com qualquer

homem. O sofrimento é motivador poderoso. Ela começou a aceitar minha tese de que seu espírito contencioso e pose de intelectual eram suas principais desvantagens. Mesmo assim, havia dúvidas ocasionais. – Tenho ouvido frequentemente que os homens não gostam de mulheres inteligentes – ela disse. – Talvez esse seja o meu problema.

– Esse argumento – respondi – é o último recurso de uma mulher hostil e emocionalmente imatura. O geral dos homens não menospreza a mulher por sua inteligência. O que eles não gostam nela é seu espírito de competição e argumentação. Nenhum homem normal quer chegar em casa para debater ou ser desafiado por sua esposa, ou qualquer outra pessoa, toda vez que abre a boca. Discussão é uma coisa; argumento é outra, e uma dieta constante disto pode azedar qualquer casamento.

Discutimos o problema dela por vários meses. De vez em quando nós “encenamos” várias situações. Entre outras coisas, ela começou a desenvolver um senso de humor, e realmente aprendeu a contar piadas no escritório. Eu lhe dava uma ou duas toda semana para ela experimentar com seus colegas de trabalho.

Eventualmente, esta mulher séria, deprimida e argumentadora tornou-se uma pessoa bastante deleitável, e nossas sessões terminaram depois de ela ter relatado, com grande satisfação, que havia começado a ter alguns encontros e que um homem em particular estava mostrando um considerável interesse por ela.

Uma reclamação comum de muitas esposas é que seus maridos mostram pouca ou nenhuma afeição, a não ser quando estão interessados em relação sexual. A fim de se sentir amada e apreciada, a mulher precisa de ter o amor expresso frequentemente de muitas maneiras, verbalmente ou de outra forma. A ternura devia fazer parte disto.

A esposa que nunca recebe afeição sem relações sexuais pode tornar-se rejeitadora, uma resposta natural por sentir-se rejeitada pelo marido.

Um marido não demonstrativo expressava seu amor para com a esposa da única maneira que era capaz. Era perito em construir coisas, e a casa estava cheia de evidências do seu trabalho manual. Ele construía, consertava, mexia com as coisas, mas sua esposa reclamava: “Ele nunca diz que me ama.” É claro, que à sua maneira, ele estava demonstrando o fato de que a amava. Idealmente ele podia ter tentado aprender como ser mais demonstrativo física e verbalmente, e ela podia ter tentado aceitar o fato de que ele nunca poderia verbalizar seus sentimentos. Uma esposa não demonstrativa, criada em um lar onde pouca afeição era mostrada, tentou expressar seu amor por seu marido, sendo uma boa dona-de-casa e cozinheira. Seu marido, que era muito mais demonstrativo,

queria que sua esposa fosse mais afetuosa. Ele veio a aceitar o fato de que era difícil para sua esposa exprimir afeição da maneira que ele queria, e ela fez um esforço firme para ser mais responsiva. É essencial, em um relacionamento conjugal satisfatório, tentar dar amor de uma maneira que é entendida e requisitada pelo outro.

Em uma sessão de grupo, na qual um ministro e sua esposa participaram, vi o poder do grupo pequeno de fazer sair respostas inesperadas de vários membros. No decorrer da primeira sessão, a esposa do ministro disse: “Sinto-me frustrada com um aspecto do meu casamento. Meu marido e eu nos conhecemos na faculdade, e nos casamos antes de ele ir para o seminário. Ele fez o curso costumeiro de ministro, e eu estudei virtualmente as mesmas matérias que ele. Nós nos formamos ao mesmo tempo, com a mesma média. Eu tinha a intenção de me tornar uma diretora em educação cristã. Então os filhos começaram a chegar, e tenho cuidado deles nos quatorze anos que passaram, enquanto ele se tem engajado nas próprias atividades para as quais eu estava tão bem preparada quanto ele. Sinto-me iludida porque nunca tive a chance de usar minha instrução. Quando é que vou ser capaz de ser uma pessoa como tenho o direito, e ter uma carreira, como planejei? ” Ela demonstrava frustração considerável e uma certa dose de hostilidade reprimida quando concluiu. Membros da igreja deles estavam presentes e fiquei imaginando qual seria a reação do marido dela. Sem qualquer sinal de embaraço ou defesa, ele expressou compreensão e interesse. A essência de sua resposta foi que ele entendia o que ela sentia, mas a maternidade e uma carreira eram metas incompatíveis, pelo menos enquanto as crianças fossem pequenas. Ele expressou a esperança e crença de que ela poderia encontrar realização total quando as crianças exigissem menos do seu tempo. Ela podia entender isto intelectualmente, mas não o sentia emocionalmente.

O problema de suprir essas necessidades conflitantes não é fácil para as mulheres. Há uma necessidade emocional e biológica forte na maneira delas de encontrar realização em ter filhos. Mas, em nossa civilização, onde muitas carreiras estão abertas para as mulheres, como também oportunidades educacionais iguais, algumas delas acham os dois impulsos incompatíveis e sentem-se frustradas na procura de uma solução.

Lembro-me de uma mulher que resolveu este dilema. Ela era médica formada, pediatra, e depois se casou. Teve cinco filhos e virtualmente sustentou a família inteira. Ela fez um trabalho excelente ao combinar a maternidade e uma carreira, como muitas mulheres o fazem, embora se saiba que a tarefa não é fácil.

No caso da esposa do ministro, percebi que havia algo que não fora dito. Seu marido havia se tornado proeminente em assuntos denominacionais e

viajava frequentemente para reuniões de juntas e convenções. Ela ficava em casa com os filhos, e, embora não tivesse sido dito, percebi que ela sentia que ele estava se divertindo muito voando pelo país, comendo nos melhores restaurantes, hospedando-se nos melhores hotéis, enquanto ela se sentia presa em casa com os filhos, o que, para ela, era uma tarefa não compensadora de trabalhos caseiros de rotina.

Estava implícita, na sua reclamação e nas circunstâncias, considerável inveja da liberdade de seu marido e de seus sucessos. Ela parecia estar dizendo: ‘Ele é largamente conhecido e respeitado e altamente bem-sucedido, enquanto eu sou ‘uma simples dona-de-casa’. ”

Rotina de trabalhos caseiros e cuidar das crianças são muito prosaicos e cansativos, se comparados com as atividades variadas e interessantes em que alguns homens se engajam. Pelo menos assim parece para a mãe que está cansada de lavar roupas, dos trabalhos de casa, e das exigências constantes das crianças pequenas. Quer sua reclamação seja válida ou não, seus sentimentos são muito bem compreensíveis. A esposa e mãe que se sente presa em tal situação pode lembrar a si mesma que na flor da vida dela, sob circunstâncias normais, será liberta da responsabilidade dos filhos, e que no exato momento em que seu marido pode estar suportando maiores responsabilidades, ela estará mais livre do que nunca para fazer algumas das coisas que sempre quis fazer.

Uma esposa certa vez me disse que se sentia mais segura quando agia “debaixo de um guarda-chuva”. Ela disse:

– Em casa, meu marido é o guarda-chuva. Ele me dá bastante liberdade, mas estou sempre tentando sair de debaixo do guarda-chuva, e quanto mais longe vou, tanto mais ansiosa fico, mas nunca tenho juízo suficiente para voltar para debaixo do guarda-chuva, até que ele me force. Sempre fico com raiva quando ele o faz, e choro, mas estou tão feliz! No meu trabalho, meu patrão é o guarda-chuva, e ele sabe quando estou fora de foco. Quando isso acontece, ele toma o controle. Então, ele se torna bem diretivo, gentil, e firmemente começa a dar ordens. Sempre fico aliviada quando ele assim faz, porque quando estou no fim da linha, emocionalmente nunca tenho juízo suficiente para saber o que fazer.

Ela estava expressando um sentimento partilhado por muitas mulheres. – Quero um homem em quem me apoiar – uma esposa disse.

Perguntei:

– Como é que ele pode saber quando você quer autonomia completa e quando você quer que ele dirija?

Sem o menor traço de ironia, ela respondeu:

– Ele deve ser capaz de saber.

Era a coisa mais natural do mundo esperar que seu marido fosse capaz de sondar seus variados estados de espírito dia a dia, ou mais explicitamente, de hora em hora, e alterar o curso de ação dele para servir aos estados de espírito dela. Um marido atencioso e perceptivo pode fazer isto, a menos que, é claro, os “baixos” dela correspondam com um dos “baixos” dele. Nesta altura, ambos estão procurando apoio emocional e compreensão da parte do outro. Ambos estão pedindo, e nenhum está sendo capaz de dar.

A frigidez na mulher e a impotência no homem são de origem psicológica, na maioria dos casos. A impotência pode surgir de uma variedade de causas, tais como fortes sentimentos de culpa, um senso generalizado de insuficiência, ou uma crença de longo tempo na pecaminosidade do sexo, imprimida na personalidade na infância. O marido passivo casado com uma esposa controladora às vezes experimenta uma intensificação de seu senso de insuficiência masculina. O marido sensitivo ou passivo, se criticado ou rejeitado, pode responder inconscientemente, tornando-se parcial ou totalmente impotente. Ele pode tornar-se retraído, ou, se tem capacidade considerável de agressão, pode tornar-se tirânico e abusivo, em um esforço para compensar seus sentimentos de insuficiência.

O senso de masculinidade envolve o conceito que o homem tem de si mesmo como uma pessoa competente, capaz de manter-se firme em um mundo competitivo ou em uma discussão com sua esposa. Se ele é rebaixado e feito sentir-se menos que um homem, ou experimenta um sentimento profundo de fracasso e derrota, o resultado pode ser a impotência. As mulheres frequentemente pensam, erradamente, que o homem exteriormente agressivo se sente tão competente quanto finge se sentir. Os homens demasiadamente agressivos frequentemente sentem-se interiormente inseguros de si mesmos e compensam assumindo uma exagerada pose externa de dominância ou agressividade. Um homem assim pode ser desordenadamente sensível à crítica e ter vergonha de admitir que foi ferido. Se ele tem dúvidas fortes quanto às suas capacidades, seu mecanismo inconsciente pode responder, tornando-o impotente, ou parcialmente impotente.

Trinta e sete a quarenta por cento das mulheres, as autoridades acreditam, experimentam frigidez de algum grau. Há muitas causas. Algumas foram molestadas na infância, e um número surpreendentemente grande de mulheres tem reprimido a lembrança totalmente. Outras foram inadequadamente instruídas na infância acerca da sexualidade humana e vieram a sentir que o sexo de alguma forma é sujo ou pecaminoso. A rápida cerimônia de casamento não tem o poder de contra-atacar os avisos de pais ansiosos e bem-intencionados. Se a sexualidade humana é velada em mistério para uma criança, associada com o

mal, ou feita parecer vultar, na vida adulta tal pessoa pode tornar-se emocionalmente incapaz de responder normalmente. Minha própria estimativa é que menos de um pai em dez é capaz de apresentar os aspectos emocionais, físicos e espirituais do sexo aos filhos. Além disso, conta não somente o que é ensinado, mas o que é “captado” pela criança, dos pais e outros adultos, bem cedo na vida. “Tons de sentimentos” estão sendo constantemente apanhados pelas crianças, que frequentemente aprendem mais pelo tom da voz, ou por um silêncio dolorido, ou embaraço, do que pelo que é diretamente ensinado.

A frigidez na mulher e a impotência no homem raramente são resolvidos com a leitura de livros, embora muitas vezes a pessoa possa ganhar considerável visão quanto às causas prováveis e aos tipos de tratamento que possam ser necessários. Há muitos livros sobre esses assuntos, mas geralmente terapia a longo prazo é indicada. A pessoa devia não hesitar em procurar ajuda profissional. O problema é comum, e pode muitas vezes ser resolvido se a pessoa estiver determinada a procurar uma resposta pela terapia.

Há centenas de livros que lidam com o aspecto sexual do casamento, mas um fato importante precisa ser enfatizado nesta altura: o sexo significa coisas diferentes para os homens e para as mulheres. A maioria das mulheres precisa sentir-se amada e apreciada para que as relações sexuais sejam aceitáveis ou desejadas. O homem precisa ter relações sexuais a fim de sentir-se amado. O marido que sempre foi argumentador ou sem consideração ou obtuso não pode esperar que sua esposa seja sexualmente responsiva. A resposta sexual dela envolve a totalidade de sua natureza, e se houver algum conflito não resolvido, ela pode ser totalmente incapaz de se dar completamente.

Necessidades incompatíveis fazem parte de todo casamento. Um casal bem casado relatou que havia resolvido uma esfera de sua incompatibilidade com um compromisso feliz. Ela odiava acampar, o que ele adorava. Ela gostava de ópera, o que ele detestava. Como expressão de interesse dele pela felicidade dela, ele concordou em assistir à ópera com ela, e ela, por sua vez, foi acampar com ele. Se cada um tivesse tido má vontade, os resultados não teriam sido satisfatórios. Foi um compromisso no qual cada um procurou fazer o outro feliz. Eles perceberam, muito certamente, que o amor é mais do que emoção: é ação. Eles estavam agindo com amor. Provaram serem emocionalmente maduros ao chegar a esta conclusão.

Brigas sérias que perturbam o relacionamento do casal são geralmente sintomáticas de algum problema mais profundo. O problema de superfície raramente é a dificuldade real. Entretanto, às vezes é necessário começar erradicando o sintoma, antes de ser possível trabalhar no problema real.

Em uma ocasião de aconselhamento familiar, envolvendo pai, mãe e dois

filhos adolescentes, descobri que a paz do lar estava sendo seriamente perturbada por rixas constantes. Brigas fortes frequentemente irrompiam, tornando-se tão severas que a esposa anunciou cabalmente que ia sair de casa, a menos que as coisas melhorassem.

Na sessão inicial propus uma regra tripla para eles seguirem. Primeiro, nada de brigas. Segundo, não fariam esforço em controlar um ao outro. Terceiro, eles deveriam desistir de qualquer tentativa de mudar um ao outro.

Um deles, muito perceptivamente, disse:

– As brigas são somente um sintoma de alguns problemas mais profundos. Se pararmos de brigar e simplesmente nos retirarmos, o problema real ficará sem solução.

Eu disse: – Você está perfeitamente certo. Entretanto, vai custar bastante tempo para chegar à raiz do problema. O que há não é tanto um problema de família, mas sim, uma série de problemas de personalidade. Enquanto estamos trabalhando para descobrir as dificuldades básicas, eu só quero que vocês “se separem”.

Então, prossegui explicando a eles que quando as nações estão envolvidas na guerra, há geralmente três passos essenciais para trazer a paz. Primeiro, deve haver um cessar-fogo. Segundo, há uma trégua, que é a cessação de hostilidades e a declaração da intenção de concordar quanto aos termos do tratado de paz. Terceiro, há um problema um tanto complexo de se reunir em volta da mesa da paz e encontrar uma base sobre a qual pode haver um ajuste pacífico e permanente do conflito. Algo parecido com isso deve frequentemente – embora nem sempre – ser feito para trazer a paz para a casa. Há a separação, a recusa em gastar energia psíquica em rixas e argumentos; se esta puder ser alcançada, haverá mais possibilidade de se descobrir a causa básica do conflito.

Um casal, com o qual trabalhei, havia discutido calorosamente acerca de ninharias por anos. No aconselhamento, tornou-se patente que a dificuldade nascia de sua incapacidade de se comunicar. Eles tinham mandado mensagens codificadas um ao outro, mas nunca comunicado seus verdadeiros sentimentos. A esposa achava que seu marido tinha ofendido a mãe dela e que gastava tempo demais caçando e pescando, mas ela nunca se sentira com coragem de tocar nestes problemas básicos com ele. No caso dele, descobrimos que ele se ressentia com a quantidade de tempo que ela gastava com a mãe e sentia que ela nunca realmente havia cortado o cordão umbilical que a unia a ambos os pais. Quando foram encorajados a se separarem e pararem de brigar por causa de ninharias, ficaram livres para discutir os problemas básicos. Com alguma ajuda, eles foram capazes de resolver estes problemas e de alcançar um casamento satisfatório.

Capítulo 13 – Amor

*...Tão insondável quanto
o mar meu amor é
profundo; por mais que
te dê, tanto mais possuo,
pois ambos são infinitos.*

– Julieta, em Romeu e Julieta, de Shakespeare

Conta-se de um marido rico, consideravelmente mais velho que sua esposa, que perguntou a ela se ainda o amaria se ele perdesse todo o seu dinheiro.

– Você me amaria se eu ficasse inválido? – ele perguntou.

– Sim, é claro.

– Mas você ainda me amaria se eu ficasse cego e surdo?

– Sim – ela disse – ainda o amaria.

– Mas se eu perdesse todo o meu dinheiro, fosse cego e surdo e inválido, e ficasse doido?

– Não seja ridículo! – ela disse. – Quem poderia amar um imbecil velho, sem dinheiro, cego e surdo? Mas eu tomaria conta de você.

A estória, provavelmente apócrifa, ilustra dois fatores básicos: a necessidade que todos sentem de amor incondicional, e a sua praticabilidade inata da mulher. Todos, consciente ou inconscientemente, procuram amor incondicional, a despeito do fato de que ninguém é capaz de dar amor incondicional constantemente. O desejo é talvez um resquício do tempo em que o infante recebia amor incondicional. Ele é amado porque é o filho de sua mãe. Ele não precisa fazer nada para merecer amor. As necessidades dele são satisfeitas e ele não tem a responsabilidade de fazer nada mais do que simplesmente ser o que é, um infante indefeso.

O infante sempre residente dentro de nós continua querendo um pouco desse amor e aceitação incondicional. O adulto razoavelmente maduro aprende, com o tempo, que deve tanto dar amor quanto recebê-lo. O casamento é um arranjo recíproco, no qual, idealmente cada um de nós procura satisfazer às necessidades do outro. Se satisfizermos as necessidades do companheiro conjugal a fim de que nossas necessidades sejam satisfeitas, uma espécie de troca se estabelece: farei isto por você, se você fizer aquilo por mim. A pessoa que ama em um sentido maduro procura satisfazer às necessidades do outro, não de uma forma manipuladora, mas simplesmente porque o amor se expressa em interesse pelo bem-estar do outro.

Há três necessidades básicas, elementares, trazidas da infância, que todos nós experimentamos.

1. Desejamos consciente ou inconscientemente ter todas as nossas necessidades satisfeitas.
2. Desejamos controlar ou mudar aqueles que estão ao nosso redor para que eles satisfaçam estas necessidades.
3. Todos nós ansiamos de amor incondicional.

Estes três impulsos internos básicos são quase universais. O casamento

pode ter sucesso à medida em que ambos, marido e esposa, amadureçam emocional e espiritualmente, até o ponto onde estes desejos da infância sejam substituídos por conceitos mais maduros. Idealmente, a pessoa deve alcançar maturidade emocional suficiente para ser capaz de mudar estes impulsos, da seguinte maneira:

1. Em vez de exigir que todas as minhas necessidades sejam satisfeitas, procurarei satisfazer às necessidades que têm fundamento, do meu companheiro conjugal.
2. Em vez de tentar mudar os outros, reconhecerei que não posso mudar a ninguém. Só posso mudar a mim mesmo, e quando eu mudar, os outros tenderão, com o tempo, a mudar em relação a mim.
3. Em vez de esperar amor incondicional, encararei o fato de que ninguém pode dar este tipo de amor ilimitado sempre. Darei amor em vez de exigí-lo ou esperá-lo, crendo que amor gera amor.

Carlos e Bárbara apresentam um exemplo do caso em questão. Ela cresceu em uma família que era demonstrativa, verbal e, muitas vezes, explosiva. Havia uma espécie de volatilidade emocional em seu lar. Ninguém suprimia qualquer sentimento. Este tipo de ambiente pode criar uma necessidade inconsciente de uma atmosfera familiar que tenha um pouco mais de estabilidade emocional.

Consequentemente, ela se casou com Carlos. A criação dele havia sido muito diferente da dela. Nunca ninguém gritava. Havia pouca briga. A vida movia-se de modo bastante sereno. A natureza calma e não emocional de Carlos, como era de se esperar, respondeu à personalidade volátil espontânea e, às vezes, explosiva de Bárbara. Não foi por acidente que se encontraram.

Mas, depois de alguns anos de vida em comum, descobriram que suas diferenças emocionais eram tão grandes que causavam sérios problemas. Carlos estava desesperançosamente fora de contato com seus sentimentos. Ele nem sequer tinha consciência das vezes em que ficava com raiva. Esta mostrava-se em seus olhos ou voz, mas ele insistia firmemente que não sentia nenhuma hostilidade. Bárbara, num esforço para atingi-lo no nível dos sentimentos, achou-se “apertando os botões vermelhos” dele, como ela se expressou. Suas táticas variavam desde esbravejamentos raivosos a sintomas físicos e emocionais, num esforço inconsciente de arrancá-lo de sua calma enfurecedora, abordagem lógica a toda situação. Por sua parte, Carlos estava cansado das explosões emocionais dela, e finalmente disse-lhe que, a menos que ela se controlasse, ele queria o divórcio.

Num esforço inconsciente para encontrar sua contraparte, cada um havia procurado um oposto emocional. Ela precisava da estabilidade emocional dele, mas porque estava fora de contato com os sentimentos dele, não podia entender ou comunicar-se com ele. Ele precisava de uma esposa mais a par dos sentimentos dele, mas não podia suportar as explosões emocionais dela.

Quando me consultaram a respeito de seu casamento vacilante, cada um contou as indignidades que havia sofrido. Podia-se notar a tendência natural e humana de me fazer descobrir quem estava errado.

Depois de algumas sessões de aconselhamento, submeti ambos a alguns testes psicológicos, que resultaram numa espécie de raios X emocional. Quando os resultados do teste dela revelaram que ela tinha tantos problemas emocionais quanto ele, ela se recusou a continuar com as sessões de aconselhamento. Ele voltou para mais uma sessão e relatou que ela havia expedido um ultimato final. Exigira que ele fosse sozinho consultar um psiquiatra para aconselhamento extensivo, ou ela se mudaria e pediria divórcio.

Aqui estava um impasse. Ambos ameaçavam divorciar-se num esforço para forçar o outro a efetuar mudanças. Entretanto, ele era o mais maduro dos dois. Reconhecia que ambos tinham problemas emocionais que precisavam ser resolvidos. Ele sentia que ainda amava sua esposa, mas eu não pude detectar nada em sua esposa que parecesse com amor – só uma exigência sem misericórdia em que ele se conformasse com as suas expectativas. Eu tinha pouca esperança quanto ao casamento deles.

Nossa palavra portuguesa “amor” é completamente inadequada para exprimir todas as conotações semânticas que exigimos dela. Dizemos: (“Adoro esta sobremesa”); “Prometes amar, honrar e proteger?” “Vamos, prove seu amor, só desta vez”; (“Adoro viagens”); “E Jônatas amou a Davi”; “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.”

As várias facetas do amor que estamos considerando neste capítulo incluem o amor romântico, essa emoção maravilhosa e gloriosa que domina e toma posse de duas pessoas que se “apaixonaram”; o amor conjugal, que já perdeu o brilho e a paixão da experiência inicial, mas que envolve o companheirismo e o cuidado mútuo de um para com o outro, consideração e meiguice; e o **ágape** do Novo Testamento – amor cristão.

O amor romântico é uma emoção poderosa. A grande maioria das canções, livros, peças e óperas lida com esta paixão sobrepujadora. Tenho celebrado cerimônias de casamento por mais de quarenta anos, e não me lembro de uma só vez em que o casamento teve que ser adiado por causa de doença, do noivo ou da noiva. E, na verdade, não me lembro de um exemplo em que, apesar das preparações frenéticas para o casamento e fadiga e ansiedade resultantes, o noivo ou a noiva aparecessem com um resfriado. Mesmo, como ocasionalmente acontece, quando havia discórdia ou dissensão entre vários membros da família, e às vezes uma crise genuína, a euforia produzida pelo estado de “estar apaixonado” parecia suficiente para garantir a imunidade do casal à infecção, mesmo durante epidemias de gripe. Há, creio eu, ampla evidência de que o estar-se profundamente apaixonado conduz à boa saúde. O organismo inteiro mantém-se flutuando, bem-disposto.

Uma noiva de trinta e oito anos, que gaguejava terrivelmente, ia casar-se pela primeira vez. Eu nunca a tinha ouvido pronunciar uma frase sem a mínima dificuldade. Entretanto, no ensaio do casamento, quando eu sugeri que deixássemos passar ou simplificássemos o pronunciamento dos votos do casamento, ela enfaticamente insistiu em realizar a cerimônia inteira sem qualquer omissão. Para surpresa minha, ela conseguiu repetir os votos sem a menor dificuldade.

O amor romântico é uma experiência tão excitante e sobrepujante que é quase um desapontamento descobrir que o brilho inicial tende a se desgastar nas primeiras semanas ou meses de casamento. Um jovem marido idealista disse-me que foi a maior tragédia de sua vida descobrir que seu casamento, depois de alguns meses, havia se reduzido a realidades, tais como orçamentos, desacordos e frustração. Ele queria saber se isto era normal, ou se eles haviam falhado em algum ponto, sendo incapaz de fazer com que a chama do romantismo continuasse a brilhar como no início.

O amor romântico que continuasse sem diminuição através dos anos seria por demais extraordinário. O brilho inicial do romance faz com que revelemos nosso lado melhor ao outro. Mostramos nossos “eus” ideais, não tanto em um esforço de enganar, mas porque o amor romântico estimula-nos a **sermos** o melhor do nosso eu. Além disso, vemos a pessoa amada através de uma espécie de névoa imaginária e ficamos cegos às falhas que uma pessoa objetiva percebe muito claramente. É este fenômeno que dá margem ao adágio antigo de que o amor é cego. A parte racional e do raciocínio do **eu** tende a sofrer um curto-circuito.

O amor deste tipo está baseado numa insatisfação para conosco mesmos, numa tentativa desesperada de escapar de nosso **eu** limitado, à procura de um **eu** ideal. Ao amar, a pessoa pensa ter encontrado o **eu** ideal na pessoa amada.

Geralmente, o brilho inicial dá lugar, com o tempo, a um sentimento de companheirismo, de reciprocidade, de lutar para um alvo comum, compreensão mais profunda e respeito mútuo. Muitos casais passam os primeiros cinco, dez ou vinte anos estabelecendo um relacionamento satisfatório: dando e perdendo, crescendo, amadurecendo, aprendendo a aceitar a raiva com não sendo incompatível com o amor.

O amor é um esforço supremo de fugir da prisão de nossa solidão, de procurar perfeição em lugar de imperfeição, de trocar nosso isolamento por companheirismo. Não devemos esperar um casamento perfeito, porque não existe ninguém perfeito. Não podemos esperar um casamento ideal, porque cada um de nós não é uma pessoa ideal. Não podemos exigir que outra pessoa gratifique todas as nossas necessidades, porque pessoa alguma poderá satisfazer a todas as nossas variadas necessidades.

A capacidade da pessoa de dar e receber amor depende de ter sido amada quando criança, e da maneira em que foi amada. Muitas vezes dá-se amor a uma criança, mas de uma maneira que ela é incapaz de aceitar. Consequentemente, ela pode receber afeição em profusão, mas sentir-se não amada e alienada. O Dr. William Menninger diz que só aprendemos a amar quando somos amados na infância. Os pais podem cobrir a criança com a evidência de seu amor, mas ao mesmo tempo estabelecer padrões que ela não é capaz de satisfazer. Em consequência disso, a criança pode ir pela vida permeada de sentimento de culpa.

Alguém com uma veia semi-humorística delineou as idades da mulher da seguinte maneira:

“Na infância, ela precisa de amor e cuidado.
Na adolescência, quer diversão.
Nos vinte anos, quer romance.
Nos seus trinta, quer admiração.
Nos seus quarenta, quer simpatia.
Nos seus cinquenta, quer dinheiro. ”

A mulher geralmente precisa sentir-se necessária mais do que o homem. Esta parece ser uma das necessidades espirituais e emocionais dela. Se ela não se sente necessária, ela se sente roubada, não amada, alienada de si mesma e dos outros. Ela precisa sentir-se necessária a fim de realizar-se. A mulher gosta de que lhe **digam** que é amada, admirada, necessária. Conquanto o homem tenha a mesma necessidade básica de ser amado e admirado, muitas vezes, por razões diferentes, ele pode embarçar-se ao expressar isto verbalmente. A mulher precisa de reafirmação mais constante de que é amada, principalmente por causa de sua insegurança um pouco maior e natureza emocional mais fluídica.

Freud pensava que a felicidade é encontrada na realização dos nossos desejos infantis, pela qual o dinheiro só não traz felicidade, pois o possuir dinheiro não é um dos nossos desejos básicos da infância. Theodore Reik, um discípulo de Freud, modificou a asserção, dizendo que a felicidade resulta quando os desejos de nossa infância **parecem** se realizar. Para a maioria das pessoas, a felicidade é uma emoção rápida e momentânea. Geralmente devemos ficar satisfeitos com o contentamento, que é irmão de criação da felicidade; o conseguir contentamento duradouro não é coisa fácil.

Certa vez uma mulher me disse: – Todos sabem que o caminho para o coração do homem passa pelo seu estômago, então eu me esforço muito para preparar as melhores refeições possíveis para meu marido.

Eu repliquei: – Suas ações são elogiáveis, mas sua hipótese em sua essência está errada. O caminho para o coração do homem não passa por seu tubo digestivo. A necessidade básica do homem é de amor e afeição. A necessidade fundamental da mulher é de segurança.

Ao que ela disse: – Acho que é justamente o contrário. Os homens dão duro a fim de ficarem economicamente seguros, enquanto as mulheres são as que estão desesperadamente necessitadas de amor.

– Errado de novo – respondi. – Consulte suas emoções, e não seu livro de

aforismos ou seu intelecto. Sua necessidade básica de mulher inclui o amor, mas isto envolve uma conquista inteira de necessidades. Segurança para a mulher significa sentir-se amada, encontrar realização em seu esposo, filhos, lar e ter segurança econômica, para que possa desfrutá-los sem ansiedade. Ela quer que tomem conta dela e quer ser apreciada, enquanto satisfaz uma necessidade básica emocional e biológica, que é ter e criar os filhos. Para alcançar isto, ela precisa da segurança do amor de seu marido.

O geral dos homens, por outro lado, não é emocionalmente inseguro no mesmo sentido. Ele trabalha, basicamente não para estar emocionalmente seguro, mas porque é um fazedor, um empreendedor, um criador de coisas e circunstâncias. As recompensas financeiras são símbolos de seu sucesso e de ter alcançado seu objetivo. O homem terá maior eficiência em conseguir seu objetivo se tiver o apoio emocional e a afeição de sua esposa. A mulher preferiria morder a língua a admitir que segurança é sua necessidade fundamental, enquanto o homem fará tudo para não admitir que suas necessidades básicas são o amor e a afeição.

A necessidade de amor é universal. Ninguém nunca recebe amor suficiente, mas os homens e as mulheres diferem nas razões de desejarem ser amados. As mulheres, no fundo, querem ser amadas pelo que são, os homens pelas suas realizações. Isto é facilmente percebido nas crianças, já na idade de seis anos. A menininha quer ser admirada porque é bonita, o menino, pelo que consegue. Se isto é uma característica inata ou o resultado de condicionamento ambiental, não se sabe, mas tenho a minha suspeita de que é uma característica inata.

Há vários tipos de pessoas que parecem ser incapazes de amar profundamente:

1. A pessoa auto satisfeita e totalmente autossuficiente pode amar, mas não profundamente. Tal indivíduo não “necessita de ser necessário” tanto quanto os outros. Consequentemente, ele se torna, por sua própria autossuficiência, incapaz de dar e receber amor em um nível profundo.

2. Os que não gostam de si mesmos, não tendo amor-próprio adequado, sentem-se indignos de amor. As pessoas deste tipo possuem uma autoimagem fraca, sentem-se indignas, e não podem acreditar prontamente que alguém possa amá-las. Podemos dar e receber amor somente no grau em que nos amamos a nós mesmos, adequadamente. Para amar adequadamente, a pessoa precisa de uma certa autoestima. Quando nos detestamos, projetamos nosso autodesprezo sobre outros sob forma de crítica.

Dolores tinha uma mãe rejeitadora, com espírito de crítica e não amorosa, e um pai beerrão e hostil. Tinha também três irmãos mais velhos, que a aterrorizavam. Ela fugiu desse ambiente hostil com bem pouca idade e tentou sozinha ser alguém no mundo. Com nunca recebera amor nem aceitação, sua autoimagem era pobre. Embora fosse fisicamente atraente, se vestia bem, e apresentasse à primeira vista com uma boa postura, ela vivia em um estado de medo perpétuo. Ela conseguiu arrumar um emprego, e finalmente se casou com um bom rapaz. Ele tentou ajudá-la, apontando suas faltas. Ela recebeu as tentativas dele com hostilidade interior, mas sentia-se incapaz de se defender. Depois de uns poucos meses de casada, ela foi mandada para uma instituição mental.

Ao sair de lá, foi enviada a mim para aconselhamento extensivo. Encontrei-a quase paralisada de medo. Ela tinha medo dos homens e das mulheres e não podia aceitar amor, nem ternura ou qualquer outra manifestação de interesse. Sua infância a havia tornado desconfiada e hostil. Sua autoimagem era tão fraca que ela achava impossível crer que alguém pudesse genuinamente se interessar por ela, embora de todo o seu ser desejasse ser amada e cuidada.

Felizmente, poucos de nós são assim tão prejudicados na infância; possuímos força interior suficiente ou autovalor que nos capacita a aprender a dar e receber amor.

3. Então há os que estão tão inteiramente absorvidos em seu trabalho, tão

completamente dedicados a algum projeto ou objetivo, que extinguem qualquer capacidade de relacionamento com outrem em afeição profunda. A história está repleta de relatos sobre tais indivíduos. Muitas vezes eles são pessoas talentosas que se sentem tão inseguras interiormente que procuram apaixonadamente a fama, a riqueza, ou a adulação como substitutos do amor. Eles parecem estar dizendo: “Eu sou, em mim mesmo, indigno de ser amado, mas ganharei a adulação do mundo em tão grande escala que em comparação o amor de qualquer pessoa será insignificante. ” Algumas dessas pessoas são incapazes de relacionamentos pessoais íntimos, mas podem aceitar medalha, fama, riqueza, graduações, outras evidências impessoais de aprovação e sucesso.

As emoções, por si mesmas, não têm “sentido”. Os sentimentos, não dirigidos pelo pensamento racional, podem às vezes nos desencaminhar. Conheci certa vez um jovem altamente inteligente, filho de pais bem integrados e amorosos, que fez um erro trágico com seu casamento. Fiquei boquiaberto com a magnitude do erro dele. Sua jovem esposa era fisicamente feia, hostil e mordaz, com espírito de crítica além do que se pode imaginar. Observei como ela o insultava em várias ocasiões, e insultava os pais dele na presença de hóspedes. Ela parecia inteiramente incapaz de observar qualquer dos regulamentos principais da decência no comportamento humano.

Ao estudá-la, me conscientizei da leve aparência física dela com a mãe do jovem, a quem ele adorava. Tornou-se óbvio que ele havia sido atraído inconscientemente pela jovem porque ela se parecia um pouco com sua mãe, embora fosse no máximo só uma espécie de caricatura da mãe, charmosa e deleitável. O amor, sem ajuda do intelecto, realmente é cego.

Poucos maridos e esposas conseguem manter no casamento a mesma consideração afetuosa um pelo outro que mostraram durante o namoro. A ronda diária de circunstâncias irritadoras pode acabar com a paciência. As pequenas diferenças podem acender brigas fúteis e exasperadoras, ou, pior, podem causar feridas, difíceis de curar.

Muitas esposas ficam surpresas ao descobrir que seus maridos são muito mais sensíveis do que elas imaginavam. Um marido relatou um incidente que ilustra isto. Ele e sua esposa estavam para iniciar uma longa viagem. Ele comentou o fato de ter a garganta irritada, o que persistiu por vários dias. Ele se

referiu a isto várias vezes, até que ela finalmente explodiu: “Você está sempre reclamando por causa de alguma coisa! Não adianta nada ficar reclamando por isso. ”

Ele disse para mim, mas adiante: “percebi que eu era, como muitos homens, um resmungador quando não me sentia bem, e decidi desistir do hábito infantil. ” Algum tempo mais tarde, ele ficou seriamente doente. “Minha esposa perguntava-me cada manhã como me sentia, e eu dizia a ela que me sentia muito melhor, embora obviamente ainda estivesse fraco e trêmulo. Finalmente ela disse: “Oh! Não tente fazer-se de grande mártir, forte, que não se queixa. Se estiver doente, admita-o. Não faz sentido fingir que se está sentindo bem quando não está. ”

O marido disse a respeito desta mudança: “Decidi, talvez um tanto infantilmente, que daí em diante eu conservaria meus sentimentos para mim mesmo. Se eu estivesse morrendo ela teria que descobrir por meio de outra pessoa. Até agora nunca senti qualquer necessidade de mudar esta atitude. ”

Uma esposa perguntou: “Quando é que a esposa deve conversar com seu marido acerca de problemas de família? Se eu menciono alguma coisa neste sentido no café da manhã, ele diz: ‘Você precisa estragar meu dia mencionando coisas como esta? ’ De noite, quando ele volta para casa do trabalho, se eu menciono qualquer problema de família, ele diz: ‘Deixa-me ler meu jornal primeiro. ’ Depois do jantar, se eu começar a falar, ele geralmente sai com algo parecido com isto: ‘Deixe-me fazer minha digestão antes de você começar. ’ Não ousou perturbá-lo quando está vendo televisão, e se eu mencionar o assunto antes de irmos para a cama, ele perguntará: ‘Como é que você acha que eu vou dormir com esse tipo de coisa na mente? ’ Nossos filhos recebem o mesmo tratamento. Como é que se fala com um homem desses? ”

Este tipo de situação nos leva ao fato de que o amor, para durar, deve ser considerado como mais que um sentimento ou emoção terna. É também uma ação. A pessoa não deve somente esperar ser tratada com amor e consideração, mas agir com consideração também. Não se deve somente **sentir** amor, mas **agir** amor. Em seu belo capítulo sobre o amor, na Primeira Carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo escreveu: “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita; não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta...” (13: 4-7).

Não somente é impossível a pessoa dar amor incondicional o tempo todo, mas é difícil até ser consistente em suas expressões de amor. Poucos de nós gostamos de ser ternos, atenciosos, solícitos ou prestativos todos os dias. Quando

os egos físico, mental e emocional estão em harmonia um com o outro e com o mundo exterior, a pessoa pode revelar o máximo de consideração para com outra pessoa. Mas quando estamos fora de foco emocionalmente, ou com pressa ou exasperados, o outro lado de nossa natureza pode manifestar-se.

Certo marido relatou uma experiência que ilustra este fato. “Eu estava trabalhando longas horas, seis a sete dias por semana, por vários meses. Na verdade, eu estava segurando dois empregos, e uma manhã minha esposa, pensativa, disse: “Querido, você tem trabalhado demais. Deixe que eu lhe sirva o café na cama. ‘Eu hesitei, mas finalmente consenti. Ao servir o café, ela disse: ‘Agora, a qualquer hora que você quiser o café na cama, é só dizer. A qualquer hora, entendeu? É só dizer. ’

“Algumas semanas mais tarde”, ele disse, “eu estava me sentindo muito arrasado. Sentei-me na cama, imaginando como venceria. Finalmente consegui fazer algo que acho muito difícil. Sou terrivelmente independente e acho difícil pedir ou permitir que as pessoas façam as coisas para mim. Mas, lembrando-me da fervente oferta dela de algumas semanas antes, eu disse: ‘Querida, que tal o café da cama esta manhã? Estou realmente cansado. ’

“Minha esposa disse, com um pouco de irritação: ” “Nada disso. Estou cansada demais também. ”

“Isso foi o fim”, ele relatou. “Eu havia sido apanhado na armadilha outra vez. Raramente tenho pedido a ela para fazer alguma coisa para mim desde então. Não tenho interesse nem quando ela se oferece para fazer algo. Se ela insiste, eu posso aceitar o gesto, porque sinto que lhe devo isto para que ela sinta ser necessária, mas preferiria que ela não se incomodasse. Acho que eu preferiria ter minha independência total a ser mesmo meio dependente de alguém que age de dois modos. ”

Os homens e as mulheres são sensíveis, mas acerca de coisas diferentes. Os homens muitas vezes se irritam de as mulheres se perturbarem com coisas que, para o homem, parecem insignificantes. As mulheres ficam igualmente intrigadas com a reação aparentemente exagerada de seus maridos em relação a coisas que nunca perturbariam uma mulher.

O homem geralmente é sensível em relação à sua capacidade de ganhar a vida e ter sucesso em seu negócio. Se ele for comparado a outros maridos com desvantagens para ele, se sente diminuído. Qualquer crítica da atuação ou realização dele que tocar algum dos seus pontos vulneráveis pode afetá-lo profundamente. Ele poderá ou explodir de raiva e atacar, ou tornar-se defensivo e levemente hostil, ou ainda retirar-se em silêncio. Cada homem tem suas próprias áreas sensitivas, e a esposa sábia tomará como responsabilidade sua não pressionar esses “botões vermelhos” particulares.

As mulheres também têm suas próprias áreas de sensibilidade, que são geralmente muito diferentes das do homem. Crítica ao seu trabalho de casa, cozinha, aparência, à sua atuação como mãe, ou qualquer depreciação de sua feminilidade pode deixar a mulher arrasada. Qualquer coisa que fira sua autoimagem é devastadora.

Um marido insensível pode chegar em casa depois de um dia duro de trabalho e perguntar: “Ora bolas, o que é que você fez o dia inteiro?” A casa pode estar bagunçada, especialmente se houver crianças. Mesmo que ela tenha estado lavando, passando, fazendo compras, levando as crianças daqui para ali, fazendo um pouco de jardinagem, levando recados e planejando uma festa para o dia seguinte, poderá não haver sinais visíveis de atividade para validar seu dia atarefado e agitado. Ela pode estar física e emocionalmente exausta pelas exigências incessantes das crianças, do telefone, da campainha, mas para seu marido pode parecer que ela esteve vendo televisão o dia inteiro. Por outro lado, o marido que tem um dia cheio no trabalho pode muito bem ter algumas razões para reclamar se sua esposa, com uma casa ou apartamento pequeno e possivelmente um filho ou dois, falhar em ter seu trabalho em dia. “Minha esposa tem uma casa pequena para cuidar”, disse um marido, “E, geralmente, está uma bagunça. Temos um filho que nunca tem roupas limpas para usar. A roupa para passar fica espalhada por toda a casa. Ela vê televisão por horas todo o dia e reclama de estar cansada à noite. Até onde eu posso ver ela não faz jus ao seu salário.”

Em um dos nossos grupos pequenos de compartilhamento, um homem nos contou que sua esposa acabava de abrir um processo de divórcio. Era a primeira noite dele no grupo.

“Ela me tem pedido há anos para fazer alguma coisa por nosso casamento” – ele disse. “Acho que eu estava ocupado demais em ganhar a vida para dar atenção aos sinais de aviso dela. Agora ela se foi.”

“Eu me criei na pobreza”, ele continuou, “e tenho colocado o nariz no trabalho desde menino. Tenho gastado longas horas no trabalho desde que nos casamos. Acho que ela se sentiu negligenciada; de fato, ela frequentemente reclamava que nunca íamos a lugar algum juntos, mas eu só a ouvia com um dos ouvidos. Meu interesse total era fazer o negócio prosperar. Fiquei liso duas vezes, e isto nada acrescentou à minha autoestima. Minha esposa queria todas as coisas bonitas da vida, e eu trabalhava para dar isto a ela, mas a negligenciei como pessoa. Pensei que ela queria ser bem cuidada financeiramente, mas o que ela queria era algo de mim. Eu não entendi os sinais dela. Agora, acho que é tarde demais.”

Depois que ela se divorciou dele, ele deixou seu negócio altamente

competitivo e arranhou um trabalho que tomava oito horas por dia. “Talvez”, ele disse, “ela teria ficado satisfeita com menos dinheiro e mais marido. Talvez não fossem tanto as exigências dela sobre mim financeiramente, quanto minhas próprias expectativas neuróticas, que eram exigências auto impostas.”

Muitas mulheres, em seu coração, desejam que seu marido preste menos atenção ao seu carro, e dê mais atenção a elas. É difícil para algumas mulheres admitir que têm ciúmes do trabalho ou do “hobby” de seu marido. No seu consciente, a esposa tem orgulho do sucesso do marido e percebe que ele deve dedicar a maior parte de seu tempo e energia ao seu trabalho, mas ao mesmo tempo ela gostaria que ele a considerasse o centro de sua devoção e interesse.

A esposa pode ser apanhada em necessidades conflitantes, querendo o luxo ou suprimento das necessidades que a diligência de seu marido pode dar-lhe, mas ao nível do sentimento ela pode sentir ressentimento se ele trazer trabalho do escritório para casa ou parecer mais devotado ao seu trabalho do que a ela. Ela recebe um marido cansado no fim do dia, justamente quando precisa e quer algum apoio emocional e conversação.

Ela não pode ter as duas coisas – um marido enfiado no trabalho, provendo suas necessidades financeiras, e um amante latino alegre, descontraído e comunicativo, pronto para sair da cidade com ela. E nem ele, por sua vez, pode ter as duas coisas. Ele não pode ignorar as necessidades de sua esposa e esperar que ela seja afetuosa e responsiva.

Eles são, assim, apanhados na situação que confronta a maioria dos casais: eles têm necessidades incompatíveis. Ela sente necessidades conflitantes dentro de si, e ele também; as necessidades de um são incompatíveis com as do outro. A resposta está, antes de tudo, na disposição em aprender a arte da comunicação. Brigas, ataques e contra-ataques, acusações e recriminações não somente não resolvem o problema, mas tornam as coisas piores e deixam cicatrizes que são difíceis de curar.

Muitas vezes, ambos os cônjuges estão mandando “mensagens codificadas”, difíceis de decifrar, e a pessoa explode por qualquer ninharia que não tem relação alguma com o problema real e básico.

O relacionamento conjugal pode não irromper em argumentos irados, mas pode acomodar-se a uma rotina monótona e quase sem sentido. T.S. Eliot descreve o casamento assim:

“Eles não se queixam;
Estão contentes com a manhã que os separa
E a noite que os une
Para conversas casuais perante o fogo.
Duas pessoas que sabem que não se entendem,
Criando filhos que não entendem
E que nunca os entenderão. ”

Para evitar um beco-sem-saída, em que ambos, marido e mulher, acomodam-se a um casamento um tanto monótono, sem nada para comunicar, a não ser sobre o clima, os vizinhos, as coisinhas da vida, os casais precisam aprender a arte da comunicação. Muitas vezes isto só pode ser alcançado com a ajuda de um conselheiro matrimonial competente ou com a ajuda de um grupo de compartilhamento. Por estranho que pareça, em um grupo competentemente dirigido, muitos casais aprendem, pela primeira vez, a comunicar-se em um nível profundo mais facilmente do que no retiro de seu próprio lar. Há uma espécie de anonimidade em um grupo assim. A atmosfera descontraída, a honestidade, o apoio do grupo, tudo provê um ambiente no qual é possível ver mais claramente o problema fundamental.

Na realidade, há poucos problemas conjugais. Há principalmente problemas pessoais, que são agravados pelo casamento. Em um grupo, ou com uma terceira pessoa competente, os ataques e contra-ataques eventualmente dão lugar a uma busca interior de nossas próprias barreiras emocionais.

Raramente podemos entender o problema básico de um casamento prejudicado, a menos que possamos entender as duas pessoas envolvidas. Isto se torna mais difícil porque ninguém entende completamente a si mesmo. Os homens são admoestados a não tentar entender as mulheres, mas ater empatia com elas, a sentir com elas. Mesmo assim, a maioria das mulheres preferiria morrer a ter seus motivos mais íntimos revelados a um homem. Elas querem ser entendidas, mas não desejam que seus sentimentos íntimos sejam expostos.

Por outro lado, os homens desejam ser entendidos, mas geralmente são relutantes em “ir Tateando por dentro”, como disse um marido. A maioria dos homens faz um grande investimento de tempo e energia psíquica em esconder seus sentimentos interiores, e eles sentem-se ameaçados pelo pensamento de que alguém descubra o que são no que se refere aos sentimentos ou qualquer coisa

que se relacione com emoções.

Mas enquanto não formos honestos o suficiente para olharmos para dentro de nós mesmos e descobrirmos o que realmente somos, e aprendermos a comunicar os nossos verdadeiros sentimentos, há pouca esperança de melhorar o casamento.

Se a verdade fosse revelada, a maioria de nós relutaria em admitir quanto queremos ser amados e entendidos. É quase com que se admitir isso fosse uma confissão de fraqueza, um golpe em nossa autoestima. Nós nos cercamos com várias camadas de isolamento. Fingimos uma autoconfiança que não sentimos, ou o compensamos exageradamente de um modo que é perfeitamente óbvio a todos, menos a nós mesmos.

A necessidade de amar e ser amado varia enormemente de indivíduos para indivíduos, é claro. Em um lado da balança está a personalidade neurótica apanhada em um paradoxo: tal pessoa é incapaz de amar, mas necessita desesperadamente de ser amada. No outro lado, está o indivíduo autoconfiante, que precisa de afeição, mas não pode aceitá-la. A personalidade neurótica precisa de quantidades intermináveis de amor e reafirmação. De fato, reafirmação é o aspecto principal do amor de que tal pessoa necessita. Entretanto, estes são “poços sem fundo”, que nunca podem ser enchidos. Quantidade alguma de amor jamais será suficiente. A pessoa neurótica pressionará, incitará, manipulará, ameaçará ou ficará doente, em um esforço de conseguir a quantidade monumental de amor que precisa. Não há fim.

Tais pessoas são geralmente masoquistas até certo ponto, isto é, elas possuem um mecanismo interior de autopunição. Seu objetivo inconsciente é a vitória através da derrota. Elas farão qualquer coisa **inconscientemente** para atingir seu alvo. Incapazes de aceitar amor normalmente, elas podem tornar-se física ou emocionalmente doentes, ou alcoólatras. Algumas são tendenciosas a acidentes, um esforço inconsciente de conseguir atenção, prima de primeiro grau do amor. Outras têm a tendência a desastres. Sentindo-se interiormente indignas de amor, elas se contentam com a atenção, ou, como último recurso, com a piedade. Este tipo de pessoa raramente pode alcançar um relacionamento conjugal satisfatório sem terapia intensiva.

Em uma sessão de grupo de cerca de dez pessoas, eu disse, de modo brincalhão: “Talvez o problema seja que os homens estejam brincando e as mulheres estejam falando sério. ” Uma jovem divorciada irrompeu em hostilidade instantânea e queria discutir o assunto. Perguntei: – Por que você está tão hostil?

Ela pensou por alguns instantes, depois sorriu: – Por que sei que é verdade o que o senhor disse.

O centro da verdade da minha afirmação está no fato de que o casamento geralmente – embora nem sempre – significa mais para a mulher do que para o homem. O impulso básico do homem geralmente é realizar-se alcançando algum ideal no mundo exterior. O impulso básico da mulher é realizar-se conseguindo um casamento bem-sucedido, com todas as implicações do mesmo: filhos, segurança e contentamento interior. Para o geral dos homens o casamento e o lar podem ser de grande importância, mas porque seu trabalho os leva para o mundo exterior dos fatos, das coisas e dos eventos, o lar tende a tornar-se um refúgio, e não uma meta primária.

Por esta razão, a mulher é a guardadora do lar, e ela deve assumir a responsabilidade primária de iniciar mudanças e melhorias. Isto acontece porque ela é geralmente mais intuitiva, está mais em contato com suas emoções, melhor equipada emocionalmente para lidar com coisas tais com relacionamentos pessoais. A maioria das pessoas que procura conselheiros por qualquer razão é de mulheres, não porque sejam mais instáveis emocionalmente, mas porque são mais realistas. Frequentemente, embora nem sempre, quando a esposa é capaz de efetuar algumas mudanças em suas atitudes e personalidade, mesmo um marido relutante concordará em submeter-se a alguma forma de terapia ou aconselhamento conjugal. Quando ela demonstra a ele, com sua atuação melhorada, que está usufruindo algum benefício do aconselhamento ou da terapia de grupo, ele muitas vezes se tornará mais propenso a seguir a sugestão de que procurem ajuda juntos.

Amor, longe de ser só uma emoção, é um conjunto inteiro de respostas. Nos casamentos em geral, pode envolver qualquer uma das seguintes ações:

1. **Ouvir.** O que o companheiro conjugal tem a dizer pode não parecer importante para você, mas é importante para quem o está relatando. O amor envolve interesse suficiente para ouvir atentamente. Geralmente, se um problema está sendo discutido, não há necessidade de oferecer soluções. O simples ouvir com interesse é um ato de amor. Se a pessoa que ouve está cansada ou chateada, nem sempre é fácil. Mas o amor anda a segunda milha e ouve; em tal momento, o ouvir é um ato de amor.

2. **Cuidado e consideração.** Amar significa ter interesse pelo bem-estar do outro. “Dai, e ser-vos-á dado”, disse Jesus. Se você tem necessidades que precisam ser supridas, em vez de fazer exigências ou acusações, tente satisfazer às necessidades de seu companheiro conjugal. Amor gera amor; ressentimento gera hostilidade; rejeição gera rejeição.

Muitos homens não são tão cuidadosos como devia ser no que se refere a coisas que são importantes para suas esposas. Aniversários de casamento e natalícios, e ocasiões especiais precisam de atenção. Eu tinha consciência deste fato, mas agi erradamente nos primeiros anos de casado, para minha própria consternação. Eu havia colocado em minha agenda uma nota para comprar um presente de aniversário para minha esposa. Mas, com medo de esquecer, pedi à minha secretária para colocar em seu calendário e me lembrar um dia ou mais antes da data. Aconteceu de minha esposa estar no escritório externo certo dia, e como não devia deixar de ser, coincidiu dela dar uma olhada nas anotações de minha secretária que estavam abertas, e na qual estava escrito: “Lembrar Dr. O. para comprar um presente de aniversário para a esposa.” Minha esposa, como é de se compreender, reagiu com certa indignação mais tarde. “Se não puder lembrar você mesmo, pode esquecer.” Ela estava certa.

3. **Faça compromisso.** Já que duas pessoas têm objetivos incompatíveis é óbvio que no relacionamento íntimo do casamento haverá necessidade de uma vida inteira de acomodações alegres. Se um quer passar as férias em um acampamento, e o outro prefere visitar os parentes, isto não significa que ambos não sejam razoáveis. Pode-se visitar os parentes em um verão e ir acampar no ano seguinte, ou passar a metade das férias com os parentes e a outra metade acampando. Qualquer acomodação deve ser feita sem nenhuma ideia de que houve derrota. Só os imaturos ou infantis esperam ter todas as suas necessidades satisfeitas o tempo todo. Se pudermos alcançar nossos objetivos no relacionamento conjugal durante metade do tempo, não será tão ruim. E o desprezar visitar os parentes não deve ser jogado em

cima deles ou tornar-se em recriminações fúteis mais tarde. Igualmente, a pessoa que detesta acampar não deve fazer com que essa ocasião se torne uma experiência miserável para o outro através de reclamações constantes.

4. **Evitando ataque e acusação.** Quando somos atacados ou criticados, nos defendemos instintivamente ou contra-atacamos. Este é um meio pobre para a comunicação. Entretanto, cada um de nós tem, na verdade, o direito e o dever de dizer aos outros como nos sentimos acerca de assuntos que são importantes para nós. Em vez de acusações, que faz com que o outro imediatamente adote atitude errada, a pessoa pode começar dizendo: “Quando você faz isso, eu fico com raiva. ” A raiva da pessoa pode ser infantil ou razoável, conforme o caso. Nós somos responsáveis por nossa própria reação, mas o sentimento é válido, e temos o direito de expressá-lo. Não estamos fazendo exigência alguma para que o outro mude, só comunicando nossos sentimentos.

Ao invés de dizer: “Não tenho intenção alguma de passar minhas férias visitando seus parentes neuróticos, e será egoísmo de sua parte se você esperar que eu o faça”, a pessoa poderia dizer: “Visitar parentes, seus ou meus, para mim não significa gozar férias e descansar; mas, talvez possamos fazer algum tipo de compromisso para que ambos fiquemos satisfeitos. ”

“Você nunca me leva para sair! ” É uma frase que geralmente produz uma reação defensiva. Abandonando o tom de mártir e acusatório, a pessoa poderia antes dizer: “Querido, ambos temos nos matado de trabalhar ultimamente. Que tal jantarmos fora esta semana ou na próxima? ” Talvez mais importante do que a ordem real das palavras seja o sentimento que a acompanha. Abandone o método judicioso, crítico ou de ataque, e adote uma abordagem amorosa. Se você não se sente amado, o simples expressar este fato com hostilidade não fará com que você se torne mais amada (o).

5. **Satisfazendo às necessidades (que têm fundamento).** Em vez de insistir que suas necessidades sejam satisfeitas, tente satisfazer a todas as necessidades do outro (que tenham fundamento). Todos somos egoístas até certo ponto. O amor não é egoísta e procura descobrir e satisfazer as necessidades dos outros. Muitas vezes, porque os seres humanos são egocêntricos, nem o marido nem a esposa se dão ao trabalho de descobrir as necessidades essenciais do outro. Mostrar um quarto da terna solicitude apresentada durante o namoro faria uma grande diferença na criação de um casamento mais feliz. Em vez de lamentar silenciosamente ou falar raivosamente das nossas necessidades não satisfeitas, uma solução muito melhor seria sentar e discutir por uma hora acerca dessas necessidades.

O marido podia muito bem perguntar à sua esposa: “Você poderia me dizer as maneiras com que eu posso torná-la mais feliz?”

Ela, por sua vez, poderia adequadamente dizer: “Eu farei uma lista a respeito, mas me sentiria muito melhor se você também fizesse uma lista das maneiras com que eu pudesse torná-lo mais feliz. ” Uma discussão baseada nestas listas pode ser o ponto de partida para um novo relacionamento.

6. **O perdão.** Aprenda a perdoar e recuse-se a desenterrar o passado. “Errar é humano, perdoar é divino. ” Nós libertamos nossa divindade interior quando perdoamos. Ninguém diz que é fácil perdoar mágoas, mas é o preço que devemos pagar pela paz interior e por um relacionamento harmonioso. É preciso enfatizar outra vez que o amor não é só um sentimento, mas também uma ação; perdoar é um **ato** de amor. Um marido confessou sua infidelidade à esposa em minha presença. A princípio ela não o pode perdoar ou aceitá-lo de volta. Eventualmente, entretanto, ela perdoou e eles estabeleceram um relacionamento conjuga melhor do que nunca, devido, em parte, a um ano ou dois em um grupo de compartilhamento. A

capacidade dela de perdoar tornou-a uma pessoa mais madura.

Um marido disse: “Minha esposa tem flertado por alguns anos. Ela é tão fingida e dissimulada. A coisa mostra-se em sua personalidade e ações. Ela não é uma atriz tão boa quanto pensa. Eu não sei se a perdoei ou não, porque ela nunca admitiu nada. Como é que se perdoa alguém que não admite ter feito algo errado? ” Seu casamento parece ser bom visto externamente. Ambos fazem as coisas certas. Ela, entretanto, não é perdoada porque não confessou nada; ele se sente culpado por sua incapacidade de aceitá-la completamente. “Eu faço tudo para ser um bom marido”, ele disse. “Estou fingindo e não me sinto bem fazendo isso. Alguma coisa acabou em nosso casamento, até onde posso ver.”

7. **Evitando competição.** Certifiquem-se de que não estão competindo um com o outro. Todo mudo conhece exemplos em que a esposa tem pouco ou nada dizer em um grupo, mas que, quando seu marido não está presente, abre-se e torna-se uma pessoa real com seus próprios direitos. O oposto também é comum, a esposa falando por ambos, enquanto o marido senta-se mansamente sem nada com que retribuir.

Às vezes isto pode ser atribuído ao fato de que um ou outro seja naturalmente tímido, mas quando uma pessoa capaz ou mais responsiva permite que o parceiro conjugal domine a conversa e responda por ambos, há uma luta pelo poder no relacionamento.

Lembro-me de uma festa, no jantar, durante a qual um homem de grande sucesso e grande capacidade era constantemente interrompido por sua esposa. Ela o corrigia nos menores detalhes e desafiava a maioria de suas observações ponderadas. Ela estava totalmente inconsciente da impressão negativa que criava. Ele, eventualmente, parou e deixou que ela continuasse seu monólogo em

voz alta. Em outros pontos, ela era uma pessoa agradável e amável, mas inconscientemente sentia ressentimentos contra a proeminência social dele e do papel secundário dela. Entretanto, ela negaria isto até o último suspiro.

Da mesma forma e com a mesma frequência o marido demasiadamente agressivo tem a determinação de dominar sua esposa em público e em casa. Lembro-me de um homem totalmente competente com um profundo senso de insegurança que fazia todo esforço em ridicularizar sua esposa em público. A gente percebia que ele estava expressando sua hostilidade enterrada, que não podia comunicar em casa.

A luta pelo poder continua em milhões de lares. Cada um tem um ponto para provar ou uma posição para defender ou algum castigo sutil para aplicar. O amor maduro e duradouro contém em si elementos de profundo interesse para com os outros. Não procura controlar ou mudar a outra pessoa. Não fica na defensiva nem perde facilmente a calma. Seu objetivo primário é tornar a vida mais significativa para os outros.

O amor é gentil, mas não é fraco. A pessoa que ama profundamente também ama a si mesma adequadamente e respeita a si mesma, contendo em si elementos de humildade e de força.

A pessoa que é capaz de amar completamente também é capaz de aceitar amor, sentir-se digna de amor. Amando a Deus e à verdade, a pessoa ama a si mesma e aos outros em porções iguais. O amor é o máximo em vivência e se expressa na sua forma melhor no dar, sem pensar em receber. Amor é, em última análise, o máximo em crescimento humano e maturidade.

Título: A Arte de Compreender O Seu Cônjuge

© 2017 TraumaClinic Edições, Primeira edição
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.



ISBN-13: 978-1-941727-61-4
ISBN-10: 1-941727-61-1

TraumaClinic Edições
SEPS 705/905 Ed. Santa Cruz sala 441
70390-055 Brasília, DF Brasil
www.traumaclinikedicoes.com.br
info@traumaclinikedicoes.com.br

Tradução: João Barbosa Batista
Arte: Éderson Luciano Santos de Oliveira
Layout: Marcella Fialho

Todos os direitos reservados para a Língua Portuguesa. Proibida a reprodução, arquivamento ou transmissão parcial ou total sem a permissão por escrito da parte da editora, exceto pequenas citações em trabalho de revisão e pesquisa.

Tradução autorizada do original em inglês *The Art of Understanding Your Mate*, publicado originalmente pela Zondervan Publishing House. Copyright © 1970.

As citações do livro de T. S. Elliot *The Cocktail Party* foram devidamente autorizadas por Harcourt, Brace and World, Copyright © 1950, a quem se registram agradecimentos.

Published by arrangement with The Zondervan Corporation L. L. C., a division of HarperCollins Christian Publishing, Inc.

^u Nota do Editor – Yokefellow: Grupo de compartilhamento dos problemas, visando conscientizar os participantes, objetivando o seu controle e solução. Podem ser designados de grupos de companheirismo.

Table of Contents

[Apresentação](#)

[Capítulo 1 - O Casamento Pode Ser Maravilhoso... Mas Também Frustrador](#)

[Capítulo 2 - Diferenças Entre O Homem e A Mulher](#)

[Capítulo 3 - Necessidades e Problemas da Mulher](#)

[Capítulo 4 - O Homem e Seus Problemas](#)

[Capítulo 5 - Conflitos Que Prejudicam os Casamentos](#)

[Capítulo 6 - A Incompatibilidade no Casamento](#)

[Capítulo 7 - Quase Todo Casamento Pode Ser Melhorado](#)

[Capítulo 8 - Dez Mandamentos Para as Esposas](#)

[Capítulo 9 - Dez Mandamentos Para Os Maridos](#)

[Capítulo 10 - Oito Tipos de Maridos Neuróticos](#)

[Capítulo 11 - Oito Tipos de Esposas Neuróticas](#)

[Capítulo 12 - Incompatibilidade e Paradoxos no Casamento](#)

[Capítulo 13 – Amor](#)